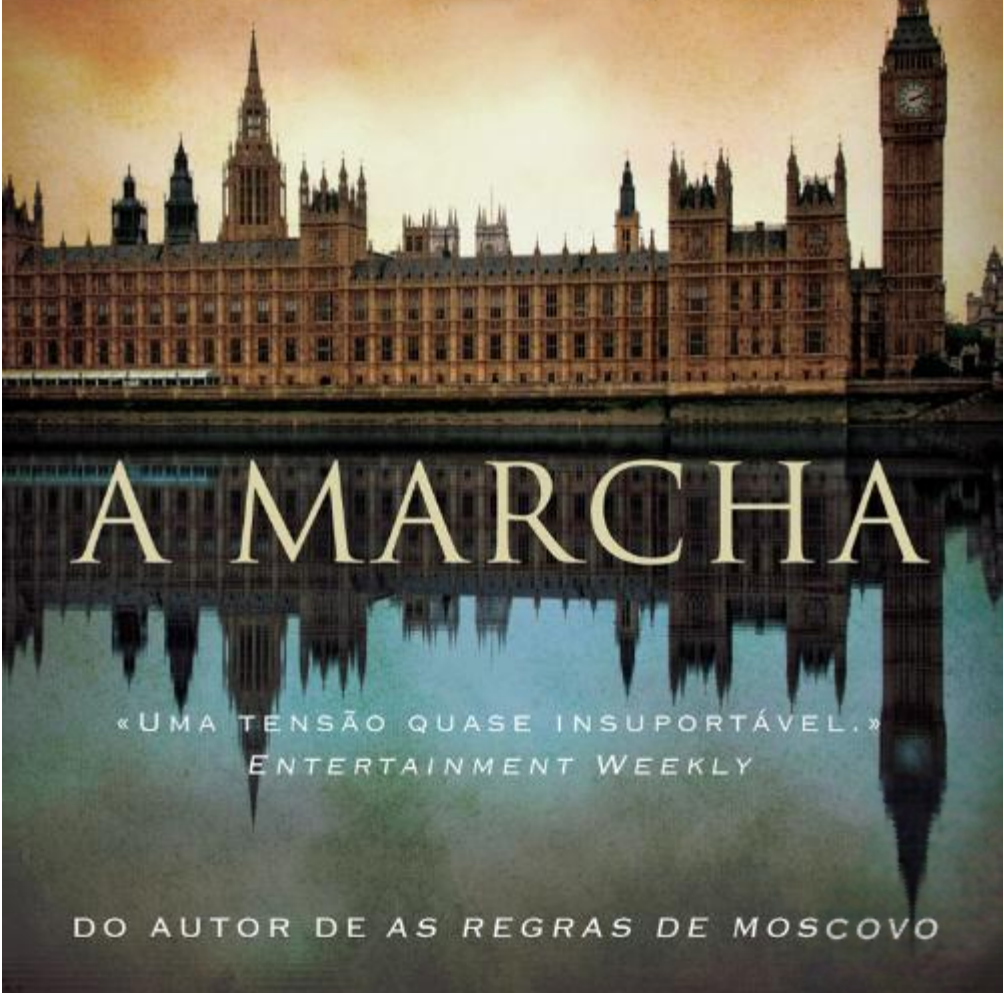


NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES

DANIEL SILVA



A MARCHA

«UMA TENSÃO QUASE INSUPORTÁVEL.»
ENTERTAINMENT WEEKLY

DO AUTOR DE AS REGRAS DE MOSCOVO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES

DANIEL SILVA



A MARCHA

«UMA TENSÃO QUASE INSUPORTÁVEL.»
ENTERTAINMENT WEEKLY

DO AUTOR DE AS REGRAS DE MOSCOVO

Daniel Silva

A Marcha

Tradução de VASCO TELLES DE MENEZES
BERTRAND EDITORA
Lisboa 2011

Ficha Técnica

Título original: *The Marching Season*

Autor: Daniel Silva

Copyright 2008 by Daniel Silva

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio electrónico: editora@bertrand.pt

E-mail: editora@bertrand.pt

Design da capa: Vera Braga

Revisão: Miguel Martins Rodrigues

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

Depósito legal nº 322 140/11

Acabou de se imprimir em Março de 2011

ISBN: 978-972-25-2273-1

*Para Ion Trewin, pela amizade e pela fé, e, como sempre, para a
minha mulher, Jamie, e para os meus filhos, Lily e Nicholas*

Este romance é uma obra de ficção. Como é evidente, baseia-se parcialmente em acontecimentos verídicos. No entanto, todas as personagens e locais são produto da imaginação do autor ou foram utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

PREFÁCIO

O presente período de violência na Irlanda do Norte, conhecido como "The Troubles", irrompeu em Agosto de 1969. Falando de uma maneira geral, é um conflito entre republicanos, que são predominantemente católicos e que querem que o Norte se una à República da Irlanda, e unionistas, ou lealistas, que são predominantemente protestantes e querem manter a união entre o Ulster e o Reino Unido. Cada lado produziu uma verdadeira sopa de letras de grupos paramilitares e de organizações terroristas. O mais famoso, claro, é o Exército Republicano Irlandês Provisório, o IRA. Levou a cabo centenas de assassínios e milhares de atentados à bomba na Irlanda do Norte e na Grã-Bretanha. Em 1984, quase conseguiu fazer explodir Margaret Thatcher e o seu governo num hotel em Brighton. Em 1991, lançou um morteiro sobre Downing Street.

Os lealistas têm também os seus homens armados e os seus bombistas — a UVF, a UDA e o UFF^[1], para citar apenas alguns — e também eles levaram a cabo actos de terrorismo aterradores. De facto, das 3500 pessoas que foram mortas desde que começaram os Troubles, a maioria é católica.

Mas a violência não começou em 1969. Católicos e protestantes têm andado a matar-se uns aos outros no Norte da Irlanda há séculos, não há décadas. Pode ser difícil fixar marcos históricos, mas os protestantes vêem 1690 como o começo da sua ascendência no Norte.

Foi aí que Guilherme de Orange derrotou o rei Jaime II, um católico romano, na Batalha de Boyne. Ainda hoje, os protestantes celebram a vitória de Guilherme sobre os católicos com uma série de desfiles barulhentos, levando por vezes a confrontações. Na Irlanda do Norte, essa época é conhecida como "a temporada das marchas".

A 22 de Maio de 1998, o povo da Irlanda do Norte votou a favor do acordo de paz conhecido como acordo de Sexta-Feira Santa, que exorta à partilha de poder entre católicos e protestantes. Mas a memória é longa no Ulster e nenhum dos lados tem estado disposto a afirmar que a guerra civil terminou verdadeiramente. De facto, o período pós-eleições tem sido caracterizado por vários actos de abominável terrorismo, incluindo o atentado de Omagh, que matou vinte e oito pessoas — o mais sangrento acto de terror da história dos Troubles —, e o fogo posto em Ballymoney, no qual três crianças

católicas morreram queimadas. Manifestamente, há homens violentos em ambos os lados da divisão sectária da Irlanda do Norte — católicos e protestantes, republicanos e unionistas — que não são capazes de esquecer e não se acham preparados para perdoar. Alguns desses homens estão a conspirar activamente para destruir o acordo de paz.

Podia acontecer qualquer coisa como isto...

JANEIRO

Capítulo 1

BELFAST
DUBLIN
LONDRES

Eamonn Dillon, do Sinn Fein, foi o primeiro a morrer, e morreu porque tinha planeado parar para beber uma caneca de cerveja no Celtic Bar antes de subir a Falis Road a caminho de uma reunião em Andersontown. Vinte minutos antes da morte de Dillon, a uma pequena distância para leste, o seu assassino apressava-se pelas ruas do centro da cidade de Belfast debaixo de uma chuva fria. Vestia um oleado verde-escuro com uma gola de bombazina castanha. O seu nome de código era Ovelha Negra.

O ar cheirava ao sal do mar e ligeiramente aos estaleiros de navios enferrujados de Belfast Lough. Pouco passava das quatro da tarde, mas já estava escuro. A noite cai cedo no Inverno em Belfast; a manhã acorda lentamente. O centro da cidade estava banhado numa luz amarela de sódio, mas a Ovelha Negra sabia que Belfast Ocidental, o seu destino, se pareceria com o blackout em tempo de guerra.

Continuou para norte, pela Great Victoria Street acima, passando pela curiosa fusão de velho e novo que compõe a face do centro de Belfast — as constantes lembranças de que estes poucos quarteirões têm sido atacados à bomba e reconstruídos vezes sem conta. Passou a fachada reluzente do Europa, tristemente célebre por ser o hotel com mais ataques à bomba do planeta. Passou pela nova ópera e perguntou-se por que razão haveria alguém de querer ouvir em Belfast a música das tragédias dos outros. Passou por uma hedionda loja de donuts americana, cheia de risonhos miúdos da escola protestantes envergando casacos com emblemas.

Faço isto por vocês, disse para si próprio. Faço isto para que não tenham de viver num Ulster dominado pelos cabrões dos católicos.

Os prédios maiores da cidade foram ficando para trás e as ruas esvaziaram-se lentamente de outros peões até ele ficar completamente sozinho. Andou cerca de quatrocentos metros e passou por cima da auto-estrada M1, perto dos imponentes Divis Flats. A passagem aérea estava toda rabiscada de grafitos: vota sinn fein; tropas britânicas FORA DA IRLANDA DO NORTE; LIBERTEM TODOS OS

PRISIONEIRO DE GUERRA.

Mesmo que a Ovelha Negra não conhecesse nada da complexa geografia sectária da cidade, o que não era certamente o caso, era impossível não reparar nos sinais. Tinha acabado de atravessar a fronteira para o território inimigo — a católica Belfast Ocidental.

A Falis Road estendia-se para oeste como um leque, estreita na sua boca perto do centro da cidade, larga para oeste, sob a sombra da Black Mountain. Falis Road — simplesmente "a estrada", no léxico da Belfast Ocidental católica — atravessa a zona como um rio, com afluentes que vão dar aos matagais de casas contíguas onde soldados britânicos e católicos romanos travam uma guerrilha urbana desde há três décadas. O centro comercial da Falis é a intersecção da Springfield Road com a Grosvenor Road. Há mercados, lojas de roupas, lojas de ferragens e pubs. Táxis ocupados deslocam-se pela rua para cima e para baixo. Parece-se bastante com qualquer outro bairro da classe operária de uma cidade britânica, excepto nas portas de entrada, enjauladas em gaiolas de aço preto, e nos táxis que nunca se desviam da Falis Road por causa dos esquadrões da morte protestantes. Os delapidados terraços brancos da urbanização de Ballymurphy dominam a extremidade ocidental da Falis Road.

Ballymurphy é o coração ideológico de Belfast Ocidental e, ao longo dos anos, tem fornecido um caudal constante de recrutas ao IRA. Murais belicosos olham por cima da Whiterock Road, em direcção às onduladas colinas verdejantes do cemitério da cidade, onde muitos dos homens de Ballymurphy estão enterrados debaixo de simples pedras tumulares. Para norte, atravessando a Springfield Road, um gigantesco aquartelamento militar e esquadra de polícia surge como uma fortaleza sitiada em território inimigo, o que de facto é.

Os estrangeiros não são bem-vindos no "Murph", nem mesmo os estrangeiros católicos. Os soldados britânicos não põem lá o pé sem as suas gigantescas viaturas blindadas de transporte de tropas, chamadas sarracenos — porcos, para o povo de Ballymurphy.

A Ovelha Negra não fazia tenção de se aproximar minimamente de Ballymurphy. O seu destino era mais para leste — a sede do Sinn Féin, o braço político do Exército Republicano Irlandês, localizado nos números 51-55 da Falis Road. Os pináculos da St. Peter's Cathedral erguiam-se à sua esquerda enquanto se ia internando mais na Falis. Um trio de soldados britânicos deslocava-se na feia praça asfaltada em frente à catedral, num momento parando para espreitar pela mira de infravermelhos das suas espingardas, no outro girando nos calcanhares para ver se alguém os estava a seguir. Não fales com eles, tinham-lhe dito os agentes responsáveis pelo seu treino. Não olhes sequer para eles. Se olhares para eles, vão perceber que és um estranho. A Ovelha

Negra manteve as mãos nos bolsos e o olhar fixo no chão à sua frente.

Virou para o Dunville Park e sentou-se num banco. Apesar da chuva, miúdos da escola jogavam futebol à fraca luz dos candeeiros de rua. Um grupo de mulheres — mães e, pelo aspecto delas, irmãs mais velhas — observava cuidadosamente das linhas laterais imaginárias. Um par de soldados britânicos atravessou pelo meio do jogo, mas os miúdos jogaram à volta deles como se fossem invisíveis. A Ovelha Negra enfiou a mão no bolso do casaco e tirou os seus cigarros, um maço com dez Benson & Hedges, perfeito para o permanente orçamento apertado da classe trabalhadora de Belfast Ocidental. Acendeu um e voltou a guardar os cigarros no bolso. A sua mão roçou pela coronha de uma pistola automática Walther.

Do seu ponto privilegiado no banco, o homem podia ver a Falis Road perfeitamente: a sede do Sinn Fein, onde o alvo trabalhava todos os dias; o Celtic Bar, onde tomava uma bebida ao fim da tarde.

O Dillon vai falar numa reunião comunitária às cinco horas da tarde, em Andersontown, tinham-lhe dito os agentes responsáveis pelo seu treino. Isso quer dizer que ele tem um horário apertado. Irá deixar a sede às quatro e meia e dar um salto ao Celtic Bar para beber uma rapidinha.

A porta da sede do Sinn Fein entreabriu-se. Por uns instantes, as luzes interiores espalharam-se pelo pavimento molhado pela chuva. A Ovelha Negra avistou o seu alvo, Eamonn Dillon, o terceiro oficial mais graduado do Sinn Fein, apenas atrás de Gerry Adams e Martin McGuinness, e membro da equipa de negociações para as conversações de paz. E também um dedicado homem de família, com mulher e dois filhos, pensou a Ovelha Negra. Afastou essa imagem da mente. Não havia tempo para isso agora. Um guarda-costas acompanhava Dillon. A porta fechou-se de novo e os dois homens deslocaram-se para oeste ao longo da Falis Road.

A Ovelha Negra atirou o cigarro para o chão, levantou-se e atravessou o parque. Subiu um pequeno lanço de escadas e deteve-se na intersecção da Falis Road com a Grosvenor Road. Carregou no botão para atravessar a rua e esperou calmamente que o semáforo mudasse de vermelho para verde. Dillon e o seu guarda-costas estavam ainda a cerca de cem metros do Celtic Bar. O sinal mudou. Não havia soldados britânicos na Falis Road, apenas o par próximo do jogo de futebol no parque. Quando chegou ao outro lado da rua, a Ovelha Negra virou-se e rumou a leste, colocando-se numa rota de colisão com Dillon e o guarda-costas.

Moveu-se rapidamente, de cabeça baixa, com a mão direita envolvendo a coronha da Walther. Deu uma olhadela para cima, verificou a posição de Dillon e olhou de novo para baixo. Vinte e cinco metros, trinta no máximo. Destravou a Walther. Pensou nas crianças

protestantes a comer donuts na Great Victoria Street.

Faço isto por vocês. Faço isto por Deus e pelo Ulster.

Sacou da Walther e apontou-a ao guarda-costas, puxando o gatilho duas vezes antes que o homem pudesse retirar a sua própria arma do coldre de ombro por debaixo da gabardina. Os tiros atingiram-no na parte de cima do peito e ele tombou no pavimento molhado.

A Ovelha Negra virou o braço e apontou a arma à cara de Eamonn Dillon. Hesitou, um instante apenas. Não podia fazê-lo, não na cara. Baixou a arma e puxou o gatilho duas vezes.

Os disparos perfuraram o coração de Dillon.

Ele caiu para trás, no chão, com um braço estendido por cima do peito ensanguentado do guarda-costas. A Ovelha Negra encostou o cano da Walther à cabeça de Dillon, de lado, e disparou um último tiro.

O segundo acto estava a desenrolar-se precisamente no mesmo momento, cento e sessenta quilómetros a sul, em Dublin, onde um homem pequeno coxeava por um caminho para peões em St. Stephen's Green, debaixo de uma chuva constante. O seu nome de código era Mestre. Poderiam tê-lo confundido com um estudante do Trinity College, que ficava ali perto, o que era a sua intenção. Vestia um casaco de tweed, gola levantada, e calças de bombazina brilhantes do uso. Tinha os olhos escuros e a barba desgrenhada de um muçulmano devoto, coisa que não era. Na mão direita, levava uma pasta em forma de caixa, tão velha que cheirava a mofo em vez de couro.

Entrou na Kildare Street e atravessou a entrada do Hotel Shelbourne, adornada com estátuas de princesas núbias e dos seus escravos. Baixou a cabeça enquanto se esgueirava pelo meio de um grupo de turistas a dirigirem-se para o chá no Lord Mayor's Lounge.

Quando chegou à Molesworth Street, era quase impossível fingir que a pasta pendurada no seu braço direito não era anormalmente pesada. Os músculos do ombro ardiam-lhe e conseguia sentir a humidade debaixo dos braços. A National Library erguia-se à sua frente. Apressou-se a entrar e atravessou o átrio, passando por um expositor com manuscritos de George Bernard Shaw. Mudou a pasta da mão direita para a esquerda e dirigiu-se ao assistente.

— Queria um passe para a sala de leitura — disse, substituindo cuidadosamente o seu sotaque muito carregado de Belfast Ocidental pelo mais suave e cantado do Sul.

O assistente estendeu-lhe um passe sem levantar os olhos.

O Mestre subiu as escadas para o terceiro andar, entrou na famosa sala de leitura e encontrou um lugar vazio ao lado de um homem de ar atarefado que cheirava a naftalina e óleo de linhaça. Abriu uma aba lateral da pasta, retirou um livro fino de poesia gaélica e colocou-o suavemente na secretária com tampo de couro. Ligou o candeeiro de

tons verdes. O homem de ar atarefado olhou para cima, fez uma carranca e voltou ao seu trabalho.

Por vários minutos, o Mestre fingiu estar absorvido na sua poesia; no entanto, durante todo o tempo as instruções zumbiam-lhe na mente como os irritantes anúncios gravados de um terminal ferroviário. O cronómetro está marcado para cinco minutos, tinha-lhe dito o agente responsável pelo seu treino no hriefing final. O tempo suficiente para saíres da biblioteca, mas não o tempo suficiente para a segurança fazer alguma coisa se a pasta for descoberta.

Manteve a cabeça baixa e o olhar fixado no texto. De tantos em tantos minutos, levantava a mão e rabiscava algumas notas num pequeno bloco de notas. Ouviu passadas suaves à sua volta, páginas a virarem, lápis a arranharem, fungadelas e tossidelas discretas, efeitos secundários da eterna humidade do Inverno de Dublin. Resistiu ao impulso de olhar para eles. Queria que continuassem anónimos, sem rosto. Não tinha qualquer problema com o povo irlandês, só com o governo irlandês. Não tirava qualquer prazer em pensar em derramar sangue de inocentes.

Deu uma espreitadela ao relógio de pulso — 16h45. Esticou o braço por baixo das pernas, fingindo que ia retirar um segundo volume de poesia, mas, quando a mão se encontrou dentro da cediça pasta velha, demorou-se um segundo ou dois a mais, à procura do pequeno gatilho de plástico que armaria o detonador. Suavemente, accionou o interruptor, segurando-o cuidadosamente entre o indicador e polegar para abafar o clique. Tirou a mão e colocou o segundo volume, fechado, ao lado do primeiro.

Espreitou o relógio, um modelo analógico de aço inoxidável com um grande ponteiro dos segundos, e anotou cuidadosamente a hora para que tinha programado o detonador.

Virou-se e olhou para o homem de ar atarefado na secretária seguinte, que olhava fixamente para ele como se tivesse estado a fazer exercícios de relaxamento.

— Pode dizer-me onde é a casa de banho? — sussurrou o Mestre.

— O quê? — respondeu o homem de ar atarefado, dobrando a sua orelha vermelha com a ponta roída de um lápis amarelo.

— A casa de banho — repetiu o homem, ligeiramente mais alto desta vez, embora ainda murmurando.

O homem tirou o lápis do ouvido, franziu a cara outra vez e apontou a ponta na direcção da porta na extremidade mais distante da sala.

O Mestre espreitou para o relógio enquanto atravessava a sala. Tinham passado quarenta segundos. Apressou o passo, dirigindo-se para a porta, mas cinco segundos depois ouviu um som ensurdecedor, como um trovão, e sentiu um golpe de ar quente que o levantou pelos

pés e o lançou violentamente através da sala como uma folha morta apanhada numa ventania de Outono.

Em Londres, uma rapariga alta de calças de ganga azuis, botas de caminhada e casaco de cabedal preto ia avançando cuidadosamente pelos passeios apinhados da Brompton Road. Puxava uma mala de rodas de nylon preto com uma pega retráctil. O seu nome de código era Dama.

As chuvas que caíam sobre Belfast e a Escócia ainda não tinham chegado ao Sul e o céu do final da tarde estava claro e turbulento: cor-de-rosa e laranja a oeste, na direcção de Notting Hill e Kensington, azul-escuro para leste, sobre a City. O ar estava quente e pesado, pouco comum para a estação. A Dama passou rapidamente pelas montras brilhantes do Harrods e esperou com um cacho de outros peões em Hans Crescent.

Atravessou a pequena rua quando o sinal mudou, atalhando caminho através de uma horda de turistas japoneses que se dirigia ao Harrods, e chegou à entrada do metropolitano de Knightsbridge. Hesitou por um instante, espreitando pela pequena fila de degraus ladrilhados que conduziam ao átrio dos bilhetes. Começou a descer os degraus puxando a mala atrás de si até ela rolar para fora do primeiro degrau e bater no segundo com um baque pesado.

Tinha conseguido ultrapassar mais dois degraus dessa maneira quando um jovem de cabelo louro e escasso a abordou. Sorriu de forma galanteadora e disse:

— Por favor, deixe-me ajudá-la com isso.

O sotaque era da Europa Central ou escandinavo: alemão ou holandês, ou talvez dinamarquês. Ela hesitou. Deveria aceitar ajuda de um desconhecido? Seria mais suspeito se recusasse?

— Muito obrigada — disse ela, finalmente.

O sotaque era americano, monótono e inexpressivo. Tinha vivido vários meses em Nova Iorque e podia livrar-se do seu sotaque irlandês quando queria.

— Isso seria óptimo.

Ele agarrou na mala pela pega e levantou-a.

— Meu Deus, o que é que tem aqui dentro, pedras?

— Barras de ouro roubadas, na verdade — respondeu ela, e riram-se os dois.

Ele levou a mala pelos degraus abaixo e colocou-a no chão. Ela agarrou na mala pela pega de puxar, disse "Mais uma vez, obrigada" e virou-se, começando a andar.

Podia sentir a sua presença mesmo atrás dela. Aumentou a passada, olhando ostensivamente para o relógio de pulso para indicar que estava atrasada. Alcançou o átrio dos bilhetes e encontrou uma máquina automática desocupada. Introduziu 3,30 libras na ranhura e

carregou no botão correspondente. O ajudante europeu apareceu ao seu lado e fez deslizar algumas moedas na máquina dele sem olhar para ela. Comprou um bilhete por 1,10 libras, o que queria dizer que ia fazer uma viagem pequena, provavelmente algures no interior do centro de Londres. Recolheu o bilhete e fundiu-se na multidão da hora de ponta.

Ela passou pelos torniquetes e desceu para o cais pelas compridas escadas rolantes. Um momento depois, sentiu um bafo de ar e ouviu a agitação do comboio que se aproximava. Miraculosamente, havia alguns lugares vazios. Deixou a mala perto da porta e sentou-se. Quando o comboio chegou a EarFs Court, a carruagem tinha-se enchido de passageiros e a Dama tinha perdido a mala de vista. O comboio veio à superfície e acelerou pelos subúrbios ocidentais de Londres. Fatigados passageiros habituais pingavam do comboio para as plataformas varridas pelo vento de Boston Manor, Osterley e Hounslow East.

Quando o comboio se aproximou da primeira paragem em Heathrow — a linha que passava pelo Terminal Quatro —, a Dama olhou para os passageiros sentados à volta dela.

Um par de jovens homens de negócios ingleses a tresandar a prosperidade, um cacho de carrancudos turistas alemães, um quarteto de americanos discutindo ruidosamente se a encenação londrina de Miss Saigon era superior à da Broadway. A Dama desviou a vista.

O plano era simples. Tinha recebido instruções para sair no Terminal Quatro e deixar a mala para trás. Antes de pôr os pés fora do comboio, deveria premir o botão de um pequeno transmissor escondido no bolso do casaco. O transmissor, disfarçado como um controlo remoto de um carro japonês de luxo, armaria o detonador. Se o comboio continuasse a respeitar o horário previsto, a bomba explodiria uns segundos depois da chegada ao cais destinado aos terminais Um, Dois e Três. Os danos daí resultantes causariam transtorno aos passageiros durante meses e custariam centenas de milhões de libras para reparar.

O comboio abrandou ao aproximar-se da paragem do Terminal Quatro. A mulher levantou-se e deslocou-se para as portas enquanto o escuro do túnel dava lugar à luz severa do cais. Quando as portas se abriram, carregou no botão do transmissor, armando a bomba. Passou para a plataforma, com as portas a fecharem-se atrás de si. Começou a andar depressa em direcção à saída. Foi nessa altura que ouviu bater na janela do comboio. Voltou-se e viu um dos jovens homens de negócios ingleses batendo com o punho no vidro. Não conseguia ouvir o que ele estava a dizer, mas podia ler-lhe os lábios. A. mala!, gritava ele. Deixou ficar aqui a mala!

A Dama não se moveu. A expressão da cara do inglês passou

abruptamente de ligeira inquietação para completo terror quando este percebeu que a mulher tinha deixado a mala intencionalmente. Investiu contra as portas e tentou forçá-las com as mãos. Mesmo que o homem tivesse conseguido chamar a atenção e parar o comboio, nada poderia ser feito num minuto e quinze segundos para impedir que a bomba explodisse.

A Dama ficou a olhar enquanto o comboio deslizava em frente. Alguns segundos depois, estava a virar-se quando o túnel estremeceu com uma enorme explosão. O comboio levantou-se dos carris e uma onda de ar ressequido arremeteu-se sobre ela. A Dama levou instintivamente as mãos à cara. Por cima dela, o tecto começou a desfazer-se.

O choque provocado pela explosão fê-la levantar os pés do chão. Viu tudo de uma forma terrivelmente clara por um instante — o fogo, o cimento a desfazer-se, os seres humanos, como ela, apanhados no turbilhão escaldante da explosão.

Acabou muito rapidamente. Não estava certa de como tinha caído; tinha perdido toda a noção do que era para cima e para baixo, de uma forma bastante parecida com um mergulhador que esteve muito tempo debaixo de água. Só sabia que estava sepultada em destroços e que não conseguia respirar ou sentir nenhuma parte do corpo.

Tentou falar, mas não conseguiu proferir nenhum som. A boca começou a encher-se com o seu próprio sangue.

Os seus pensamentos mantiveram-se claros. Perguntou-se como poderiam os fabricantes da bomba ter cometido um erro daqueles, e a seguir, nos momentos finais antes da sua morte, interrogou-se se de facto teria sido sequer um erro.

Capítulo 2

Menos de uma hora depois dos ataques, os governos de Londres e Dublin lançaram uma das maiores investigações criminais da história das Ilhas Britânicas. O inquérito britânico foi coordenado directamente a partir de Downing Street, onde o primeiro-ministro Tony Blair se reuniu continuamente com os seus principais ministros e com as chefias da polícia e dos serviços de segurança britânicos. Um pouco antes das nove horas dessa noite, o primeiro-ministro saiu da porta do número 10 para a chuva violenta e ficou parado à frente dos repórteres e das câmaras que esperavam para enviar os seus comentários para o mundo inteiro. Um assessor tentou colocar um chapéu-de-chuva por cima da cabeça do primeiro-ministro, mas este afastou-o discretamente com o cotovelo e passado um momento tinha o cabelo e os ombros do casaco ensopados. Expressou o seu pesar pela assustadora perda de vidas — sessenta e quatro mortos em Heathrow, vinte e oito mortos em Dublin, mais dois em Belfast — e jurou que o seu governo não descansaria até que os assassinos fossem levados à justiça.

Em Belfast, os líderes de todos os principais partidos políticos — católicos e protestantes, republicanos e lealistas — manifestaram a sua indignação. Em público, os políticos recusaram especular sobre a filiação dos terroristas até haver mais factos conhecidos. Em privado, cada lado apontava o dedo ao outro. Toda a gente apelava à calma, mas pela meia-noite havia jovens católicos amotinados na Falis Road e uma patrulha do exército britânico ficou sob fogo na Shankill Road, uma zona protestante.

Nas primeiras horas do dia seguinte, os investigadores já tinham feito progressos enormes. Em Londres, especialistas forenses e de explosivos concluíram que a bomba tinha sido colocada na sexta carruagem do comboio com destino a Headriow. O material explosivo estava entre os vinte e dois e os quarenta e cinco quilos de Semtex.

Os fragmentos do material que tinham sido encontrados à volta da zona da explosão levaram os investigadores a concluir que a bomba estava colocada numa mala preta de nylon, muito provavelmente um modelo com rodas. De madrugada, agentes da polícia espalharam-se pela linha de metro de Piccadilly — de Heathrow, a oeste, até

Cockfosters, a nordeste — e interrogaram os passageiros da manhã em cada paragem. A polícia recebeu cerca de trezentos relatórios sobre passageiros que transportavam malas num comboio ao final da tarde, das quais cem tinham rodas.

Por sorte, um turista holandês chamado Jacco Krajicek comunicou com a polícia um pouco antes do meio-dia e disse que tinha ajudado uma mulher com uma grande mala preta de nylon com rodas na estação de metro de Knightsbridge ao fim da tarde. Forneceu uma descrição pormenorizada do seu aspecto e roupa, mas foram dois outros pormenores que captaram o interesse dos investigadores. A mulher tinha utilizado a máquina de bilhetes automática com a presteza e a confiança de uma londrina que viaja no metropolitano todos os dias, mas, aparentemente, não fazia ideia de que havia degraus à entrada da estação de Knightsbridge; caso contrário, por que razão teria levado a pesada mala? Falou com um sotaque americano, afirmou Krajicek, mas esse sotaque era falso. O detective-inspector que atendeu a chamada de Krajicek perguntou-lhe como tinha chegado a essa conclusão. Krajicek respondeu que era um terapeuta da fala e um linguista que falava várias línguas fluentemente.

Com a ajuda de Krajicek, os detectives produziram um retrato robô da mulher do metropolitano, que depois foi enviado para a Divisão Especial da Polícia Real do Ulster e para as sedes do MI5 e do MI6. Os agentes concentraram-se nos ficheiros e fotografias que possuíam de todos os membros conhecidos de grupos paramilitares, republicanos e lealistas. Quando não se encontrou nenhuma correspondência, foi posto a circular de uma forma mais alargada. A polícia teorizou que depois de largada a bomba a mulher teria embarcado muito provavelmente num voo em Heathrow e fugido do país. O retrato robô foi mostrado a agentes de bilhetes, bagageiros e agentes de segurança do aeroporto. Foi dada uma cópia a todas as companhias aéreas com voos saídos de Heathrow nessa noite. As imagens captadas pelas câmaras de vigilância do aeroporto foram vistas e revistas de uma ponta à outra. O retrato robô foi entregue aos serviços secretos da Europa Ocidental com quem o Reino Unido mantinha boas relações e também à Mossad de Israel.

Às 19h, as diligências para a procura da mulher foram abruptamente suspensas pela descoberta de outro corpo no meio dos escombros da plataforma do metro. As suas feições estavam surpreendentemente intactas e correspondiam aproximadamente ao retrato robô fornecido por Krajicek. O holandês foi levado a Heathrow para ver o corpo.

Acenou gravemente com a cabeça e desviou a vista. Era a mulher que ele tinha ajudado na estação de metro de Knightsbridge.

Uma série de acontecimentos similares desenrolou-se do outro

lado do mar da Irlanda, em Dublin. Pelo menos, uma dúzia de testemunhas informou ter visto um homem de barba, coxo, carregando uma pasta grande e pesada, a entrar na biblioteca mesmo antes do rebentamento da bomba. O porteiro do Hotel Shelbourne forneceu uma descrição pormenorizada do suspeito a um par de detectives da Garda^[2] duas horas depois da explosão.

O assistente da biblioteca que tinha dado o passe ao homem barbudo sobreviveu à explosão, ficando apenas com alguns pequenos cortes e equimoses. Ajudou a polícia a detectar o suspeito num vídeo das câmaras de vigilância da biblioteca. A Garda disponibilizou um retrato robô e uma imagem pouco nítida tirada do vídeo. Foram enviadas cópias para Londres por fax. Contudo, nesse final de tarde, os trabalhadores das equipas de resgate retiraram mais um corpo dos escombros que parecia condizer com a descrição do suspeito. Quando um patologista retirou as roupas do cadáver, descobriu um pesado aparelho no joelho direito. Os agentes da polícia mandaram tirar raios X ao joelho. O patologista não encontrou nenhum dano no joelho — quer no osso, quer na cartilagem ou nos ligamentos — que exigisse o uso de um aparelho tão pesado.

— Suspeito que o homem estava a utilizar o aparelho para produzir o coxear e não para apoiar um joelho danificado — disse o patologista, olhando com espanto para a perna do cadáver. — E também receio que o vosso único suspeito neste caso esteja oficialmente bem morto.

A norte, no Ulster, os agentes da Divisão Especial da Polícia Real do Ulster encarregues do caso começaram a recorrer às suas fontes e informadores, dos bares e ruelas de Belfast Ocidental às quintas verdejantes em redor de Portadown e Armagh. Ninguém desencantou nada que se revelasse prometedora. Uma câmara de vigilância do exército tinha captado o assassinio de Eamonn Dillon e a câmara de vigilância instalada na porta do Celtic Bar registara a fuga do assassino. Nenhum destes dois pontos privilegiados produziu uma imagem do rosto do atirador que fosse utilizável. A RUC^[3] apelou a que se fizessem chamadas para a Linha Confidencial — uma linha telefónica especial directa na qual os informadores podem dar indicações à polícia anonimamente —, mas nenhuma das 450 chamadas produziu pistas significativas. Doze reivindicações de responsabilidade pelo atentado foram analisadas e repudiadas por serem consideradas embustes. Unidades dedicadas à recolha técnica de informação — videovigilância e escutas electrónicas — analisaram rapidamente gravações e intercepções recentes, à procura de sinais de um ataque iminente que tivessem escapado.

A análise efectuada não revelou nada.

Inicialmente, houve uma grande discussão acerca dos possíveis

perpetradores dos ataques. Teria sido um grupo ou dois? Foi algo coordenado ou simplesmente uma coincidência?

Foi obra de um grupo paramilitar já existente ou de um novo? Republicano ou lealista? O assassinio de Eamonn Dillon e o atentado à bomba na National Library em Dublin indicavam que os terroristas fossem protestantes lealistas. O atentado à bomba no metropolitano sugeria que os terroristas eram republicanos, pois os paramilitares lealistas não confrontavam com frequência as forças britânicas e nunca tinham atacado à bomba em território da Grã-Bretanha. Conhecidos membros do Exército Republicano Irlandês e da Força de Voluntários do Ulster, de cariz protestante, foram trazidos discretamente para interrogatório. Todos eles negaram qualquer conhecimento ou envolvimento.

Às 20h, os ministros e os responsáveis pela segurança juntaram-se no gabinete ministerial de Downing Street para uma reunião com o primeiro-ministro. Todos admitiram relutantemente não terem provas credíveis que apontassem para um grupo ou um indivíduo. Em poucas palavras, estavam perplexos.

Às 20h45, tudo isso mudou.

O telefone chilreou suavemente no atarefado estúdio da BBC. As Nine o'Clock News iriam para o ar dentro de quinze minutos. O produtor executivo planeou dedicar a primeira meia hora do programa aos ataques terroristas. Repórteres estavam prontos para entrar em directo em Belfast, Dublin, Heathrow e Downing Street. Por causa da atmosfera caótica no estúdio, o telefone tocou dez vezes antes de uma jovem assistente de produção chamada Ginger atender.

— Estou a telefonar para reivindicar a responsabilidade pela execução de Eamonn Dillon em Belfast e pelos ataques à bomba no Aeroporto de Heathrow e em Dublin.

Ginger tomou nota da voz: masculina; sem emoção; sotaque irlandês, de Belfast Ocidental pelo tom.

— Está preparada para recolher o meu depoimento?

— Estamos um pouco ocupados agora, meu querido — respondeu Ginger. — De facto, não tenho mesmo tempo para isto neste momento. Foi um prazer falar consigo...

— Se desligar este telefone, estará a cometer o maior erro da sua carreira — disse a pessoa ao telefone. — Quer recolher a minha declaração ou prefere que em vez disso eu telefone para o ITN^[4]?

— Muito bem — soltou Ginger, rodopiando um anel de cabelo vermelho à volta da ponta roída do dedo indicador.

— Tem uma caneta?

Ginger andava com três canetas presas por fios à volta do pescoço.

— Claro.

— A execução do terrorista Eamonn Dillon do IRA, a bomba na

National Library em Dublin e a bomba na estação de metro do Aeroporto de Heathrow foram levados a cabo sob as ordens do conselho militar da Brigada para a Libertação do Ulster. A Brigada para a Libertação do Ulster é uma nova organização paramilitar protestante e não é um pseudónimo de nenhuma organização já existente, tal como a Força de Voluntários do Ulster ou a Associação de Defesa do Ulster.

— Espere, deixe-me anotar tudo — pediu Ginger com calma, escrevendo furiosamente.

O homem que ela quase tinha descartado como sendo um excêntrico parecia muito real.

— Pronto, já tenho tudo. Continue.

— A Brigada para a Libertação do Ulster dedica-se à preservação do modo de vida protestante na Irlanda do Norte e à preservação do domínio britânico na província.

Não vamos ficar parados sem fazer nada enquanto o governo britânico trai o seu compromisso histórico com o povo protestante da Irlanda do Norte, nem nunca iremos permitir que o Ulster seja anexado pelo Sul. A Brigada para a Libertação do Ulster continuará a sua campanha de resistência armada até que o acordo de paz conhecido como acordo de Sexta-Feira Santa esteja morto e enterrado. Todos aqueles que apoiam esta traição à comunidade protestante da Irlanda do Norte devem considerar esta declaração como um aviso importante.

O homem fez uma pausa e, a seguir, perguntou:

— Apanhou tudo isso?

— Sim, penso que sim.

— Ótimo — disse ele, e a ligação foi interrompida.

Alan Ramsey, o produtor executivo, estava sentado à sua secretária, com dois telefones encostados a ambos os ouvidos e uma pilha de textos à sua frente. Ginger atravessou a redacção de forma decidida e parou à frente dele, acenando com a mão para lhe chamar a atenção. Ele olhou para cima e disse:

— Tenho Belfast numa linha e Dublin na outra. É bom que seja importante, merda.

— Eé.

— Aguenta um minuto — gritou ele para os bocais dos dois telefones. Olhou para Ginger. — Fala.

— Acabou de telefonar um homem a reivindicar os atentados.

— Um maluco, provavelmente.

— Acho que não. Parecia mesmo ser uma coisa a sério.

— Alguma vez ouviste o que é uma coisa a sério?

— Não, mas...

— Então, como é que podes ter a certeza?

— Havia qualquer coisa nele — respondeu Ginger. — Não sei como explicá-lo, Alan, mas ele acagçou-me realmente.

Ramsey estendeu a mão e Ginger deu-lhe o depoimento. Ele deu uma olhadela à caligrafia garatujada dela, franziu o sobrolho e devolveu-lho.

— Meu Deus, és capaz de decifrar isto, se fazes favor? Ela leu-lhe o depoimento.

Ramsey perguntou:

— Ele tinha algum sotaque? Ela acenou com a cabeça.

— Irlandês?

— Irlanda do Norte — disse ela. — Belfast Ocidental, diria eu.

— E como é que conseguiste perceber isso?

— Porque nasci em Belfast. Vivemos lá até aos meus dez anos. Quando ficamos com esse sotaque na cabeça, é muito difícil esquecê-lo.

Ele olhou para o grande relógio digital na parede: dez minutos para irem para o ar.

— Quanto tempo é que demoras a teclar essa coisa?

— Uns quinze segundos.

— Tens exactamente dez.

— Certo — disse ela, sentando-se à frente de um computador.

Ramsey tirou uma agenda electrónica do bolso do casaco e escreveu o apelido de um amigo de Cambridge que trabalhava para o MI5. Pegou no telefone, marcou o número e tamborilou os dedos na secretária enquanto esperava.

— Olá, Graham, fala o Alan Ramsey. Ouve, recebemos uma chamada telefónica muito interessante há poucos momentos e eu estava a pensar se poderia aproveitar-me da nossa amizade.

Ginger largou uma cópia impressa do depoimento em cima da secretária. Ramsey leu-a ao telefone. Depois tomou notas furiosamente durante trinta segundos.

— Certo, muito obrigado — disse. — A qualquer altura em que possa retribuir-te o favor, não hesites em telefonar-me.

Ramsey desligou o telefone com força e levantou-se da secretária.

— Muito bem, ouçam todos! — gritou, com o estúdio a ficar em silêncio. — Temos aquilo que parece ser uma reivindicação genuína dos ataques em Belfast, Dublin e Heathrow: um novo grupo chamado Brigada para a Libertação do Ulster. Vamos abrir o noticiário com isso. Ponham-se ao telefone e tragam-me todos os peritos em terrorismo irlandês em que consigam pôr as mãos em cima, especialmente terrorismo protestante. Temos cinco minutos, senhoras e senhores. Se o sacana tiver pulso, ponham-no no ar.

Capítulo 3

PORTADOWN, IRLANDA DO NORTE

Um dos alvos da investigação estava nesse momento sentado na sua sala de estar em Portadown a ver televisão. Os habitantes da urbanização de Brownstown não deixam margem para dúvidas quanto à sua lealdade. Bandeiras desbotadas do Reino Unido esvoaçam no cimo de muitas das casas e os parapeitos estão enfeitados com faixas vermelhas, brancas e azuis. Kyle Blake não alinhava nessas manifestações de fidelidade. De facto, tendia a manter as suas opiniões políticas — e, já agora, tudo o mais que considerasse importante — muito para si próprio. Não pertencia a quaisquer organizações unionistas, ia à missa com pouca frequência e nunca falava sobre política em público. Ainda assim, dentro das paredes de Brownstown, sabia-se bastante coisa acerca dele, ou pelo menos suspeitava-se. Era um homem duro, em tempos um oficial veterano da Força de Voluntários do Ulster, um homem que tinha cumprido pena na prisão de Maze por matar católicos.

Kyle Blake viu na televisão a notícia de abertura das Nine O'Clock News.

A BBC recebeu há poucos momentos uma chamada telefónica de um grupo protestante intitulado Brigada para a Libertação do Ulster. O grupo opõe-se ao acordo de paz de Sexta-Feira Santa. Reivindica a responsabilidade pelos ataques e promete continuar a sua campanha de terror até que o acordo seja anulado.

Kyle Blake não sentiu necessidade de continuar a ver e por isso ficou de pé junto a uma porta aberta que dava para um jardim mal tratado, a fumar mais um cigarro de uma torrente infundável. O ar cheirava a pastos húmidos. Blake atirou a beata para um canteiro de flores cheio de ervas daninhas e ouviu a reacção de um especialista em assuntos da Irlanda do-Norte proveniente do University College de Londres. Fechou a porta e desligou a televisão.

Entrou na cozinha e fez uma série de telefonemas rápidos enquanto a sua mulher de há vinte anos, Rosemary, lavava os pratos do jantar. Ela sabia o que o marido fazia — não havia segredos entre eles, exceptuando os pormenores operacionais mais específicos do seu trabalho — e por isso as conversas codificadas ao telefone pareciam

perfeitamente normais. — Vou sair.

Rosemary tirou um cachecol do cabide e amarrou-o à volta do pescoço dele, olhando-lhe atentamente para a cara como se estivesse a vê-la pela primeira vez. Era um homem pequeno, apenas um pouco mais alto do que Rosemary, e o facto de fumar continuamente tinha-o deixado tão magro como um corredor de longa distância. Tinha olhos cinzentos e vigilantes, embutidos profundamente na cara, e umas maçãs de rosto cadavéricas. A sua figura frágil disfarçava um corpo com imensa força; quando Rosemary o abraçou, sentiu-lhe os nós dos músculos dos ombros e das costas.

— Tem cuidado — sussurrou-lhe ao ouvido. Blake pegou num casaco e beijou-a na cara.

— Mantém a porta trancada e não fiques acordada à minha espora.

Kyle Blake era tipógrafo de profissão e o único veículo da família, uma pequena carrinha Ford, ostentava o nome da sua oficina em Portadown. Instintivamente, inspeccionou a parte de baixo da viatura, à procura de explosivos, antes de entrar e pôr o motor a trabalhar. Atravessou a urbanização de Brownstown. A cara gigante de Billy Wright, o fanático assassino protestante assassinado na prisão de Maze por terroristas católicos, olhava fixamente da fachada lateral de uma das casas contíguas.

Blake fixou o olhar em frente. Virou para a Armagh Road e seguiu atrás de um veículo militar de transporte de tropas, em direcção ao centro de Portadown.

Sintonizou a Radio Ulster, que estava a difundir um boletim especial sobre a reivindicação de responsabilidade pela Brigada para a Libertação do Ulster. A RUC tinha lançado alertas de segurança em secções do condado de Antrim e do condado de Down. Os condutores eram avisados para contarem com atrasos devido a bloqueios de estradas.

"Outros sítios têm actualizações de trânsito na rádio", pensou Kyle Blake, "o Ulster tem alertas de segurança." Desligou o rádio e ficou a ouvir a batida de ritmo constante dos limpa-pára-brisas contra a chuva.

Kyle Blake nunca tinha frequentado a universidade, mas era um estudioso da história da Irlanda do Norte. Riu-se quando leu que os problemas da província tinham começado em 1969; há séculos que protestantes e católicos andavam a matar-se uns aos outros no Norte do condado de Armagh. Tinham surgido e caído impérios, tinham sido travadas duas guerras mundiais, o homem tinha ido à Lua e voltado, mas nada mudara muito nas colinas suaves e nos vales estreitos e profundos entre os rios Bann e Callon.

Kyle Blake conseguia traçar as suas origens no condado de

Armagh até quatrocentos anos atrás. Os seus antepassados tinham vindo das Terras Altas da Escócia durante a grande colonização do Ulster, a qual teve início em 1609. Combateram ao lado de Oliver Cromwell quando este desembarcou no Ulster para acabar com as rebeliões católicas. Participaram nos massacres de católicos em Drogheda e Wexford. Quando Cromwell confiscou as terras de cultura dos católicos, os antepassados de Blake cultivaram os campos e apoderaram-se dos terrenos. Nos séculos XVIII e XIX, quando a violência sectária se exacerbou em Armagh, membros do clã Blake juntaram-se aos Peep O'Day Boys, assim chamados porque atacavam as casas dos católicos mesmo antes do amanhecer. Em 1795, os Blake ajudaram a fundar a Ordem de Orange.

Durante quase dois séculos, os homens da Ordem de Orange de Portadown marcharam até à igreja paroquial de Drumcree no domingo anterior a 12 de Julho — o aniversário da vitória de Guilherme de Orange na Batalha de Boyne. Porém, no Verão anterior — a primeira temporada das marchas depois do acordo de paz —, o governo tinha concordado com as exigências dos católicos e proibido os protestantes de regressarem a Portadown pela Garvaghy Road, maioritariamente católica. A suspensão inflamou a violência ao longo do Ulster, culminando na morte de três jovens católicos quando os lealistas lhes lançaram uma bomba incendiária pela janela da casa, em Ballymoney.

Kyle Blake já não era um homem da Ordem de Orange — tinha-a abandonado há uns anos, quando se envolveu pela primeira vez com os paramilitares protestantes —, mas o espectáculo do exército britânico a bloquear o caminho aos manifestantes lealistas foi demasiado para ele. Achava que os protestantes tinham o direito de se manifestar numa estrada pública quando e onde quer que quisessem. Achava que as paradas anuais eram uma expressão legítima da herança e cultura protestantes na Irlanda do Norte.

E achava que qualquer violação ao direito de manifestação era mais outra concessão aos cabrões dos tazgs[5].

Para Blake, a suspensão ocorrida em Drumcree revelava uma coisa muito mais ameaçadora em relação ao panorama político da Irlanda do Norte: a supremacia protestante no Ulster tinha-se desmoronado e os católicos estavam a ganhar.

Durante trinta anos, Blake tinha observado os britânicos a fazerem concessões atrás de concessões aos católicos e ao IRA, mas o acordo de Sexta-Feira Santa foi mais do que conseguia suportar. Blake achava que isso só podia levar a uma coisa: a retirada britânica da Irlanda do Norte e a união com a República da Irlanda. Duas tentativas anteriores com vista à obtenção da paz no Ulster — o Acordo Sunningdale e o Acordo Anglo-Irlandês — tinham sido dinamitados pela intransigência

protestante.

Kyle Blake tinha jurado destruir também o acordo de Sexta-Feira Santa.

Tinha dado o primeiro passo na noite anterior. Engendrara uma das mais impressionantes demonstrações de terrorismo internacional já imaginadas, atacando simultaneamente o Sinn Féin, o governo irlandês e o povo britânico.

Os pináculos da Igreja de St. Mark surgiram à sua frente, assomando por cima da Market High Street. Blake estacionou em frente à sua oficina de tipografia, apesar de ainda se encontrar a vários quarteirões do seu destino. Procurou cuidadosamente sinais de vigilância enquanto passava pelas lojas fechadas e respectivas montras.

Ironicamente, Blake foi buscar a sua inspiração táctica não aos paramilitares protestantes do passado mas sim aos homens que tinham cometido sucessivos atentados à bomba na sua Portadown natal, o IRA. Desde o começo dos actuais Troubks em 1969, o IRA tinha confrontado os seus inimigos — o exército britânico e a Polícia Real do Ulster — e cometido também impressionantes actos de terrorismo. O IRA tinha matado soldados britânicos, assassinado o lorde Mountbatten e chegado a tentar fazer ir pelos ares o governo britânico inteiro, mas mantivera ainda assim a imagem de defensor de um povo oprimido.

Blake queria virar do avesso a política sectária da Irlanda do Norte. Queria mostrar ao mundo que o modo de vida protestante no Ulster estava debaixo de cerco. E estava determinado a jogar a carta do terrorismo para o fazer — com mais força e melhor do que o IRA alguma vez sonhara.

Blake entrou numa pequena rua secundária e entrou no pub McConville's. A sala estava escura, apinhada e coberta por uma cortina azul de fumo de cigarro. Encostadas às paredes almofadas, havia reservados de portas altas, suficientemente amplos para lá caber meia dúzia de pessoas.

O barman que se encontrava atrás do balcão cor de bronze olhou para cima quando Blake entrou.

— Ouviste a notícia, Kyle? Blake abanou a cabeça.

— Qual notícia?

— Houve uma reivindicação de responsabilidade. Foram os prods^[6]. Um grupo que se intitula Brigada para a Libertação do Ulster.

— Não me digas, Jimmie.

O barman inclinou a cabeça na direcção do canto mais longínquo da sala.

— O Gavin e a Rebecca estão à tua espera.

Blake piscou o olho e avançou pela sala. Bateu uma vez à porta do

reservado e entrou sorrateiramente. Duas pessoas estavam sentadas à volta da pequena mesa, um homem grande com uma camisola de gola alta preta e um casaco desportivo cinzento de bombazina e uma mulher atraente com um pulôver de lã bege. O homem era Gavin Spencer, o chefe das operações da brigada. A mulher era Rebecca Wells, a comandante dos serviços de espionagem da brigada.

Blake tirou o casaco e pendurou-o num cabide na parede. O barman apareceu.

Blake disse:

— Três Guinness, Jimmie.

— Se tens fome, posso ir ali ao lado num instante arranjar umas sandes.

— Umas sandes era óptimo.

Blake entregou ao homem uma nota de dez libras; depois fechou a porta do reservado e sentou-se. Ficaram sentados em silêncio por um momento, a olhar uns para os outros. Era a primeira vez que se atreviam a reunir-se depois dos ataques. Todos eles estavam extasiados com o sucesso das operações, mas ao mesmo tempo todos se encontravam tensos. Tinham tomado consciência de que agora já não havia maneira de voltar atrás.

— Como é que estão os teus homens? — perguntou Blake a Gavin Spencer.

— Estão prontos para mais — respondeu Spencer.

Tinha o corpo poderoso de um trabalhador das docas e o ar desgrenhado de um dramaturgo. O cabelo preto estava carregado de tons grisalhos e uma madeixa de cabelo espessa caía-lhe permanentemente por entre um par de olhos azuis e intensos. Tal como Blake, tinha servido no exército britânico e fora membro da Força de Voluntários do Ulster.

— Mas obviamente que estão um bocadinho preocupados com os cronómetros dos detonadores.

Blake acendeu um cigarro e esfregou os olhos. Tinha sido dele a decisão de sacrificar os bombistas em Dublin e Londres através da manipulação dos cronómetros das bombas. O seu raciocínio era tão simples como maquiavélico. Estava num frente-a-frente com o poder instalado dos serviços secretos e de segurança britânicos, um dos mais impiedosos e eficientes da Europa. A Brigada para a Libertação do Ulster precisava de sobreviver para poder continuar a sua campanha de violência. Se qualquer um dos bombistas tivesse caído nas mãos da polícia, a brigada estaria em sério perigo.

— Diz-lhes que a culpa é dos fabricantes das bombas — soltou Blake. — Diz-lhes que somos novos neste jogo. O IRA tem o seu próprio departamento de engenharia, dedicado apenas e tão-só a construir melhores bombas. Mas mesmo o IRA comete erros. Quando

quebraram o cessar-fogo em noventa e seis, as primeiras bombas não funcionaram bem. Tinham perdido a prática.

— Vou dizer isso aos meus homens — respondeu Gavin Spencer. — Podem acreditar em nós uma vez, mas se voltar a acontecer vão ficar desconfiados. Se queremos ganhar esta luta, precisamos de homens dispostos a puxar o gatilho e a colocar bombas.

Blake começou a falar, mas houve um toque suave na porta do cubículo e ele deteve-se. O barman entrou e entregou a Blake um pacote de sandes.

— E em relação ao Bates? — perguntou Blake depois de o barman sair.

— Podemos ter um problema — respondeu Rebecca Wells. Blake e Spencer olharam para a mulher. Era alta e estava em boa forma, com a camisola de lã larga a não conseguir esconder-lhe os ombros quadrados. Os cabelos pretos caíam-lhe pelo rosto e pescoço, enquadrando os largos ossos malares. Os olhos eram ovais e da cor de um nublado céu de Inverno. Como muitas mulheres na Irlanda do Norte tinha ficado viúva muito nova. O marido tinha trabalhado na divisão de espionagem da UVF até um terrorista do IRA o assassinar em Belfast Ocidental. Na altura, Rebecca estava grávida. Abortou nessa noite. Depois de recuperar, juntou-se à UVF e deu continuidade ao trabalho do marido. Abandonou a organização quando esta concordou com um cessar-fogo e, alguns meses mais tarde, juntou forças com Kyle Blake secretamente.

Se alguém merecia crédito pelo assassinio de Eamonn Dillon, era Rebecca Wells. Tinha desenvolvido pacientemente uma fonte no interior da sede do Sinn Fein, na Falis Road, uma jovem muito pouco atraente que fazia parte da equipa administrativa. Tinha-se tornado amiga dela, levando-a a tomar bebidas, tinha-a apresentado a homens.

Passados vários meses, a relação começou a dar frutos. A rapariga forneceu inadvertidamente a Rebecca uma torrente contínua de informações sobre o Sinn Fein e os seus membros principais: estratégias, disputas internas, hábitos pessoais, gostos sexuais, movimentos e segurança. Rebecca deu esta informação a Gavin Spencer, que a seguir planeou o assassinio de Dillon.

— A polícia tem um retrato robô dele — disse ela. — Todos os agentes na província trazem um no bolso. Não podemos deslocá-lo outra vez até as coisas arrefecerem.

— As coisas não vão arrefecer nunca, Rebecca — respondeu Blake.

— Quanto mais tempo ele ficar escondido, maiores são as hipóteses de ser apanhado — comentou ela. — E, se for apanhado, ficamos com sérios problemas.

Blake olhou para Gavin Spencer.

— Onde é que o Bates está agora?

O homem que se encontrava no celeiro feito de pedra em bruto à saída de Hillsborough tinha sido deslocado meia dúzia de vezes desde a morte de Eamonn Dillon na Falis Road. Não lhe tinha sido permitido ouvir rádio, por receio de que as escutas das unidades de espionagem de elite do exército britânico pudessem captar o som. Não lhe tinha sido permitido utilizar um fogão, com medo de que os sensores de infravermelhos do exército pudessem detectar uma fonte de calor invulgar. A sua cama era de lona e dobrável, típica do exército e dura como tijolo, com um cobertor tão áspero como fibra de lã; o oleado verde-escuro que tinha usado durante o assassinio servia de almofada. Sobrevivia à custa de produtos secos — biscoitos, bolachas, nozes — e de carnes enlatadas. Era-lhe permitido fumar, embora tivesse de ter cuidado para não pegar fogo ao feno. Mijava e cagava para dentro de um grande tacho. De início, o fedor era insuportável, mas aos poucos foi-se habituando.

Queria despejar aquela coisa, mas os agentes responsáveis por si tinham-no avisado para nunca pôr o pé fora do celeiro, nem mesmo à noite.

Tinham-lhe deixado uma estranha colecção de livros: biografias de Wolfe Tone, Eamon De Valera e Michael Collins^[7] e um par de livros gastos de poesia republicana violenta. Num deles, estava enfiada uma nota escrita à mão: Sun Tsu disse que devíamos conhecer o nosso inimigo. Lê isto e aprende. Mas, na maior parte do tempo, o homem ficava apenas estendido na cama de lona, olhando fixamente para a escuridão, fumando os seus cigarros, revivendo aqueles breves momentos na Falis Road.

Bates ouviu o barulho de um motor. Levantou-se e espreitou por uma janela pequena. Uma carrinha movia-se ruidosamente sobre o caminho não pavimentado, com os faróis apagados. Parou no ensopado de lama e cascalho à frente da porta do celeiro. Desceram duas pessoas; o condutor era grande e encorpado, o passageiro era pequeno e tinha um andar mais ligeiro. Uns segundos depois, Bates ouviu bater à porta.

— Vai para a cama e deita-te de barriga para baixo — disse a voz do outro lado da porta.

Bates fez o lhe foi dito. Ouviu o som de duas pessoas a entrar no celeiro. Um momento depois, a mesma voz mandou-o sentar-se. O homem grande estava sentado numa pilha de sacos de ração; o vulto mais pequeno andava de um lado para o outro, atrás dele, como uma consciência atormentada.

— Peço desculpa pelo cheiro — disse Bates, pouco à vontade. — Fumo para o esconder. Importam-se?

Pelo clarão de um fósforo, Bates pôde ver que ambos os seus visitantes estavam a usar balaclavas. Tocou com a chama na

extremidade do cigarro e apagou o fósforo com um sopro, lançando o celeiro de novo numa escuridão total.

— Quando é que posso sair? — perguntou.

Antes da execução de Dillon, tinham dito a Bates que seria enviado para fora da Irlanda do Norte assim que as coisas acalmassem. Tinham-lhe dito que havia amigos num trecho isolado das Terras Altas da Escócia. Num sítio onde os serviços de segurança nunca o encontrariam.

— Ainda não é seguro fazer-te sair daqui — respondeu o homem grande. — A RUC tem um retrato robô teu. Precisamos de deixar as coisas acalmarem um bocadinho mais.

Bates levantou-se abruptamente.

— Meu Deus, estou a endoidecer neste buraco! Não podem mudar-me para outro lugar qualquer?

— Por agora, estás seguro aqui. Não podemos arriscar mudar-te para outro sítio outra vez.

Bates sentou-se, derrotado. Largou a ponta do cigarro no chão de terra batida e triturou-o com o sapato.

— Então e os outros? — perguntou. — Os agentes responsáveis por Dublin e Londres?

— Também estão escondidos — respondeu o homem. — É tudo o que posso dizer.

— Já se fez a reivindicação do atentado?

— Fizemo-la esta noite. Aquilo lá fora está um inferno, bloqueios de estradas e pontos de inspecção desde o condado de Antrim até à fronteira. Até que as coisas afrouxem um pouco, não podemos sequer pensar em mudar-te.

Bates acendeu outro fósforo, iluminando o local por um instante, com os dois visitantes encapuçados, um sentado e o outro em pé, como estátuas num jardim. Acendeu outro cigarro e apagou o fósforo abanando a mão.

— Há alguma coisa que possamos arranjar-te para ajudar a passar o tempo?

— Uma rapariga leviana seria simpático. O comentário foi acolhido com silêncio.

— Deita-te na cama — repetiu o homem sentado. — De barriga para baixo.

Charles Bates fez o que lhe disseram. Ouviu o ruído dos sacos de ração no momento em que o homem grande com tatuagens nas mãos se pôs de pé. Ouviu a porta do celeiro balançar ao abrir-se.

A seguir, sentiu qualquer coisa fria e dura ser encostada com força à nuca. Ouviu um ligeiro clique, viu um clarão de luz brilhante e depois apenas escuridão.

Rebecca Wells enfiou a pistola Walther com silenciador no bolso

do casaco ao subir para a carrinha. Gavin Spencer pôs o motor a trabalhar, deu a volta e conduziu ao longo do caminho esburacado da quinta até atingir a estrada BI 77. Esperaram até se encontrarem longe da quinta antes de tirarem as balaclavas. Rebecca Wells olhou pela janela enquanto Spencer ia conduzindo com perícia pela estrada ondulada e sinuosa.

— Não precisavas de fazer aquilo, Rebecca. Eu tê-lo-ia feito por ti.

— Estás a dizer que não sou suficientemente boa no meu trabalho?

— Não, estou só a dizer que não está certo.

— O que é que não está certo?

— Uma mulher matar — disse Spencer. — Não está certo.

— Então e a Dama? — respondeu Rebecca, utilizando o nome de código da mulher que tinha levado a mala com a bomba para dentro do metropolitano de Londres. — Ela matou muito mais pessoas do que eu hoje à noite e além disso sacrificou a vida.

— Tens razão.

— Sou responsável pela espionagem e pela segurança interna — disse ela. — O Kyle queria-o morto. Era meu dever matá-lo.

Spencer deixou cair o assunto. Ligou o rádio para ajudar a passar o tempo. Virou para a A1 e seguiu em direcção a Banbridge. Passados uns momentos, Rebecca gemeu:

— Pára.

Ele travou de repente, parando na berma da estrada. Rebecca abriu a porta e cambaleou para fora da carrinha, à chuva. Deixou-se cair com as mãos e os joelhos no chão, iluminada pela luz dos faróis, e vomitou violentamente.

Capítulo 4

WASHINGTON

A reunião entre o primeiro-ministro Tony Blair e o presidente James Beckwith tinha sido marcada com bastante antecedência; o facto de ocorrer uma semana depois de a Brigada para a Libertação do Ulster ter lançado a sua onda de terror era uma coincidência. De facto, os dois homens fizeram grande questão de descrever a reunião como uma rotineira troca de opiniões entre bons amigos, o que em muitos aspectos era. Quando o primeiro-ministro chegou à Casa Branca vindo da Blair House, os aposentos para convidados situado do outro lado da rua, o presidente Beckwith assegurou à sua visita que a mansão tinha sido assim denominada em sua honra. O primeiro-ministro exibiu o seu famoso sorriso rasgado e assegurou ao presidente Beckwith que, da próxima vez que este fosse a Londres, um marco britânico seria nomeado em sua honra.

Durante duas horas, o presidente e o primeiro-ministro estiveram reunidos com os seus assessores e assistentes na Sala Roosevelt da Casa Branca. A ordem de trabalhos incluía uma vasta variedade de questões: a coordenação da defesa e da política externa, as políticas monetárias e comerciais, a tensão étnica nos Balcãs, o processo de paz no Médio Oriente e, claro, a Irlanda do Norte. Um pouco depois do meio-dia, os dois líderes dirigiram-se para a Sala Oval para um almoço privado.

A neve caía sobre South Lawn enquanto os dois homens se deixaram ficar à janela atrás da secretária de Beckwith, a admirar a vista.

Um grande lume ardia vigorosamente na lareira e estava uma mesa posta à sua frente. O presidente agarrou amigavelmente o convidado pelo braço e conduziu-o pela sala.

Depois de uma vida inteira na política, James Beckwith sentia-se confortável com os aspectos cerimoniais do seu trabalho. O corpo de imprensa destacado para Washington dizia frequentemente que ele era o melhor actor que tinha ocupado a Sala Oval desde Ronald Reagan.

Todavia, começava a cansar-se de tudo aquilo. Tinha ganho à justa a reeleição, mantendo-se atrás do seu adversário, o senador democrata Andrew Sterling, do Nebraska, durante a campanha, até

que um grupo terrorista árabe fez explodir um avião a jacto comercial ao largo de Long Island. A hábil condução da crise por Beckwith — e os seus rápidos ataques retaliatórios contra os terroristas — tinha ajudado a virar a maré.

Agora, tinha-se instalado confortavelmente na posição de governante em final de mandato anunciado. O Congresso, controlado pelos democratas, tinha descartado o objectivo principal do seu segundo mandato, a construção de um sistema de defesa de mísseis nacional. A sua lista de prioridades, ou o que restava dela, consistia numa série de iniciativas conservadoras menores que não requeriam o apoio do Congresso. Dois membros do seu gabinete estavam debaixo do ataque de advogados independentes por má conduta financeira. Todas as noites, ao jantar, Beckwith e a mulher, Anne, falavam cada vez menos sobre política e mais sobre como iriam passar a reforma na Califórnia.

Ele tinha mesmo acedido ao desejo antigo de Anne de passar as férias de Verão nas montanhas do Norte de Itália. Em anos anteriores, os seus estrategas tinham-no avisado que fazer férias no estrangeiro seria politicamente desastroso. Beckwith já não queria pura e simplesmente saber. Os amigos mais chegados atribuíram esse afastamento à perda do seu amigo e chefe do estado-maior, Paul Vandenberg, que aparentemente se suicidara com um tiro em Roosevelt Island, no rio Potomac, um ano antes.

Os dois homens sentaram-se para almoçar. Tony Blair era famoso por comer rapidamente — um facto incluído nos relatórios de Beckwith — e tinha devorado o seu peito de galinha grelhado e arroz pilaf antes de Beckwith ter consumido um quarto da sua refeição. Beckwith estava esfomeado depois de uma manhã de intensas discussões e, por isso, fez o líder britânico ficar pacientemente sentado enquanto terminava o resto do almoço.

A relação deles azedara no ano anterior, quando Blair criticou publicamente Beckwith por ter lançado ataques aéreos contra a Espada de Gaza, o grupo terrorista palestiano responsabilizado pelo abate de um jacto da TransAtlantic Airlines ao largo de Long Island. Algumas semanas depois, a Espada de Gaza retaliou atacando o balcão da TransAtlantic no Aeroporto de Heathrow, em Londres, matando vários passageiros americanos e ingleses. Beckwith nunca se esqueceu da reprimenda de Blair. Conhecido por tratar por tu a maioria dos líderes mundiais, Beckwith referiu-se propositadamente a Blair como "o senhor primeiro-ministro". Blair respondeu na mesma moeda, referindo-se a Beckwith como "o senhor presidente".

Beckwith terminou de almoçar lentamente enquanto Blair ia falando monotonamente sobre um manual de economia "verdadeiramente fascinante" que tinha lido durante o voo de Londres

para Washington. Blair era um leitor voraz e Beckwith respeitava genuinamente o seu poderoso intelecto. "Meu Deus", pensou ele, "eu quase não consigo terminar os meus relatórios à noite sem adormecer."

Um criado levantou os restos do almoço. Beckwith tomou chá e Blair, café. A conversa caiu num silêncio repentino. A lareira crepitava como pequenas armas. Blair fez questão de mostrar que estava a olhar pela janela por um momento, na direcção do Monumento de Washington, antes de falar.

— Quero ser muito franco consigo a respeito de uma coisa, senhor presidente — disse Blair, afastando os olhos da janela e encarando o olhar fixo e azul-pálido de Beckwith. — Eu sei que a nossa relação não tem sido sempre tão boa quanto devia ser, mas preciso de pedir-lhe um favor muito importante.

— A nossa relação não é tão boa como podia ser, senhor primeiro-ministro, porque o senhor se distanciou publicamente dos Estados Unidos quando eu ordenei ataques aéreos contra as bases de treino da Espada de Gaza. Precisei do seu apoio nessa altura e o senhor não esteve presente para me ajudar.

Um criado entrou na sala com a sobremesa, mas, sentindo que a conversa se tinha tornado séria, retirou-se rapidamente. Blair olhou para baixo, controlando as suas emoções, e voltou a olhar em frente.

— Senhor presidente, eu disse o que disse porque acreditei ser esse o caso. Achei que os ataques aéreos tinham sido demasiado pesados, prematuros e baseados em provas no mínimo suspeitas. Achei que apenas aumentariam a tensão e prejudicariam a causa da paz no Médio Oriente. Julgo que se provou que eu tinha razão.

Beckwith sabia que Blair estava a referir-se ao ataque da Espada de Gaza ao Aeroporto de Heathrow.

— Senhor primeiro-ministro, se estava preocupado, devia ter pagado no telefone e ligado para mim em vez de ter corrido para o jornalista mais próximo. Os aliados apoiam-se uns aos outros, mesmo quando os seus líderes vêm de extremos opostos do espectro político.

O olhar frio de Blair tornava evidente que não tinha apreciado o sermão de Beckwith sobre os princípios fundamentais da arte de governar. Saboreou o café com pequenos goles enquanto Beckwith continuou:

— Na verdade, suspeito que a Espada de Gaza tenha escolhido retaliar em solo britânico porque os comentários que o senhor fez os levaram a acreditar que podiam pôr dois velhos aliados um contra o outro.

Blair levantou os olhos da chávena de café como se tivesse sido atingido com um murro.

— O senhor não está a sugerir que eu devo ser responsabilizado

pelo ataque em Heathrow.

— Claro que não, senhor primeiro-ministro. Fazer uma coisa dessas não seria próprio de bons amigos.

Blair recolocou a chávina no pires e afastou-o alguns centímetros.

— Senhor presidente, quero falar consigo sobre a substituição do embaixador Hathaway.

— Muito bem — respondeu Beckwith.

— Se posso ser franco, senhor presidente, vi alguns dos nomes que está a considerar e, sinceramente, não estou impressionado por aí além.

As faces de Beckwith ganharam cor, mas Blair continuou a investir.

— Estava à espera de alguém um bocadinho mais talentoso.

Beckwith manteve-se em silêncio enquanto Blair dizia de sua justiça. O *The New York Times* tinha publicado um artigo no início da semana que incluía os nomes de meia dúzia de candidatos ao lugar. Os nomes estavam correctos porque resultavam de uma fuga de informação por ordem de Beckwith. A lista incluía vários grandes doadores republicanos, com um par de agentes do Serviço de Estrangeiros postos lá para fazer número. Londres era um posto político por tradição e Beckwith estava sob pressão do Comité Nacional Republicano para que utilizasse a nomeação temporária para recompensar um benfeitor generoso.

Blair disse:

— Senhor presidente, está familiarizado com a expressão americana "toma e embrulha"?

Beckwith acenou com a cabeça, mas a sua expressão tornou evidente que nunca utilizava linguagem de rua tão rude.

— Senhor presidente, este grupo chamado Brigada para a Libertação do Ulster lançou a sua campanha de terror porque quer anular os passos para a paz que demos na Irlanda do Norte. Quero demonstrar a esses terroristas cobardes, e ao mundo, que nunca terão sucesso. Quero que eles "tomem e embrulhem", senhor presidente, e preciso da sua ajuda.

Beckwith sorriu pela primeira vez.

— Como é que posso ajudar, senhor primeiro-ministro?

— Pode ajudar nomeando uma superestrela para ser o vosso próximo embaixador em Londres. Alguém que todas as partes possam respeitar. Um nome que todos conheçam.

Não quero alguém que vá aquecer o lugar até que o senhor deixe o seu cargo. Quero alguém que me possa ajudar a atingir o meu objectivo, uma resolução permanente para o conflito na Irlanda do Norte.

A intensidade e a honestidade dos argumentos do homem mais

novo eram impressionantes. Mas Beckwith estava na política há tempo suficiente para saber que não se deve dar nada sem receber algo em troca.

— Se eu nomear uma superestrela para Londres, o que é que ganho em troca?

Blair sorriu rasgadamente.

— Ganha o meu inequívoco apoio à sua iniciativa para o comércio europeu.

— De acordo — respondeu Beckwith, depois de uma breve reflexão.

Um criado entrou na sala. Beckwith disse:

— Dois balões de brande, por favor.

As bebidas chegaram passado um momento. Beckwith ergueu o copo.

— Aos bons amigos.

— Aos bons amigos.

Blair beberricou o brande com o cuidado de quem raramente bebe. Pousou cuidadosamente o balão e perguntou:

— Tem algum candidato em mente, senhor presidente?

— Por acaso, Tony, acho que tenho exactamente o homem adequado para o lugar.

Capítulo 5

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

Durante muitos anos, pouca coisa na imponente casa branca revestida de ripas com vista para Dering Harbor e o estreito de Shelter Island tinha dado a entender que o senador Douglas Cannon era o seu proprietário. Havia convidados ocasionais que requeriam a protecção dos serviços secretos e, às vezes, quando Douglas concorria para a sua reeleição e precisava de dinheiro, havia grandes festas. No entanto, a casa normalmente parecia-se com todas as outras ao longo da Shore Road, apenas um pouco maior e um pouco mais bem cuidada. Depois da reforma e da morte da mulher, o senador tinha começado a passar mais tempo em Cannon Point do que no seu apartamento espaçoso na Quinta Avenida, em Manhattan. Insistiu com os vizinhos para que o tratassem por Douglas e, muito estranhamente, eles concordaram. Cannon Point tornou-se mais acessível do que nunca. As vezes, quando os turistas paravam para olhar ou tirar uma fotografia da propriedade, o senador aparecia no relvado bem tratado, com retrievers a correrem à sua volta, e parava para conversar.

Os intrusos tinham mudado isso tudo.

Duas semanas depois do incidente, a polícia tinha autorizado o senador a reparar todas as recordações visíveis do episódio, eliminando assim as últimas provas físicas.

Um empreiteiro de fora da ilha, de quem ninguém tinha ouvido falar — e que não aparecia em nenhuma lista telefónica —, encarregou-se do trabalho.

Os rumores sobre os danos de grande envergadura espalharam-se pela ilha. Harry Carp, o dono de cara avermelhada da loja de ferragens nos Heights, tinha ouvido dizer que havia uma dúzia de buracos de balas nas paredes da sala de estar e cozinha. Patty McLean, a caixa do Mid-Island Market, ouviu dizer que as manchas de sangue no chalé dos convidados eram tão grandes, que todo o chão teve de ser substituído e as paredes pintadas de novo. Martha Creighton, a mais proeminente agente imobiliária da ilha, previu discretamente que Cannon Point estaria no mercado dentro de seis meses. Certamente, o senador e a sua família iriam querer recomeçar a vida noutro lugar qualquer, murmurou Martha enquanto bebia um

cappucáno no café da aldeia.

Mas o senador e a filha, Elizabeth, e o genro, Michael, decidiram ficar. Cannon Point, outrora aberta e acessível, ganhou o ar de um colonato num território ocupado.

Outro empreiteiro obscuro aterrou na propriedade, desta vez para construir uma vedação de tijolo e ferro de três metros e um pequeno abrigo à entrada, revestido de ripas de mau gosto, para um segurança permanente. Quando o trabalho ficou completo, chegou uma segunda equipa para encher a propriedade de câmaras e sensores de movimento. Os vizinhos queixaram-se de que as novas medidas de segurança do senador perturbavam as vistas de Dering Harbor e do estreito. Houve conversas sobre uma petição, alguma resmunguice numa reunião da assembleia local e até mesmo uma ou duas cartas desagradáveis no Shelter Island Repórter. Mas, por altura do Verão, toda a gente se tinha habituado à vedação nova e já ninguém se lembrava por que razão se tinham aborrecido com ela.

— É difícil censurá-los — disse Martha Creighton. — Se ele quer a porra de uma vedação, deixem-no ter a porra de uma vedação. Que raio, eu deixava-o construir um fosso se ele quisesse um.

De Michael Osbourne, sabia-se pouco na ilha. Pensava-se que estaria envolvido em negócios de algum tipo, vendas internacionais ou o dúbio mundo da consultadoria.

Normalmente, isolava-se quando ele e a mulher, Elizabeth, vinham passar o fim-de-semana à ilha. Quando tomava o pequeno-almoço na loja de conveniência dos Heights, ou parava no Dory para beber uma cerveja, levava sempre alguns jornais para protecção. As tentativas de encetar conversas bem-educadas eram repelidas gentilmente; qualquer coisa de grave importância parecia estar sempre a puxar-lhe a vista novamente para os jornais.

A população feminina da ilha achava-o atraente e perdoava-lhe a frieza, considerando-a uma manifestação de uma qualquer timidez interior. Harry Carp, conhecido por dizer as coisas de uma forma directa, referia-se habitualmente a Michael como "esse filho-da-puta malcriado da cidade".

O tiroteio tinha suavizado as opiniões sobre Michael Osbourne, mesmo as de Harry Carp. Segundo os rumores, tinha quase morrido várias vezes essa noite devido a um ferimento de bala — uma vez na doca, em Cannon Point, outra vez no helicóptero e uma terceira vez na mesa de operações do Stony Brook Hospital. Depois de lhe terem dado alta, deixou-se ficar dentro de casa por uns tempos, mas depressa começou a ser avistado a andar cautelosamente pelos terrenos, com o braço direito ao peito, numa ligadura colocada por baixo de um já gasto casaco de cabedal de aviador. Por vezes, podia ser visto parado no final da doca, a olhar para o estreito. Às vezes, normalmente ao fim

da tarde, parecia perder-se em si mesmo e ficar por ali — como Gatsby, diria Martha Creighton — até a derradeira luz desaparecer.

— Não percebo porque é que está tanto trânsito a meio de Janeiro — exclamou Elizabeth Osbourne, tamborilando a unha do indicador no descanso central de couro para o braço. Iam a andar a passo de caracol na via rápida de Long Island, atravessando a cidade de Islip, a menos de cinquenta quilómetros à hora.

Michael tinha-se reformado da CIA há um ano e o tempo dizia-lhe pouco — mesmo o tempo perdido no trânsito.

— É sexta-feira à noite — disse ele. — É sempre mau à sexta-feira à noite.

O trânsito foi diminuindo à medida que avançavam para leste, vindos dos subúrbios de Mid-Island. O céu nocturno estava limpo e sentia-se um frio de rachar; uma lua em quarto crescente e de um branco-marfim pairava mesmo acima do horizonte, a norte. A estrada abria-se à sua frente e Michael pisou o acelerador. O motor roncou e, passados alguns segundos, o velocímetro subiu relutantemente para os cento e dez quilómetros. As exigências da paternidade tinham-no compelido a trocar o seu elegante Jaguar prateado por uma gigantesca carrinha.

Os gémeos, embrulhados em cobertores cor-de-rosa e azuis, dormitavam nos seus lugares. Maggie, a ama inglesa, estava esparramada no terceiro assento a dormir profundamente.

Elizabeth esticou-se na escuridão e pegou na mão de Michael. Tinha voltado a trabalhar nessa semana, depois de três meses de baixa de maternidade. Enquanto estivera afastada do trabalho, tinha vestido apenas camisas de flanela, calças de fato de treino largueironas e calças de caqui folgadas. Agora, vestia o uniforme de uma advogada nova-iorquina muito cara: fato cinzento-escuro, relógio de ouro de muito bom gosto e brincos de pérola. Tinha eliminado o peso extra da gravidez fazendo longas caminhadas de uma hora na passadeira instalada no quarto do apartamento na Quinta Avenida. Por debaixo das linhas novas em folha do seu fato Calvin Klein, Elizabeth estava tão esbelta como um manequim. No entanto, notavam-se a tensão e a fadiga de se ter tornado de repente uma mãe trabalhadora. O cabelo curto louro-cinza estava meio desarranjado; os olhos andavam tão vermelhos, que tinha trocado as lentes de contacto por óculos com armações de tartaruga. Michael achava que ela parecia uma estudante de direito esgotada com os estudos para os exames.

— Como é que te sentes por estares de volta? — perguntou Michael.

— Como se nunca tivesse saído. Pára para eu poder fumar um cigarro. Não posso fumar no carro com as crianças.

— Não quero fazer uma paragem desnecessária.

— Vá lá, Michael!

— Tenho de parar em Riverhead para pôr gasolina. Podes fumar um cigarro nessa altura. Esta coisa gasta uns cinquenta litros aos cem quilómetros. Provavelmente, vou ter de encher o depósito uma ou duas vezes daqui até à ilha.

— Oh, meu Deus, não vais começar outra vez a lamuriar-te por causa do Jaguar?

— Só não percebo porque é que tiveste direito a manter o teu Mercedes e eu tive de ficar com este monstro. Sinto-me como uma mamã suburbana a levar os filhos de um lado para o outro.

— Precisávamos de um carro maior e o teu mecânico acabava por passar mais tempo com o teu Jaguar do que tu.

— Continuo a não estar satisfeito.

— Esquece isso, querido.

— Se continuas a falar assim, não vais conseguir meter-me na cama esta noite.

— Não faças ameaças vãs, Michael.

A auto-estrada terminava na cidade de Riverhead. Michael parou numa estação de serviço com supermercado, aberta toda a noite, e encheu o depósito. Elizabeth afastou-se um pouco das bombas e pôs-se a fumar, batendo com os pés com força no betão para aquecer. Tinha renunciado aos cigarros com a gravidez, mas, duas semanas depois do nascimento das crianças, os pesadelos voltaram e ela recomeçou a fumar para acalmar os nervos.

Michael seguiu a grande velocidade para leste, ao longo da confluência norte de Long Island, passando por intermináveis campos de relva e vinhas inactivas. De vez em quando, as águas do estreito de Long Island apareciam à sua esquerda — negras, tremeluzentes com o luar. Entrou na aldeia de Greenport e seguiu por ruas sossegadas até chegar ao cais do North Ferry.

Elizabeth estava a dormir. Michael enfiou um casaco de cabedal e saiu para o convés. As ondas de espuma branca batiam contra a proa do ferry, lançando borrifadelas por cima das amuradas. Estava um frio de rachar, mas o capô do carro estava quente do calor do motor. Michael trepou para cima dele e sentou-se, com as mãos enterradas nos bolsos do casaco. Shelter Island surgia à sua frente, do outro lado do estreito, com as luzes todas apagadas à excepção de uma casa de Verão na desembocadura de Dering Harbor, que brilhava com uma imaculada luz branca. Cannon Point.

Quando o ferry atracou, Michael entrou novamente no carro e ligou o motor.

— Estava a olhar para ti, Michael — disse Elizabeth, sem abrir os olhos. — Estavas a pensar naquilo, não estavas?

Não valia a pena mentir-lhe. Ele estava a pensar naquilo — na

noite, um ano antes, em que um antigo assassino do KGB, com o nome de código Outubro, tentara matá-los aos dois em Cannon Point.

— Fazes isso muitas vezes? — perguntou ela, interpretando o silêncio dele como uma confirmação.

— Quando estou no ferry a olhar para a casa do teu pai, não posso evitá-lo.

— Eu penso nisso a toda a hora — disse ela, abstraída. — Cada manhã, acordo e penso se será esse o dia; o dia em que tudo vai passar. Mas nunca é.

— Leva tempo — respondeu Michael, acrescentando a seguir: — Muito tempo.

— Achas que ele está mesmo morto?

— O Outubro?

— Sim.

— A CIA acha que sim.

— Etu?

— Eu dormiria melhor se aparecesse um corpo algures, mas não vai aparecer.

Passaram pelos chalés vitorianos e as lojas revestidas de ripas de Shelter Island Heights e aceleraram pela Winthrop Road. Ao luar, Dering Harbor parecia vazio, com a exceção da chalupa de Douglas Cannon, Athena, bem agarrada à sua âncora, com a proa virada para o vento. Michael seguiu pela Shore Road, entrando na aldeia de Dering Harbor, e, passado um momento, parou junto ao portão de Cannon Point.

O segurança da noite saiu do abrigo e apontou uma luz para o carro. Douglas andava a gastar vários milhares de dólares por mês em segurança desde a tentativa de assassinio. A CIA tinha-se oferecido para pagar uma parte da despesa, mas Douglas, eternamente desconfiado da comunidade da espionagem, suportou todos os custos sozinho. Michael seguiu o caminho de saibro, atravessando a propriedade, e parou junto à porta da frente da casa principal. O senador estava à espera deles nas escadas, com um velho casaco de veljeira amarelo e os retrievers a brincarem aos seus pés.

A revista *The New Yorker* foi a primeira a associar Douglas Cannon a Péricles. Ele, apesar de manifestar habitualmente um ligeiro embaraço perante a comparação, não fazia nada para a afastar. Tinha herdado uma riqueza enorme e decidira bem cedo na vida que a perspectiva de meramente aumentar a sua fortuna o deprimia muito. Em vez disso, dedicou-se ao seu primeiro amor, que era a história. Ensinou em Columbia e escreveu livros. O apartamento espaçoso que possuía na Quinta Avenida era um ponto de encontro para escritores, artistas, poetas e músicos. Elizabeth, quando era pequena, conheceu Jack Kerouac, Huey Newton e um estranho homem pequenino com

cabelo louro e óculos de sol, chamado Andy. Foi só vários anos depois que percebeu que o homem era Andy Warhol.

Durante o caso Watergate, Douglas compreendeu que não podia continuar confinado às bancadas, como um eterno espectador. Concorreu para o Congresso num distrito de esmagadora maioria liberal-democrata, na midtown de Manhattan, e entrou para a câmara como um reformador na fornada de 1974. Dois anos depois, foi eleito para o Senado. Durante os quatro mandatos que lá passou, foi presidente do Comité de Serviços Armados, da Comissão de Relações Externas e do Comité de Informação e Espionagem.

Douglas tinha sido sempre um pouco iconoclasta, mas desde que se aposentara do Senado as suas roupas e os maneirismos tinham-se tornado mais peculiares do que nunca.

Só usava calças de bombazina esfarrapadas, sapatos antigos para andar de barco e camisolas de lã que, como o próprio dono, começavam a mostrar a idade. Acreditava que a água do mar fria era o segredo para a longevidade e estava constantemente a expor-se a grandes infecções dos brônquios, velejando todo o Inverno e fazendo caminhadas sem fim pelos caminhos pedestres gelados da reserva de Mashomack.

Elizabeth saiu do carro, com o indicador encostado aos lábios, e deu-lhe um beijo na cara.

— Não faças barulho, papá — sussurrou. — As crianças estão a dormir a sono solto.

Michael e Elizabeth tinham para si um conjunto de divisões com vista para o mar: um quarto de dormir principal, uma casa de banho e uma sala de estar privada com televisão. O quarto de dormir contíguo tinha sido convertido num quarto de crianças improvisado. Por superstição, Elizabeth não quisera planear muita coisa antes de os gémeos nascerem e, por isso, o quarto austero não possuía mais do que um par de berços e uma mesa para mudas. As paredes ainda eram de um pálido cinzento e o chão encontrava-se despido. O senador tinha trazido uma velha cadeira de balouço de verga da varanda para dar algum carácter ao quarto. Maggie ajudou Elizabeth a deitar as crianças enquanto Michael e Douglas tomavam um copo de Merlot no andar de baixo, junto à lareira. Elizabeth veio ter com eles passados alguns minutos.

— Como é que eles estão? — perguntou Michael.

— Estão óptimos. A Maggie vai sentar-se junto deles alguns minutos e certificar-se de que continuam deitados. — Elizabeth afundou-se no sofá. — Serves-me um copo muito grande desse vinho, Michael?

Douglas perguntou:

— Como é que estás a aguentar-te, minha querida?

— Nunca imaginei que isto fosse assim tão duro. — Deu um grande gole do Merlot e fechou os olhos enquanto o vinho lhe fluía pela garganta abaixo. — Eu morria sem a Maggie.

— Não há nada de errado nisso. Tu tiveste uma enfermeira e uma ama e a tua mãe não trabalhava.

— Ela trabalhava, papá! Tomava conta de mim e governava três casas enquanto tu estavas em Washington!

Michael murmurou:

— Mal jogado, Douglas.

— Sabes o que eu quero dizer, Elizabeth. A tua mãe trabalhava, mas não num escritório. Sinceramente, não estou totalmente seguro de que as mães devam trabalhar.

As crianças precisam das mães.

— Não posso acreditar no que estou a ouvir — respondeu Elizabeth. — Douglas Cannon, o grande ícone liberal, acha que as mães devem ficar em casa com os filhos e não trabalhar. Espera até que a Organização Nacional das Mulheres^[8] tome conhecimento disto. Meu Deus, afinal de contas, debaixo desse exterior irremediavelmente liberal, bate o coração de um conservador defensor dos valores da família.

— Então e aqui o Michael? — perguntou Douglas. — Está reformado. Não ajuda?

— Eu só jogo bocci^[9] todas as tardes com o resto dos rapazes lá na aldeia.

— O Michael é muito bom com as crianças — disse Elizabeth. — Mas peço desculpa por dizer isto: há um limite para o que os pais podem fazer.

— E o que é que isso quer dizer? — perguntou Douglas. O telefone tocou antes de Elizabeth poder responder.

— Salvo pelo gongo, como se costuma dizer — disse Michael. Elizabeth pegou no auscultador e atendeu: "Estou?" Ficou a ouvir com atenção por um momento e, a seguir, disse:

— Sim, está. Espere um momento, se faz favor. Estendeu o auscultador, tapando o bocal.

— É para ti, papá. É da Casa Branca.

— Mas que raio é que a Casa Branca quer de mim às dez da noite de uma sexta-feira?

— O presidente quer falar contigo.

Douglas levantou-se, com uma expressão na cara a meio caminho entre a perplexidade e o aborrecimento, e atravessou vagarosamente a sala, de copo de vinho na mão.

Pegou no telefone que Elizabeth segurava.

— Daqui fala Douglas Cannon... Sim, eu espero... Tapou o auscultador e disse:

— Vão pôr o filho-da-mãe em linha.

Elizabeth e Michael soltaram um risinho abafado. A animosidade entre os dois homens era lendária em Washington. Tinham sido as duas figuras mais poderosas no Comité de Serviços Armados do Senado. Durante muitos anos, Douglas fora o presidente e Beckwith, o membro republicano de posição mais elevada. Quando o GOP^[10] reconquistou o controlo do Senado, os dois homens trocaram de lugar. Na altura em que Douglas se reformou, quase não se falavam.

— Boa noite, senhor presidente — disse Douglas com um berro jovial, próprio de uma parada militar.

Maggie surgiu no cimo das escadas e silvou:

— Façam menos barulho ou vão acordar as crianças.

— Ele está a falar com o presidente — sussurrou Elizabeth, impotente.

— Bom, diga-lhe para o fazer mais baixo — respondeu Maggie, rodando nos calcanhares e voltando para o quarto das crianças.

— Estou óptimo, senhor presidente — estava a dizer Douglas. — O que é que posso fazer por si?

Douglas ficou a ouvir por um momento, sem dizer nada, passando uma mão distraidamente pelo espesso cabelo grisalho.

— Não, isso não seria de maneira nenhuma um problema, senhor presidente. De facto, seria encantador... Claro... Sim, senhor presidente... Muito bem, vemo-nos nessa altura.

Douglas pousou o auscultador e disse:

— O Beckwith quer conversar.

— Sobre o quê? — perguntou Michael.

— Não quis dizer. Ele foi sempre assim.

— Quando é que vais a Washington? — perguntou Elizabeth.

— Não vou — respondeu Douglas. — O sacana vem a Shelter Island no domingo de manhã.

Capítulo 6

TAFRAOUTE, MARROCOS

A neve cintilava nas encostas das montanhas do Atlas enquanto a caravana de Range Rover pretos roncava ao longo do trilho pedregoso e esburacado, em direcção à villa nova no cimo do vale. Os veículos eram iguais: pretos, com janelas de vidro fumado e reflector para proteger a identidade dos ocupantes. Todos os passageiros tinham vindo para Marrocos de pontos de embarque diferentes: América Latina, Estados Unidos, Médio Oriente, Europa Ocidental. Iriam todos partir rapidamente, apenas trinta e seis horas mais tarde, quando a conferência tivesse terminado. Havia poucos estrangeiros em Tafraoute nessa altura do ano — uma equipa de alpinistas da Nova Zelândia e uma banda de hippies envelhecidos de Berkeley que tinham aparecido nas montanhas para rezar e fumar haxixe — e a caravana de jipes atraiu os olhares arregalados de curiosos enquanto acelerava pelo vale. Crianças com túnicas coloridas e brilhantes colocavam-se à berma do trilho e acenavam excitadamente enquanto os veículos passavam a roncar numa nuvem de poeira de coloração avermelhada. Dentro das viaturas, ninguém retribuiu os acenos.

A Sociedade para o Desenvolvimento e a Cooperação Internacionais era uma organização completamente privada que não aceitava donativos do exterior nem novos membros, excepto aqueles que seleccionava depois de um processo de triagem rigoroso. Nominalmente, tinha a sua sede social em Genebra, num pequeno escritório com uma placa de ouro de muito bom gosto colocada numa porta austera, frequentemente confundido com um circunspecto banco suíço.

Apesar de o seu nome parecer benevolente, a Sociedade, como era conhecida entre os membros, não era uma ordem altruísta. Tinha sido formada nos anos imediatamente seguintes ao colapso da União Soviética e ao fim da guerra fria. Os seus membros incluíam vários membros actuais e antigos dos serviços secretos e de segurança ocidentais, fabricantes e traficantes de armas, e também líderes de organizações criminosas como as máfias russa e siciliana, cartéis da droga sul-americanos e organizações criminosas asiáticas.

O órgão decisório da Sociedade era o conselho executivo,

composto por oito membros. O director executivo era um antigo chefe dos serviços secretos britânicos, o lendário "C" do MI6. Era conhecido simplesmente como "o Director" e nunca era referido pelo nome verdadeiro. Enquanto agente operacional experiente que tinha feito o seu tirocínio nas bases do MI6 em Berlim e Moscovo, o Director supervisionava a administração da Sociedade e dirigia as suas operações a partir da mansão georgiana de alta segurança que possuía em Londres, em St. John's Wood.

O credo da Sociedade declarava que o mundo se tinha tornado um lugar mais perigoso na ausência de um conflito entre o Leste e o Ocidente. A guerra fria tinha proporcionado estabilidade e clareza, a nova ordem mundial, desordem e incerteza. As grandes nações tinham-se tornado complacentes; os grandes exércitos tinham sido castrados.

Por isso, a Sociedade procurava promover uma tensão global controlada e constante através de operações secretas. Actuando dessa forma, conseguia também ganhar uma grande quantidade de dinheiro para os seus membros e investidores.

Ultimamente, o Director procurara expandir o papel e o âmbito da Sociedade. Efectivamente, tinha transformado a organização num serviço secreto para os serviços secretos, uma unidade de operações ultra-secretas que podia levar a cabo acções que, por qualquer razão, um serviço legítimo considerasse demasiado arriscadas ou demasiado desagradáveis.

O Director e os seus quadros tinham tratado das medidas de segurança. A villa ficava na orla do pequeno vale, rodeada por uma cerca electrificada. O deserto à volta da villa era uma rochosa terra de ninguém, coberta por dezenas de câmaras de vigilância e detectores de movimento. Agentes da segurança da Sociedade fortemente armados, todos eles antigos membros da força de comandos de elite britânica, a SAS^[11], patrulhavam os terrenos. Instrumentos bloqueadores de rádio emitiam interferências electrónicas para perturbar quaisquer microfones de longo alcance. Os nomes verdadeiros nunca eram mencionados nas reuniões do conselho, pelo que cada membro recebia um nome de código: Rodin, Monet, Van Gogh, Rembrandt, Rothko, Miguel Angelo e Picasso.

Passaram o dia à volta da piscina grande, descontraindo ao ar frio e seco do deserto. Ao anoitecer, tomaram bebidas no amplo terraço de pedra, onde os aquecedores a gás afastavam com o calor o frio da noite, às quais se seguiu uma refeição simples de cuscuz marroquino.

A meia-noite, o Director veio pôr ordem à situação.

Ao longo de praticamente uma hora, o Director falou sobre o estado financeiro da Sociedade. Defendeu a sua decisão de transformar a organização, para que deixasse de ser um mero

catalisador para a instabilidade global e se tornasse num exército secreto a tempo inteiro. Sim, desviara-se do plano original, mas durante um breve período de tempo tinha conseguido encher os cofres da Sociedade com milhões de dólares em capital operativo, dinheiro que podia ser bem utilizado.

Os membros do conselho executivo interromperam numa respeitosa salva de palmas, própria de uma sala de reuniões. Sentados à volta da mesa, estavam comerciantes de armas e fornecedores do sector da defesa que enfrentavam mercados em queda, fabricantes de tecnologia química e nuclear que queriam impingir os seus produtos aos exércitos do Terceiro Mundo e chefes dos serviços secretos que se debatiam com orçamentos a encolherem e a perda de poder e influência nos seus capitais.

Durante a hora que se seguiu, o Director conduziu uma mesa-redonda acerca do estado do conflito global. De facto, parecia que o mundo não estava a cooperar com eles.

Sim, havia a ocasional guerra civil na Africa Ocidental, os eritreus e os etíopes andavam em conflito outra vez e a América do Sul continuava propícia à exploração.

Mas o processo de paz no Médio Oriente, apesar de tenso, não tinha fracassado por completo. Os iranianos e os americanos começavam a falar sobre um rapprochement.

Até os protestantes e os católicos da Irlanda do Norte pareciam estar a pôr de lado as suas diferenças.

— Talvez seja altura de fazermos alguns investimentos — disse o Director, em conclusão, olhando para as mãos enquanto falava. — Talvez seja altura de reinvestirmos algum do nosso capital neste ramo. Penso que é uma incumbência para cada um de nós procurar oportunidades onde quer que elas possam estar.

De novo, os aplausos e o tinido de talheres de prata a baterem nos copos interromperam-no. Quando o som se dissipou, abriu a reunião à discussão.

Rembrandt, um dos principais fabricantes mundiais de armas ligeiras, aclarou a garganta e disse:

— Talvez haja alguma maneira de ajudar a atihar as chamas na Irlanda do Norte.

O Director arqueou uma sobrancelha e pôs-se a catar a costura das calças. Andava à procura de uma maneira de explorar a situação irlandesa, mas mostrava-se relutante em intrometer-se num conflito que envolvia directamente o seu país. Tinha lidado com a Irlanda do Norte quando estava no MI6. Como muitos membros da comunidade da espionagem e de segurança, considerava o IRA um adversário digno, um exército de guerrilha profissional e disciplinado. Os paramilitares protestantes tinham-se mostrado em tudo diferentes,

maioritariamente gangsters e bandidos que empreendiam uma campanha de puro terror contra os católicos. Mas este novo grupo, a Brigada para a Libertação do Ulster, parecia diferente e isso intrigava-o.

— A Irlanda do Norte nunca foi um conflito extremamente lucrativo para as pessoas no meu ramo — continuou Rembrandt —, simplesmente por ser tão pequeno. O que me preocupa, no entanto, é a mensagem que o acordo de paz envia ao resto do mundo. Se os protestantes e os católicos da Irlanda do Norte podem aprender a viver em paz depois de centenas de anos de derramamento de sangue... bem, compreende o meu ponto de vista, Director.

— Na verdade, essa mensagem já vingou — interrompeu Rodin, um importante agente dos serviços secretos franceses. — O grupo separatista basco ETA declarou um cessar-fogo em Espanha. Dizem que foram inspirados pela paz na Irlanda do Norte.

— O que é que estás a sugerir, Rembrandt? — perguntou o Director.

— Talvez possamos estender a mão à brigada, oferecermo-nos para a ajudar — disse Rembrandt. — Se o passado servir de alguma indicação, é provavelmente um grupo muito pequeno, com pouco dinheiro e apenas um pequeno stock de armas e explosivos. Se quiserem continuar com a sua campanha, vão precisar de um patrocinador.

— Por acaso, penso que já podemos ter uma abertura — disse Monet.

O Director e Monet tinham trabalhado juntos contra as guerrilhas palestinianas que haviam transformado Londres num campo de recreio para terroristas na década de 1970. Monet era Ari Shamron, o chefe de operações dos serviços secretos israelitas, a Mossad.

— No mês passado, os nossos elementos em Beirute fizeram um relatório sobre um tipo chamado Gavin Spencer, um homem do Uls-ter que tinha ido ao Líbano para comprar armas. Na verdade, acabou por encontrar-se com um dos nossos agentes que se fazia passar por um traficante de armas.

— Os teus agentes venderam armamento ao Spencer? — perguntou o Director, ligeiramente admirado.

— As conversações continuam, Director — respondeu Monet.

— E partilhaste essa informação com os teus homólogos britânicos?

Monet abanou a cabeça.

— Talvez pudesses fazer com que um carregamento de armas vá parar às mãos da Brigada para a Libertação do Ulster — disse o Director a Monet. — Talvez pudesses usar os teus contactos na

comunidade bancária para arranjar financiamento para a encomenda em condições generosas.

— Penso que isso pode ser facilmente arranjado, Director — respondeu Monet.

— Muito bem — disse o Director. — Todos os que estão a favor da exploração de contactos com a Brigada para a Libertação do Ulster indiquem-no dizendo sim.

O voto foi unânime.

— Mais alguma questão antes de passarmos para o resto da ordem de trabalhos?

Mais uma vez, foi Monet quem falou:

— Se pudesse fazer o favor de nos pôr a par dos progressos no caso Ahmed Hussein, Director.

Ahmed Hussein era um dirigente do grupo fundamentalista muçulmano Hamas e o cérebro por detrás de uma série de atentados à bomba em Jerusalém e Telavive. A Mossad queria-o morto, mas Monet não se sentira confiante para entregar a missão a um esquadrão de assassinos da Mossad. Em Setembro de 1997, a Mossad tinha tentado matar um membro do Hamas chamado Khaled Meshal, em Amã. A tentativa fracassou e dois agentes da Mossad foram presos pela polícia jordana. Em vez de arriscar um novo falhanço embaraçoso, Monet tinha-se virado para a Sociedade para eliminar Ahmed Hussein.

— Entreguei o trabalho ao mesmo operacional que levou a cabo os contratos do Colin Yardley e do Eric Stoltenberg depois do caso TransAdantic — disse o Director.

— Está a preparar-se para partir para o Cairo e espero que dentro de poucos dias o Ahmed Hussein esteja bem morto.

— Excelente — disse Monet. — As informações de que dispomos indicam que o processo de paz no Médio Oriente não consegue sobreviver a outro golpe de peso. Se a operação for um sucesso, os Territórios Ocupados irão explodir. O Arafat não terá outra escolha a não ser sair das conversações. Espero que no final deste Inverno o processo de paz seja apenas uma má recordação.

Houve uma nova ronda de aplausos comedidos.

— O próximo ponto na ordem de trabalhos é uma actualização sobre os nossos esforços para alimentar o conflito entre a Índia e o Paquistão — disse o Director, olhando para os seus papéis. — Os paquistaneses estão a ter uns pequenos problemas com os seus mísseis de médio alcance e pediram a nossa ajuda para resolver os defeitos.

A reunião acabou logo a seguir ao amanhecer.

O membro do conselho com o nome de código Picasso atravessou a planície rosada que separa as montanhas do Adas de Marraquexe num Range Rover com motorista. Picasso tinha entrado em Marrocos com um passaporte falso, com o nome de Lisa Bancroft. O passaporte

verdadeiro estava fechado no cofre do seu quarto no hotel de cinco estrelas La Mamounia. Ao regressar ao quarto mais tarde nessa manhã, introduziu o código e a porta do cofre abriu-se com um estalido. O passaporte estava lá, bem como algum dinheiro e jóias.

O seu voo era só dali a seis horas, tempo suficiente para tomar banho e dormir cerca de uma hora. Picasso retirou os itens do cofre, despiu-se e estendeu-se na cama.

Abriu o passaporte e olhou para a fotografia.

"Engraçado", pensou ela, "não me pareço muito com o Picasso."

Capítulo 7

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

A equipa avançada da Casa Branca chegou no sábado de manhã e reservou todos os quartos disponíveis no Manhasset Inn, um hotel vitoriano nos Heights, de arquitectura extremamente ornamentada e com vista para Dering Harbor. O pessoal da Casa Branca tinha pedido delicadamente a Jack Ashcroft, um esgotado banqueiro no mercado de investimentos que tinha comprado o hotel com o bónus de um só ano, para manter esse facto confidencial. A visita do presidente era estritamente privada, explicaram, e ele queria o mínimo de atenção possível. Mas, fosse como fosse, Shelter Island era uma ilha, com o apetite de uma ilha para a bisbilhotice, e à hora de almoço já metade da povoação sabia que o presidente vinha fazer uma visita.

A meio da tarde, Jack Ashcroft começava a temer que fosse tudo um pesadelo. A sua amada estalagem fora virada do avesso. A galardoadada casa de jantar tinha sido transformada numa coisa chamada "centro de arquivo". As bonitas mesas de carvalho tinham dado lugar a hediondas mesas de banquete alugadas, envoltas em plástico branco. Umai equipa da companhia de telefones tinha instalado cinquenta linhas temporárias. Outra equipa esvaziara o salão com lareira, fazendo dele um centro de radiodifusão.

Cabos grossos serpenteavam pelos faustosos salões e uma antena parabólica portátil erguia-se no relvado da frente.

As equipas das cadeias noticiosas de televisão chegaram ao final da tarde, algumas vindas de Nova Iorque, outras de Washington. Jack Ashcroft ficou tão zangado, que foi para o quarto e ficou lá sentado numa postura de ioga, a repetir a Oração da Serenidade. Os produtores tinham os olhos remelosos e mostravam-se mal-humorados; os operadores de câmara pareciam pescadores de Greenport — musculosos e barbudos, com roupas que pareciam refugio do exército. Jogaram póquer até depois da meia-noite e esgotaram a cerveja do bar. Ao amanhecer, os serviços secretos espalharam-se pela ilha. Estabeleceram postos fixos nos dois locais da travessia do ferry e postos de controlo em todas as estradas que conduziam a Cannon Point. Atiradores especiais ocuparam as suas posições no telhado do velho edifício e pastores alemães treinados na detecção de bombas

vagueavam pelos vastos relvados, aterrorizando os esquilos e os veados de cauda branca. As equipas de televisão invadiram a marina de Coecles Harbor como um grupo de saqueadores e alugaram todos os barcos em que conseguiram pôr as mãos. Os preços subiram em flecha de um dia para o outro. A equipa da CNN teve de conformar-se com um Zodiac de três metros e meio que metia água, pelo qual pagou uns inacreditáveis quinhentos dólares. Um par de cúteres da guarda costeira montou vigilância no estreito de Shelter Island.

Às nove e meia, o autocarro alugado que trazia o corpo de imprensa destacado para a Casa Branca chegou ao Manhasset Inn. Os repórteres entraram a cambalear na pilhada sala de jantar de Jake Ashcroft como refugiados num centro de acolhimento.

E assim, um pouco depois das dez da manhã, tudo parecia estar no seu lugar quando o abafado tbump-thump-thump da hélice de um helicóptero se pôde ouvir a aproximar-se de Little Peconic Bay. O dia tinha amanhecido carregado de nuvens e húmido, mas, a meio da manhã, as nuvens tinham-se eclipsado e a ponta leste de Long Island cintilava ao sol brilhante do Inverno. Uma bandeira americana esvoaçava ao vento em Chequit Point. Havia uma grande faixa a dizer bem-vindo, presidente becwitth no telhado do Clube de Iate de Shelter Island e, por isso, o chefe do governo pôde lê-la quando o helicóptero a sobrevoou. Uma multidão de habitantes da ilha alinhou-se ao longo da Shore Road e a banda do liceu assinou uma animada mas desarticulada interpretação de "Hail to the Chief"^[12].

O helicóptero Marine One sobrevoou Nassau Point e Great Hog Neck. Passou rente às águas de Southold Bay e depois mais uma vez sobre terra, em Conkling Point. A multidão na Shore Road viu pela primeira vez o helicóptero presidencial quando este pairava sobre o estreito de Shelter Island. As equipas das estações noticiosas transportadas por água apontaram as suas câmaras para o céu e começaram a filmar. O Marine One flutuou sobre Dering Harbor, com o bater da hélice a provocar pequenas ondulações na superfície da água, e a seguir aterrou no relvado de Cannon Point, logo a seguir à antepara.

Douglas Cannon estava à espera, com Elizabeth e Michael e os seus dois retrievers. Os cães correram para eles quando James e Anne Beckwith desembarcaram do helicóptero vestidos para o campo, com calças de caqui engomadas e casacos impermeáveis verde-escuros.

Um pequeno grupo de repórteres — a chamada "equipa final" — tinha sido autorizado a entrar na propriedade para assistir à chegada.

— Porque é que estão aqui? — gritou a plenos pulmões um correspondente vestido de cabedal da ABC News.

— Só queremos passar algum tempo no campo com um velho amigo — gritou também o presidente, sorrindo.

— E onde é que vão agora? Douglas Cannon chegou-se à frente.

— Vamos à igreja.

A primeira-dama, Anne Beckwith — ou Lady Anne Beckwith, como era conhecida entre as classes tagarelas de Washington —, fora visivelmente apanhada de surpresa pelo comentário do senador. Tal como o marido, era quase uma ateia e detestava a viagem semanal à St. John's Episcopal Church, do outro lado da Lafayette Square, para uma hora de oração fingida e falsa reflexão. Mas, dez minutos mais tarde, um cortejo de automóveis improvisado avançava rugindo pela Manhasset Road, em direcção a St. Mary's. Passado pouco tempo, os dois velhos adversários encontravam-se ombro a ombro no banco da frente da igreja — Beckwith com o seu blaer azul, Cannon usando um casaco de tweed coçado com buracos nos cotovelos —, cantando a plenos pulmões "Deus é o Nosso Refúgio e Fortaleza"^[13].

Ao meio-dia, Beckwith e Cannon decidiram que estava na altura de velejar um pouco, apesar de a temperatura mal chegar aos cinco graus e de o vento soprar a uns vinte e cinco quilómetros por hora no estreito de Shelter Island. Para grande consternação dos serviços secretos, os dois homens embarcaram no Athena e partiram.

Deslocaram-se a motor pelo canal estreito que separa Shelter Island da confluência norte de Long Island e depois içaram as velas quando o Athena entrou nas águas abertas de Gardiners Bay. Atrás deles, vinham um cúter da guarda costeira, dois barcos a motor Boston Whaler repletos de agentes dos serviços secretos e meia dúzia de embarcações com a imprensa. Houve um contratempo; o Zodiac alugado pela CNN meteu água e afundou-se ao largo das rochas de Cornelius Point.

— Muito bem, senhor presidente — disse Douglas Cannon. — Agora que já demos aos media montes de fotografias bonitas, porque é que não me diz que diabo se passa?

O Athena progredia velozmente pela Gardiners Bay, em direcção a Plum Island, com o vento a soprar de popa, inclinando-se elegantemente para estibordo. Cannon estava sentado ao leme; Beckwith instalara-se no compartimento atrás da escada que liga o convés aos camarotes.

— Nunca fomos grandes amigos, senhor presidente. De facto, penso que o único evento social a que assistimos juntos foi o funeral da minha mulher.

— Fomos adversários quando estávamos no Senado — respondeu Beckwith. — Já foi há muito tempo. E deixa-te dessa treta do senhor presidente, Douglas. Já nos conhecemos há demasiado tempo para isso.

— Nunca fomos adversários, Jim. Desde que tu e a Anne chegaram a Washington que tinhas os olhos postos na Casa Branca. Eu

só queria ficar no Senado a fazer leis.

Gostava de ser legislador.

— E eras o raio de um legislador muito bom. Um dos melhores de sempre.

— Fico grato por isso, Jim — disse Cannon, olhando para as velas e franzindo o sobrolho. — Essa vela da bujarrona está a bolinar um pouco, senhor presidente. Importa-se de dar um puxão a esse cabo?

Orient Point passou a bombordo. As sirenes de nevoeiro costeiras retumbaram em tributo. Plum Island ficava directamente em frente à proa. Cannon virou para sul, em direcção a Gardiners Island, colocando o Athena com o vento de flanco.

— Quero que venhas trabalhar para mim — disse Beckwith bruscamente. — Preciso de ti e o país precisa de ti.

— E que queres que eu faça?

— Quero que vás para Londres como meu embaixador. Não posso ficar de braços cruzados e permitir que um bando de rufiões protestantes faça descarrilar o processo de paz. Preciso de um homem com prestígio em Londres imediatamente, e o Tony Blair também.

— Jim, tenho setenta e um anos. Estou reformado e feliz.

— Se a paz não se aguentar na Irlanda do Norte, a violência atingirá níveis nunca vistos desde os anos setenta. Não quero isso na minha consciência e acho que tu também não.

— Mas porquê eu?

— Porque és um estadista americano respeitado e ilustre. Porque os teus antepassados são originários da Irlanda do Norte. Porque, nas tuas declarações públicas sobre o conflito, tens sido igualmente duro com o IRA e com a maioria protestante. Porque ambos os lados vão confiar que sejas justo.

Beckwith hesitou um momento, olhando fixamente para a água.

— E porque o teu presidente está a pedir-te para fazeres uma coisa pelo teu país. Isso costumava significar alguma coisa em Washington. E acho que ainda significa alguma coisa para ti, Douglas. Não me faças pedir duas vezes.

— Estás a esquecer-te de uma coisa, Jim.

— A tentativa de assassinio do teu genro no ano passado?

— E da minha filha. Calculo que uma cópia do memorando do Michael tenha chegado à Sala Oval. Ele acha que um dos teus maiores benfeitores está por trás do ataque ao Voo 002 da TransAtlantic. E, sinceramente, acredito nele.

— De facto, vi o relatório dele — respondeu Beckwith, franzindo o sobrolho. — O Michael era um óptimo agente dos serviços secretos, mas as suas conclusões falharam o alvo. A sugestão de que um homem como o Mitchell Elliott pudesse ter alguma coisa a ver com o ataque a esse jacto é ridícula. Se eu pensasse que ele estava remotamente

envolvido, teria usado absolutamente todo o meu poder para garantir que fosse punido. Mas isso simplesmente não é verdade, Douglas. A Espada de Gaza abateu aquele avião.

— Se me nomeares, os homens do dinheiro do GOP vão ter um ataque. Londres vai sempre para um grande contribuinte.

— A melhor coisa de ser um peso morto, Douglas, é que já não preciso de me importar com o que a merda dos homens do dinheiro dizem.

— E em relação ao processo de homologação?

— Perdoa-me o trocadilho, mas vais passá-lo nas calmas, como se estivesses a velejar.

— Não estejas assim tão seguro. O Senado mudou desde a nossa saída. O teu partido enviou para lá um bando de jovens radicais e parece-me que eles querem queimar aquilo tudo.

— Eu trato dos jovens radicais.

— Não os quero a chatearem-me porque fumei marijuana algumas vezes. Fui professor universitário em Nova Iorque nos anos sessenta e setenta, por amor de Deus. Toda a gente fumava marijuana.

— Eu não.

— Bem, isso explica muita coisa. Beckwith riu-se.

— Vou falar pessoalmente com o membro republicano de posição mais elevada nos Negócios Estrangeiros. Vou dizer-lhe, sem margem para dúvidas, que a tua nomeação terá de receber o apoio unânime dos republicanos. E vai receber.

Cannon fingiu que estava a ponderar o assunto cuidadosamente, mas ambos sabiam que ele já tinha tomado a sua decisão.

— Preciso de tempo. Preciso de falar com a Elizabeth e o Michael. Tenho dois netos. Mudar-me para Londres nesta altura da minha vida não é uma coisa que possa fazer com ligeireza.

— Demora o tempo todo que for preciso, Douglas.

Cannon olhou por cima do ombro, para a quantidade de barcos que os seguiam ao longo da Gardiners Bay.

— Aquele cúter da guarda costeira tinha-me dado jeito há um par de anos.

— Ah, sim — disse o presidente. — Li acerca do teu pequeno acidente no mar, ao largo de Montauk Light. Como é que um velejador com a tua experiência se deixou apanhar de surpresa pelo mau tempo é uma coisa que me ultrapassa.

— Foi uma tempestade de Verão anormal!

— Não existem tempestades de Verão anormais. Devias ter estado a olhar para os céus e a ouvir a rádio. Onde é que aprendeste a velejar, já agora?

— Eu estava a controlar as condições. Aquilo foi uma tempestade tropical anormal.

— Tempestade tropical anormal, uma ova — respondeu o presidente. — Deve ter sido daquela marijuana toda que fumaste nos anos sessenta.

Os dois homens rebentaram a rir.

— Talvez seja melhor voltarmos para trás — disse Cannon. — Prepare-se para virar, senhor presidente.

— Ele quer que eu vá para Londres substituir o Edward Hathaway como embaixador — anunciou Cannon, ao subir as escadas da adega, segurando uma empoeirada garrafa de Bordéus.

O presidente e a primeira-dama tinham partido; as crianças dormiam no andar de cima. Michael e Elizabeth estavam esparramados nos sofás demasiado estofados ao lado da lareira. Cannon abriu o vinho e encheu três copos.

— E o que é que lhe disseste? — perguntou Elizabeth.

— Disse-lhe que tinha de discutir o assunto com a minha família. Michael interveio:

— Mas porquê você? O James Beckwith e o Douglas Cannon nunca foram exactamente grandes amigos.

Cannon repetiu as razões de Beckwith.

Michael anuiu:

— O Beckwith tem razão. Você arrasou todas as partes devido à conduta que levavam: o IRA, os paramilitares protestantes e os britânicos. E também impõe respeito pelo seu mandato no Senado. Isso tor-na-o um homem perfeito para ser enviado para o Palácio de St. James imediatamente.

Elizabeth franziu o sobrolho.

— Mas também tem setenta e um anos, está reformado e tem dois netos acabados de nascer. Esta não é a altura de ele ir a correr para Londres para ser embaixador.

— Não se diz não a um presidente — lançou Cannon.

— O próprio presidente devia ter tomado isso em consideração antes de te convidar — respondeu Elizabeth. — Além disso, Londres tem sido sempre uma nomeação política.

Deixa o Beckwith enviar um dos seus grandes doadores.

— O Blair pediu ao Beckwith para não fazer uma nomeação política. Quer um diplomata de carreira ou um político com prestígio... como aqui o teu pai — disse Cannon defensivamente.

Foi-se aproximando da lareira e remexeu as brasas com o atizador.

— Tens razão, Elizabeth — disse ele, contemplando as chamas. — Tenho setenta e um anos e sou provavelmente muito velho para aceitar uma nomeação para um cargo tão exigente. Mas o meu presidente pediu-me para o fazer e, raios me partam, quero fazê-lo. É difícil ficar à margem. Se puder ajudar a levar a paz à Irlanda do

Norte, tudo o que já consegui no Congresso revestir-se-á de pouca importância.

— Parece que já decidiste, papá.

— Sim, já decidi, mas quero a tua bênção.

— E quanto aos teus netos?

— Os meus netos só serão capazes de perceber a diferença entre mim e os cães daqui a seis meses.

Michael disse:

— Há outra coisa que tem de tomar em consideração, Douglas. Há menos de um mês, uma nova organização terrorista protestante deu provas da sua vontade e capacidade para atacar alvos de alta visibilidade.

— Tenho noção de que o trabalho não está isento de riscos. Em boa verdade, gostava de conhecer a natureza da ameaça e gostava de uma avaliação em que pudesse acreditar.

— O que é que estás a dizer, papá?

— Estou a dizer que o meu genro trabalhou em tempos para a CIA, infiltrando-se em grupos terroristas. Sabe uma ou outra coisa sobre este assunto e tem bons contactos.

Gostava que ele usasse esses contactos para eu saber aquilo que tenho de enfrentar.

— Oh, não. Não vou deixar que o Michael se vá embora de repente para fazer de freelancer para ti e ficarem os dois em perigo.

— Só estaria um par de dias em Londres — disse Michael. — É chegar e partir.

Elizabeth acendeu um cigarro e exalou o fumo por entre os lábios ríspidamente.

— Pois. Lembro-me da última vez que disseste isso.

Capítulo 8

MÍCONOS CAIRO

A casa de campo caiada agarrava-se aos penhascos do cabo Mavros, na desembocadura da baía de Panormos. Durante cinco anos, tinha estado vazia, com a excepção de um grupo de jovens bêbados, corretores da Bolsa ingleses, que arrendara a casa todos os Verões. Os donos anteriores, um romancista americano e a sua estonteante mulher mexicana, tinham-se ido embora por causa do eterno vento. Tinham confiado a propriedade a Stavros, o maior agente imobiliário da margem norte de Míconos, e voado para a Toscana.

O francês chamado Delaroche — pelo menos, Stavros partiu do princípio de que ele era francês — parecia não se importar com o vento. Tinha vindo para Míconos no Inverno anterior, com a mão direita fortemente ligada, e comprou a casa de campo depois de a inspeccionar durante cinco minutos. Nessa noite, Stavros celebrou a sua sorte com rodadas intermináveis de vinho e uzo ^[14] — em honra do francês, claro — oferecidas aos clientes habituais da taberna em Ano Mera. A partir desse momento, o enigmático Monsieur Delaroche tornou-se o homem mais popular da margem norte de Míconos, apesar de ninguém, excepto Stavros, lhe ter visto alguma vez a cara.

Poucas semanas depois da sua chegada, houve uma boa dose de especulação em Míconos em relação ao que faria exactamente o francês para viver. Era um pintor angelical, mas quando Stavros se ofereceu para organizar uma exposição numa galeria de um amigo, em Chora, o francês declarou que nunca vendia o seu trabalho. Era um ciclista diabólico, mas quando Kristos, o dono da taberna de Ano Mera, tentou recrutar Delaroche para o clube local o francês disse que preferia andar de bicicleta sozinho.

Alguns especularam que tinha nascido rico, mas foi ele próprio quem fez todas as reparações na casa de campo e era conhecido nas lojas da aldeia como sendo um cliente frugal. Não recebia visitas, não organizava festas e não andava com mulheres, ainda que muitas das raparigas de Míconos estivessem dispostas a oferecer de bom grado os seus serviços. O seu dia tinha a regularidade de um relógio. Montava a sua bicicleta de corrida italiana, pintava as suas pinturas, tomava conta da sua villa varrida pelo vento. Na maior parte dos dias, ao

anoitecer, podia ser visto nos rochedos de Linos, sentado a contemplar o mar. Segundo a lenda, tinha sido ali que Posídon tinha destruído Ajax, o Menor, pela violação de Cassandra.

Delaroche tinha passado o dia em Siro a pintar. Ao final da tarde, enquanto o Sol se punha no mar, voltou a Míconos de ferry. Ficou na coberta da proa a fumar um cigarro enquanto o barco entrava na baía de Korfos e atracava em Chora. Esperou até que toda a gente saísse antes de desembarcar.

Tinha comprado uma carrinha Volvo usada para os dias em que estivesse demasiado frio e chuvoso para andar de bicicleta. A carrinha estava à espera num parque de estacionamento deserto no terminal do ferry. Delaroche abriu a porta de trás e colocou as suas coisas no compartimento traseiro: uma mala grande e achatada, com as suas telas e a paleta, uma mala mais pequena com as tintas e pincéis. Entrou na carrinha e ligou o motor.

A viagem para norte, até ao cabo Mavros, levou apenas alguns minutos; Míconos é uma ilha pequena, cerca de quinze por dez quilómetros, e havia pouco trânsito na estrada por causa da época. O terreno próprio de uma paisagem lunar foi passando pelo cone amarelo dos faróis — sem árvores, árido, com as suas características rudes amaciadas por milhares de anos de habitação humana.

Delaroche estacionou no caminho de terra batida em frente à villa e saiu da carrinha. Teve de apoiar-se com força na porta para a conseguir fechar com o vento. Ondas com espuma branca brilhavam na baía de Panormos e mais adiante, no mar Jónico. Delaroche seguiu pelo pequeno carreiro até à porta da frente e enfiou a chave na fechadura.

Antes de abrir a porta, sacou uma pistola automática Beretta do coldre do ombro, por baixo do casaco de cabedal. O alarme chilreou suavemente quando ele entrou.

Desarmou o sistema, acendeu as luzes e percorreu toda a villa, divisória atrás de divisória, até se sentir seguro de que não estava lá ninguém.

Estava com fome depois de ter passado o dia a pintar e por isso foi para a cozinha preparar o jantar: uma omeleta de cebola, cogumelos e queijo, um prato de presunto de Parma, pimentos gregos assados e pão frito em azeite e alho.

Levou a comida para a mesa de madeira rústica da sala de jantar. Ligou o computador portátil, ligou-se à Internet e leu os jornais enquanto comia. Estava tudo calmo, tirando o vento a matraquear nas janelas com vista para o mar.

Quando acabou de ler, foi ver o e-mail. Havia uma mensagem, mas quando a abriu no ecrã apareceu uma série de caracteres sem sentido. Digitou a password e a algaraviada incompreensível

transformou-se num texto claro. Delaroche acabou de jantar enquanto estudava o dossiê do próximo homem que ia matar.

Jean-Paul Delaroche vivera em França a maior parte da sua vida, mas não era francês. Com o nome de código de Outubro, Delaroche tinha sido um assassino a soldo do KGB. Vivera e actuara exclusivamente na Europa Ocidental e no Médio Oriente e a sua missão tinha sido simples: criar o caos dentro da NATO, inflamando a tensão no interior das fronteiras dos seus Estados-membros. Quando a União Soviética se desmoronou, homens como Delaroche não foram absorvidos pelo sucessor mais apresentável do KGB, os Serviços Secretos Externos; passou a trabalhar por conta própria e tornou-se rapidamente no mais solicitado assassino contratado a nível mundial. Agora, trabalhava apenas para uma pessoa, um homem que conhecia apenas como o Director. Recebia pelos seus serviços um milhão de dólares por ano.

No dia seguinte, o nevoeiro marítimo pairava sobre os penhascos enquanto Delaroche avançava numa pequena lambreta italiana pela via estreita por cima da baía de Panormos. Almoçou na taberna de Ano Mera: peixe, arroz, pão e salada, com azeite e fatias de ovo cozido. Depois do almoço, atravessou a aldeia até ao mercado da fruta. Comprou vários melões e colocou-os dentro de um saco de papel grande, que segurou entre as pernas enquanto seguiu com a lambreta para um trecho de caminho deserto nas colinas áridas por cima da baía de Merdias.

Parou a lambreta junto a um afloramento de rochas. Tirou um melão do saco e colocou-o no rebordo de uma rocha, de modo a que estivesse aproximadamente ao mesmo nível da sua cabeça. A seguir, tirou mais três melões e colocou-os ao longo do caminho, a cerca de vinte metros de distância. Tinha a Beretta num coldre de ombro por baixo do braço esquerdo. Conduziu cerca de duzentos metros pelo caminho, parou e deu a volta. Enfiou a mão no bolso do casaco e calçou um par de luvas de couro pretas.

Havia um ano, durante a sua última missão, o homem que fora contratado para matar alvejara-o na mão direita. Tinha sido a única vez que Delaroche não tinha cumprido os termos de um contrato. O tiro tinha deixado uma cicatriz enrugada e feia. Podia fazer muitas coisas para alterar a sua aparência — deixar crescer a barba, usar óculos de sol e um chapéu, pintar o cabelo —, mas não podia fazer nada a respeito da cicatriz a não ser escondê-la.

De repente, acelerou a fundo com a lambreta e seguiu a toda a velocidade pelo trilho, com a poeira a pairar numa pequena nuvem atrás de si. Manobrou com perícia por entre os obstáculos. Enfiou a mão por baixo do braço esquerdo, sacou da arma e apontou-a ao alvo que se aproximava. Ao passar velozmente por ele, disparou três vezes.

Delaroche parou, deu a volta e foi inspecionar o melão.

Nenhum dos três tiros tinha atingido o alvo.

Praguejou baixinho e reproduziu toda a cena na sua cabeça, tentando determinar porque tinha falhado. Olhou para as mãos. Nunca tinha usado luvas e não gostava da sensação; roubavam-lhe a sensibilidade da mão para usar a arma e era difícil sentir o gatilho contra o indicador. Tirou-as, enfiou a Beretta no coldre, avançou a grande velocidade pelo caminho e deu a volta.

Acelerou de novo a fundo e ziguezagueou velozmente pelo meio dos melões. Sacou a Beretta e disparou ao passar pelo alvo. O melão desintegrou-se num clarão amarelo.

Delaroche afastou-se rapidamente.

Ahmed Hussein estava a morar num atarracado prédio de apartamentos de quatro andares em Ma'adi, um subúrbio poeirento ao longo do Nilo, a alguns quilómetros a sul do centro do Cairo. Hussein era baixo, com menos de um metro e sessenta e cinco de altura, e delgado. Tinha o cabelo cortado rente e a barba devotamente mal tratada. Tomava todas as refeições e recebia todas as visitas dentro do apartamento, aventurando-se fora dele apenas para ir à mesquita do outro lado da rua, cinco vezes por dia, para rezar. Às vezes, parava no café ao lado da mesquita para tomar chá, mas geralmente o seu magote de seguranças amadores insistia que ele voltasse directamente para o apartamento.

Às vezes, amontoavam-se todos num Fiat azul-escuro para fazer a curta viagem até à mesquita; outras vezes, iam a pé. Estava tudo no dossiê.

Delaroche começou a sua viagem para o Cairo três dias depois, numa manhã carregada de nuvens e sem vento. Tomou café no seu terraço acima do cabo Mavros, com um mar calmo à sua volta, e depois foi com o Volvo até Chora e deixou-o num parque de estacionamento. Podia ter voado directamente para Atenas, mas decidiu apanhar um ferry para Paros e voar a partir daí. Não tinha pressa e queria manter-se atento a eventuais sinais de vigilância. Enquanto o barco partia da baía de Korfos e passava pela pequena ilha de Delos, pas-seou-se pelas cobertas e examinou as caras dos outros passageiros, memorizando-as.

Em Paros, Delaroche apanhou um táxi que o levou da zona portuária para o aeroporto. Passou o tempo numa cabina telefónica, numa tabacaria e num café, sempre a controlar os rostos à sua volta. Embarcou no voo para Atenas; nenhum dos passageiros a bordo tinha vindo no ferry. Delaroche recostou-se e desfrutou do voo curto, olhando para o mar invernosoz cinzento-esverdeado a passar por baixo da janela.

Passou a tarde em Atenas, visitando os locais históricos, e à noite

embarcou num voo para Roma. Registou-se num pequeno hotel na Via Veneto, sob o nome de Karel van der Stadt, e começou a falar num inglês fragmentado com sotaque holandês.

Roma estava fria e húmida, mas ele tinha fome e por isso apressou-se por entre a chuvinha miudinha até chegar a um bom restaurante que conhecia na Via Borghese.

Os empregados trouxeram vinho tinto e entradas sem fim: tomate e moarella, beringela assada, pimentos marinados em azeite e especiarias, omeleta e presunto de Parma.

Quando as entradas acabaram, o empregado apareceu e disse simplesmente: "Carne ou peixe?" Delaroche comeu robalo com batatas cozidas.

Depois do jantar, voltou para o hotel. Sentou-se à pequena secretária e ligou o seu Notebook. Ligou-se à Internet e descarregou um ficheiro encriptado. Teclou a password e, uma vez mais, a algaraviada tornou-se um texto claro. O novo ficheiro era um relatório de vigilância actualizado das actividades de Ahmed Hussein no Cairo. Delaroche tinha trabalhado para um serviço de espionagem profissional e sabia reconhecer um bom trabalho de campo quando o via. Hussein estava sob a vigilância de um serviço de topo no Cairo, provavelmente a Mossad.

De manhã, Delaroche apanhou um táxi para o Aeroporto Leonardo da Vinci e embarcou ao início da tarde num voo da Egypt Air para o Cairo. Registou-se num pequeno hotel egípcio na baixa da capital e mudou para roupas mais leves. Ao final da tarde, apanhou um táxi! para Ma'adi. O condutor acelerou pela Comiche, desviando-se de ciclistas e carroças puxadas por burros enquanto o Sol que se punha transformava o Nilo numa fita dourada.

Ao anoitecer, Delaroche estava a tomar chá doce com bolos num café do outro lado da rua do apartamento de Ahmed Hussein. O muezim fazia soar o chamamento da tarde para a oração e os fiéis afluíam em catadupa em direcção à mesquita. Ahmed Hussein encontrava-se entre eles, rodeado pelo seu heterogéneo grupo de guarda-costas. Delaroche analisou Hussein cuidadosamente. Pediu mais chá e visualizou como o iria matar no dia seguinte.

Na manhã seguinte, Delaroche almoçou no café cheio de sol no terraço do Hotel Nile Hilton. Avistou o homem louro de óculos de sol, sentado sozinho no meio dos turistas e dos egípcios ricos, com uma grande garrafa de cerveja Stella e um copo meio vazio. Uma pasta diplomática fina e preta encontrava-se na cadeira ao lado dele.

Delaroche encaminhou-se para a mesa.

— Importa-se que lhe faça companhia? — perguntou num inglês com sotaque holandês.

— Na realidade, já estava de saída — respondeu o homem,

levantando-se.

Delaroche sentou-se e encomendou o almoço. Pousou a pasta diplomática no chão, ao lado do pé.

Depois do almoço, Delaroche roubou uma lambreta. Estava estacionada em frente do Nile Hilton, no meio da loucura da Tahrir Square, e ele demorou apenas alguns segundos para conseguir ligar a ignição e pôr o motor a trabalhar. Era azul-escuro, coberta com uma fina camada de poeira do Cairo, e parecia estar a funcionar bem. Havia até um capacete com um visor escuro.

Seguiu para sul, atravessando a zona de Garden City — passando pela embaixada americana fortificada e por vivendas delapidadas, tristes recordações de um tempo mais grandioso. O que estava dentro da pasta diplomática, uma Beretta automática de nove milímetros e um silenciador, encontrava-se agora num coldre por baixo do seu braço esquerdo. Acelerou por uma viela estreita, passando pelas traseiras do velho Hotel Shepherd, virou para a Comiche e seguiu a toda a velocidade para sul, ao longo do Nilo.

Chegou a Ma'adi antes do pôr do Sol. Ficou à espera a cerca de duzentos metros da mesquita, enquanto comprava pão sem fermento e limas a um rapazinho camponês na esquina da rua, com a cabeça coberta pelo capacete. A voz amplificada do muezim soou e a chamada para a oração ecoou por toda a zona.

Deus é muito grande.

Eu testemunho que não há deus senão Deus.

Eu testemunho que Maomé é o Profeta de Deus.

Venham orar.

Venham vencer.

Deus é muito grande.

Não há deus senão Deus.

Delaroche viu Ahmed Hussein sair do apartamento, rodeado pelos guarda-costas, atravessar a rua e entrar na mesquita. Deu ao miúdo algumas piastras amarrotadas para pagar o pão e as limas, subiu para a lambreta e ligou o motor.

De acordo com os relatórios, Ahmed Hussein ficava sempre na mesquita pelo menos dez minutos. Delaroche avançou até meio do quarteirão e parou num quiosque. Descontraidamente, comprou um maço de cigarros egípcios, algumas guloseimas e giletes. Guardou tudo isso no saco grande com o pão e as limas.

Os fiéis começaram a sair a conta-gotas da mesquita.

Delaroche pôs o motor a trabalhar.

Ahmed Hussein e os seus guarda-costas saíram da mesquita, em direcção ao crepúsculo rosado.

Delaroche acelerou a fundo e a mota arrancou com um salto. Avançou a toda a velocidade pela estrada poeirenta, ziguezagueando pelo meio de peões e carros lentos, exactamente como tinha treinado no caminho por cima da baía de Merdias, e com uma derrapagem fez parar a mota em frente à mesquita. Ao pressentirem problemas, os guarda-costas tentaram cerrar fileiras em torno do seu homem.

Delaroche enfiou a mão no casaco e sacou a Beretta.

Apontou-a a Hussein e fez pontaria ao rosto; a seguir, baixou a pistola alguns centímetros e carregou rapidamente no gatilho três vezes. Todos os tiros atingiram Ahmed Hussein no peito.

Dois dos quatro guarda-costas puxaram das armas por baixo das roupas. Delaroche atingiu um no coração e o outro na garganta. Os dois últimos guarda-costas atiraram-se para o chão, ao lado dos corpos. Delaroche acelerou a fundo e afastou-se velozmente.

Desapareceu no meio dos apinhados bairros-de-lata no Sul do Cairo, largou a mota numa viela e atirou a Beretta para um esgoto. Duas horas depois, embarcou num voo da Alitalia para Roma.

Capítulo 9

LONDRES

— Quanto tempo é que vai ficar no Reino Unido? — perguntou sem ponta de emoção o funcionário do guiché de controlo de passaportes.

— Só um dia.

Michael Osbourne entregou o passaporte, que tinha o seu nome verdadeiro porque a CIA lhe tinha ficado com os passaportes falsos quando ele se reformara — pelo menos, aqueles de que tinham conhecimento. Ao longo dos anos, vários serviços de espionagem com quem os americanos mantinham boas relações também lhe tinham concedido passaportes por cortesia profissional. Podia viajar como espanhol, italiano, israelita ou francês. E até obtivera um passaporte egípcio de um elemento que fazia parte dos serviços secretos desse país, o que lhe permitia entrar em certos países do Médio Oriente como árabe em vez de estrangeiro. Nenhum desses serviços secretos tinha pedido que lhes devolvessem esses passaportes depois de Michael abandonar o mundo da espionagem. Estavam fechados no cofre de Douglas Cannon em Shelter Island.

A inspecção ao passaporte estava a demorar mais do que o habitual. Obviamente, tinha sido marcado pelos serviços de segurança britânicos. Da última vez que estivera em Inglaterra, Michael tinha sido apanhado no meio do ataque da Espada de Gaza ao Aeroporto de Heathrow. Também levara a cabo uma reunião não autorizada com um homem chamado Ivan Drozdov — um desertor do KGB sob a protecção do MI6 — que tinha sido assassinado mais tarde nesse dia.

— Onde é que vai ficar no Reino Unido? — perguntou o funcionário com uma voz inexpressiva, enquanto lia algo no pequeno ecrã do computador à sua frente.

— Em Londres — respondeu Michael. O funcionário olhou para cima.

— Em que sítio de Londres, senhor Osbourne?

Michael indicou a morada de um hotel em Knightsbridge ao funcionário, que a apontou diligentemente. Sabia que ele daria o endereço ao supervisor e que o supervisor o daria aos serviços de segurança internos da Grã-Bretanha, o MI5.

— Tem uma reserva feita nesse hotel, senhor Osbourne?

— Sim, tenho.

— Está em seu nome?

— Sim.

O funcionário devolveu-lhe o passaporte.

— Tenha uma boa estadia.

Michael apanhou o seu pequeno saco de roupa, passou pela alfândega e entrou no átrio das chegadas. Tinha telefonado do avião para o seu antigo serviço de carros de aluguer em Londres. Perscrutou a multidão que estava à espera, à procura do motorista e, instintivamente, de qualquer indício de vigilância: uma cara familiar, uma figura que por qualquer razão parecesse deslocada, um par de olhos a observá-lo.

Descortinou um pequeno motorista de limusina com um fato escuro e a segurar um cartão que dizia SR. stafford. Michael atravessou o átrio e disse:

— Vamos embora.

— Quer que leve o seu saco?

— Não, obrigado.

Michael deixou-se cair no banco de trás do grande Rover enquanto este ia avançando lentamente pelo trânsito cerrado da manhã, em direcção ao West End. A auto-estrada tinha dado lugar às fachadas eduardianas dos hotéis ao longo da Cromwell Road. Michael conhecia Londres perfeitamente; tinha vivido num apartamento em Chelsea durante mais de dez anos, quando era agente operacional. A maior parte dos agentes da CIA colocados no estrangeiro trabalha a partir de embaixadas, com cargos diplomáticos a servirem de disfarce. Mas Michael tinha trabalhado em contraterrorismo, recrutando e orientando agentes nos campos de recreio para terroristas na Europa e no Médio Oriente. Uma tarefa desse género era praticamente impossível sob disfarce diplomático e, por isso, Michael tinha actuado como um NOC^[15], o que no léxico da CIA significava possuir um "disfarce não oficial". Fez-se passar por um vendedor de uma companhia que desenhava sistemas informáticos de gestão de empresas. A companhia era uma fachada da CIA, mas o cargo permitia a Michael viajar pela Europa e Médio Oriente sem levantar suspeitas.

O agente responsável por Michael, Adrian Cárter, costumava dizer que, se existia alguém nascido e criado para espiar, esse alguém era Michael Osbourne. O pai tinha trabalhado para o OSS^[16] durante a Segunda Guerra Mundial, entrando depois para o serviço clandestino do seu sucessor, a CIA. Michael e a mãe, Alexandra, seguiram-no da posto para posto — Roma, Beirute, Atenas, Belgrado e Madrid — com pequenas passagens pela sede. Enquanto o pai orientava espões russos, Michael e a mãe absorviam línguas e culturas. A pele e o

cabelo escuro permitiam-lhe passar por italiano ou espanhol, ou mesmo por um determinado tipo de árabe libanês. Costumava testar-se a si próprio em mercados e cafés para ver quanto tempo passava sem que reconhecessem que era um forasteiro. Falava italiano com sotaque de Roma e espanhol como se fosse natural de Madrid. Tinha algumas dificuldades com o grego, mas dominava o árabe de forma tão perfeita, que os donos das lojas no soukh de Beirute partiam do pressuposto de que era libanês e não o enganavam.

O carro chegou ao hotel. Michael pagou ao motorista e saiu. Era um hotel pequeno, sem porteiro nem concierge — apenas uma bonita rapariga polaca atrás de uma secretária de carvalho, com chaves penduradas em cavilhas por trás de si. Registou-se e pediu serviço de despertar para as 14h.

A reforma não tinha conseguido fazer com que Michael perdesse uma saudável paranóia profissional. Durante cinco minutos, inspeccionou o quarto, virando candeeiros, abrindo portas de armários, desfazendo o telefone e depois montando-o outra vez cuidadosamente. Tinha realizado o mesmo ritual em milhares de quartos de hotel, numa centena de cidades diferentes. Apenas uma vez descobrira uma escuta — uma peça de museu de fabrico soviético toscamente ligada ao telefone de um quarto de hotel em Damasco.

A revista que efectuou não resultou em nada. Ligou a televisão e viu o noticiário da manhã na BBC.

A ministra para a Irlanda do Norte, Mo Mowlam, asseverou que nunca será permitido ao novo grupo paramilitar protestante, a Brigada para a Libertação do Ulster, destruir o acordo de Sexta-Feira Santa. Pediu ao chefe de polícia da RUC, Ronnie Flanagan, que redobrasse os esforços para capturar os líderes do grupo terrorista.

Michael desligou a televisão e fechou os olhos, ainda vestido com a roupa que usara durante a viagem. Foi adormecendo e acordando sucessivamente, debatendo-se com o cobertor e suando por baixo da roupa, até o telefone tocar com grande alarido. Por um instante, pensou que tinha sido transportado para lá da Cortina de Ferro, mas era apenas a rapariga polaca da recepção, de cabelos cor de linho, a informá-lo gentilmente que eram duas horas da tarde.

Pediu para lhe trazerem café, tomou um duche e vestiu umas calças de ganga, sapatos de camurça, uma camisola de gola alta preta e um blazer azul. Pendurou o aviso de não incomodar na maçaneta da porta e deixou um sinal na ombreira.

Lá fora, o céu estava da cor da pólvora e o vento frio dobrava as árvores do Hyde Park. Levantou a gola do seu sobretudo, prendeu o cachecol ao pescoço com um nó e começou a andar, primeiro ao longo da Knightsbridge e, a seguir, pela Brompton Road. Descobriu o primeiro vigia: pouco cabelo, na casa dos quarenta, casaco de cabedal,

barba por fazer no queixo. Anónimo, vulgar, nada ameaçador, perfeito para o trabalho de rua.

Comeu uma omeleta num café francês na Brompton Road e leu o Evening Standard. Um líder do grupo muçulmano fundamentalista Hamas tinha sido assassinado no Egipto.

Michael leu o artigo e depois leu-o uma segunda vez e pensou nele mais um bocado enquanto caminhava para o Harrods. O vigia meio careca tinha desaparecido e havia um novo no seu lugar — o mesmo modelo, mas com um casaco Barbour verde-floresta em vez de um casaco de cabedal. Entrou no Harrods, fez uma visita obrigatória ao altar dedicado a Dodi e Diana e, a seguir, subiu pelas escadas rolantes. O homem do casaco Barbour seguiu-o. Comprou uma camisola escocesa para Douglas e uns brincos para Elizabeth. Tornou a descer as escadas e deambulou pelo átrio da comida. Um novo vigia estava a segui-lo; uma jovem bastante atraente, com calças de ganga, botas de combate e um casaco acolchoado castanho-claro.

Tinha caído a noite, e com ela viera uma chuva varrida pelo vento. Deixou o saco do Harrods na recepção do hotel e fez sinal a um táxi para parar. Durante a hora e meia seguinte, deslocou-se sem parar pelo West End — de táxi, de metro e de autocarro —, passando por Belgravia, Mayfair, Westminster e, por fim, Sloane Square.

Caminhou para sul, até alcançar o Chelsea Embankment.

Ficou parado à chuva, a olhar para as luzes da Chelsea Bridge. Tinham passado mais de dez anos desde a noite em que Sarah Randolph tinha sido morta a tiro naquele sítio, mas a imagem da morte dela de-senrolou-se nos seus pensamentos como se estivesse gravada em vídeo. Viu-a, a andar na sua direcção, com a saia comprida a dançar à frente das botas de camurça e o Embankment a brilhar com a neblina do rio. Foi então que o homem apareceu, o homem de cabelo preto, com olhos azuis brilhantes e uma pistola automática com silenciador — o assassino do KGB que Michael conhecia apenas como Outubro, o mesmo homem que tinha tentado assassinar Michael e Elizabeth em Shelter Island. Michael fechou os olhos enquanto o rosto de Sarah lhe irrompia pelos pensamentos. A CIA assegurara-lhe que Outubro estava morto, mas agora, depois de ter lido o relato do assassinio de Ahmed Hussein no Cairo, ele não tinha tanta certeza.

— Acho que estou a ser seguido — disse Michael, de pé junto à janela com vista para a Eaton Place.

— E estás a ser seguido — respondeu Graham Seymour. — O departamento marcou o teu passaporte. Foste um rapaz muito maroto da última vez que fizeste uma visita à nossa formosa ilha. Apanhámos-te esta manhã em Heathrow.

Michael aceitou o copo de scotch oferecido por Graham e sentou-

se na poltrona de orelhas junto à lareira. Seymour abriu uma cigarreira de ébano na mesa de café e tirou dois Dunhill, um para si próprio e outro para Michael. Sentaram-se em silêncio, dois velhos companheiros que já tinham contado um ao outro todas as histórias que conheciam, contentes apenas por se sentarem na presença um do outro. Vivaldi tocava baixinho no elaborado sistema de som alemão. Graham fechou os olhos cinzentos e saboreou o cigarro e o uísque.

Graham Seymour trabalhava para a divisão de contraterrorismo do MI5. Tal como Michael, fora uma criança-prodígio. O pai tinha trabalhado de perto com John Masterman na operação Traição^[17] do MI5 durante a Segunda Guerra Mundial, capturando espiões alemães e lançando-os contra os seus chefes da Abwehr^[18], em Berlim. Tinha continuado no MI5 depois do final da guerra e trabalhado contra os russos. Harold Seymour era uma lenda, e o filho andava permanentemente a chocar com a sua memória na sede e a dar de caras com as suas proezas nos ficheiros de casos antigos. Michael compreendia a pressão que isso colocava em Graham, porque também ele tinha passado pela mesma coisa na CIA. Os dois homens desenvolveram uma amizade quando Michael se encontrava colocado em Londres. Tinham trocado informações de tempos a tempos e tinham-se protegido mutuamente. Ainda assim, as amizades têm limites bem definidos no ramo da espionagem, e Michael mantinha uma saudável desconfiança profissional em relação a Graham Seymour. Sabia que ele o apunhalaria pelas costas se o MI5 lhe ordenasse que o fizesse.

— Não é prejudicial para ti seres visto com um leproso como eu? — perguntou Michael.

— Um jantar com um velho amigo, meu caro. Não há mal nenhum nisso. Além do mais, tenciono servir-lhes uns bons mexericos sobre o funcionamento interno das coisas em Langley.

— Há mais de um ano que não ponho os pés em Langley.

— Ninguém se reforma verdadeiramente neste ramo. O departamento perseguiu o meu pai até ao dia em que ele morreu. De cada vez que acontecia alguma coisa especial, enviavam alguns homens simpáticos para prestarem tributo ao grande Harold.

Michael levantou o copo e disse:

— Ao grande Harold.

— Apoiado.

Graham bebeu um pouco de uísque.

— Então, afinal de contas, como é que é estar reformado?

— Uma treta.

— A sério?

— Sim, a sério — disse Michael. — Foi bom durante um período, especialmente enquanto estive a recuperar, mas passado algum tempo

comecei a dar em doido. Tentei escrever o meu livro, mas depois decidi que escrever as minhas memórias aos quarenta e oito anos era um exercício de extrema e exclusiva absorção comigo próprio. Por isso, leio livros de outras pessoas, arrasto-me por aí e dou longas caminhadas por Manhattan.

— Então e as crianças? — Graham fez a pergunta com o cepticismo de um homem que tinha elevado a ausência de filhos a uma religião. — Como é ser pai pela primeira vez, com a tua idade?

— Que raio é que queres dizer com isso da "tua idade"?

— Quero dizer que tens quarenta e oito anos, meu caro. A primeira vez que tentares jogar uma partida de ténis com os teus filhos podes muito bem cair morto com um ataque de coração.

— É maravilhoso — respondeu Michael. — E a melhor coisa que alguma vez fiz.

— Mas...? — perguntou Graham.

— Mas passo o dia inteiro fechado no apartamento com as crianças e estou a começar a ficar ligeiramente doido.

— Então, que estás a pensar fazer com o resto da tua vida?

— Arranjar um problema com a bebida. Mais scotch, se fazes favor.

— Com certeza — disse Graham.

Fez um grande alarde ao agarrar a garrafa com as suas grandes mãos e deitar um nadinha de uísque no copo de Michael. Graham possuía uma grande destreza, uma elegância escandalosa e nada artificial, até mesmo no mais simples dos gestos. Michael achava-o demasiado bonito para ser espião: os olhos cinzentos meio fechados que projectavam uma insolência aborrecida, os traços finos que seriam atraentes na cara de uma mulher. No seu íntimo, era um artista, um pianista dotado que podia ter ganho a vida nos palcos dos concertos e não no palco da espionagem, caso o tivesse decidido fazer. Michael partiu do pressuposto de que tinham sido os feitos heróicos do pai em tempo de guerra — "o raio da sua guerra maravilhosa", tinha rosnado uma vez Graham depois de beber demasiado Bordéus — que o haviam levado ao trabalho de espionagem.

— Então, quando o senador te pediu para te armares em freelancer em relação à Brigada para a Libertação do Ulster...

— Eu não bati propriamente com os pés no chão e resisti.

— E a Elizabeth percebeu o teu joguinho?

— A Elizabeth percebe tudo. Ela é advogada, lembras-te? E bem boa, caraças. E também teria dado um excelente agente secreto. — Michael hesitou por um momento.

— Então, o que é que me podes dizer sobre a Brigada para a Libertação do Ulster?

— Muitíssimo pouco, receio. — Graham hesitou. — As regras

habituais do jogo, certo, Michael? Quaisquer informações que eu te dê servem exclusivamente para a tua documentação. Não as podes partilhar com nenhum membro do teu antigo serviço... ou de outro serviço qualquer, já agora.

Michael levantou a mão direita e disse:

— Palavra de honra.

Graham falou durante vinte minutos sem interrupção. As organizações de espionagem e segurança britânicas não tinham a certeza se a Brigada para a Libertação do Ulster reunia cinco membros ou quinhentos. Centenas de conhecidos membros de organizações paramilitares protestantes tinham sido interrogados e nenhum tinha fornecido uma única pista útil. A sofisticação dos ataques sugeria que o grupo possuía conhecimentos e apoios financeiros importantes. Havia também provas que indicavam que os líderes iriam até às últimas consequências para salvaguardar a segurança interna. Charlie Bates, um protestante suspeito do assassinio de Eamonn Dillon, fora descoberto morto a tiro num celeiro à saída de Hillsborough, no condado de Armagh, e os bombistas de Dublin e Londres tinham morrido ambos nas explosões — um facto que não tinha sido tornado público.

— Isto é a Irlanda do Norte, não é Beirute Ocidental — disse Graham. — Os norte-irlandeses não são bombistas suicidas. Isso não faz simplesmente parte da textura do conflito.

— Portanto, os líderes da Brigada para a Libertação do Ulster recrutam agentes sem ligações paramilitares conhecidas para executar as acções e a seguir certificam-se de que eles morrem para que não fique ninguém para trás que possa falar.

— Parece ser esse o caso — respondeu Graham.

— Então, o que é que esta Brigada para a Libertação do Ulster está a tentar fazer?

— Se os levarmos à letra, estão determinados a destruir o processo de paz. Se os julgarmos pelas acções, não se irão contentar em matar alguns simples católicos como fazem os seus irmãos protestantes da Força de Voluntários Lealistas^[19]. Demonstraram a sua vontade em atacar alvos desprotegidos com alta visibilidade e em derramar sangue inocente.

— A mim, parece-me que estão determinados a castigar todas as partes envolvidas no processo de paz.

— Exactamente — respondeu Graham. — O governo irlandês, o governo britânico, o Sinn Féin. E acho que os líderes dos partidos protestantes que assinaram o acordo também deviam ter cuidado.

— E os americanos?

— O vosso senador George Mitchell mediou o acordo de Sexta-Feira Santa e os protestantes da linha dura nunca foram muito à bola

com os americanos. Aham que vocês tomaram claramente o partido dos católicos e querem que o Norte se una à República da Irlanda.

— Logo, o embaixador americano em Londres terá de considerar-se ele próprio um alvo potencial.

— A Brigada para a Libertação do Ulster já demonstrou muito claramente que tem a vontade e os conhecimentos para levar a cabo actos de terrorismo impressionantes.

Atendendo aos seus feitos até à data, eliminar um embaixador americano parece ser uma possibilidade razoável.

Uma hora mais tarde, encontraram-se com a mulher de Graham, Helen, num restaurante francês chamado Marcello's, em Covent Garden. Helen estava vestida de preto: uma camisola preta muito justa, uma saia preta curta, meias pretas e sapatos pretos com saltos impossivelmente grossos. Passava por fases, como se fosse uma adolescente.

Da última vez que Michael tinha estado em Londres, Helen encontrava-se em pleno período mediterrânico — andava vestida como uma camponesa grega e cozinhava só com azeite. Depois de muito tempo afastada de qualquer exercício profissional, aceitara recentemente um cargo de directora artística numa editora com muito sucesso.

O novo emprego trazia consigo um invejado espaço no parque de estacionamento da empresa. Tinha requisitado o BMW de Graham e insistia em ir de carro para o trabalho todas as manhãs, a ouvir os seus pavorosos CD de rock alternativo e a gritar com a mãe ao telemóvel, apesar de a viagem demorar metade do tempo se fosse feita de metro. Era o género de mulher que dava a volta à cabeça dos membros do Departamento de Recursos Humanos. Graham fazia-lhe as vontades porque era linda e porque era dotada. Possuía uma paixão pela vida que o serviço tinha extinguido há muito nele. Usava-a como quem usa uma gravata espalhafatosa.

Helen já estava sentada numa mesa ao pé da janela, a beber um copo de vinho de Sancerre. Levantou-se, deu um beijo na cara de Michael e abraçou-o com força por um momento.

— Meu Deus, é tão bom ver-te, Michael.

Marcello apareceu, todo ele sorrisos e bonhomie^[20], e serviu vinho a Michael e a Graham.

— Não se incomodem a olhar para o menu — avisou Helen —, porque eu já pedi para vocês.

Graham e Michael fecharam as ementas em silêncio e entregaram-nas sem protestar. O regresso de Helen ao sector da população activa tinha-a deixado sem tempo para se dedicar à sua grande paixão, que era cozinhar. Infelizmente, o talento dela acabava à porta da sua moderna cozinha escandinava de cinquenta mil libras. Agora, ela e

Graham comiam sempre em restaurantes. Michael reparou que ele começava a engordar.

Helen falou do trabalho dela, porque sabia que Michael e Graham não podiam falar do seu.

— Estou a tentar acabar a capa para um novo thriller — disse ela.

— Um americano horrível que escreve sobre assassinos em série.

De quantas maneiras diferentes se pode ilustrar um assassino em série? Eu produzo uma capa, enviamo-la para o outro lado do Atlântico e o agente em Nova Iorque rejeita-a. Às vezes, é mesmo frustrante, raios.

— Olhou para Michael e os seus brilhantes olhos verdes ficaram subitamente sérios. — Meu Deus, estou a ser uma chata da pior espécie. Como é que está a Elizabeth?

Michael olhou para Graham. Fez um aceno de cabeça quase imperceptível. Graham desrespeitava frequentemente os regulamentos dos serviços de segurança, contando demasiadas coisas a Helen acerca do seu trabalho.

— Há dias melhores do que outros — respondeu Michael. — Mas, no geral, está ótima. Transformámos o apartamento e a casa em Shelter Island em fortalezas. Ajuda-a a dormir melhor à noite. E depois há as crianças. Entre o trabalho dela e os gémeos, fica com pouco tempo para pensar no passado.

— E ela matou realmente aquela mulher alemã... Oh, meu Deus, Graham, qual era mesmo o nome dela?

— Astrid Vogel — respondeu Graham.

— Ela fez mesmo isso com um arco e flecha? Michael confirmou com um movimento da cabeça.

— Meu Deus — murmurou Helen. — O que é que aconteceu?

— A Astrid Vogel seguiu-a até ao chalé dos convidados, onde tu e o Graham ficaram há alguns anos. A Elizabeth escondeu-se no armário do quarto. Um dos arcos antigos dela estava lá. Tinha sido campeã de arco quando era miúda, tal como o pai. Fez o que tinha de fazer para sobreviver.

— E o que é que aconteceu ao outro assassino, aquele fulano, o Outubro?

— A CIA recebeu informações através de canais em que confiava de que o Outubro está morto e de que tinha sido assassinado pelo homem que o contratou para me assassinar por ter fracassado.

— E acreditas nisso? — perguntou Helen.

— Já acreditei que fosse remotamente possível — respondeu Michael. — Mas agora não acredito minimamente nisso. Aliás, tenho quase a certeza de que o Outubro está vivo e a trabalhar outra vez. Este assassinio no Cairo...

— Ahmed Hussein — interrompeu Graham, para deixar Helen

mais esclarecida.

— Li os relatos das testemunhas oculares cuidadosamente. Não posso explicar, mas soa-me simplesmente a ele.

— Mas o Outubro não dava sempre um tiro na cara das vítimas?

— Sim, mas se supostamente está morto faz sentido que tenha sido obrigado a alterar a sua assinatura.

— E o que é que pensas fazer? — perguntou Graham.

— Tenho uma reserva no primeiro voo para o Cairo, amanhã de manhã.

Capítulo 10

CAIRO

Michael chegou ao Cairo no início da tarde do dia seguinte. Tal como na Grã-Bretanha, entrou no país com o passaporte verdadeiro e foi-lhe concedido um visto turístico de duas semanas. Avançou decidido pelo meio da loucura do átrio das chegadas do aeroporto — passou por beduínos que traziam todos os seus bens materiais a abarrotar dentro de caixas de cartão amarrotadas, passou por um rebanho de cabras a balir — e esperou vinte minutos na praça de táxis por uma grande carripana lada. Foi fumando cigarros para tapar o fedor do escape que entrava em catadupa para o banco de trás.

Michael achava o Cairo intoleravelmente quente no Verão, mas os Invernos eram invulgarmente agradáveis. O ar estava morno e ameno e um vento do deserto ia enxotando nuvens brancas e fofas ao longo de um céu azul. A estrada que seguia do aeroporto estava apinhada de egípcios pobres a tentarem tirar algum prazer do borra tempo: famílias inteiras esparramadas no separador central arrelvado, em redor dos seus almoços de piquenique. O taxista falou com ele em inglês, mas Michael queria ver se os seus conhecimentos se tinham atrofiado e por isso respondeu-lhe num árabe rápido. Disse ara taxista que era um homem de negócios libanês, a viver em Londres, que tinha fugido de Beirute durante a guerra. Durante meia hora, falaram da Beirute dos velhos tempos, Michael num irrepreensível árabe com sotaque de Beirute, o taxista com o sotaque da sua aldeia no delta do Nilo.

Michael estava cansado do Nile Hilton — e farto da confusão da Tahrir Square — e, por isso, reservou um quarto no InterContinental, um edifício cor de arenito que se avultava sobre a Corniche e que, tal como todas as construções mais recentes no Cairo, apresentava as cicatrizes do pó e dos fumos de diesel. Estendeu-se na piscina da cobertura, a beber cerveja egípcia morna e com a cabeça a fluir de um pensamento para outro, até o Sol desaparecer no deserto a ocidente e começar a chamada da tarde para a oração — primeiro um muezim, a uma grande distância, depois outro, e mais outro, até haver um milhar de vozes gravadas a gritar em uníssono. Forçou-se a sair da espreguiçadeira e dirigiu-se para a parte da vedação com vista para o

rio. Alguns fiéis foram-se encaminhando para as mesquitas, mas, na sua maioria, o Cairo continuou a agitar-se lá em baixo.

Às cinco horas, foi para o quarto, tomou um duche e vestiu-se. Apanhou um táxi e fez uma viagem curta, rio acima, com destino a um restaurante chamado Paprika, ao lado da imponente sede da rede de televisão egípcia estatal. O Paprika era o equivalente do Joe Allen em Nova Iorque, um lugar onde os actores e os escritores vinham para serem vistos uns pelos outros e pelos egípcios suficientemente abastados para poderem pagar pela comida bastante medíocre. Um dos lados do restaurante tinha vista para o parque de estacionamento da televisão egípcia. Eram essas as mesas mais cobiçadas porque, por vezes, os clientes conseguiam ver de fugida um actor, uma celebridade ou um importante membro do governo.

Michael tinha reservado uma mesa no lado menos popular do restaurante. Ficou a beber água engarrafada e a ver o Sol pôr-se no Nilo e pensou no primeiro agente que tinha recrutado, um agente secreto sírio instalado em Londres e que tinha um fraco por raparigas inglesas e bom champanhe. A CIA suspeitava que o sírio andava a desviar parte dos fundos destinados às operações para alimentar os seus hábitos. Michael abordou o agente, ameaçando denunciá-lo aos seus superiores em Damasco, e coagiu-o a ser um espião a soldo da CIA. O agente forneceu informações valiosas sobre o apoio dado pela Síria a diversos grupos terroristas, tanto árabes como europeus. Dois anos após ser recrutado, forneceu a sua informação mais valiosa. Uma célula terrorista da OLP tinha-se instalado em Frankfurt, onde estava a planear colocar uma bomba num clube nocturno frequentado por militares americanos. Michael transmitiu a informação à sede e esta informou a polícia da Alemanha Federal, que prendeu os palestinianos. O sírio recebeu cem mil dólares pela informação e Michael foi condecorado com a Medalha de Distinção em Espionagem, numa cerimónia secreta. A medalha teve de ficar guardada num arquivo da sede.

Yousef Hafez entrou no restaurante. Ao contrário do sírio, Hafez ingressara na CIA voluntariamente e não através de coerção. Tinha a beleza carnuda de uma estrela de cinema envelhecida: cabelo preto a ficar grisalho, feições quadrangulares suavizadas pelos dez quilos a mais, fissuras profundas à volta dos olhos quando sorria.

Era coronel da Mukhabarat, os serviços secretos egípcios, e a sua função passava por combater os rebeldes fundamentalistas islâmicos do Egipto, a Al-Gama'at Ismalyya.

Tinha capturado e torturado com as próprias mãos vários dos seus líderes. O posto da CIA no Cairo tinha recrutado Hafez, mas ele recusou-se a trabalhar com agentes ali instalados, pois os movimentos destes eram monitorizados de muito perto pelo seu próprio serviço.

Michael fora destacado para o caso. Hafez tinha fornecido um fluxo de informação constante sobre a situação da insurreição islâmica no Egito e sobre o movimento dos terroristas egípcios à escala mundial. Em troca, tinha sido pago principescamente — dinheiro que ajudou a cobrir os custos de ser um mulherengo sem remissão. Hafez gostava de mulheres mais novas e elas gostavam dele. Achava que não estava a fazer nada que pusesse o seu país, em perigo e, por isso, não se sentia culpado.

Falou com Michael em árabe — suficientemente alto para que as pessoas que jantavam nas mesas vizinhas o pudessem ouvir — e Michael seguiu-lhe o exemplo. Perguntou-lhe o que o trazia à cidade e Michael respondeu que estava ali para tratar de negócios no Cairo e em Alexandria. Por um momento, uma onda de excitação percorreu o restaurante quando uma famosa atriz egípcia saiu do carra e entrou no edifício da televisão.

— Porquê o Paprika? — perguntou Michael. — Pensava que o teu restaurante preferido era o Arabesque.

— E é, mas vou encontrar-me com uma pessoa aqui quando tivermos acabado.

— Como é que ela se chama?

— Dá pelo nome de Cassandra. Vem de uma família grega de Alexandria. É a criatura mais deslumbrante que eu alguma vez vi. Interpreta uma personagem menor num drama na televisão egípcia, uma cabrazinha que está sempre a causar problemas... dentro dos limites da nossa estrita moral islâmica, claro.

O empregado aproximou-se da mesa.

— Vou tomar um uísque antes de comermos. E tu, Michael?

— Cerveja, por favor.

— Um Johnnie Walker Black com gelo e uma Stella. O empregado desapareceu.

Michael perguntou:

— Que idade é que ela tem?

— Vinte e dois — respondeu Hafez orgulhosamente. As bebidas chegaram. Hafez ergueu o seu Johnnie Walker.

— Saúde.

Michael bebeu a sua cerveja e acendeu um dos cigarros Silk Cut que tinha comprado em Heathrow. Hafez era o equivalente muçulmano de um católico não praticante. Não tinha qualquer conflito com a sua religião, cujos rituais e cerimónias lhe davam o conforto de um cobertor de infância, mas ignorava tudo o que no Alcorão o impedisse de desfrutar das coisas mundanas. E também trabalhava na maioria das sextas-feiras, o sabat muçulmano, porque as suas funções o obrigavam a monitorizar os sermões dos xeques egípcios mais radicais.

— E ela sabe o que fazes na vida?

— Digo-lhe que importo automóveis da Mercedes para o Egipto, o que justifica o meu bem equipado ninho de amor em Zamalek.

Acenou com a cabeça na direcção do rio. Zamalek era uma ilha comprida e estreita, afastada da loucura do centro do Cairo, cheia de lojas e restaurantes caros e de prédios de apartamentos na moda. Se Hafez mantinha uma amante em Zamalek — e uma actriz de televisão, ainda por cima —, tinha por certo chantageado um aumento de salário significativo ao agente que se encontrava agora responsável por si.

— Ah, aqui está ela.

Michael virou-se discretamente na direcção da porta do restaurante. Uma mulher que se parecia espantosamente com Sophia Loren entrou de braço dado com um jovem de cabelo oleoso e óculos escuros.

Escolheram o jantar. Hafez pediu que servissem uma garrafa de champanhe francês caro na mesa de Sophia Loren. Era Michael quem iria pagar; era ele quem pagava sempre.

— Não te importas, pois não, Michael? — perguntou Hafez.

— Claro que não.

— Então, o que te traz ao Cairo, para além da oportunidade de jantar com um velho amigo debochado?

— O assassinio do Ahmed Hussein.

Hafez inclinou ligeiramente a cabeça, como que para dizer que eram coisas que aconteciam. Michael perguntou:

— Os serviços de segurança egípcios estiveram envolvidos no assassinio?

— De maneira nenhuma — respondeu Hafez. — Nós não nos dedicamos a comportamentos desses.

Michael revirou os olhos e inquiriu:

— E sabes quem é que esteve por trás do assassinio?

— Os israelitas, claro.

— Como é que podes estar tão seguro?

— Porque andávamos a vigiar os israelitas que andavam a vigiar o Hussein.

— Volta atrás — disse Michael. — Começa do princípio.

— Há duas semanas, uma equipa de israelitas entrou no Cairo com vários passaportes europeus e montou um posto de observação permanente num apartamento em Ma'adi.

E nós montámos um posto permanente no apartamento em frente, do outro lado da rua.

— Como é que sabem que eles eram israelitas?

— Por favor, Michael, por quem é que nos tomas? Oh, eles podiam passar por egípcios, mas eram sem dúvida israelitas.

Costumavam ser bons, os tipos da Mossad. Mas, agora, às vezes agem como um grupo de amadores trapalhões. Nos velhos tempos, conseguiam atrair os melhores — cada espião um príncipe, e toda essa treta. Agora, os rapazes inteligentes querem fazer dinheiro e falar ao telemóvel na Rua Ben Yehuda. Deixa-me que te diga, Michael, se Moisés tivesse tido esta gente a espiar para ele, os judeus nunca teriam conseguido sair do Sinai.

— Já deixaste a tua posição bem clara, Yousef. Continua.

— Eles estavam a vigiar o Hussein sem sombra de dúvida; a controlarem-lhe os movimentos, vigilância fotográfica, cobertura áudio, o habitual. Aproveitámos a oportunidade para nos dedicarmos a uma operaçõzinha de contravigilância. O resultado é que temos um lindo álbum de fotos de seis agentes da Mossad: quatro homens, duas mulheres.

Interessado?

— Fala com o agente responsável por ti.

— Também tenho uma cassete de vídeo com a morte do Hussein.

— O quê?

— Ouviste bem — respondeu Hafez. — De cada vez que ele punha os pés fora do apartamento, ligávamos as câmaras de vídeo.

Estávamos a filmar quando o atirador da mota o matou nos degraus da mesquita.

— Meu Deus.

— Tenho uma cópia da cassete na minha pasta.

— Quero vê-la.

— Podes ficar com essa merda, Michael. De borla.

— Quero vê-la agora.

— Por favor, Michael — respondeu Hafez. — A cassete não vai desaparecer. Além disso, estou faminto e a vitela aqui é excelente.

Quarenta e cinco minutos depois, entraram no edifício da televisão egípcia: Michael, Hafez e Cassandra. Ela levou-os até ao estúdio e abriu-lhes a porta de uma pequena sala de edição. Hafez tirou a cassete da pasta e introduziu-a num leitor de vídeo. Cassandra saiu da sala e fechou a porta, deixando atrás de si um cheiro a óleo de madeira de sândalo. Hafez foi fumando até a sala de edição parecer uma câmara de gás e Michael lhe implorar para parar. Michael viu a fita três vezes à velocidade normal e outras três em câmara lenta. Carregou no botão de ejectar e agarrou a cassete com força.

Hafez disse:

— Aquele fulano é muito bom com uma arma. Não há muita gente no mundo que conseguisse dar aquele tiro e safar-se.

— Ele é extremamente bom com uma arma.

— Sabes quem é?

— Infelizmente, acho que sim.

Capítulo 11

BELFAST

O Partido Unionista do Ulster tem a sua sede num edifício de quatro andares, no número 3 da Glengall Street, perto do Hotel Europa e da Grand Opera House. Devido à sua localização — no canto oeste do centro da cidade, nas imediações da Falis Road —, a sede do UUP^[21] foi alvo frequente dos ataques do IRA ao longo dos Troubles.

Mas, por enquanto, o IRA estava a respeitar o cessar-fogo e, por isso, o homem que seguia no grande Opel prateado sentia-se pouco apreensivo enquanto se dirigia para a Glengall Street por entre a chuva do início da manhã.

Ian Morris era um dos quatro vice-presidentes do Conselho Unionista do Ulster, o comité central do partido. Tinha o lealismo do Ulster no sangue. O bisavô fizera a sua fortuna com o linho, durante o boom industrial em Belfast, no século XIX, e construíra uma grande propriedade em Forthriver Valley, com vista para os bairros-de-lata de Belfast Ocidental. Em 1912, quando a Força de Voluntários do Ulster original se formou para combater a Home Rule^[22] irlandesa, o antepassado de Morris permitiu que se escondessem armas e provisões nos estábulos e jardins arborizados da herdade.

Morris não teve preocupações financeiras quando era jovem — a fortuna do bisavô providenciava-lhe um rendimento confortável — e tinha projectado uma carreira académica depois de se licenciar em Cambridge. Mas os Troubles apanharam-no, tal como já o tinham feito a tantos homens da sua geração, dos dois lados da divisão religiosa no Ulster, e em vez disso virou-se para a violência. Juntou-se à Força de Voluntários do Ulster e passou cinco anos na prisão de Maze por colocar uma bomba num pub católico na Broadway^[23]. Na prisão, decidira afastar-se das armas e das bombas e fazer campanha pela paz.

Actualmente, havia pouco no seu comportamento que sugerisse que Ian Morris tinha alguma vez feito parte do submundo do terrorismo da Irlanda do Norte. A sua casa, na zona de Castlereagh, em Belfast Oriental, era um santuário de livros. Falava latim, grego e irlandês — nada comum para um protestante, já que a maioria considerava que o irlandês era a língua dos católicos. Enquanto conduzia ao longo da Castlereagh Road, por entre a chuva contínua, o

Concerto para Viam em Ré Menor de Mozart, executado por Alfred Brendel, tocava baixinho no sistema de som do Opel Virou para a May Street e passou pela Câmara Municipal de Belfast, na Donegall Square.

Na Brunswick Street, uma carrinha à sua frente pareceu ir-se abaixo.

Morris deu uma buzina curta e educada, mas a carrinha continuou parada. Tinha uma reunião dos quadros do partido às nove horas e já estava atrasado. Buzinou uma segunda vez, mas a carrinha continuou sem se mexer.

Morris desligou a música de Mozart. A sua frente, viu a porta do condutor abrir-se e sair de lá um homem com um casaco de cabedal. Morris baixou o vidro, mas o homem do casaco de cabedal pôs-se: mesmo à frente do Opel e puxou de uma pistola de grande calibre.

Um pouco antes do meio-dia, a sala de redacção do Belfast Tekgraph estava caótica. O pessoal do jornal mais importante da Irlanda do Norte estava a organizar uma cobertura extensa do assassinio de Ian Morris: um artigo principal, uma caixa sobre a carreira de Morris no Partido Unionista do Ulster e na UVF, bem como uma análise ao estado do processo de paz. A única coisa que faltava era uma reivindicação de responsabilidade pelo acto.

Às 12h05, tocou um telefone na sala de redacção. Quem atendeu foi um editor subordinado chamado Clarke.

— Redacção do Telegraph — gritou Clarke para se fazer ouvir no meio do barulho.

— Preste atenção, porque só vou dizer isto uma vez — disse a voz ao telefone.

Masculina, calma e autoritária, tomou nota Clarke.

— Daqui fala um representante da Brigada para a Libertação do Ulster. Um agente da brigada, sob as ordens do conselho militar da brigada, levou a cabo o assassinio do Ian Morris hoje de manhã. Os unionistas do Ulster traíram os protestantes da Irlanda do Norte ao apoiarem o acordo de Sexta-Feira Santa. A Brigada para a Libertação do Ulster irá continuar a sua campanha até que o acordo de Sexta-Feira Santa seja anulado.

O homem ao telefone fez uma pausa e, a seguir, perguntou:

— Percebeu tudo?

— Percebi.

— Óptimo — disse a voz, e a ligação foi interrompida. Clarke ficou parado junto à secretária e gritou:

— Temos uma reivindicação para o Ian Morris!

— Quem foi? — gritou alguém na sala de redacção.

— A Brigada para a Libertação do Ulster — respondeu Clarke. — Meu Deus, são prods a matar prods.

Capítulo 12

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

Elizabeth encontrou-se com Michael à porta do terminal da British Airways no Aeroporto JFK. O corpo doía-lhe das viagens — três voos de longuíssima duração em três dias — e, pela primeira vez em muitas semanas, sentia o repuxar da pele da cicatriz que tinha no peito. Sentia a boca amarga por ter fumado demasiados cigarros e bebido demasiado café servido no avião. Quando EUzabeth lançou os braços à sua volta, ele apenas lhe deu um curto beijo abaixo da orelha. Estava realmente demasiado cansado para conduzir, mas receava ainda mais a inércia. Colocou a mala na bagageira, ao lado de meia dúzia de pacotes de fraldas e de uma lata de leite em pó Similac, e sentou-se ao volante.

— Parece que apanhaste algum sol, Michael — disse EUzabeth quando entraram na via rápida de Van Wyck.

Michael ligou o rádio, mudando da estação de rock contemporâneo adulto de EUzabeth para a WCBS, para poder ouvir as actualizações do trânsito.

— Deve ter havido uma bela vaga de calor em Londres enquanto lá estiveste.

— Não estive o tempo todo em Londres.

— Oh, a sério? — disse ela. — Então, onde raio estiveste?

— Parei no Cairo por um dia.

— Paraste no Cairo por um dia? Mas que raio tem o Cairo a ver com a Irlanda do Norte?

— Nada — respondeu ele. — Precisei de ir ver um velho amigo por causa de uma coisa.

— O quê? Michael hesitou.

— Já não trabalhas para eles e por isso não podes esconder-te atrás dos seus regulamentos — disse ela friamente. — Gostava de saber por que razão é que foste ao Cairo.

— Podemos falar disto mais tarde? — respondeu ele.

Isso era linguagem em código para "não quero discutir em frente da ama", que ia no banco de trás com as crianças.

— Estás com aquele olhar, Michael. O olhar que costumavas ter quando chegavas a casa, depois de um serviço operacional, e não me

podias dizer onde é que tinhas estado nem o que é que tinhas andado a fazer.

— Vou contar-te tudo. Mas não agora.

— Bom, estou contente por estares de volta, querido — disse Elizabeth, tirando finalmente os olhos de cima dele. — Estás muito bonito, já agora. Sempre ficaste bem com a pele bronzead.

Douglas já estava a dormir quando chegaram à ilha. Elizabeth e a ama puseram as crianças na cama. Michael foi para o quarto desfazer as malas. Tinha o cabelo a cheirar ao Cairo — diesel, poeira e fumo de madeira — e, por isso, tomou um duche. Quando voltou ao quarto, Elizabeth estava sentada em frente ao toucador, a tirar os brincos das orelhas e os anéis dos dedos. Lembrou-se de uma época em que ela era capaz de ficar sentada em frente ao toucador durante uma hora, tendo prazer no seu aspecto e na capacidade para o tornar mais perfeito. Agora, fazia-o rapidamente e sem alegria, como um trabalhador numa linha de montagem. Desde que se reformara, Michael não fazia nada depressa. A pressa das outras pessoas deixava-o perplexo.

— Porque é que foste ao Cairo? — perguntou Elizabeth, escorando o cabelo violentamente.

— Porque um líder do Hamas foi assassinado lá há uns dias.

— O Ahmed Hussein — disse ela. — Eu li sobre isso no Times.

— Houve qualquer coisa na maneira como o trabalho foi levado a cabo que me intrigou; por isso, fui até lá falar com uns antigos contactos.

Falou-lhe do encontro com Yousef Hafez. Falou-lhe da equipa da Mossad e da contravigilância egípcia. E depois falou-lhe da cassete de vídeo.

— Quero vê-la — disse ela.

— Aparece um homem a ser morto a tiro, Elizabeth; não é a fingir. I

— Já vi pessoas a levarem tiros.

Ele pôs a cassete no leitor de vídeo. Apareceu no ecrã uma cena de rua, com homens vestidos com túnicas a saírem em grande número de uma mesquita. Alguns segundos depois, uma mota surgiu no enquadramento a roncar a toda a velocidade. O motociclista parou de repente junto aos degraus da mesquita e levantou o braço. Disparou várias vezes, com a pistola com silenciador a não emitir qualquer som perceptível. Os tiros atingiram um pequeno homem barbudo e o sangue tornou carmesim a sua túnica branca. O motociclista disparou mais duas vezes, alvejando um segundo homem no peito e um terceiro na garganta. O motor roncou outra vez e o homem armado desapareceu no meio do trânsito. Michael parou a cassete.

— Meu Deus — soltou Elizabeth num sussurro.

— Acho que é capaz de ser ele — disse Michael. — Acho que é o

Outubro.

— Como é que sabes?

— Já vi como ele se movimenta. Já o vi a manejar uma arma. A maneira como balança o braço antes de disparar... é muito característica.

— Ele está com um capacete e não se vê a cara. A cassete não prova nada.

— Talvez sim, talvez não.

Michael rebobinou a cassete. Ahmed Hussein estava outra vez vivo. A mota apareceu veloz no enquadramento e parou bruscamente, derrapando. O braço do assassino subiu.

Michael parou a imagem do assassino a apontar a arma à primeira vítima, com o braço completamente esticado. A seguir, foi até ao armário, abriu as portas e tirou uma caixa pequena da prateleira de cima. Abriu a caixa e tirou de lá uma arma.

— Que raio é isso?

— É a arma dele — respondeu Michael. — Aquela que ele deixou cair na água, na doca, naquela noite. É uma Beretta de nove milímetros, uma pistola de competição. Não tenho a certeza, mas acho que é o mesmo tipo de arma que o assassino do Cairo utilizou.

— Continua a não ser uma prova propriamente conclusiva — afirmou Elizabeth.

— Ele deixou cair a arma porque eu lhe dei um tiro na mão. Michael bateu ao de leve no ecrã da televisão.

— Na mão direita dele, na mão que vemos a agarrar a arma.

— E onde é que queres chegar com isso, Michael?

— Acertei-lhe com uma Browning automática de grande potência. Provavelmente, a bala atravessou-lhe a mão, partiu ossos e deixou uma cicatriz bem feia. Se encontrar uma cicatriz naquela mão, fico com a certeza de que é ele.

— A imagem está demasiado distante para conseguirmos ver uma coisa tão pequena como uma cicatriz.

— A CIA tem computadores capazes de realçar o mais pequeno pormenor em imagens de vídeo. Quero passar esta cassete nesses computadores para ver se está lá alguma coisa.

Elizabeth levantou-se e desligou a televisão.

— E que interessa se for mesmo ele? Que interessa se ainda estiver vivo e continue a matar pessoas? Que diferença é que isso nos faz?

— Só quero saber.

— Ele não pode fazer-nos mal. Tu e os teus amigos na CIA transformaram este lugar num forte. E não faças de conta de que aquele motorista que contrataste para mim em Nova Iorque não é da CIA.

— Ele não é da CIA — respondeu Michael. — Costumava fazer

uns trabalhos para nós, de tempos a tempos.

— E anda armado?

— Que diferença é que isso faz?

— Responde. Anda armado ou não?

— Sim. Anda armado porque eu lhe pedi para andar armado.

— Meu Deus — disse Elisabeth, desligando a luz. Enfiou-se na cama e puxou o edredão até ao queixo. Michael deitou-se ao lado dela.

— Acabou-se, Michael. Está terminado.

— Não vai acabar enquanto eu souber que ele está vivo.

— Eu quase te perdi. Segurei-te nos meus braços e rezei para que não morresses depois de ele te alvejar. Fiquei a ver-te esvair em sangue. Não quero passar por isso outra vez.

Michael beijou-a na boca, mas os lábios dela não corresponderam. Ele virou-se de costas e fechou os olhos. Um fósforo acendeu-se e, passado um momento, sentiu o cheiro do fumo do cigarro de Elisabeth.

— É por causa dela, não é? É por causa da Sarah Randolph. Já se passaram mais de dez anos e tu ainda estás obcecado com ela.

— Não estou nada.

— Estás obcecado em vingar a morte dela.

— Isto não tem nada a ver com a Sarah. Tem a ver connosco. Ele também tentou matar-nos.

— És um péssimo mentiroso, Michael.

Esmagou o cigarro num cinzeiro na mesa-de-cabeceira e soprou rispidamente a última passa por entre os lábios.

— Como é que alguma vez conseguiste ser um espião é algo que me ultrapassa.

As janelas do quarto davam para norte e oeste, sobre o estreito de Shelter Island e Dering Harbor, pelo que eram quase oito horas da manhã quando eles acordaram no dia seguinte com a fraca luz da madrugada de Inverno.

As crianças já tinham acordado e uma delas — Michael não tinha a certeza qual — estava a chorar. Elisabeth sentou-se na cama, afastou o edredão e pousou os pés no chão. Tinha dormido mal, apoquentada por pesadelos, e os olhos mostravam-se inchados e escuros. Saiu do quarto sem falar e desceu as escadas.

Ele deixou-se ficar na cama mais uns minutos, a ouvi-la murmurar amorosamente com as crianças. Passado um momento, levantou-se e foi para a pequena sala de estar anexa ao quarto. Douglas tinha deixado um termos de café em cima da mesa, juntamente com uma edição do New York Times dobrada.

Era uma tradição de fim-de-semana em Cannon Point; Douglas levantava-se sempre primeiro e fazia café para o resto das pessoas da

casa.

Michael serviu-se de café e abriu o jornal. Tinha havido uma explosão de violência na Faixa Ocidental devido ao assassinio de Ahmed Hussein. O governo israelita estava a ameaçar enviar tropas para as áreas controladas pelos palestinianos. O processo de paz encontrava-se num estado crítico. Na Irlanda do Norte, um dirigente protestante fora assassinado em Belfast. A Brigada para a Libertação do Ulster tinha reivindicado a responsabilidade do acto.

Meia hora mais tarde, Michael encontrava-se a avançar com dificuldade por um trilho congelado, ao longo da reserva natural de Mashomack. Douglas seguia à frente, percorrendo o carreiro estreito e enfiado no meio de árvores nuas. Era um homem alto e largo, pouco indicado para caminhadas, e, no entanto, ia avançando agilmente pelo trilho escorregadio. A tempestade da noite anterior tinha-se transferido para o mar. Brilhava um sol branco num céu listado de nuvens altas. Estava um frio intenso e, passados alguns minutos, os pulmões de Michael pareciam estar cheios de vidros partidos. O Inverno tinha drenado toda a cor da paisagem. Deram de caras com meia dúzia de veados de cauda branca, apoiados nas patas traseiras e a arrancar a casca das árvores. — Não é fantástico? — perguntou Douglas. Ficou irritado quando Michael não concordou. Michael não via grande beleza na natureza; uma praça escondida em Veneza dava-lhe mais prazer do que uma baía em Long Island. Os bosques e a água aborreciam-no. As pessoas intrigavam-no porque não confiava nelas, e conseguia ludibriá-las através da astúcia se o ameaçassem.

Michael falou ao sogro da Brigada para a Libertação do Ulster enquanto caminhavam pela costa pedregosa de Smith Cove. Douglas Cannon era um profissional na arte de ouvir. Deixou que Michael falasse durante quinze minutos sem interrupção; a seguir, bombardeou-o com perguntas por mais dez minutos.

— Quero uma resposta franca, Michael. Vou correr algum risco físico se aceitar este cargo?

— A Brigada para a Libertação do Ulster demonstrou as suas intenções muito claramente. Querem castigar todas as partes envolvidas no acordo de paz. Só resta uma parte importante: os americanos. Nenhum dos lados, republicanos ou lealistas, matou até agora algum americano intencionalmente, mas as regras mudaram.

— Vinte anos em Washington e não recebi uma única vez uma resposta franca do raio de um espião.

Até Michael teve de se rir.

— Não se trata de uma ciência exacta. As avaliações dos serviços secretos envolvem uma boa dose de conjecturas e suposições, com base nas provas disponíveis.

— Às vezes, penso que arrancar pétalas a um malmequer seria

igualmente eficaz.

Douglas parou de andar e virou-se, ficando de frente para a água. A cara tornara-se-lhe vermelha do frio e do vento. Smith Cove exibia uma cor de níquel. Um ferry meio vazio lutava contra a forte corrente que se fazia sentir ao longo do estreito canal entre o extremo sul de Shelter Island e a península de North Haven.

— Raios me partam por dizer isto, mas eu quero de facto mais uma oportunidade de estar nas luzes da ribalta — confessou Douglas.

— Posso ajudar a que se faça história e isso é bastante sedutor para um velho professor como eu. Mesmo que isso signifique trabalhar para o estúpido de um filho-da-mãe como o Jim Beckwith.

— A Elizabeth vai ficar furiosa.

— Eu cá me arranjo com a Elizabeth.

— Pois, mas eu é que tenho de viver com ela.

— Ela é igualzinha à mãe, Michael. Tu nunca chegaste a conhecer a Eileen, mas, se a tivesses conhecido, irias perceber onde é que a Elizabeth foi buscar a teimosia e a força. Se não fosse a Eileen, eu nunca teria tido coragem de sair da Columbia e de me candidatar ao Congresso.

Douglas pontapeou algumas pedras com a biqueira da bota alta.

— Tens um telefone?

Michael enfiou a mão no bolso do casaco e entregou um telemóvel a Douglas, que ligou para o número directo do gabinete do presidente e deixou uma mensagem ao secretário privado de Beckwith. Fizeram o mesmo caminho de volta, trocando a luz do sol de Smith Cove pelas sombras frias dos bosques. Dez minutos mais tarde, o telemóvel tocou.

Douglas, que se debatia eternamente com as complexidades das comunicações modernas, passou o telemóvel para as mãos de Michael e disse:

— És capaz de atender esta porcaria, se fazes favor? Michael carregou num botão do teclado e disse:

— Osbourne.

— Bom dia, Michael — respondeu o presidente James Beckwith.

— Nem tenho palavras para te descrever como foi bom voltar a ver-te no fim-de-semana passado. Fico contente por teres recuperado tão bem. Só gostava de poder ter-te outra vez em Langley, que é o teu lugar.

Michael resistiu ao impulso de avisar o presidente de que estavam a falar num telemóvel que não se encontrava seguro.

— O teu sogro já chegou a alguma decisão?

— Já, senhor presidente.

— Espero que sejam boas notícias.

— Vou deixar que seja ele a dizer-lhe.

Michael passou o telefone a Douglas e avançou um pouco no

trilho, para que o sogro pudesse falar com o presidente a sós.

Douglas viajou para Washington nessa noite. Tinha contado a sua decisão a Elizabeth depois de regressar da reserva de Mashomack. Ela interiorizou as notícias com uma contenção estoíca e deu-lhe um beijo frio de parabéns na bochecha, reservando a raiva para Michael porque este falhara na missão de convencer Douglas a não aceitar o cargo. Michael acompanhou Douglas até Washington para assistir à cerimónia. Os dois homens ficaram no antigo prédio de Elizabeth e Michael na N Street, de tijolo vermelho e no estilo de arquitectura federal, e dirigiram-se à Casa Branca na manhã seguinte.

Douglas e Beckwith encontraram-se na Sala Oval, bebendo chá em poltronas de orelhas em frente a uma lareira. Michael quisera esperar no exterior, mas o presidente insistiu para que se juntasse a eles. Sentou-se num dos sofás, um pouco afastado, e estudou-lhes as mãos enquanto falavam. Durante cinco minutos, Douglas fez os comentários obrigatórios sobre a lealdade e a honra de servir o próprio país. O presidente falou da importância da relação anglo-americana e da situação na Irlanda do Norte.

Às dez e meia, os dois homens atravessaram as portas envidraçadas que davam para o Jardim das Rosas. Era um dia quente de Inverno em Washington, o sol brilhava, o ar estava ameno e subiram ambos ao pódio, lado a lado, de fato mas sem sobretudo.

— Hoje, tenho o orgulho de nomear o antigo senador Douglas Cannon, de Nova Iorque, como o nosso próximo embaixador no Palácio de St. James em Londres — disse Beckwith num tom neutro. — Douglas Cannon serviu brilhantemente o grande estado de Nova Iorque e o povo americano, tanto na Câmara dos Deputados como no Senado. E eu sei, por experiência própria, que ele possui a inteligência, a força e a elegância necessárias para representar os interesses nacionais numa capital estrangeira importante como é Londres.

Beckwith virou-se e apertou a mão a Douglas, ao mesmo tempo que a pequena assistência irrompia em aplausos. Indicou o pódio com a mão e Douglas dirigiu-se aos microfones.

— Vão estar em jogo muitas questões importantes em Londres, questões de comércio e de defesa, mas nenhuma actualmente mais importante do que a de ajudar o governo do primeiro-ministro Blair a levar uma paz duradoura à Irlanda do Norte.

Douglas deteve-se por um instante, olhando directamente para as câmaras de televisão, por trás da assistência.

— Tenho uma única coisa a dizer aos homens causadores de violência, àqueles que desejam dismantelar o acordo de Sexta-Feira Santa. Os dias das armas, das bombas e das balaclavas já terminaram. O povo da Irlanda do Norte falou. Os vossos dias acabaram.

Fez uma nova pausa.

— Senhor presidente, estou ansioso por servi-lo em Londres.

Capítulo 13

PORTADOWN, IRLANDA DO NORTE

— Ouviste as notícias esta tarde? — perguntou Kyle Blake ao sentar-se no seu reservado habitual no pub McConville's.

— Ouvi, sim — respondeu Gavin Spencer. — O homem é um falabato.

— E conseguimos chegar até ele? — perguntou Blake, sem se dirigir a ninguém em especial.

— Se conseguimos chegar ao Eamonn Dillon, conseguimos chegar a um embaixador americano — respondeu Gavin Spencer. — Mas será que isso serve os nossos propósitos?

— Os americanos ainda não pagaram pelo apoio que deram ao acordo de Sexta-Feira Santa — afirmou Blake. — Se formos capazes de matar o embaixador americano, toda a gente nos Estados Unidos ficará a saber quem somos e o que pretendemos. Não te esqueças, não estamos a tentar conquistar uma vitória no campo de batalha, estamos a tentar conquistar publicidade para a nossa causa. Se matarmos o Douglas Cannon, todos os media americanos serão forçados a contar a história do Ulster de uma perspectiva protestante. É como um acto reflexo. É o que eles fazem. Resultou com o IRA e resultou com a OLP. Mas será que pode mesmo ser feito?

— Podemos fazê-lo de variadíssimas maneiras — respondeu Spencer. — Só precisamos de uma coisa: saber quando e onde. Precisamos de obter informações sobre os movimentos dele, sobre o seu paradeiro. Temos de escolher cuidadosamente a nossa melhor oportunidade; caso contrário, não vai funcionar.

Blake e Spencer olharam para Rebecca Wells.

Blake perguntou:

— Consegues arranjar-nos o tipo de informação de que vamos precisar?

— Sem dúvida — respondeu Rebecca. — Terei de ir para Londres. Vou precisar de um apartamento, de algum dinheiro e, acima de tudo, de bastante tempo. Informações desse género não aparecem da noite para o dia.

Blake deu um grande gole na sua Guinness enquanto reflectia sobre tudo aquilo. Passado um momento, olhou para Rebecca.

— Quero que te instales o mais rápido possível em Londres.
Arranjo-te o dinheiro de manhã.

Virou-se para Gavin.

— Começa a preparar a tua equipa. Não deves dizer-lhes qual é o alvo até ser absolutamente necessário. E tenham ambos cautela. Tenham muita cautela.

FEVEREIRO

Capítulo 14

NOVA IORQUE

— Como estava Londres? — perguntou Adrian Cárter. Tinham entrado no Central Park, no cruzamento da Ninetieth Street com a Quinta Avenida, e seguiam pelo caminho para peões de cinza e terra batida no dique que rodeia a represa. Um vento gelado agitava os ramos desfolhados das árvores por cima das suas cabeças. Junto às margens da represa, a água tinha congelado, mas a uma curta distância, num pedaço de água da cor do mercúrio, uma flotilha de patos balançava-se como um conjunto de navios minúsculos atracados.

— Como é que soubeste que estive em Londres? — perguntou Michael.

— Soube porque os serviços secretos britânicos tiveram a amabilidade de me enviar um memorando a perguntar se estavas em visita de negócios ou lazer. Respondi-lhes que estavas reformado e que, por isso, era de certeza em lazer. Acertei?

— Depende da tua definição de lazer — respondeu Michael, e Cárter riu-se ligeiramente.

Adrian Cárter era o chefe do Centro de Contraterrorismo da CIA e tinha actuado como agente responsável por Michael quando este trabalhava no terreno. Mesmo naquele preciso momento, ainda se moviam como se estivessem a encontrar-se atrás das linhas inimigas. Cárter caminhava como um homem que se debatia com uma consciência eternamente pesada, de ombros encolhidos e mãos enfiadas bem dentro dos bolsos. Os grandes olhos descaídos davam-lhe uma aparência de fadiga eterna e, no entanto, mexiam-se constantemente de um lado para o outro, em redor das árvores, da represa e das caras das pessoas a fazerem jogging suficientemente insensatas para desafiarem o frio cortante. Trazia um gorro de lã para esquiar, feio e a privá-lo de qualquer autoridade física. O anoraque almofadado criava um efeito flutuante e, por isso, ele parecia estar a ser soprado pelo vento ao longo do caminho. Quem não o conhecia, tinha tendência a subestimar Cárter, algo que ele utilizara em seu benefício ao longo da carreira, tanto no terreno como nas trincheiras burocráticas da sede. Era um linguista brilhante — sonhava em meia dúzia de línguas — e já tinha perdido a conta aos países onde levava a

cabo operações.

— Então, que raio estavas a fazer em Londres? — perguntou Cárter.

Michael contou-lhe. Cárter perguntou:

— E apanhaste alguma coisa interessante?

Michael contou a Cárter aquilo que tinha ficado a saber durante o encontro com Graham Seymour, sem divulgar a fonte. Como era habitual, Cárter não deu a entender se alguma daquelas informações era novidade para ele. Era assim que funcionava, mesmo com Michael. Os espirituosos do CTC^[24] costumavam dizer que Cárter preferiria enfrentar a tortura a revelar de livre e espontânea vontade onde tinha ido almoçar.

— E o que é que te traz a ti a Nova Iorque? — perguntou Michael.

— Uns assuntos no posto de Nova Iorque.

Cárter parou de falar quando duas pessoas a fazerem jogging — uma mulher nova e um homem mais velho — passaram por eles correndo pesadamente.

— Uma pequena limpeza à casa que precisava de ser feita em pessoa. E queria ver-te.

— Porquê?

— Meu Deus, Michael, já nos conhecemos há vinte anos — respondeu Cárter, com uma irritação afável que nele passava por raiva. — Nunca pensei que houvesse algum problema em aparecer para conversarmos enquanto estava na cidade.

— Então, porque é que estamos a andar pelo parque com uma temperatura de quase sete graus negativos?

— Tenho aversão a salas fechadas e não inspeccionadas.

Chegaram ao relógio da velha estação de bombeamento, na ponta sul da represa. Um grupo de turistas a falar alemão com sotaque vienense posava para a fotografia. Num acto reflexo, Michael e Cárter viraram-se, como um par de nadadores sincronizados, e atravessaram uma ponte pedonal de madeira. Passado um momento, estavam a caminhar ao longo da Park Drive, por trás do Metropolitan Museum.

— Foi muito simpático da parte do Senado enviar o Douglas para Londres com um voto de homologação unânime — disse Cárter.

— Ele ficou surpreso. Pensou que, pelo menos, um dos seus antigos adversários republicanos fosse querer estragar a festa.

Cárter pôs as mãos enluvadas à frente da boca e exalou com força para aquecer a cara, que ficara vermelha com o frio. Era um jogador de golfe inveterado e os Invernos deprimiam-no.

— Mas tu não vieste cá para falar sobre o Douglas, pois não, Adrian?

Cárter tirou as mãos de frente da cara e disse:

— Por acaso, andava a pensar quando é que irias voltar ao

trabalho. Preciso de ti no CTC.

— E porque é que precisas de mim, assim tão de repente?

— Porque tu és uma daquelas aves raras que consegue mexer-se, sem esforço, entre a sede e o terreno. Por razões muito egoístas, quero-te de novo na minha equipa.

— Desculpa, Adrian, mas estou fora e faço tensões de continuar fora. A vida corre-me bem.

— Tu andas aborrecido até à ponta dos cabelos. E se me disseses o contrário és um mentiroso.

Michael parou e virou-se para encarar Cáster, com a raiva estampada na cara.

— Porra, como é que te atreves a vir aqui e...

— Pronto — disse Cáster. — Se calhar, a minha escolha de palavras não foi a mais apropriada, mas que raio andaste a fazer nestes meses todos?

— Andei a cuidar da minha família, a passar tempo com os meus filhos e a tentar agir como um ser humano normal, pela primeira vez na minha vida adulta.

— Algumas perspectivas de trabalho?

— Nem por isso.

— E tencionas voltar alguma vez a trabalhar?

— Não tenho a certeza — respondeu Michael. — Não tenho experiência de trabalho propriamente dita, porque a empresa onde trabalhava era uma fachada da CIA. E estou impedido de dizer a um potencial empregador como é que ganhava realmente a vida.

— Porque não voltas para casa?

— Porque não me senti muito em casa da última vez que a visitei.

— Vamos esquecer tudo isso e começar de novo.

— Aprendeste essa deixa num daqueles seminários de gestão de empregados no Departamento de Recursos Humanos?

Cáster parou de andar.

— A Directora chega a Nova Iorque hoje à noite. Foi pedida a tua presença ao jantar.

— Já tenho planos.

— Michael, a directora da CIA gostava de jantar contigo. De certeza que poderás pôr a tua arrogância de lado e arranjar um bocadinho de tempo na tua agenda ocupada.

— Lamento, Adrian, mas estás a perder o teu tempo, tal como a Directora. Não estou interessado. Mas foi bom ver-te, de qualquer forma. Manda cumprimentos meus à

Christine e às crianças.

Michael deu meia-volta e começou a andar.

— Se queres tanto deixar isto, porque é que foste ao Cairo? — perguntou Cáster. — Foste ao Cairo porque achas que o Outubro ainda

está vivo. E, sinceramente, eu também.

Michael voltou-se.

— Parece que consegui finalmente ter a tua atenção — disse Cárter.

Mónica Tyler tinha reservado uma sala privada no Picholin, na West Sixty-fourth Street, perto do parque. Quando Michael entrou no restaurante, Cárter estava sentado sozinho na ponta do bar, a beber calmamente um copo de vinho branco. Trazia um fato azul assertoado, ao passo que Michael estava de calças de ganga e blazer preto.

Cumprimentaram-se sem falar e sem apertar a mão. Michael entregou o sobretudo à menina do vestiário e os dois homens seguiram a espampanante anfitriã pelo restaurante.

A sala de jantar privada do Picholin é na realidade a sala de vinhos, escura e fresca, com centenas de garrafas guardadas em prateleiras de carvalho manchado, do chão ao tecto. Mónica Tyler estava sentada, sozinha, banhada pelo brilho suave da fraca iluminação e com um dossiê aberto à frente dela. Fechou-o e guardou os óculos de ler, de armações de ouro, quando Michael e Cárter entraram na sala.

— Michael, que bom ver-te de novo —; disse ela, continuando sentada e estendendo a mão direita num ângulo estranho, de tal forma que Michael não tinha a certeza se esperava que ele a apertasse ou beijasse.

Tinha sido Mónica Tyler a apressar a saída de Michael da CIA, ao ordenar uma investigação interna à sua conduta no caso TransAtlantic. Na altura, era a directora executiva, mas, passados seis meses, o presidente Beckwith nomeou-a directora. Beckwith tinha entrado naquela fase típica de qualquer presidência já com dois mandatos, em que o assunto mais importante na sua agenda era assegurar um lugar na história. E acreditava que nomear Mónica Tyler e fazer dela a primeira mulher a comandar a CIA o poderia ajudar. A agência já tinha sobrevivido a novatos anteriormente, pensou Michael, e a agência iria sobreviver a Mónica Tyler.

Mónica pediu uma garrafa de Pouilly Fuissé sem olhar para a carta de vinhos. Já tinha utilizado a sala para reuniões importantes quando trabalhava na Wall Street.

Assegurou a Michael que a conversa que iriam ter era completamente privada. Trocaram umas palavras de circunstância sobre a política em Washington e uns mexericos inofensivos sobre a CIA enquanto decidiam o que pedir. Mónica e Cárter falaram à frente de Michael da mesma maneira que os pais falam por vezes à frente dos filhos — já não era membro da fraternidade secreta e, por isso, não era inteiramente de confiança.

— O Adrian contou-me que não conseguiu convencer-te a voltar

para a agência — lançou Mónica abruptamente. — É por isso que estou aqui. O Adrian quer que regresse ao CTC e eu quero ajudar o Adrian a conseguir o que quer.

O Adrian quer que regresse, pensou Michael. E tu, Mónica?

Ela tinha voltado o corpo para Michael e fixado o olhar firme nele. A determinada altura da sua ascensão, Mónica Tyler tinha aprendido a usar os olhos como uma arma.

Eram líquidos e azuis e mudavam instantaneamente conforme o seu humor. Quando estava interessada, os olhos tornavam-se translúcidos e prendiam-se ao objecto com uma intensidade terapêutica. Quando estava incomodada — ou, pior ainda, entediada —, as pupilas congelavam e o olhar tornava-se vítreo. Quando estava zangada, os olhos revistavam a sua vítima como holofotes, à procura de uma zona fatal.

Mónica não tinha tido nenhuma experiência nos serviços secretos quando chegou a Langley, mas Michael e todos na sede aprenderam rapidamente que se a subestimassem isso poderia ser fatal. Era uma leitora impressionante, com um intelecto poderoso e uma memória impecável de espião. Também uma mentirosa prendada que nunca fora sobrecarregada com princípios morais incómodos. Controlava todas as circunstâncias à sua volta como um agente operacional experimentado. Os rituais de sigilo assentavam tão bem a Mónica como o seu fato Chanelàe corte justo.

— Sinceramente, eu entendo porque é que decidiste sair — disse ela, colocando o cotovelo na mesa e a mão por baixo do queixo. — Estavas zangado comigo por eu te ter suspenso. Mas revoguei essa suspensão e eliminei da tua folha de serviço todas as referências a isso.

— E, supostamente, tenho de estar agradecido por isso, Mónica?

— Não, quero só que sejas profissional.

Mónica fez uma pausa quando foi trazido o primeiro prato. Afastou um pouco a salada, demonstrando que não tinha intenção de a comer. Cárter manteve a cabeça baixa e devorou um prato de polvo grelhado.

— Eu quis sair porque tu me deixaste ficar mal e a CIA me deixou ficar mal — disse Michael.

— Um serviço de espionagem tem regras e os funcionários e agentes têm de se reger por essas regras — respondeu Mónica. — Não tenho de te explicar isso, Michael.

Tu cresceste na CIA. Conhecias as regras quando ingressaste.

— Qual é o trabalho?

— Assim é que eu gosto.

— Ainda não concordei com nada — acrescentou Michael rapidamente. — Mas vou ouvir o que tens para me dizer.

— O presidente ordenou-nos que criássemos um destacamento especial dedicado ao terrorismo na Irlanda do Norte.

— E porque é que eu havia de querer regressar e envolver-me com a Irlanda do Norte? O Ulster é um problema britânico e um assunto britânico. Nós somos apenas espectadores.

— Não estamos a pedir-te que saias da reforma e que te infiltres na Brigada para a Libertação do Ulster, Michael — disse Cárter.

— Isso é o que eu faço, Adrian.

— Não, Michael, isso é o que tu fazias dantes — interveio Mónica.

— Mas porque é que, de repente, se está a fazer tanta força dentro da CIA para investir na questão da Irlanda do Norte? O Ulster nunca foi uma alta prioridade em Langley.

— O presidente considera o acordo de paz na Irlanda do Norte uma das coroas de glória da sua presidência em termos de política estrangeira — respondeu Mónica. — Mas também compreende, assim como nós, que o acordo pode ser desfeito num piscar de olhos. O que precisa que a CIA lhe dê são informações e avaliações. Precisa de saber quando é que deve intervir e pressionar as partes e quando é que deve ficar de braços cruzados. Precisa de saber quando é que uma declaração pública pode ser útil e quando é melhor não abrir a boca.

— E o que é que queres de mim?

— O que é que o James Beckwith quer; não é o que eu quero. E o que o presidente quer é que tu estejas à frente do destacamento especial.

— Porquê eu?

— Porque és um agente com muita prática em contraterrorismo e tens alguma experiência naquele terreno. E também sabes como é que a sede funciona e como dar a volta à burocracia. Tens um poderoso aliado no Adrian — acrescentou ela, antes de hesitar um pouco. — E em mim. E há ainda outra coisa. O teu sogro vai ser o próximo embaixador no Palácio de St. James.

— Eu agora moro em Nova Iorque — disse Michael. — A Elisabeth deixou a firma em Washington e está a exercer advocacia em Manhattan.

— Podes trabalhar a partir do posto de Nova Iorque um par de dias por semana e apanhar o comboio para Washington durante o resto do tempo. A agência paga-te as viagens enquanto o destacamento especial durar. Depois disso, teremos de arranjar as coisas de outra maneira.

Mónica pegou no garfo e picou algumas folhas de alface.

— E depois, claro, há a questão do Outubro — acrescentou. — O Adrian tem andado a trabalhar nessa frente.

Cárter afastou o prato vazio e limpou a boca.

— O assassinio do Ahmed Hussein no Cairo cheirou-nos a esturro

desde o princípio. Suspeitámos que os israelitas estivessem envolvidos, mas eles negaram-no publicamente e a nós em privado. Por isso, começámos a visitar contactos, a bater às portas. Já conheces o esquema — explicou Cárter, falando como se estivesse a descrever os acontecimentos de um fim-de-semana muito chato em casa. — Temos uma fonte dentro da Mossad. Contou-nos que o Ari Shamron, o chefe da Mossad, ordenou o assassinio e supervisionou ele próprio a operação, para ter a certeza de que ninguém fazia merda.

Mónica Tyler levantou o olhar da salada e fitou-o atentamente. Detestava linguagem grosseira e tinha banido os palavrões de todas as reuniões do pessoal graduado.

Tocou ao de leve nos lábios com o canto do guardanapo.

— A fonte disse que o Shamron foi à procura do atirador fora da Mossad — continuou Cárter. — Um assassino caro, um assassino contratado. Disse que o Shamron pagou o serviço com fundos angariados de fontes privadas.

— E tinha alguma descrição do assassino?

— Não.

— Localização geográfica?

— Europa ou Médio Oriente. Talvez do Mediterrâneo. — Eu vi uma cassette de vídeo com o assassinio.

— Desculpa? — perguntou Adrian.

Michael contou-lhe sobre o encontro com Yousef Hafez.

— E achas que o atirador era o Outubro? — perguntou Cárter.

— Já vi como ele se movimenta e já o vi a usar uma arma — respondeu Michael. — Pode muito bem ser o mesmo homem, mas é difícil ter a certeza. Mas, apesar disso, sou capaz de o conseguir provar.

— Como?

— Eu dei-lhe um tiro na mão, naquela noite em Shelter Island — respondeu Michael. — Na mão direita. Na mão que ele usa para disparar. No assassinio do Ahmed Hussein, o atirador não usou luvas. Se eu conseguir descobrir-lhe uma cicatriz na mão, saberei que é mesmo o Outubro.

— E onde é que está a cassette? — perguntou Cárter.

— Tenho-a eu.

O empregado bateu à porta, entrou na sala e levantou os restos do primeiro prato.

Depois de ele ter voltado a sair, Mónica disse:

— Se regressares à agência, estou disposta a expandir as tuas funções. Serás o chefe do destacamento especial dedicado à Irlanda do Norte e também te vai ser atribuída a missão de localizar e prender o Outubro, se ele estiver realmente vivo. Então, temos um acordo, Michael?

— Tenho de falar com a Elizabeth primeiro — retorquiu. — Dou-te uma resposta de manhã.

— És um agente que foi treinado para persuadir tipos a trair o seu próprio país — disse Mónica, sorrindo amavelmente. — Tenho a certeza de que não terás problemas em convencer a tua mulher de que esta é a melhor decisão.

Adrian Cárter riu-se e disse:

— Tu não conheces a Elizabeth.

Depois do jantar, Michael quis andar um pouco. O apartamento ficava exactamente do outro lado do Central Park, na Quinta Avenida, mas até Michael, enquanto ex-agente operacional da CIA treinado nas artes marciais, sabia que era melhor evitar o parque à noite. Seguiu para sul, por Central Park West, contornou Columbus Circle e passou pelas carruagens malcheirosas puxadas a cavalo ao longo de Central Park South.

Começou a nevar enquanto avançava pela Quinta Avenida em direcção à alta da cidade ao longo do passeio de pedras arredondadas contíguo ao parque. Estava com receio da conversa que se encontrava prestes a ter com Elizabeth; ela iria ficar furiosa e com razão. Tinha-lhe feito uma promessa depois de Outubro e de Astrid Vogel os terem tentado matar — que deixaria a CIA para nunca mais regressar — e agora iria quebrar essa promessa.

Sentou-se num banco e olhou para as luzes a brilharem intensamente na janela do seu apartamento. Recordou-se do dia em que ele e Elizabeth se tinham conhecido, uma tarde de calor sufocante na baía de Chesapeake, a bordo do veleiro de um amigo comum, seis meses após o homicídio de Sarah Randolph. A CIA tinha decretado que o disfarce de Michael se encontrava irremediavelmente comprometido; tinha sido retirado do terreno, em Londres, e recebera um trabalho de secretária entediante em Langley. Sentia-se infelicíssimo nessas funções e continuava devastado com a morte de Sarah. Nunca olhava sequer para as outras mulheres. Foi então que o apresentaram a Elizabeth Cannon — a linda e talentosa filha do famoso senador decano de Nova Iorque — e, pela primeira vez desde aquela noite no Chelsea Embankment, Michael sentiu por fim a sombra de Sarah Randolph a desvanecer-se.

Fizeram amor naquela noite e, a seguir, Michael mentiu-lhe em relação ao que fazia na vida. Na verdade, mentiu-lhe sobre o trabalho durante meses. Foi só quando falaram pela primeira vez em casar que foi forçado a contar-lhe a verdade: que trabalhava para a CIA, orientando agentes infiltrados em grupos terroristas, e que a mulher que amara desesperadamente tinha sido assassinada à sua frente. Elizabeth deu-lhe uma estalada e disse-lhe que nunca mais o queria ver. Michael pensou que a perdera para sempre.

A relação deles nunca recuperou por completo daquelas primeiras mentiras. Elizabeth equiparava o trabalho de Michael a outras mulheres por causa de Sarah. De cada vez que ele se ausentava, ela reagia como se a tivesse traído. Quando regressava de uma operação, ela procurava inconscientemente marcas de outras amantes no seu corpo. O dia em que Michael deixou a agência foi o dia mais feliz da vida dela. E agora iria começar tudo outra vez.

Michael atravessou a rua e pôs-se debaixo do toldo da porta de entrada para o seu prédio, passou discretamente pelo porteiro e apanhou o elevador para um foyer privado no décimo quarto andar.

Encontrou Elizabeth onde a deixara duas horas antes, esparramada no sofá, por baixo de uma grande janela com vista para o parque, rodeada por pilhas de pastas de arquivo em papel manilha. O cinzeiro que se encontrava no chão estava cheio de cigarros meio fumados. Andava a preparar a defesa de uma empresa de rebocadores de Staten Island que estava a ser processada pelo governo federal por ter, alegadamente, causado um derrame de petróleo ao largo de Nova Jérsia. O caso ia a julgamento dentro de duas semanas — o seu primeiro julgamento desde que regressara à firma. Andava a trabalhar demasiadas horas, a beber demasiado café e a fumar demasiado.

Michael beijou-a na testa e tirou-lhe o cigarro, a arder lentamente, que tinha na ponta dos dedos. Elizabeth olhou para ele de relance, por cima dos óculos de ler, e depois voltou a concentrar-se no bloco de notas amarelo onde ia fazendo apontamentos com a sua letra enrolada e irregular. Distraidamente, estendeu a mão para o maço de tabaco e acendeu outro cigarro.

— Andas a fumar demasiado — disse Michael.

— Deixo de fumar quando tu fizeres o mesmo — respondeu ela sem tirar os olhos do trabalho. — Como é que correu o jantar?

— Correu bem.

— E o que é que eles queriam?

— Querem que eu volte. Têm um trabalho para mim.

— E o que é que lhes disseste?

— Que queria falar contigo primeiro. Parece-me que queres aceitar esse trabalho.

Deixou cair o bloco de notas no chão e tirou os óculos de ler. Estava exausta e tensa, uma combinação letal. Michael, ao olhá-la nos olhos, perdeu de repente a vontade de continuar, mas Elizabeth pressionou-o.

— Qual é o trabalho?

— Querem que eu chefie um destacamento especial dedicado à Irlanda do Norte.

— Porquê tu?

— Já trabalhei na Irlanda do Norte e já trabalhei na sede. A

Mónica e o Adrian acham que é a combinação perfeita para o trabalho.

— A Mónica tentou expulsar-te da CIA há um ano e o teu grande amigo Adrian fez muito pouco para a impedir. A que é que se deve essa mudança repentina de ideias?

— Ela diz que está tudo perdoado.

— E tu, obviamente, queres aceitar a oferta deles. Caso contrário, terias recusado de imediato.

— Sim, quero aceitar.

— Meu Deus! — exclamou ela, esmagando o cigarro e tirando outro. — Porquê, Michael? Pensava que já tinhas acabado com a CIA. Pensava que querias andar para a frente com a tua vida.

— Também eu.

— Então, porque é que estás a deixá-los arrastarem-te novamente para lá?

— Porque sinto falta do trabalho! Sinto falta de me levantar de manhã e de ter um sítio qualquer para onde ir.

— Então arranja um trabalho, se quiseres. Já passou um ano desde que foste alvejado. Já estás completamente recuperado.

— Não há muitas empresas à procura de empregados com competências iguais às minhas.

— Então faz trabalho voluntário. Não precisamos de dinheiro.

— Não precisamos de dinheiro porque tu tens um emprego. Um emprego importante.

— E tu também queres ter um emprego importante.

— Sim, acho que ajudar a levar a paz à Irlanda do Norte seria uma experiência rica e compensadora.

— Detesto ter de destruir os teus sonhos, mas o povo da Irlanda do Norte já anda a matar-se há muito tempo. Vão fazer a paz ou continuar com a guerra independentemente do que a CIA pense acerca disso.

— Há mais uma coisa — acrescentou Michael. — O teu pai está prestes a tornar-se um alvo potencial dos terroristas e eu quero ter a certeza de que não lhe acontece nada.

— Tão nobre e altruísta da tua parte! — lançou ela, com os olhos a chisparem. — Como é que te atreves a arrastar o meu pai para o meio disto? Se queres voltar para a CIA, tem pelo menos a decência de não usares o meu pai como muleta.

— Aquilo faz-me falta, Elizabeth — confessou ele suavemente. — É o que eu faço. Não sei fazer mais nada. Não sei ser mais nada.

— Meu Deus, isso é patético. Às vezes, tenho pena de ti. Odeio esta parte de ti, Michael. Odeio os segredos e as mentiras. Mas se me meter no teu caminho, se bater com o pé no chão e disser que não, vais ficar magoado comigo e eu não serei capaz de aguentar isso.

— Eu não vou ficar magoado contigo.

— E já te esqueceste que tens dois filhos pequenos a dormir ali ao lado?

— A maior parte dos pais com filhos pequenos também consegue manter um emprego. Ela não respondeu.

— A Mónica diz que posso trabalhar um par de dias por semana a partir do posto de Nova Iorque e apanhar o comboio para lá e para cá nos outros dias.

— Parece que vocês os dois já têm tudo resolvido. E quando é que a tua nova melhor amiga quer que comeces?

— O teu pai vai tomar posse no Departamento de Estado depois de amanhã. O presidente quer vê-lo em Londres imediatamente. Pensei em passar algumas horas na sede para me ir instalando.

Elizabeth levantou-se e caminhou imponentemente pela sala.

— Bem, Michael, parabéns. Peço desculpa por não correr a abrir uma garrafa de champanhe.

Capítulo 15

WASHINGTON SEDE DA CIA NOVA IORQUE

Douglas Cannon tomou posse como embaixador norte-americano no Palácio de St. James numa cerimónia no sétimo andar do Departamento de Estado. O secretário de Estado, Martin Claridge, foi quem o empossou, e o juramento era igual ao juramento para presidente. Douglas jurou "salvaguardar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos" e os duzentos convidados reunidos à pressa irromperam em aplausos.

A sala de cerimónias do Departamento de Estado conduz a uma grande varanda com vista a sul para o parque de Washington Mali e o rio Potomac. O céu estava limpo e a temperatura amena após a brutal vaga de frio e, por isso, depois da cerimónia, a maior parte dos convidados fugiu da sala sobreaquecida em direcção ao ar fresco do exterior. O Monumento de Washington e o Memorial de Lincoln brilhavam à luz do sol. Michael manteve-se afastado da multidão, a beber café numa refinada chávena de porcelana e a fumar um cigarro para se proteger. O que é que faz? é a segunda deixa na maioria das conversas em Washington e Michael não estava com disposição para mentir.

Observou Elizabeth, que se deslocava sem esforço por entre a multidão. Ela odiava ter crescido numa família política, mas isso tinha-lhe dado a capacidade para conseguir movimentar-se numa sala como um presidente em exercício de funções. Trocou com facilidade gracejos com o secretário de Estado, vários membros do Congresso e até alguns jornalistas. Michael estava cheio de admiração. Tinha sido treinado para passar despercebido, para se mover invisivelmente, para procurar constantemente sinais de problemas. As recepções punham-no nervoso. Avançou decidido pelo meio da multidão até chegar a Elizabeth.

— Tenho de me ir embora — disse, dando-lhe um beijo na cara.

— Quando é que voltas para casa?

— Vou tentar apanhar o comboio das sete.

Um dos antigos sócios de Elizabeth na firma de advocacia avistou-

a e arrastou-a para uma conversa. Michael afastou-se, atravessando a luz brilhante. Olhou uma vez mais para Elizabeth, mas ela tinha posto os óculos de sol e Michael não conseguia perceber se estava a olhar para ele ou para o velho amigo da firma. Elizabeth manejava bem as artes do ofício. Sempre achou que ela teria dado uma excelente espia.

Michael atravessou a Memorial Bridge e seguiu no carro para norte, ao longo da George Washington Memorial Parkway. O rio tremeluzia abaixo dele. Ramos de árvores despidos moviam-se ao vento. Tinha a sensação de estar a conduzir através de um túnel de luz oscilante. Nos velhos tempos, antes de vender o Jaguar, ir da casa deles em Georgetown para a sede, de um lado para o outro, era a sua parte preferida do dia. Não era bem a mesma coisa num Ford Taurus alugado.

Virou para a entrada principal da CIA, parou na guarita à prova de bala e deu o nome ao agente dos Serviços de Protecção Especiais; como já não tinha um cartão de identificação da agência, entregou a carta de condução de Nova Iorque. O agente verificou o nome numa lista. Providenciou-lhe um passe cor-de-rosa para colocar no painel de instrumentos do carro — a escolha da cor em questão sempre intrigara Michael — e explicou-lhe como chegar ao parque de estacionamento para as visitas.

Ao atravessar o hall de entrada em mármore branco, Michael teve a sensação de estar a flutuar através de uma sala da sua infância. Tudo lhe parecia um pouco mais pequeno e um pouco mais sujo do que se lembrava. Passou por cima da insígnia da CIA estampada no chão. Olhou de relance para a estátua de Bill Donovan — o fundador da antecessora da CIA, a Agência de Serviços Estratégicos, em funcionamento durante a Segunda Guerra Mundial — e para a parede de estrelas em honra dos agentes da CIA mortos em serviço.

Dirigiu-se até à secretária do guarda, junto a uma série de torniquetes de segurança de alta tecnologia e apresentou-se ao agente de serviço no turno da manhã. O guarda ligou para a linha telefónica de Adrian Cárter e murmurou algumas palavras para o auscultador. A seguir, desligou e, olhando para Michael com desconfiança, disse-lhe para se sentar num dos bancos pretos almofadados do hall de entrada. Um trio de raparigas bonitas, de calças de ganga e camisola, passou em animado falatório e transpôs os torniquetes. A nova CIA, pensou Michael: a cruzada das crianças. O que iria pensar o feroz Bill Donovan daquele sítio? De repente, sentiu-se muito velho.

Dez minutos mais tarde, Cárter sorriu de forma descaracterizada enquanto se aproximava, vindo do outro lado da barricada de segurança.

— Ora, ora, o filho pródigo à casa torna — exclamou ele. — Deixa-o entrar, Sam. É um desordeiro, mas é inofensivo.

— Por que raio é que demoraste tanto tempo? — perguntou Michael.

— Estava preso ao telefone com a Mónica. Ela quer uma avaliação da situação na Irlanda do Norte para amanhã.

— Meu Deus, Adrian, ainda nem sequer fui à minha secretária.

— Primeiro, o mais importante, Michael.

— E o que é isso?

— O Departamento de Recursos Humanos, claro.

Cárter deixou Michael no Departamento de Recursos Humanos, onde durante três horas suportou o abusivo ritual de iniciação necessário para reentrar no mundo dos serviços secretos. Assegurou que não tinha intenção de revelar segredos a uma qualquer potência estrangeira. Que não era dependente de álcool nem de drogas. Que não era homossexual nem tinha qualquer comportamento sexual desviante. Que não tinha dívidas que não conseguisse pagar. Que não estava a passar por problemas conjugais — a não ser os causados pelo meu regresso à CIA, pensou ele.

Depois de assinar e rubricar todos os documentos necessários, foi fotografado e deram-lhe um novo cartão de identificação, com uma corrente para usar ao pescoço enquanto andasse dentro da sede. Teve de aguentar com o sermão inane advertindo-o para não exibir o emblema em público. Também lhe deram uma password para o computador e um certificado de segurança para poder adquirir documentos confidenciais do sistema de ficheiros da CIA.

O Centro de Contraterrorismo tinha mudado de instalações durante a ausência de Michael, passando de umas divisões apertadas no sexto andar, situadas no antigo edifício da sede, para uma ampla extensão de cubículos brancos na Torre Sul. Para Michael, ao entrar naquela vasta sala nessa manhã, era como estar perante um departamento de reclamações de um conglomerado dos seguros. O CTC tinha sido criado durante a Administração Reagan para neutralizar uma onda de ataques de terrorismo contra americanos e interesses do país no estrangeiro. No léxico de Langley, era apelidado de "Centro" porque se servia do pessoal e dos recursos tanto do lado clandestino da CIA como do analítico. E também incluía pessoal de outras agências governamentais, tais como a Administração para o Combate à Droga, o Departamento de Justiça, a Guarda Costeira e a Administração Federal de Aviação. Até o arqui-rival da CIA, o FBI, desempenhava um papel importante no CTC, algo que teria sido condenado e considerado uma heresia no tempo do pai de Michael.

Carter estava a praticar o seu putt^[25] no tapete do espaçoso escritório e não viu Michael chegar. O resto do pessoal levantou-se para o cumprimentar. Estava lá Alan, um estudioso contabilista do FBI que seguia o fluxo secreto de dinheiro através dos bancos mais

discretos e sujos do mundo. Estava lá Stephen, também conhecido como Eurotrash, que vigiava os movimentos dos moribundos grupos terroristas de esquerda da Europa Ocidental. Estava lá Blaze, um gigante do Novo México que falava dez dialectos índios diferentes e espanhol com dezenas de sotaques regionais. Os seus alvos eram os movimentos de guerrilha e os grupos terroristas da América Latina. Como de costume, estava vestido como um camponês peruano, com uma camisa folgada e sandálias de couro.

Considerava-se um samurai moderno, um verdadeiro poeta guerreiro; uma vez, tinha tentado ensinar Michael a matar com um cartão American Express. Inconscientemente, Michael reuniu forças enquanto estendia a mão a Blaze e a via desaparecer dentro da enorme pata dele.

Cárter saiu do escritório, com um taco de golfe numa mão e uma pilha de dossiês na outra.

— Onde é que me sento? — perguntou Michael.

— Na esquina da Osama Bin Laden com a Carlos, o Chacal.

— De que raio estás a falar?

— Este sítio agora é tão grande, que tivemos de criar endereços para o pessoal conseguir encontrar-se uns aos outros.

Cárter apontou para uns pequenos letreiros azuis colados no cimo dos cubículos.

— Divertimo-nos um bocadinho com os nomes das ruas. Conduziu Michael pela Alameda Abu Nidal, um caminho longo entre os cubículos, e virou à direita, na Rua Osama Bin Laden. Parou quando chegou a um cubículo sem janela na Avenida Carlos, o Chacal. A secretária estava atafalhada com resmas de dossiês antigos e alguém lhe tinha surripiado o monitor do computador.

— Estamos a contar que recebas um monitor novo até ao final do dia — disse Cárter.

— Isso quer dizer no próximo mês, se tivermos sorte.

— Vou pedir a alguém para arrumar esses dossiês. Precisas de te lançar ao trabalho. A Cynthia vai ajudar-te a começar.

Cynthia era Cynthia Martin, um anjo de cabelos cor do linho, nascido no Reino Unido e o principal agente do centro na questão do terrorismo na Irlanda do Norte.

Tinha estudado movimentos sociais na London School of Economics e dado aulas por um curto período em Georgetown, antes de se juntar à CIA. Já se esquecera de mais coisas acerca do IRA do que aquilo que Michael alguma vez viria a saber. A Irlanda do Norte era o seu território. Se alguém devia liderar o destacamento especial, esse alguém era Cynthia Martin.

Olhou para a secretária caótica de Michael e franziu a testa.

— Porque é que não fazemos isto no meu lugar? Conduziu

Michael até ao cubículo dela e sentou-se.

— Olha, Michael, eu não vou fingir que não estou chateada com isto.

Cynthia era conhecida pela sua franqueza e língua afiada. Michael estava surpreso por ela ter esperado até chegarem ao cubículo para lhe dizer das boas.

— Eu é que devia ter ficado com o destacamento especial para a Irlanda, não alguém que não põe os pés no centro há um ano.

— Prazer em ver-te também, Cynthia.

— Este sítio ainda é um clube de rapazes, apesar de o Director ser uma mulher. E, apesar de eu ter um passaporte americano, no sétimo andar ainda pensam em mim como "aquela cabra britânica".

— Já acabaste?

— Sim, já acabei. Tinha de tirar isto do peito. — Sorriu e perguntou: — Em todo o caso, como é que estás?

— Estou ótimo.

— E as tuas feridas?

— Todas saradas.

— Levas-me a mal estar chateada?

— Claro que não. Tens direito a estar zangada. — Michael interrompeu-se por uns instantes e, a seguir, disse: — O Adrian deu-me autoridade para organizar o destacamento especial da maneira que eu entendesse. Preciso de um adjunto forte.

— Estás a oferecer-me o cargo? Michael acenou com a cabeça.

— Então, suponho que aceito.

Ele estendeu a mão e Cynthia agarrou-a.

— Bem-vinda a bordo, Cynthia.

— Obrigada, Michael. Bom, temos uma data de coisas para tratar; por isso, vamos deitar mãos à obra.

Quatro horas mais tarde, Adrian Cárter assomou a cabeça ao cubículo de Cynthia.

— Tenho uma coisa que precisas de ver.

Michael seguiu-o até ao escritório dele. Cárter fechou a porta e entregou a Michael um grande envelope em papel manilha.

— O que é isto?

— A Divisão dos Serviços Técnicos tem andado a trabalhar naquele vídeo do assassinio do Ahmed Hussein — respondeu Cárter. — Usaram um computador para aumentar a imagem.

Michael abriu o envelope e tirou de lá uma grande fotografia de uma mão a segurar uma arma. Nas costas da mão, entre o pulso e os primeiros nós dos dedos, via-se uma cicatriz enrugada.

— É ele, Adrian. Raios o partam, é ele.

— Já alertámos a Interpol e os serviços secretos com quem temos boas relações pelo mundo inteiro. A OTS^[26] está a usar as imagens

que temos para produzir um retrato computadorizado da cara dele. Como sabes, as imagens estão todas parcialmente obscurecidas. Na verdade, não sabemos qual é o aspecto dele. A OTS quer que tu preenchas os espaços em branco.

— Eu nunca cheguei verdadeiramente a ver-lhe a cara — respondeu Michael —, mas tenho uma ideia geral.

— Põe-te a mexer para a OTS e dá-lhes uma mãozinha. Quero esta coisa em circulação o mais rápido possível.

Michael fixou o olhar na mão com a cicatriz na fotografia.

— Se ele quiser trabalhar, vai ter de se mexer — disse Cárter. — E, se tentar mexer-se, nós vamos andar mesmo em cima dele.

Michael sorriu e entregou a fotografia a Cárter. Cárter perguntou:

— Estás contente por teres aceiteado o meu convite para voltares?

— Porra, claro que sim.

Michael perdeu o comboio das sete horas por cinco minutos. Ligou para o apartamento deles em Nova Iorque para dizer a Elizabeth que chegaria atrasado, mas ninguém atendeu, pelo que deixou uma mensagem e bebeu uma cerveja no bar do aeroporto até que anunciaram o seu voo.

No avião, ficou a olhar pela janela enquanto imagens da Irlanda do Norte lhe passavam pela cabeça. Tinha passado a maior parte do dia enclausurado no cubículo de Cynthia Martin a estudar as organizações paramilitares do Ulster.

Era possível que qualquer um dos grupos protestantes já existentes tivesse efectuado os ataques e utilizado o pseudónimo de Brigada para a Libertação do Ulster para desviar suspeitas. Também era possível que fosse um novo grupo composto por membros sem experiência paramilitar prévia. Michael tinha outra teoria: a Brigada para a Libertação do Ulster era um pequeno grupo de protestantes da linha dura, altamente organizado e experiente, que tinha desertado das organizações dominantes por causa do cessar-fogo. O trio de ataques fora demasiado profissional e bem-sucedido para ser obra de agentes inexperientes. Os líderes eram, obviamente, implacáveis e iriam até ao fim para proteger a segurança da organização, como o demonstrava o facto de os três terroristas que participaram nos ataques se encontrarem agora todos mortos. Identificar os seus membros iria ser difícil, mas não impossível.

Michael tinha passado a maior parte do dia a rever os dossiês de todos os membros conhecidos dessas organizações paramilitares. As caras deles apareciam-lhe agora na mente: fotos de cadastro, fotografias de operações de vigilância dos serviços secretos, esboços de artistas.

Um outro rosto apareceu-lhe na mente: a imagem esborratada e incompleta de Outubro. Michael suspeitara que ele estivesse vivo.

Agora tinha a prova disso, as fotografias de uma mão com uma cicatriz. Ainda assim, sabia que as hipóteses de o apanhar eram pequenas. A única coisa que podia fazer era dar o alerta e esperar que surgisse outra oportunidade.

Michael pediu uma cerveja à assistente de bordo. Telefonou para o apartamento outra vez, mas continuou a não haver resposta. Normalmente, falava com Elizabeth várias vezes por dia, já que ela ligava para casa constantemente para saber das crianças. Naquele dia, já não falavam desde a cerimónia de posse de Douglas. Só estava de volta ao trabalho há um dia, mas já conseguia sentir uma certa distância entre ambos. Sentia-se culpado, mas também experimentava um contentamento — uma sensação de propósito; na verdade, um sentimento de excitação — por que já não passava há muitos meses. Detestava admiti-lo, mas a CIA era como se fosse a sua casa. Às vezes, era um lar disfuncional, com adultos sempre a discutir e crianças incorrigíveis, mas era a sua casa na mesma.

Deparou-se com Elizabeth deitada na cama, rodeada de papéis. Beijou-a no pescoço, mas ela esfregou o sítio como se tivesse comichão. Despiu-se, fez uma sanduíche e enfiou-se na cama, ao lado dela.

— Eu até te perguntava como foi o teu dia — disse ela —, mas já sei que não poderias dizer-me nada.

— Foi bom voltar ao trabalho — respondeu ele, arrependendo-se imediatamente.

— Os teus filhos estão óptimos, já agora.

Ele pousou a sanduíche na mesa-de-cabeceira e tirou o bloco de notas de Elizabeth, colocando-o fora do alcance dela.

— Quanto tempo é que isto vai durar? — perguntou ele.

— Quanto tempo é que vai durar o quê?

— Tu sabes bem o quê, Elizabeth. Quero saber por mais quanto tempo me vais tratar como um pária.

— Não posso fingir que estou contente com isto, Michael. Não posso fingir que não me sinto asoberbada com o meu trabalho e as crianças e que ainda por cima o meu marido agora anda a ir e vir de Washington constantemente.

Acendeu um cigarro, carregando no isqueiro com demasiada força.

— Odeio aquele sítio. Odeio o que aquilo te faz. Odeio o que aquilo nos faz.

— O teu pai apresenta as credenciais à rainha na próxima semana em Londres. Eu preciso de ir a Londres por uns dias. Porque é que não vens comigo para podermos passar algum tempo juntos?

— Porque não posso simplesmente ir de escantilhão para Londres neste preciso momento — disparou ela. — Tenho um julgamento a

bater à porta. Tenho filhos. Tu tens filhos, caso te tenhas esquecido.

— Claro que não me esqueci.

— Ainda agora foste a Londres. Porque é que tens de lá voltar tão depressa?

— Preciso de reatar alguns contactos antigos.

— Em Londres?

— Não, em Belfast.

Capítulo 16

LONDRES

A residência oficial do embaixador norte-americano na Grã-Bretanha é Winfield House, uma mansão georgiana de tijolo vermelho ocupando quinhentos metros quadrados, no centro de Regent's Park. Barbara Hutton, a herdeira da fortuna dos Woolworth, construiu a casa em 1934, quando veio para Londres com o marido, o aristocrata dinamarquês conde Haugwitz-Reventlow. Divorciou-se do conde em 1938 e regressou a casa, aos Estados Unidos, onde se casou com Cary Grant. A seguir à Segunda Guerra Mundial, vendeu Winfield House ao governo norte-americano, pela quantia de um dólar, e o embaixador Winthrop Aldrich instalou-se ali em 1955.

Douglas Cannon já tinha ficado em Winfield House por duas vezes, durante viagens oficiais a Londres, e no entanto, ao instalar-se nesse primeiro dia, sentiu-se novamente assoberbado com a elegância e o tamanho da mansão. Ao inspeccionar as grandes e airoas salas do rés-do-chão, quase não conseguia acreditar que Barbara Hutton tivesse construído Winfield House como uma casa particular.

Quando Michael chegou, dois dias mais tarde, Douglas conduziu-o pelas várias e vastas divisões, mostrando-lhe com orgulho as mobílias e decorações, como se tivesse sido ele a escolhê-las e a pagá-las todas. A sua divisão preferida era a Sala Verde, um espaço grande e luminoso com vista para o jardim lateral, com papel de parede chinês pintado à mão e meticulosamente pilhado às paredes de um castelo irlandês. Ali, podia sentar-se junto à lareira, por baixo dos espelhos gigantes Chippendale, e observar os pavões e coelhos a vaguear pelos pequenos vales arborizados e pelos salgueiros do jardim.

A enorme casa era tão silenciosa, que, na manhã da cerimónia de apresentação de credenciais por parte de Douglas, Michael acordou com o bater longínquo do Big Ben.

Enquanto punha uma gravata branca e um fraque, à janela do quarto de hóspedes no andar de cima, observou uma raposa-vermelha a perseguir um cisne branco pelo relvado meio iluminado.

Seguiram para a embaixada no carro oficial de Douglas, escoltados por uma equipa de guarda-costas da Divisão Especial. Um pouco antes das onze horas, o barulho de cascos de cavalos ressoava

pela Grosvenor Square. Michael olhou pela janela e avistou o chefe do corpo diplomático, a chegar na primeira de três viaturas. O pessoal da embaixada irrompeu em aplausos quando Douglas saiu do carro e passou pelo meio de duas filas de guardas da marinha.

Douglas seguiu na primeira viatura, ao lado do chefe do corpo diplomático. Michael ia na terceira, com três membros importantes do pessoal da embaixada. Um deles era o chefe do posto de Londres da CIA, David Wheaton. Wheaton era um anglófilo empedernido; com o seu casaco de fraque e um cabelo cinzento e oleoso, parecia estar numa audição para um papel em *Keviver o Passado em Brideshead*. Wheaton nunca tinha escondido o facto de detestar Michael. Muitos anos antes, Wheaton trabalhara para o pai de Michael, no recrutamento de espões russos. O pai de Michael achava que Wheaton não possuía as capacidades sociais nem a esperteza de rua necessárias para ser um bom orientador de agentes e, por isso, produziu um relatório devastador sobre as suas aptidões e que quase fez descarrilar a sua carreira.

A CIA resolveu dar a Wheaton outra oportunidade; homens como ele, homens com a linhagem certa, a educação certa e os rabis certos, tinham sempre uma segunda oportunidade.

Foi despachado para o Sul de África, para desempenhar as funções de chefe do posto de Luanda. Passados seis meses, mandaram-no parar num posto de controlo policial, a caminho de uma reunião com um agente. No porta-luvas, encontrava-se o seu "livro preto" — os nomes, procedimentos de contacto e planos de pagamento para todos os elementos da CIA em Angola. Wheaton foi declarado persona non grata e uma rede inteira de agentes foi presa, torturada e executada. A perda de catorze homens nunca pareceu pesar muito na consciência de Wheaton. No relatório que fez do desastre, culpou os seus agentes por não terem sido capazes de aguentar o interrogatório a que foram submetidos.

Por fim, a agência tirou Wheaton do serviço clandestino e destacou-o para o gabinete para a União Soviética, na sede, onde se deu às mil maravilhas com a burocracia feita de maledicência e cachimbadas. Londres foi como uma volta de honra após uma muito pouco notável — e às vezes desastrosa — carreira. Comandava o posto como se fosse o seu feudo privado. Michael tinha ouvido rumores acerca de uma rebelião nas fileiras. Na CIA, a abreviatura de chefe de estação é COS^[27], mas, entre os agentes de Londres, COS era a abreviatura de COckSucker^[28].

— Olha, olha, o herói de Heathrow — disse Wheaton quando Michael entrou na viatura e se sentou.

Durante o agora infame ataque a Heathrow, Michael tinha subjugado um homem armado e matado outro. A CIA concedeu-lhe

uma citação por bravura e Wheaton nunca o perdoara por isso.

— Como é que tens passado, David?

— Pensava que te tinhas reformado.

— E tinha, mas senti a tua falta e, por isso, voltei.

— Precisamos de falar.

— Estou ansioso por isso.

— Tenho a certeza que sim.

Turistas e peões iam abrindo a boca de espanto à medida que as viaturas avançavam pelo trânsito cerrado do meio-dia, da Grosvenor Square até Park Lane, contornando Hyde Park Corner e seguindo por Constitution Hill. Pareciam desapontados por se tratar apenas de um grupo de diplomatas de meia-idade e não de um qualquer membro excitante da família real.

Quando as viaturas se aproximaram dos portões do Palácio de Buckingham, uma pequena banda — a mesma banda que acompanha o render da guarda — irrompeu numa interpretação enérgica de "Yankee Doodle Dandy"^[29]. Douglas saiu da sua viatura e foi cumprimentado pelo secretário particular da rainha e pelo chefe de protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Levaram-no para dentro do palácio, fazendo-o subir a grande escadaria e atravessar uma série de salas douradas, que faziam Winfield House parecer uma propriedade a necessitar de obras de manutenção. Michael e os membros principais do pessoal da embaixada seguiam-no alguns passos atrás. Por fim, chegaram a um conjunto de portas duplas. Esperaram um momento, até que, algures, alguém fez um sinal secreto e as portas se abriram.

A rainha Isabel II estava parada no meio de uma sala cavernosa. Usava um fato azul-escuro, com a sempre presente bolsa pendurada ao pulso. O subsecretário permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Sir Patrick Wright, aguardava ao seu lado. Douglas percorreu toda a sala, um pouco depressa de mais, e fez uma vénia, de forma correcta, à frente da rainha. Tirou o envelope que continha as suas credenciais e leu a frase prevista:

— Tenho a honra, Vossa Majestade, de apresentar a carta a pedir a exoneração do meu antecessor e a minha carta credencial.

A rainha Isabel pegou no envelope e entregou-o com indiferença a Sir Patrick, sem olhar para o que lá estava dentro.

— Fico muito satisfeita por o presidente Beckwith ter tido a clarividência e o bom senso de nomear alguém com o seu prestígio para Londres, numa altura destas — disse a rainha. — Se me permite a franqueza, senhor embaixador Cannon, não entendo porque é que os vossos presidentes nomeiam frequentemente os seus apoiantes políticos para Londres, em vez de profissionais como o senhor.

— Bem, Vossa Majestade, eu também não sou um profissional, sou

um político no meu íntimo. Que eu tenha conhecimento, houve apenas um profissional dos Negócios Estrangeiros a exercer o cargo de embaixador em Londres: Raymond Seitz, que representava o presidente Bush.

— Era um homem adorável — respondeu a rainha. — Mas estamos ansiosos por trabalhar consigo. O senhor tem muita experiência no que diz respeito aos assuntos internacionais.

Se bem me lembro, foi presidente daquela comissão do Senado... oh, Patrick, ajude-me...

— A Comissão de Relações Externas do Senado — interveio Sir Patrick.

— Sim, fui.

— Bom, a situação na Irlanda do Norte encontra-se neste momento muito tensa e nós precisamos do apoio do seu governo para conseguirmos fazer com que este processo de paz chegue ao fim.

— Estou ansioso por ser seu parceiro, Majestade.

— Tal como eu — respondeu a rainha.

Douglas conseguia sentir que a rainha estava inquieta; a conversa tinha chegado à sua conclusão natural.

— Posso apresentar-lhe os principais membros do meu pessoal, Vossa Majestade?

A rainha acenou com a cabeça. As portas abriram-se e dez diplomatas entraram a passos largos na sala. Douglas apresentou-os um a um. Quando descreveu Wheaton como seu agente de ligação política, a rainha olhou para Douglas, como que duvidando.

Douglas disse:

— Sou viúvo, Vossa Majestade. A minha mulher morreu há vários anos. A minha filha não pôde estar hoje aqui comigo, mas posso apresentar-lhe o meu genro, Michael Osbourne?

A rainha assentiu com a cabeça e Michael entrou na sala. Uma expressão de reconhecimento brilhou nos olhos da rainha Isabel. Inclinou-se para ele e perguntou em voz baixa:

— Não foi o senhor que esteve envolvido naquela situação no Aeroporto de Heathrow o ano passado?

Michael assentiu com a cabeça.

— Sim, Vossa Majestade, mas...

— Não tem de se preocupar, senhor Osbourne — sussurrou a rainha, como se estivesse a conspirar. — Ficaria surpreendido com as coisas que me contam. Posso assegurar-lhe que sou capaz de manter um segredo. Michael sorriu.

— Tenho a certeza que sim, Vossa Majestade.

— Se chegar alguma vez o dia em que o senhor consiga esquecer esse assunto, gostaria de o honrar adequadamente pelo que fez nesse dia. As suas acções salvaram inúmeras vidas. Lamento que só agora

tenhamos tido oportunidade de nos conhecermos.

— Está combinado, Vossa Majestade.

— Está, sim, senhor.

Michael recuou e colocou-se ao lado dos membros da embaixada. Olhou para Wheaton e sorriu, mas Wheaton fez uma ligeira careta como se tivesse acabado de engolir o botão de punho.

Voltaram para trás, atravessando de novo o Palácio de Buckingham. Wheaton apareceu ao lado de Michael e agarrou-o pelo cotovelo. Wheaton jogava ténis; tinha uma poderosa mão direita de tanto apertar as bolas de ténis para combater a ansiedade provocada pelo comando. Michael resistiu ao impulso de se libertar. Wheaton gostava de intimidar os outros, provavelmente por já ter sido ele próprio vítima de intimidações.

— Quero que isto fique oficialmente registado, Michael — disse Wheaton agradavelmente.

Estava sempre a falar "oficialmente" e "confidencialmente", algo que Michael achava um absurdo num agente dos serviços secretos.

— Acho que a tua excursãozinha a Belfast é o raio de uma péssima ideia.

— Achas mesmo que é apropriado usar esse tipo de linguagem aqui dentro, David?

— Vai-te foder, Michael — sussurrou ele.

Michael libertou o cotovelo da mão de Wheaton com um puxão.

— O Kevin Maguire já não é um activo teu — disse Wheaton. Michael lançou-lhe um olhar de desaprovação feroz por ele ter cometido a infracção capital de mencionar o nome de um agente em voz alta numa sala insegura. Wheaton olhava para o trabalho de espionagem como um jogo a ser jogado e ganho. Conduzir uma discussão sobre um agente como um aparte enquanto se passeava pelas salas do Palácio de Buckingham assentava muito bem na imagem que tinha de si próprio.

— Se queres que ele seja interrogado para efeitos do destacamento especial, o agente de controlo dele do posto de Londres é que deve tratar disso.

— O Mensageiro era meu agente — respondeu Michael, utilizando o nome de código de Maguire. — Fui eu quem o recrutei e era eu que o orientava. Fui eu que o persuadi a dar-nos informações que salvaram inúmeras vidas. Vou encontrar-me com ele.

— Agora não é altura para andares a fazer viagens ao passado, especialmente numa cidade como Belfast. Porque é que não fazes um relatório daquilo que precisas ao agente de controlo do Mensageiro? E depois pode ir ele ao encontro.

— Porque quero ser eu a fazê-lo.

— Michael, eu sei que tivemos as nossas divergências, mas

ofereço-te este conselho com toda a sinceridade. O teu lugar agora é atrás da secretária, não como agente operacional. Tens quarenta e oito anos e quase foste morto o ano passado. Até o melhor de nós ficaria abalado. Deixa-me enviar o meu homem para se encontrar com o Mensageiro.

— Eu não fiquei nada abalado — respondeu Michael. — E, no que diz respeito à Irlanda do Norte, ela não mudou em quatrocentos anos; acho que sou capaz de tomar conta de mim enquanto lá estiver.

Saíram para o pátio e foram recebidos pela luz brilhante do sol. Wheaton disse:

— O Mensageiro quer usar os teus antigos procedimentos para marcar o encontro. Se ele não decidir realizar um encontro dentro de dois dias, quer-te fora de Belfast.

Percebeste?

— Percebi, David.

— E se foderes isto, lixo-te a vida.

Capítulo 17

BELFAST

Os voos para a Irlanda do Norte partem de uma área própria do Terminal 1 de Heathrow, onde os passageiros têm de passar por um conjunto férreo de medidas de segurança antes de embarcarem. Michael fingiu ser um escritor de viagens que ia escrever um artigo para uma revista sobre as atracções turísticas das zonas rurais do Ulster.

Durante o voo, leu guias e mapas. O empresário inglês que ia sentado ao lado dele perguntou-lhe se já tinha estado em Belfast. Michael sorriu estupidamente e respondeu que era a primeira vez. O avião sobrevoou Liverpool e continuou em direcção ao mar da Irlanda. O comandante anunciou que tinham acabado de deixar o espaço aéreo do Reino Unido e que aterrariam em Belfast dentro de vinte e cinco minutos. Michael riu-se para si próprio; até os britânicos tinham dificuldade em lembrar-se que a Irlanda do Norte fazia realmente parte do Reino Unido.

O avião desceu através de nuvens quebradas. A Irlanda do Norte é um pouco como uma extensa quinta, interrompida por um par de cidades grandes, Belfast e Londonderry, e centenas de pequenas vilas, aldeias e lugarejos. Os campos encontram-se esculpidos em milhares de parcelas quadradas — algumas cor de esmeralda, outras da cor da lima ou da azeitona, outras fulvas e castanhas. Para leste, onde as águas do Belfast Lough desaguavam no mar da Irlanda, Michael vislumbrou o Castelo de Carrickfergus.

Belfast ficava no sopé da Black Mountain, estendendo-se sobre o lago. Em tempos, tinha sido um centro próspero de linho e construção de barcos — o Titanic foi construído nos estaleiros de Belfast —, mas agora assemelhava-se a qualquer outra cidade industrial britânica caída em tempos difíceis um labirinto de terraços em tijoleira repleto de fumo baixo.

O avião aterrou no Aeroporto de Aldergrove. Michael demorou-se no átrio das chegadas para ver se conseguia detectar algum tipo de vigilância. Comprou chá num café e deu uma vista de olhos à loja de conveniência. Uma das paredes estava cheia de livros sobre o conflito norte-irlandês. Havia camisolas e chapéus para lembrança, de cores brilhantes, que exclamavam, perversamente, Irlanda do Norte! como se

fosse Cannes ou a Jamaica.

Quando Michael saiu do aeroporto, o vento quase lhe arrancou o casaco do corpo. Passou a paragem dos táxis e apanhou um autocarro do Ulster para o centro da cidade.

Belfast inspira imagens de conflito civil, de fumo saído de armas e cordite, mas o primeiro cheiro com que Michael se deparou foi o fedor a estrume. O autocarro passou por um posto de controlo, onde um par de agentes da RUC desmantelava uma carrinha em bocados. Passados quinze minutos, o autocarro chegou ao centro da cidade.

A baixa de Belfast é um sítio sem ponta de encanto — fria e arranjada, demasiado nova em alguns lugares, demasiado velha noutros. Foi bombardeada vezes sem conta pelo IRA, vinte e duas vezes só no dia 21 de Julho de 1972, a Sexta-Feira Sangrenta. A Irlanda do Norte era o único lugar do mundo que fazia Michael sentir-se desconfortável.

Havia uma maldade, uma incoerência e um lado medieval na violência que o desconcertavam. Era uma das poucas cidades em que experimentava dificuldades com a língua.

Sabia falar italiano, espanhol, francês, árabe, hebraico razoavelmente, alemão aceitavelmente e até um pouco de russo, mas o inglês falado com o sotaque duro de Belfast Ocidental confundia-o. E o gaélico, que muitos católicos falam fluentemente, era uma algaraviada sem sentido para Michael: soava-lhe como a lâmina de uma pá a esgravatar no cascalho. Ainda assim, achava as pessoas extraordinariamente amigáveis, em especial para os forasteiros, sempre prontas a pagar uma bebida ou a oferecer um cigarro, com um sentido de humor negro derivado do facto de viverem num mundo enlouquecido.

Fez o check-in no Hotel Europa e passou dez minutos à procura de escutas no quarto. Conseguiu dormir, mas foi acordado por uma sirene e uma voz gravada que dizia para evacuar o hotel imediatamente. Telefonou para a recepção e a rapariga explicou-lhe alegremente que era apenas um teste. Pediu café ao serviço de quartos, tomou banho, vestiu-se e desceu ao piso de baixo. Tinha pedido ao concierge que lhe arranjasse um carro de aluguer. Já se encontrava à espera dele lá fora, no pequeno e circular caminho de entrada, um Ford Escort vermelho-vivo. Michael voltou para dentro do hotel e perguntou ao concierge se a empresa de aluguer de carros não tinha nada numa cor mais subtil.

— Lamento, senhor, mas é tudo o que têm de momento.

Michael entrou no carro e seguiu para norte, ao longo da Victoria Street. Virou numa pequena rua secundária, encostou e saiu. Abriu o capô e começou a puxar fios do motor do carro até este parar de trabalhar. Fechou o capô, tirou as chaves da ignição e voltou a pé para o Europa. Informou o concierge que o Escort se tinha avariado e

explicou onde o podia encontrar.

Vinte minutos mais tarde, chegou um novo carro, um Opel azul-escuro.

Ao longo dos anos, Kevin Maguire, com o nome de código Mensageiro, já tinha utilizado uma dúzia de sequências diferentes para encontros, mas pedira para utilizar naquela noite o seu padrão original, três locais espalhados pelo centro de Belfast, com intervalos de uma hora. Os dois homens deviam dirigir-se ao primeiro local.

Se algum deles detectasse vigilância ou se sentisse desconfortável por algum motivo, tentariam novamente no segundo. Se o segundo não resultasse, tentariam o terceiro.

Se o terceiro também não funcionasse, dariam a noite por terminada e tentariam encontrar-se na seguinte, em três novos locais.

Michael seguiu no carro em direcção ao primeiro local: Donegall Quay, perto da Ponte Rainha Elizabeth, sobre o rio Lagan. Conhecia bem as ruas de Belfast e, durante vinte minutos, efectuou um típico PDV, a abreviatura da CIA para a execução de um percurso de detecção de vigilância. Foi serpenteando pelas ruas do centro da cidade, verificando constantemente se alguém o estava a seguir. Encaminhou-se para Donegall Quay, com a intenção de efectuar o encontro, mas não havia sinal de Maguire e, por isso, Michael continuou a conduzir sem parar. Não era nada típico de Maguire faltar a um encontro; era um terrorista profissional experiente, não o tipo de agente que vislumbresse algum perigo onde este não existia.

Kevin Maguire tinha crescido na urbanização de Ballymurphy durante a década de 1970, filho de um trabalhador de estaleiro desempregado e de uma costureira. A noite, saía para as ruas com os outros rapazes e combatera o exército britânico e a RUC com pedras e cocktails molotov. Uma vez, tinha mostrado a Michael uma fotografia de quando era miúdo, um maltrapilho com cabelo cortado à escovinha, casaco de cabedal e um colar feito de invólucros de cartuchos vazios. Tinha sido como que um herói em Ballymurphy por ser especialista em deter os camiões blindados de transporte de tropas com barris de cerveja vazios. Tal como a maioria dos católicos de Belfast Ocidental, admirava e temia os homens do IRA — admirava-os porque protegiam a população dos esquadrões da morte protestantes da UVF e da UDA, mas temia-os porque mutilavam, com tiros nos joelhos, ou espancavam brutalmente quem quer que saísse da linha. O pai de Maguire tinha ficado com os joelhos destruídos por vender bens roubados, porta a porta, para complementar o rendimento mensal da família proveniente do subsídio de desemprego.

Maguire tinha feito parte dos Na Fianna Eirean — uma espécie de escuteiros republicanos —, e o pai insistiu para que ficasse, apesar da mutilação. Quando fez vinte e dois anos, ofereceu-se como voluntário

para o IRA. Fez o juramento secreto do IRA numa cerimónia na sala de estar da casa dos pais, em Ballymurphy. Maguire nunca iria esquecer a expressão no rosto do pai, a estranha mistura de orgulho e humilhação por o filho ser, a partir daquele momento, membro da organização que lhe tirara as pernas. Foi destacado para a Brigada de Belfast e acabou por vir a fazer parte de uma unidade de elite de serviço activo^[30] na Grã-Bretanha. Desenvolveu bons contactos dentro do Conselho do Exército, o comando militar do IRA, e da Unidade dos Serviços Secretos de Belfast, que vieram a revelar-se inestimáveis quando mudou de lado e se tornou um espião.

O acontecimento que empurrou Maguire para a traição foi o atentado à bomba do IRA numa parada do Dia do Armistício, em Ennis-killen, no condado de Fermanagh, em 8 de Novembro de 1987. Onze pessoas morreram e sessenta e três ficaram feridas quando uma enorme bomba explodiu sem aviso. O IRA tentou acalmar a indignação do povo por causa do massacre dizendo que fora um erro. Maguire sabia a verdade; tinha feito parte da unidade que levava a cabo o ataque.

Ficou furioso com o Conselho do Exército por ter atacado um alvo civil "desprotegido". Jurou a si mesmo que iria evitar que, no futuro, o IRA efectuasse ataques semelhantes. O ódio e a desconfiança que sentia em relação aos britânicos excluía a hipótese de trabalhar para os serviços secretos britânicos ou para a Divisão Especial da RUC; portanto, na viagem seguinte a Londres, contactou a CIA. Michael fora enviado a Belfast para estabelecer contacto com ele. Maguire recusou-se a aceitar dinheiro — "as tuas trinta moedas de prata", como lhe chamou — e, apesar de ser um terrorista do IRA, Michael acabou por considerá-lo um homem decente.

A CIA e os seus homólogos britânicos têm um acordo implícito: a agência não "recolhe" em solo britânico, o que significa que não tenta penetrar no IRA nem recruta activos dentro dos serviços secretos britânicos. Depois de Michael ter estabelecido contacto com Maguire, a CIA foi falar com os britânicos. De início, o MI5 mostrou-se hesitante, mas acabou por concordar que Michael continuasse a encontrar-se com Maguire, desde que recebesse as informações que fossem sendo obtidas ao mesmo tempo que Langley. Durante os vários anos que se seguiram, Maguire forneceu a Michael um fluxo constante de informações acerca de operações do IRA, oferecendo à CIA e aos britânicos uma janela para espreitarem o alto-comando da organização. Maguire tornou-se o informador proveniente do IRA mais importante na história do conflito.

Quando Michael foi retirado do terreno, um novo agente americano foi destacado para Maguire, um homem chamado Jack Buchanan, do posto de Londres. Desde então, Michael não tinha visto

nem falado com Maguire.

Michael seguiu para sul pela Ormeau Road. O segundo ponto de encontro era o Jardim Botânico, no cruzamento da Stranmills Road com a University Road. Uma vez mais, Michael sentia-se confiante de que não estava a ser seguido. Mas, uma vez mais, Maguire não compareceu ao encontro.

O último local era um campo de rãguebi, numa zona de Belfast conhecida por Newtownbreda, e foi aí que, uma hora mais tarde, Michael encontrou Maguire parado debaixo de uma baliza.

— Porque não quiseste o encontro nos dois primeiros sítios? — perguntou Michael quando Maguire entrou para o carro e fechou a porta.

— Nada que eu pudesse ver... só má vibrações.

Maguire acendeu um cigarro. Mais parecia um revolucionário de café do que o artigo genuíno que era. Usava uma gabardina escura, uma camisola preta e calças de ganga pretas. Belfast fizera Maguire envelhecer desde a última vez que Michael o vira. O cabelo preto muito curto estava repleto de brancas e tinha rugas à volta dos olhos.

Agora, usava óculos europeus da moda, redondos e com armações de metal, demasiado pequenos para a cara dele.

— Onde é que arranjaste o carro? — perguntou Maguire.

— Foi o concierge do Europa. Arranquei os fios do motor do primeiro e eles enviaram este vinte minutos depois. Está limpo.

— Eu não falo em salas fechadas ou dentro de carros, ou já te esqueceste de tudo desde que te convenceram a voltar?

— Não me esqueci. Onde é que queres ir?

— E que tal à montanha, como nos velhos tempos? Encosta aí para eu ir buscar umas cervejas.

Michael conduziu para norte, atravessando Belfast, e depois subiu por uma estrada estreita, ao longo da Black Mountain. A chuva tinha parado quando encostou à berma e desligou o motor. Saíram do carro e sentaram-se no capô, a beber cerveja morna e a ouvir o ralenti do motor. Belfast espalhava-se por baixo deles. As nuvens flutuavam por cima da cidade como um lenço de seda lançado sobre um quebra-luz. Era uma cidade escura à noite. Luzes de sódio amarelas brilhavam no centro da cidade, mas, a oeste, na Falis, na Shankill e na Ardoyne, parecia que tinha havido um corte de energia. Maguire sentia-se normalmente em paz naquele sítio — perdera a virgindade ali, como tinha acontecido com metade dos rapazes de Ballymurphy — mas, naquela noite, mostrava-se agitado. Estava a fumar demasiado, a engolir apressadamente a sua cerveja e a suar, apesar do frio.

Falou.- Contou histórias antigas a Michael. Falou-lhe de como tinha sido crescer em Ballymurphy, combater os britânicos e lançar fogo aos chuis deles. Contou-lhe como tinha sido fazer amor na Black

Mountain pela primeira vez.

— O nome dela era Catherine, uma rapariga católica. Senti-me tão culpado, que fui confessar-me no dia seguinte e contei tudo ao padre Seamus — disse ele. — Contei tudo ao padre Seamus muitas outras vezes ao longo dos anos, sempre que enfiava um balázio num soldado britânico ou num homem da RUC, sempre que punha uma bomba no centro de uma cidade ou em Londres.

Contou-lhe um caso que tivera com uma rapariga protestante de Shankill mesmo antes de se juntar ao IRA. Ela ficou grávida e os pais de ambos proibiram-nos de alguma vez voltarem a ver-se.

— Nós sabíamos que era o melhor que tínhamos a fazer — disse ele. — Teríamos sido olhados como párias em ambas as comunidades. Teríamos de abandonar a Irlanda do Norte, viver na porra da Inglaterra ou emigrar para a América. Ela teve o bebé, um menino. Nunca o vi. — Parou de falar e depois continuou: — Sabes, Michael, nunca pus uma bomba em Shankill.

— Porque tinhas medo de poder matar o teu próprio filho.

— Sim, porque tinha medo de poder matar o meu próprio filho, um filho que eu nunca vi — assentiu, abrindo outra lata de cerveja. — Não sei que raio é que andámos aqui a fazer neste últimos trinta anos. Não sei qual o objectivo de tudo isto. Dei vinte anos da minha vida ao IRA, vinte anos dados à porra da causa. Tenho quarenta e cinco. Não tenho mulher. Não tenho uma verdadeira família. E para quê? Um acordo que já podia ter sido alcançado uma dúzia de vezes desde sessenta e nove?

— Era o melhor com que o IRA podia contar — respondeu Michael. — Não há nada de errado numa solução de compromisso.

— E, agora, o Gerry Adams tem uma óptima ideia — disse Maguire, ignorando Michael. — Quer transformar a Falis numa área turística. Abrir uma pensão ou duas. Consegues imaginar? Venham ver as ruas onde os prods e os micks^[31] andaram a travar uma guerrazinha horrível durante três décadas. Meu Deus, nunca pensei ver esse dia chegar, porra! Três mil mortos para podermos entrar na secção de viagens do The New York Times.

Terminou a cerveja e atirou a lata vazia pela encosta abaixo.

— Aquilo que vocês, americanos, não entendem é que nunca haverá paz aqui. Podemos parar de nos massacrarmos uns aos outros por uns tempos, mas nunca há-de mudar nada neste sítio. Não vai mudar nada — afirmou, atirando o cigarro pela encosta e observando as cinzas a desaparecerem na escuridão. — De qualquer modo, tu não vieste até aqui só para me ouvir a tagarelar sobre política e os fracassos do Exército Republicano Irlandês.

— Pois não, não vim. Eu quero saber quem matou o Eamonn Dillon.

— E os cabrões do IRA também.

— O que é que tu sabes?

— Suspeitamos que o Dillon já estava marcado para ser assassinado há muitíssimo tempo.

— Porquê?

— Assim que ele foi morto, os rapazes dos serviços de informação puseram-se ao trabalho. Suspeitavam que alguém dentro do Sinn Fein o tivesse traído porque o assassino tinha aparecido exactamente no sítio certo, exactamente à hora certa. Era possível que os lealistas o tivessem seguido pela Falis e o tivessem vigiado, mas não era muito provável. É difícil para eles actuarem num sítio como a Falis sem serem identificados e o Dillon era cuidadoso com a sua rotina.

— Então, o que é que aconteceu?

— Os serviços de informação do IRA viraram a sede do Sinn Fein do avesso. Vasculharam cada centímetro quadrado, à procura de transmissores ou minicâmaras. Acagaçaram de morte o pessoal e os voluntários e isso deu resultados.

— O que é que descobriram?

— Um dos voluntários, uma rapariga chamada Kathleen, que atendia os telefones, mantinha uma amizade com uma rapariga protestante.

— E a rapariga tinha nome?

— Dava pelo nome de Stella. A Kathleen pensava que não havia nada de errado em ser amiga da Stella por causa do acordo de paz. O IRA apertou-a de uma forma muito dura. Ela confessou que tinha contado coisas sobre a direcção do Sinn Fein, incluindo sobre o Eamonn Dillon, à Stella.

— E a Kathleen ainda está entre nós?

— Por um fio — respondeu Maguire. — O Dillon era adorado dentro do IRA. Foi membro da Brigada de Belfast nos anos setenta. Serviu sob o comando do Gerry Adams. Passou dez anos em Maze com uma acusação de posse ilegal de arma. O IRA estava prestes a enfiar uma bala na nuca dela, mas o Gerry Adams interveio e salvou-lhe a vida.

— Presumo que a Kathleen tenha feito uma descrição da Stella ao IRA.

— Alta, atraente, cabelo preto, olhos cinzentos, boa estrutura facial e maxilar quadrado. Infelizmente, é tudo o que o IRA tem para poder trabalhar. A Stella era uma verdadeira profissional e cuidadosa como o raio. Nunca se encontrou com a Kathleen num local onde houvesse câmaras de vigilância do Sinn Fein.

— E o que é que o IRA sabe sobre a Brigada para a Libertação do Ulster?

— Merda nenhuma — respondeu Maguire. — Mas uma coisa te

digo. O IRA não vai ficar de braços cruzados para sempre. Se as forças de segurança não conseguirem controlar as coisas, e depressa, a porra deste sítio vai toda pelos ares.

Michael deixou Maguire no cruzamento da Divis Street com a Millfield Road. Maguire saiu do carro e diluiu-se novamente na Falis sem olhar para trás. Michael percorreu os poucos quarteirões que faltavam até ao Europa e deixou o carro com o empregado. Maguire não lhe tinha dado muita informação, mas já era um começo. A Brigada para a Libertação do Ulster parecia possuir um aparelho de espionagem sofisticado e um dos seus agentes era uma mulher alta, com cabelo preto e olhos cinzentos. E também se sentia muito bem consigo próprio; depois de muito tempo afastado, tinha entrado em acção e levado a cabo um encontro clandestino bem-sucedido com um agente. Estava ansioso por voltar a Londres para fazer chegar as informações à sede da agência.

Era tarde, mas tinha fome e sentia-se demasiado agitado para ficar no quarto de hotel. A rapariga da recepção recomendou-lhe um restaurante chamado Arthur's, logo a seguir à Great Victoria Street. Sentou-se numa pequena mesa, perto da porta, com os seus folhetos turísticos a servirem-lhe de protecção. Comeu bife irlandês e batatas encharcadas em natas e queijo, tudo regado com meia garrafa de um clarete decente. Eram onze horas quando voltou a pisar a rua. Um vento frio uivava pelo centro da cidade.

Seguiu para norte, pela Great Victoria Street, em direcção ao Europa, A sua frente vinha uma rapariga a bater com os pés com força no chão, com as mãos enterradas bem dentro dos bolsos de um casaco de cabedal preto e uma mala de mão pendurada ao ombro. Já a tinha visto algures no Europa — no bar, talvez, ou a empurrar um carrinho de limpeza por um corredor. Ela olhou em frente. O olhar de Belfast, pensou ele. Ninguém naquela cidade parecia olhar para ninguém, muito menos nos passeios vazios do centro, a altas horas da noite.

Quando a rapariga se encontrava uns cinco metros à sua frente, pareceu tropeçar numa grelha do passeio. Caiu pesadamente, espalhando o que trazia na mala. Michael avançou rapidamente e ajoe-lhou-se ao lado dela.

— A senhora está bem? — perguntou.

— Sim — respondeu a rapariga. — Foi só uma quedazinha, nada de grave.

Ela sentou-se e começou a apanhar as suas coisas.

— Deixe-me ajudá-la — disse Michael.

— Não é necessário — disse ela. — Eu fico bem.

Michael ouviu um carro a acelerar pela Great Victoria Street. Virou-se e avistou um Nissan de tamanho médio, avançando a toda a velocidade na sua direcção, com os faróis apagados. Foi então que

sentiu algo duro a pressionar-lhe a região lombar.

— Enfie-se na porcaria do carro, senhor Osbourne — disse a rapariga calmamente —, ou juro por Deus que lhe meto uma bala na espinha.

O carro travou a fundo e derrapou, parando junto ao passeio, e a porta traseira abriu-se de repente. Estavam dois homens sentados no banco de trás. Usavam ambos balaclavas. Um deles saltou para a rua, empurrou Michael para dentro do carro e, a seguir, entrou e sentou-se ao lado dele. A viatura acelerou rapidamente, deixando a rapariga para trás.

Quando já se encontravam afastados do centro da cidade, os dois homens obrigaram Michael a deitar-se no chão e começaram a espancá-lo com os punhos e com as coronhas das armas. Ele colocou os braços à volta da cabeça, tentando proteger-se das pancadas, mas não serviu de nada. Viu luzes a brilhar, ouviu os ouvidos a tinir e perdeu os sentidos.

Capítulo 18

CONDADO DE ARMAGH, IRLANDA DO NORTE

Michael acordou de repente. Não fazia ideia de quanto tempo estivera inconsciente. Tinham-no enfiado na bagageira do carro. Abriu os olhos, mas não viu nada a não ser escuridão; tinham-lhe posto um capuz preto na cabeça. Fechou os olhos outra vez e verificou os ferimentos. Os homens que o tinham agredido não eram o tipo de profissionais que conseguissem espancar um homem quase até à morte sem deixar marcas. A cara de Michael parecia ferida e inchada e conseguia sentir o gosto de sangue seco à volta da boca. Não conseguia respirar pelo nariz e o crânio doía-lhe numa dúzia de sítios diferentes. Várias costelas estavam partidas, de modo que até mesmo o inspirar pouco profundo provocava dores atrozes. Doía-lhe o abdómen e tinha a virilha inchada.

Por causa do capuz, os restantes sentidos de Michael ficaram, de repente, mais vivos. Consequia ouvir tudo, o ranger das molas dos assentos, a música no rádio do carro, a rudeza do gaélico. Podiam estar a falar sobre o tempo ou de onde planeavam despejar o corpo dele, que Michael não teria percebido a diferença.

Durante vários minutos, o carro andou a uma boa velocidade numa estrada regular. Michael sabia que estava a chover porque conseguia ouvir o silvo do asfalto molhado por baixo de si. Passado algum tempo — vinte minutos, deduziu Michael —, o carro deu uma volta de noventa graus. A velocidade decresceu e o piso da estrada deteriorou-se.

O terreno tornou-se acidentado. Cada buraco, cada curva da estrada, cada inclinação, enviavam ondas de dores desde o couro cabeludo até à virilha de Michael. Tentou pensar em algo, qualquer coisa, além da dor.

Pensou em Elizabeth, na sua casa. Devia ser o início da noite em Nova Iorque. Ela devia estar a dar o último biberão às crianças antes de elas se deitarem. Por um instante, sentiu-se um completo idiota por ter trocado uma vida idílica com Elizabeth por um rapto e um espancamento na Irlanda do Norte. Mas isso era um pensamento derrotista, pelo que afastou-o da cabeça.

Pela primeira vez, em muitos anos, Michael pensou na mãe. Supôs

que isso se devesse ao facto de pelo menos uma pequena parte dele suspeitar que poderia não sair da Irlanda do Norte com vida. As memórias que tinha dela eram mais como as de uma antiga amante do que de uma mãe: tardes passadas em cafés em Roma, passeios pelas praias do Mediterrâneo, jantares em tabernas gregas, uma peregrinação ao luar até à Acrópole. Às vezes, o pai ausentava-se por semanas, sem dizer nada. Quando acabava por regressar a casa, não podia dizer nada sobre o trabalho ou onde tinha estado. Ela castigava-o ao falar só em italiano, uma língua que o desnorreava. Também o castigava ao trazer estranhos para a cama dela — facto que nunca escondera de Michael. Costumava meter-se com ele, dizendo-lhe que o seu verdadeiro pai era um rico fazendeiro siciliano, o que explicava a pele cor de azeitona de Michael, o seu cabelo quase preto e o nariz longo e estreito. Michael nunca tinha a certeza se ela estava a brincar ou não. O segredo que partilhavam em relação ao adultério dela criou um laço místico entre ambos. Ela morreu de cancro da mama quando ele tinha dezoito anos. O pai de Michael sabia que a mulher e o filho tinham guardado segredos dele; o velho enganador tinha sido enganado. No ano que se seguiu à morte de Alexandra, Michael e o pai mal se falaram.

Michael pensou no que teria acontecido a Kevin Maguire. A pena por trair o IRA era rápida e dura: tortura extrema e uma bala na nuca. Depois pensou: "Será que o Maguire traiu o IRA ou me traiu a mim?" Recordou os acontecimentos daquela tarde. Os dois carros disponibilizados pelo Europa, o Escorff vermelho e o Opel azul. Os dois pontos de encontro que Maguire tinha falhado, o cais junto ao rio Lagan e o Jardim Botânico. Pensou no próprio Maguire — os cigarros fumados uns atrás dos outros, o suor, a viagem longa através de estradas velhas. Será que se encontrava nervoso porque temia estar a ser observado? Ou sentir-se-ia culpado por estar a tramar o homem que tinha sido o primeiro agente destacado para o orientar?

Saíram da estrada e viraram para um caminho esburacado e sem pavimentação. O carro saltou e bamboleou-se da esquerda para a direita. Michael soltou um gemido involuntário quando uma pontada de dor lhe rompeu pelas costelas partidas, como a ponta de uma faca a rasgá-lo de lado.

— Não se preocupe, senhor Osbourne — gritou uma voz dentro do carro. — Vamos chegar daqui a uns minutos.

Cinco minutos depois, o carro parou. A bagageira abriu-se e Michael sentiu uma rajada de vento carregado de chuva. Dois dos homens pegaram-lhe nos braços e puxaram-no para fora. De repente, estava de pé. Conseguia sentir a chuva a martelar-lhe nas feridas da cabeça, apesar do capuz. Tentou dar um passo, mas os joelhos falharam.

Os raptos apanharam-no antes de cair no chão. Michael colocou um braço à volta de cada um deles e foi carregado até um chalé de pedra. Passaram por uma série de divisões e de portas, com os pés de Michael a arrastarem-se pelas tábuas do soalho. Um momento depois, sentaram-no numa cadeira de costas direitas e duras.

— Quando ouvir a porta a fechar-se, senhor Osbourne, pode retirar o capuz. Há água quente e uma toalha. Limpe-se. Tem uma visita.

Michael retirou o capuz; estava teso do sangue seco. Pestanejou com a luz forte. A sala estava quase vazia, à excepção de uma mesa e duas cadeiras. O papel de parede floral a descascar recordou-lhe de hóspedes em Cannon Point. Na mesa, estava uma bacia de esmalte branca cheia de água. Ao lado, uma toalha e um pequeno espelho de barbear. A porta tinha um óculo para o poderem vigiar.

Michael inspeccionou a cara ao espelho. Os olhos estavam feridos e quase fechados do inchaço. Tinha um corte profundo no tecido mole acima do olho esquerdo e que precisava de pontos. Os lábios estavam inchados e rachados e tinha uma grande escoriação a atravessar-lhe a face direita. O cabelo estava tingido de sangue. Havia uma razão para lhe terem dado um espelho. O IRA tinha estudado muito bem a arte do interrogatório; queriam que ele se sentisse fraco, inferior e feio. Os britânicos e a Divisão Especial da RUC tinham utilizado essa mesma técnica com os membros do IRA durante três décadas.

Michael tirou o casaco com cuidado e arregaçou as mangas da camisola. Ensopou a toalha na água quente e começou a tratar da cara, limpando suavemente o sangue dos olhos, da boca e do nariz. Inclinou a cabeça sobre a bacia e lavou o sangue do cabelo. Cuidadosamente, passou um pente pelos cabelos e olhou para o espelho outra vez. A sua figura ainda estava hediondamente distorcida, mas tinha conseguido tirar quase todo o sangue.

Um punho martelou na porta.

— Põe o capuz na cabeça outra vez — ordenou a voz. Michael não se mexeu.

— Eu disse para pões a merda do capuz na cabeça.

— Está cheio de sangue — disse Michael. — Quero um limpo. Ouviu o som de passos do lado de fora e gritos zangados em gaélico. Passados alguns segundos, a porta abriu-se com força e um homem com uma balaclava entrou na sala a passos largos. Agarrou o capuz ensanguentado e enfiou-o na cabeça de Michael com brusquidão.

— Da próxima vez que eu te disser para pões o capuz, tu pões a porra do capuz — disse ele. — Percebeste?

Michael não disse nada. A porta fechou-se e ele ficou sozinho outra vez. Tinham-lhe imposto a vontade deles, mas tinha ganho uma pequena vitória. Deixaram-no ficar ali sentado, com um capuz que

tresandava ao seu próprio sangue, durante vinte minutos. Conseguiu ouvir vozes na casa e, algures, muito ao longe, pensou ouvir um grito. Finalmente, ouviu a porta abrir-se e fechar-se outra vez. Um homem tinha entrado na sala. Michael conseguia ouvi-lo a respirar e conseguia sentir-lhe o cheiro: cigarros, tónico capilar, um sopro de água-de-colónia feminina que lhe fez lembrar Sarah. O homem sentou-se na outra cadeira. Devia ser um homem grande, já que a cadeira rangeu sob o seu peso.

— Pode retirar o capuz agora, senhor Osbourne.

A voz era confiante e naturalmente cheia no seu timbre, uma voz de líder. Michael retirou o capuz, pô-lo em cima da mesa e fitou olhos nos olhos a pessoa sentada do outro lado da mesa. Era um homem de feições rudes — uma testa larga e lisa, maçãs do rosto pesadas e o nariz achatado de um pugilista. A racha no queixo quadrado parecia ter sido cortada à machadada. Trazia uma camisa branca com gravata, calças cinzento-escuras e um colete a condizer. Os olhos azul-claros irradiavam luz e inteligência. Por alguma razão, estava a sorrir.

Michael reconheceu a cara dos dossiês de Cynthia Martin, na sede: uma fotografia de prisão tirada em Maze, onde o homem tinha passado vários anos na década de 1980.

— Meu Deus! Eu disse aos meus homens para lhe darem uma tareiazinha, mas parece que em vez disso lhe deram um verdadeiro enxerto. Desculpe, mas às vezes os rapazes entusiasmam-se um bocadinho.

Michael não disse nada.

— O seu nome é Michael Osbourne e trabalha para a CIA em Langley, na Virgínia. Há vários anos, recrutou um agente no interior do Exército Republicano Irlandês, chamado Kevin Maguire. Orientou o Maguire numa operação conjunta com o MI5. Quando voltou para a Virgínia, entregou o Maguire a outro agente, um homem chamado Buchanan.

Não se dê ao trabalho de negar nada disto, senhor Osbourne. Não temos tempo para isso e eu não quero fazer-lhe mal.

Michael não disse nada. O homem tinha razão; ele podia negar tudo, dizer que era tudo um engano, mas isso apenas iria prolongar-lhe o cativeiro, o que poderia conduzir a outro espancamento.

— Sabe quem eu sou, senhor Osbourne? Michael confirmou com a cabeça.

— Faça-me a vontade — disse ele.

Acendeu dois cigarros, ficando com um e dando o outro a Michael. Passado um momento, um manto de fumo pairava entre eles.

— O seu nome é Seamus Devlin.

— E sabe o que é que eu faço?

— É o chefe dos serviços de informação do IRA.

Ouviu-se bater à porta com força e umas quantas palavras murmuradas em gaélico. Devlin disse:

— Volte-se para a parede.

A porta abriu-se e Michael ouviu alguém a entrar no quarto e a pousar um objecto em cima da mesa. A porta fechou-se novamente.

— Já pode virar-se — disse Devlin.

O objecto que fora colocado em cima da mesa era um tabuleiro com um bule de chá, duas canecas de esmalte lascadas e um pequeno jarro de leite. Devlin serviu chá para os dois.

— Espero que tenha aprendido uma lição valiosa esta noite, senhor Osbourne. Espero que tenha aprendido que não pode infiltrar-se neste exército e levar a sua avante.

Pensa que somos apenas uma data de taigs estúpidos? Uma data de micks papalvos saídos dos pântanos? O IRA anda a combater o governo britânico há quase cem anos nesta ilha. Já aprendemos uma coisa ou outra sobre as lides da espionagem pelo caminho.

Michael bebeu o chá e manteve-se em silêncio.

— A propósito, se isso o faz sentir-se melhor, foi o Buchanan que nos conduziu ao Maguire, não foi você. O IRA tem uma unidade especial que segue os voluntários suspeitos de traição, uma unidade tão secreta que eu sou o único que conhece a identidade dos membros. Mande seguir o Maguire em Londres, o ano passado, e vimo-lo a encontrar-se com o Buchanan.

Essa notícia não fez com que Michael se sentisse melhor.

— E porque é que me capturaram? — perguntou ele.

— Porque eu quero dizer-lhe uma coisa — respondeu Devlin, inclinando-se sobre a mesa, com as suas mãos de trabalhador das docas por baixo do queixo. — A CIA e os serviços britânicos estão a tentar encontrar os membros da Brigada para a Libertação do Ulster. Eu acho que o IRA pode ajudar. Afinal de contas, também é do nosso interesse que esta violência fique sob controlo rapidamente.

— E o que é que vocês têm?

— Um esconderijo repleto de armas, nas montanhas Sperrin — revelou Devlin. — Não é nosso e não achamos que pertença a quaisquer outros paramilitares protestantes.

— E em que sítio das montanhas Sperrin?

— Numa quinta, à saída da aldeia de Cranagh.

Devlin entregou a Michael um pedaço de papel com um mapa desenhado de forma rudimentar, indicando a localização da quinta.

— O que é que viram? — perguntou Michael.

— Camiões a entrar e a sair, caixotes a serem descarregados, o normal.

— E gente?

— Um par de rapazes parece que vive lá a tempo inteiro.

Patrulham o campo à volta da casa regularmente. Bem armados, posso acrescentar.

— E o IRA continua a vigiar a quinta?

— Nós retirámo-nos. Não temos o equipamento necessário para fazer as coisas como deve ser.

— E porque é que estão a contar-me isto? Porque é que não passam a informação aos britânicos ou à RUC?

— Porque eu não confio neles e nunca hei-de confiar. Não se esqueça de que há determinados elementos no interior da RUC e dos serviços secretos britânicos que têm colaborado com os paramilitares protestantes ao longo dos anos. Eu quero que esses sacanas dos protestantes sejam travados antes que nos arrastem outra vez para uma guerra aberta, e não confio nos britânicos nem na RUC para fazerem esse trabalho sozinhos.

Devlin esmagou o cigarro. Olhou para Michael e sorriu novamente.

— Então, isto não valeu uns quantos cortes e arranhões?

— Vá-se foder, Devlin — disse Michael. Devlin rebentou a rir.

— É livre de ir, agora. Vista o casaco. Quero mostrar-lhe uma coisa antes de se ir embora.

Michael seguiu Devlin pela casa. Havia um cheiro a bacon frito no ar. Devlin conduziu-o por uma sala de estar, em direcção a uma cozinha com panelas de cobre penduradas por cima do fogão. Poderia ser uma cena tirada de uma revista rural irlandesa, se não fosse a meia dúzia de homens, sentados à volta da mesa, a olhar para Michael através das fendas das balaclavas.

— Vai precisar disto — disse Devlin, tirando um gorro de lã do cabide ao lado da porta e colocando-o cuidadosamente na cabeça inchada de Michael. — É pena, mas hoje está uma noite terrível.

Michael seguiu Devlin ao longo de um caminho lamacento. Estava tão escuro que era quase como se estivesse outra vez com o capuz enfiado na cabeça. Conseguia ver a silhueta de lutador de Devlin à sua frente, a marchar pelo caminho, e sentiu-se estranhamente cativado por ele. Quando chegaram ao celeiro, Devlin bateu à porta com força e murmurou algo em gaélico. A seguir, abriu a porta com um empurrão e levou Michael lá para dentro.

Michael demorou alguns segundos até perceber que o homem amarrado à cadeira era Kevin Maguire. Estava nu e a tremer de frio e de terror. Tinha sido espancado selvaticamente.

Tinha a cara horivelmente distorcida e sangue a jorrar de uma dezena de cortes diferentes — por cima dos olhos, nas bochechas, à volta da boca. Ambos os olhos estavam fechados com o inchaço. Havia feridas em todas as partes do corpo: contusões, escoriações, lacerações por ter sido chicoteado com um cinto, queimaduras de cigarros

esmagados na pele. Estava sentado nos seus próprios excrementos. Três homens com balaclavas rodeavam-no, vigiando-o.

— Isto é o que nós fazemos aos chibos no IRA, senhor Osbourne — disse Devlin. — Lembre-se disto da próxima vez que tentar convencer um dos nossos homens a trair o IRA e a sua gente.

Maguire perguntou:

— És tu, Michael?

Michael avançou com cuidado, passando por entre os torturadores e ajoelhando-se ao lado dele. Sabia que não havia nada que pudesse dizer; por isso, limitou-se a limpar-lhe algum do sangue dos olhos e pousou-lhe a mão no ombro suavemente.

— Desculpa, Kevin — desabafou Michael, com a voz rouca de emoção. — Meu Deus, peço imensa desculpa.

— A culpa não é tua, Michael — sussurrou Maguire.

Fez uma pausa por uns instantes, pois o esforço que fizera para falar lhe tinha causado mais dor.

— É este sítio. Eu disse-te. Não vai mudar nada por aqui. Nunca há-de mudar nada neste sítio.

Devlin aproximou-se, agarrando Michael pelo braço e afastando-o para longe. Voltou a levá-lo para o exterior.

— Aquilo ali dentro é o mundo real — disse Devlin. — Eu não matei o Kevin Maguire. Você é que o matou.

Michael rodopiou e esmurrou Devlin. O soco aterrou bem no alto da maçã do rosto esquerda e fê-lo cair estatelado na lama. Devlin limitou-se a rir e a esfregar a cara. Dois homens saíram a correr da casa. Ele fez-lhes sinal com a mão para que se afastassem.

— Nada mal, nada mal mesmo.

— Arranjem-lhe um padre — disse Michael, a respirar ofegante. — Deixem-no confessar-se pela última vez. Depois, enfiem-lhe uma bala. Ele já sofreu o suficiente.

— Ele vai ter o padre — respondeu Devlin, ainda a esfregar a cara. — E receio que a bala também. Mas lembre-se de uma coisa: se você ou um dos seus amigos britânicos não travarem a Brigada para a Libertação do Ulster, este sítio vai rebentar. Se isso acontecer, não tentem infiltrar-se novamente porque o cabrão do chibo que o fizer há-de acabar como o Maguire.

Conduziram durante muito tempo. Michael tentou acompanhar as curvas, para poder vir a encontrar a quinta outra vez, mas após algum tempo limitou-se a fechar os olhos e a tentar descansar. Finalmente, o carro parou. Alguém bateu na bagageira com força e perguntou:

— Tens a porra do capuz na cabeça?

— Sim — respondeu Michael.

Já não tinha forças para jogos mentais e queria estar longe deles. Dois homens tiraram-no para fora da bagageira e deitaram-no na erva

molhada que ladeava a estrada.

Passado um momento, colocaram-lhe qualquer coisa ao lado.

— Deixa-te estar com o capuz até já não ouvires o motor do carro.

Michael sentou-se enquanto eles arrancavam. Arrancou o capuz da cabeça, na esperança de conseguir apanhar um vislumbre da matrícula, mas tinham apagado os faróis.

A seguir, virou-se para ver o que tinham depositado ao lado dele e deparou-se com o rosto sem vida de Kevin Maguire.

Capítulo 19

LONDRES

— É óbvio que eles te seguiram até ao encontro — disse Wheaton, com a certeza de um homem que nunca permitia que os factos se intromettessem no caminho da sua teoria, especialmente se ela explicasse as coisas a seu favor.

— Eu efectuei um PDV minucioso, totalmente como mandam as regras — respondeu Michael. — Não tinha ninguém atrás de mim. Eles seguiram o Maguire até ao encontro, não a mim. Foi por isso que ele não quis encontrar-se nos dois primeiros sítios, porque suspeitava que estava a ser observado. Só desejava que ele tivesse tido o bom senso de confiar nos seus próprios instintos. Ainda estaria vivo.

Michael estava sentado a uma mesa, na pequena cozinha privada de Winfield House. A noite começava a cair, quase vinte e quatro horas depois de o IRA o ter raptado no meio das ruas de Belfast. Tinham-no largado à saída da aldeia de Dromara. Michael não tivera outra hipótese a não ser deixar o corpo de Maguire na berma da estrada e ir para bem longe o mais rápido possível. Tinha andado até Banbridge, uma aldeia protestante a sudeste de Portadown, e feito sinal a uma carrinha de entregas para parar. Contou ao condutor que tinha sido assaltado e espancado e que o carro fora roubado. O condutor ia a caminho de Belfast, mas disse que estava disposto a levar Michael até à esquadra da RUC em Banbridge para ele poder apresentar queixa. Michael respondeu que preferia voltar para o hotel em Belfast e apresentar queixa lá.

Já em Belfast, depois de chegar ao Europa, Michael acordou Wheaton em Londres, que fez os telefonemas necessários aos seus homólogos britânicos e arranjou maneira de um helicóptero da RAF ir apanhar Michael ao Aeroporto de Aldergrove.

— Tu já não participavas numa operação no terreno há bastante tempo, Michael — disse Wheaton. — Talvez te tenha escapado alguma coisa.

— Estás a sugerir que fiz com que o Maguire morresse?

— Eras o único agente que lá estava.

— Eu lembro-me do que é que se faz para detectar uma vigilância. Lembro-me dos parâmetros necessários para que um encontro se

efectue ou não. O Devlin disse-me que já sabiam há meses que o Maguire andava a trabalhar para nós.

— O Seamus Devlin não é propriamente uma fonte em que eu confie.

— Ele sabia o nome do Buchanan.

— Provavelmente, o Maguire revelou-lho sob tortura.

Michael sabia que era impossível vencer aquela discussão. Jack Buchanan trabalhava para o posto de Londres. Era um dos homens de Wheaton e este iria até onde fosse necessário para o proteger.

— É evidente que um de vocês fez merda, e merda da grossa — continuou Wheaton. — Perdemos um dos nossos melhores activos, os nossos irmãos britânicos andam numa agitação tremenda e tu tens sorte em estar vivo.

— E em relação às informações dadas pelo Devlin?

— Já foi tudo comunicado à sede e ao MI5, conforme o nosso acordo inicial acerca do assunto do Maguire. Obviamente, não podemos pôr um sítio sob vigilância na Irlanda do Norte. Os britânicos e que têm de tomar essa decisão, e vão ter de a confrontar com outras prioridades operacionais. Muito sinceramente, é algo que está fora das nossas mãos nesta altura.

— Essas informações custaram a vida ao meu agente.

— O Maguire não era teu agente. Era nosso agente, dos britânicos e nosso. Orientávamo-lo em conjunto e partilhávamos os dividendos, lembras-te? Estamos todos chateados por o disfarce dele ter sido revelado.

— Eu não quero perder uma oportunidade para dismantelar a Brigada para a Libertação do Ulster por nos sentirmos desconfortáveis com a maneira como obtivemos a informação.

— Tens de admitir que tudo aquilo foi um nadinha pouco ortodoxo. E se as informações do Devlin forem falsas?

— E porque é que o IRA iria fazer isso?

— Para assassinar uns quantos agentes dos serviços secretos britânicos e homens da SAS. Nós passamos as informações aos britânicos, os britânicos põem uma equipa em campo e o IRA faz-lhes uma emboscada, a meio da noite, e corta-lhes a garganta.

— O IRA anda a cumprir o cessar-fogo e os acordos de paz. Eles não têm nenhuma razão para armar uma cilada aos britânicos.

— Mesmo assim, continuo a não confiar neles.

— As informações são de confiança. Temos de agir rapidamente de acordo com o que sabemos.

— É um assunto britânico, Michael, e portanto é uma decisão britânica. Se eu tentar pressioná-los, eles não vão gostar, tal como nós não gostaríamos se os papéis estivessem invertidos.

— Então, deixa-me ser eu a fazê-lo discretamente.

— O Graham Seymour?

Michael anuiu. Wheaton fez questão de mostrar que estava a ponderar a questão cuidadosamente.

— Muito bem, marca um encontro com ele para amanhã e depois, porra, desaparece daqui para fora. Quero-te nos Estados Unidos — disse Wheaton, parando depois por uns instantes e examinando a cara de Michael. — De qualquer forma, provavelmente, é melhor que fiques cá mais um dia. Não quero que a tua mulher te veja assim.

Michael foi para a cama cedo, mas não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos, toda a sequência de acontecimentos se desenrolava à sua frente: o espancamento na parte de trás do carro, o sorriso de Devlin à gato de Cheshire^[32], os olhos mortos de Maguire. Surgiu-lhe a imagem do seu agente atado à cadeira, espancado até já quase não ser possível reconhecê-lo, espancado até já não lhe restar nada da cara. Foi duas vezes aos tropeções para a casa de banho e vomitou violentamente.

Lembrou-se das palavras de Devlin.

Eu não matei o Kevin Maguire... Você é que o matou.

O corpo doía-lhe em todos os sítios onde lhe tinham batido. Nenhuma posição era suficientemente confortável para poder dormir. Sempre que sentia pena de si próprio, pensava em Maguire e na sua morte desgraçada e humilhante.

Tomou comprimidos para as dores e depois comprimidos para conseguir adormecer. Sonhou com tudo aquilo a noite toda, mas nos seus sonhos era ele quem espancava Kevin Maguire e era ele quem lhe enfiava uma bala na nuca.

— Mas que belo olho — disse Graham Seymour, na manhã seguinte.

— Está lindo, não está?

Michael voltou a pôr os óculos de sol, apesar de o céu estar carregado de nuvens. Iam caminhando, lado a lado, por um trilho em Parliament Hill, no parque de Hampstead Heath. Michael estava a precisar de descansar e, por isso, sentaram-se num banco. A esquerda deles, Highgate Hill elevava-se no meio da neblina. A frente, para lá do parque, espalhava-se o centro de Londres. Michael conseguiu distinguir a cúpula da Catedral de São Paulo ao longe. Enquanto iam conversando, algumas crianças à volta deles faziam voar papagaios coloridos.

— Ainda não acredito que tenhas dado mesmo um murro ao Seamus Devlin.

— Nem eu, porra, mas soube tão bem!

Tens ideia de quantas pessoas adoravam poder enfiar-lhe um Sopapo?

— Suspeito que seja uma longa fila.

— Uma fila muito longa, meu caro. E doeu?

— A mim ou a ele?

— A ti — disse Graham, enquanto esfregava, num movimento reflexo, as mãos compridas e ossudas uma na outra.

— Um bocadinho.

— Lamento o que aconteceu ao Maguire.

— Ele era um agente bom como o raio.

Michael acendeu um cigarro. O fumo ficou-lhe preso no fundo da garganta e, quando tossiu, agarrou-se às costelas partidas, cheio de dores.

— E qual é a opinião dentro de Thames House? Vocês vão pôr o sítio sob vigilância?

— Para ser sincero, estão um bocadinho incrédulos no último andar — respondeu Graham. — E também estão irritados por terem perdido o Maguire.

— O Wheaton acha que é uma armadilha, que o IRA quer matar uns quantos agentes dos serviços secretos.

— Era de esperar que o Wheaton achasse isso. Seria assim que ele actuaria.

— Eu acho que as informações são de confiança — disse Michael.

— O Devlin sabia que ficaríamos cépticos. Foi por isso que se encontrou pessoalmente cara a cara comigo, para nos mostrar que estava a falar a sério.

— Provavelmente tens razão — respondeu Graham. — Vou tentar discretamente fazer as coisas avançarem a partir de dentro. Aliás, talvez até dê um salto ao Ulster e trate disso eu mesmo. Preciso de estar um tempo afastado da Helen. Ela agora entrou numa nova fase, retro punk. Anda com o cabelo todo espetado e não ouve mais nada a não ser os Clash e os Sex Pistols.

— Também isso passará — declarou Michael solenemente.

— Eu sei, só tenho medo é que a próxima seja alguma coisa ainda pior.

Michael riu-se pela primeira vez em muitos dias.

Em Cannon Point, Elizabeth colocou um par de enormes colchas no chão do quarto. Pôs as crianças em cima das colchas, primeiro Jake, depois Liza, e rodeou-as de bonecos de peluche, brinquedos de apertar e chocalhos. Durante vinte minutos, ficou deitada no chão, entre eles, a brincar e a fazer aqueles barulhos tolos, como se estivesse a arrolhar, que a deixavam doida antes de ter filhos. Sentou-se ao fundo da cama e limitou-se a observá-los. Obrigara-se a abandonar os preparativos para o julgamento e a focar-se apenas nas crianças e em nada mais durante o fim-de-semana inteiro. Tinha sido maravilhoso; de manhã, levava as crianças a dar um longo passeio pela Shore Road e a seguir, tinham ido almoçar ao seu restaurante preferido em Sag

Harbor. Teria sido perfeito, se não fosse o facto de o marido e o pai estarem ambos em Londres.

Ficou admirada com o facto de as crianças já serem tão diferentes. Liza era como a mãe: comunicativa, sociável, faladora à sua própria maneira, ansiosa por agradar aos outros. Jake era exactamente o contrário. Jake vivia dentro da sua própria cabeça. Liza já tentava dizer a toda a gente aquilo em que estava a pensar. Jake era reservado. Tinha segredos. Ele só tem quatro meses, pensou ela, e já é tal e qual o pai e o avô. Se ele se tornar um espião, acho que me mato com um tiro.

Depois, pensou na maneira como andava a tratar Michael e sentiu-se imediatamente culpada. Não tinha o direito de ficar magoada com Michael por ele ter aceitado chefiar o destacamento especial dedicado à Irlanda do Norte. De facto, chegara à conclusão de que tinha sido desde logo uma tolice da sua parte permitir que ele deixasse a CIA. Ele tinha razão. Era um trabalho importante e, por alguma razão, parecia que o fazia feliz.

Elizabeth olhou para as crianças. Liza estava a tagarelar com um cãozito de peluche, mas Jake estava deitado de costas, a olhar para cima, pela janela, perdido no seu mundo secreto. Michael era o que era, e era escusado tentar mudá-lo. Em tempos, ela amara-o por isso.

Pensou nele em Belfast e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Pôs-se a imaginar o que estaria a fazer — se teria ido para sítios perigosos. Nunca se habituaria à ideia de ele sair de casa para uma operação no terreno. Que termo tão tolo, pensou ela, o terreno, como se fosse algum prado agradável onde nada de mal alguma vez acontecesse, quando ele estava longe, ela sentia um constante nó de ansiedade no stômago. A noite, dormia com uma luz acesa e a televisão ligada, baixinho. Não era que temesse necessariamente pela segurança dele; já o tinha visto em acção e sabia-o capaz de tomar conta de si próprio. ansiedade vinha de saber que Michael se tornava um homem diferente quando estava longe. Quando voltava para casa, parecia sempre ser um pouco como um estranho. Vivía uma vida diferente quando operava no terreno e, por vezes, Elizabeth interrogava-se se faria ou não parte dela.

Viu faróis dianteiros a iluminarem a Shore Road. Foi à janela e viu um carro parar junto ao portão de segurança. O guarda fez sinal ao carro para entrar na propriedade sem telefonar primeiro para a casa, o que queria dizer que o condutor era Michael.

— Maggie? — chamou Elizabeth. Maggie entrou no quarto.

— Sim, Elizabeth?

— O Michael chegou. Podes ficar com as crianças por um minuto?

— Claro.

Elizabeth correu pelas escadas abaixo. Agarrou num casaco

pendurado no cabide do átrio de entrada e embrulhou-o nos ombros enquanto se apressava pelo caminho de acesso, em direcção ao carro.

Lançou os braços à volta dele e disse:

— Senti a tua falta, Michael. Lamento tanto por tudo. Por favor, perdoa-me.

— O quê? — perguntou ele, beijando-lhe a testa suavemente.

— Ter sido tão idiota.

Ela apertou-o e Michael gemeu. Afastou-o ligeiramente, com uma expressão de perplexidade na cara, e puxou-o para junto da luz que saía de uma janela.

— Oh, meu Deus. O que é que te aconteceu?

Capítulo 20

LONDRES MÍCONOS ATENAS

Uma semana depois de Michael Osbourne partir de Londres, um jaguar prateado entrou sorrateiramente no caminho de acesso à mansão georgiana em St. John's Wood. No banco de trás, ia sentado o Director. Era um homem pequeno, de cabeça e ancas estreitas, com o cabelo cor de areia a ficar grisalho e olhos da cor da água do mar no Inverno. Vivia sozinho, com um rapaz da Sociedade para o proteger e uma rapariga, chamada Daphne, que servia de recepcionista e lhe cuidava das necessidades pessoais.

O motorista, um antigo comando da unidade de elite dos Serviços Aéreos Especiais, saiu do carro e abriu a porta de trás.

Daphne estava à porta da entrada, protegida da chuva torrencial por um grande guarda-chuva preto. Parecia sempre que tinha acabado de regressar de umas férias nos trópicos. Tinha um metro e oitenta e três de altura, pele cor de caramelo e cabelo castanho, com madeixas loiras, que lhe caía pelo pescoço e ombros.

Avançou e escoltou o Director até ao átrio de entrada, mantendo com todo o cuidado o guarda-chuva bem alto, para ter a certeza de que ele permanecia perfeitamente seco. O Director tinha propensão a sofrer de uma infecção recorrente nos brônquios; para ele, a humidade de um Inverno inglês era o mesmo que atravessar um campo ttunado sem um mapa.

— O Picasso está na linha segura de Washington — disse Daphne. O Director tinha gasto com ela milhares de libras em terapia da fala para lhe eliminar do sotaque a melodia cadenciada própria da Jamaica. Agora, tinha a voz de uma apresentadora de noticiário da BBC.

— Vai atender a chamada agora ou quer que eu ligue para ela mais tarde?

— Pode ser agora.

Dirigiu-se de imediato para o escritório, carregou no botão verde que piscava no telefone e levantou o auscultador. Ficou a ouvir durante vários minutos, murmurou algumas palavras e escutou

novamente.

— Está tudo bem, meu doce? — perguntou Daphne, após o Director pousar o auscultador.

— Precisamos de ir a Míconos amanhã de manhã — respondeu ele. — Receio bem que Monsieur Delaroche esteja metido num sarilho bastante grave.

O tempo mantinha-se invernoso em Londres, mas a temperatura estava amena e havia bastante sol quando o avião de motor turbopropulsor da Island Air que transportava o Director e Daphne aterrou em Míconos no dia seguinte, ao início da tarde. Instalaram-se num quarto de hotel em Chora e passearam pela zona ribeirinha da Pequena Veneza até encontrarem o café. Delaroche estava sentado numa mesa com vista para o porto. Trazia calções cor de caqui e uma T-shirt sem mangas. Tinha os dedos vermelhos e pretos de tinta. O Director apertou-lhe a mão como se estivesse a tentar medir-lhe a pulsação; a seguir, puxou do lenço branco de algodão que trazia no bolso do peito do casaco e esfregou-o ao de leve na palma da mão.

— Algum sinal da oposição? — perguntou ele, suavemente. Delaroche abanou a cabeça.

— E que tal se fôssemos para a tua villa? — sugeriu o Director. — Gosto mesmo da maneira como arranjaste aquele sítio.

Delaroche levou-os até ao cabo Mavros na sua amolgada carrinha Volvo. As telas e o cavalete chocalhavam no compartimento traseiro de carga. O Director ia sentado à frente, agarrando com força o apoio de braço enquanto Delaroche avançava a grande velocidade pela estrada estreita e cheia de lombas.

Daphne estava estendida no banco de trás, com a brisa que entrava pelo vidro aberto a agitar-lhe o cabelo.

Delaroche serviu-lhes um jantar no terraço. Quando terminaram, Daphne pediu licença para se levantar e foi deitar-se numa espreguiçadeira, onde já não os conseguia ouvir.

— Felicito-te pelo teu trabalho no caso do Ahmed Hussein — disse o Director, erguendo o seu copo de vinho.

Delaroche não retribuiu o gesto. Não retirava prazer do acto de matar, apenas uma sensação de realização por ter cumprido uma missão de modo profissional. Não se considerava um homicida; era um assassino profissional. Os homens que ordenavam os assassinios eram os verdadeiros homicidas. Ele era apenas a arma.

— Os contratantes estão bastante satisfeitos — afirmou o Director, numa voz tão seca como folhas mortas. — A morte do Hussein provocou precisamente a reacção que esperavam. Mas deixou-nos, no entanto, com um problemazinho de segurança no que te diz respeito.

A nuca de Delaroche começou a esquentar de repente com uma onda de inquietação. Ao longo da carreira, precaver-se

obsessivamente com a sua segurança pessoal. A maior parte das pessoas no seu ramo de actividade fazia regularmente operações plásticas para alterar a aparência. Delaroche lidava com isso de outra maneira: apenas um punhado de pessoas que sabia como ele ganhava realmente a vida lhe tinha visto a cara. As únicas fotografias dele eram as que estavam nos passaportes falsos, e Delaroche tinha alterado a aparência ligeiramente em cada uma delas de forma a torná-las inúteis para a polícia e os serviços secretos. Quando passava pelos aeroportos ou terminais ferroviários, trazia sempre um chapéu e óculos de sol para esconder a cara das câmaras de vigilância. Ainda assim, estava ciente de que a CIA sabia da sua existência e de que tinha compilado um dossiê bastante extenso acerca dos seus assassinios ao longo dos anos.

— Que tipo de problema de segurança? — perguntou Delaroche.

— A CIA enviou um alerta à Interpol e a todos os serviços secretos com quem mantém boas relações. Foste colocado numa lista de vigilância internacional. Todos os agentes do controlo de passaportes e polícias fronteiriços da Europa têm um exemplar.

O Director tirou uma folha de papel dobrada do bolso do peito do casaco e entregou-a a Delaroche. Este desdobrou-a e deparou-se com um esboço compósito da sua própria cara. Estava extraordinariamente parecido; era evidente que tinha sido produzido por um computador sofisticado.

— Pensava que eles achavam que eu estava morto.

— Também eu, mas é evidente que agora partem do princípio de que estás bem vivo — atirou o Director, fazendo uma pausa para acender um cigarro. — Tu não deste nenhum tiro na cara do Ahmed Hussein, pois não?

Delaroche abanou a cabeça lentamente e tocou com o indicador no peito. Possuía uma única vaidade profissional — ao longo dos anos, matara a maioria das suas vítimas com três tiros na cara. Supunha que o fazia porque queria que os inimigos soubessem da sua existência. Delaroche tinha apenas duas coisas na vida, a sua arte e o seu ofício. Não assinava os quadros por razões de segurança, e aqueles que vendia eram vendidos anonimamente. Tinha preferido deixar uma assinatura nos assassinios.

— Quem é que está por trás disto? — perguntou Delaroche.

— O teu velho amigo, o Michael Osbourne.

— O Osbourne? Pensei que se tivesse reformado.

— Foram buscá-lo recentemente para chefiar um destacamento especial da CIA dedicado à Irlanda do Norte. Parece que ele também possui alguns conhecimentos nessa área.

Delaroche devolveu o esboço ao Director.

— E o que é que tem em mente?

— Parece-me que temos duas opções. Se não fizermos nada, lamento dizê-lo, mas a tua capacidade para trabalhar fica seriamente prejudicada. Se não podes viajar, não podes trabalhar. E, se a tua cara é conhecida pelos polícias do mundo inteiro, não podes viajar.

— E a opção número dois?

— Damos-te uma nova cara e um novo sítio para viver. Delaroche contemplou o mar. Sabia que não tinha outra hipótese a não ser passar por uma cirurgia plástica e alterar a aparência. Se não pudesse trabalhar, o Director acabaria com a relação deles. Perderia a protecção da Sociedade e perderia a capacidade de poder ganhar a vida. Teria de passar o resto da vida a olhar por cima do ombro, a perguntar-se em que dia os inimigos o viriam apanhar. Delaroche, mais do que tudo, queria segurança, e isso significava aceitar a proposta do Director.

— E tem alguém que possa fazer o trabalho?

— Um francês chamado Maurice Leroux.

— É de confiança?

— Absolutamente — respondeu o Director. — Tu não podes sair da Grécia antes de ser feita a operação. Por isso, o Leroux terá de vir cá. Vou arrendar um apartamento em Atenas onde ele poderá fazer o trabalho. Podes recuperar lá até que as cicatrizes tenham sarado.

— Então e a villa?

— Vou mantê-la, por enquanto. Preciso de um espaço para a reunião da Primavera do conselho executivo. E isto vai servir lindamente.

Delaroche olhou em redor. A casa isolada na parte norte de Míconos tinha-lhe fornecido tudo aquilo de que precisava: privacidade, segurança, temas excelentes para as suas obras, um terreno estimulante para andar de bicicleta. Não queria abandoná-la — tal como não quisera abandonar a sua última casa, na costa da Bretanha, em França —, mas não havia escolha.

— Vamos ter de te arranjar um sítio novo para viver — disse o Director. — Tens alguma preferência?

Delaroche pensou durante um momento.

— Amesterdão.

— Falas holandês?

— Não muito, mas não vai levar muito tempo.

— Muito bem — rematou o Director. — Que seja Amesterdão.

Stavros, o agente imobiliário, providenciou um caseiro. Delaroche informou-o de que iria estar fora durante bastante tempo, mas que um amigo poderia vir a utilizar a villa de vez em quando. Stavros ofereceu-se para levá-lo até à taberna para uma refeição de despedida; Delaroche recusou educadamente.

Passou o último dia em Míconos a pintar: a praça em Ano Mera, o

terraço da villa, os rochedos em Linos. Trabalhou do raiar do Sol ao anoitecer, até a mão direita, a mão que tinha sido ferida, lhe começar a doer.

Ficou sentado no terraço a beber vinho até o pôr do Sol pintar a villa caiada de branco com um tom de siena natural que Delaroche nunca poderia ter esperanças de reproduzir na tela.

Foi para dentro de casa e acendeu vários troncos na lareira. A seguir, percorreu a villa, divisão por divisão, armário por armário, gaveta por gaveta, e queimou tudo aquilo que indiciasse que ele alguma vez tinha existido.

— É uma pena que tenhamos de estragar uma cara tão bonita — disse Maurice Leroux no dia seguinte.

Estavam sentados diante de um espelho grande e ofuscantemente iluminado, no apartamento em Atenas que o Director tinha arrendado para a operação e posterior recuperação de Delaroche.

Leroux prosseguiu, sondando a maçã do rosto de Delaroche delicadamente com a ponta do seu indicador fino.

— O senhor não é francês — declarou solenemente, como se acreditasse que isso pudesse ser uma notícia dura para um conterrâneo francês. — Uma pessoa aprende bastantes coisas sobre etnia e linhagem nesta actividade. Eu diria que o senhor é eslavo ou talvez até mesmo russo.

Delaroche não disse nada enquanto ele prosseguia com a sua palestra.

— Consigo ver isso aqui, nas maçãs do rosto largas, na testa plana e na linha angulosa do maxilar. E veja bem isto, veja só os seus olhos. São praticamente em forma de amêndoa e de um azul brilhante. Não, não, o senhor pode ter um nome francês, mas parece-me bem que ha sangue eslavo a correr-lhe nas veias. Mas um sangue eslavo muito requintado.

Delaroche olhou para o reflexo de Leroux no espelho. Era um homem fraco com um nariz grande, um queixo metido para dentro e uma peruca ridícula que era demasiado preta. Estava a tocar outra vez na cara de Delaroche. Tinha as mãos de uma velha — pálidas, macias, com veias azuis e grossas a sobressaírem —, mas tresandavam ao aftershave de um homem novo.

— Às vezes, é possível tornar um homem mais atraente através da cirurgia plástica. Operei um palestiniiano há uns anos, um homem chamado Muhammad Awad.

Delaroche estremeceu com a menção do nome de Awad. Leroux tinha cometido o pecado supremo para um homem no seu ramo ao revelar a identidade de um cliente anterior.

— Ele agora está morto, mas estava bastante bonito quando eu acabei de o retocar — continuou Leroux. — No seu caso, acho que vai

acontecer o contrário. Lamento dizê-lo, mas vamos ser obrigados a torná-lo menos atraente de maneira a lhe alterarmos a aparência. Está resignado com essa perspectiva, monsieur?

Leroux era um homem feio para quem a aparência importava bastante. Delaroche era um homem atraente para quem a aparência importava muito pouco. Sabia que havia mulheres que o achavam atraente — lindo, em certos casos —, mas nunca tinha dado grande importância ao seu aspecto. Estava apenas preocupado com uma coisa. A sua cara tinha-se tornado uma ameaça e iria lidar com isso da mesma maneira que lidava com todas as ameaças — eliminando-a.

— Faça o que tiver de fazer — disse Delaroche.

— Muito bem — respondeu Leroux. — O senhor tem um rosto de ângulos e arestas definidas. Esses ângulos vão ser transformados em curvas e as arestas vão ficar menos definidas. Pretendo cortar-lhe uma parte das maçãs do rosto para as tornar menos marcadas e mais redondas. Vou injectar-lhe colagénio no tecido das bochechas para tornar-lhe a cara mais pesada. O senhor tem um queixo muito fino. Vou torná-lo mais quadrado e grosso. O seu nariz é uma obra-prima, mas receio bem que vá ter de desaparecer. Vou achatá-lo e torná-lo mais largo entre os olhos. Quanto aos olhos propriamente ditos, não ha nada que eu possa fazer, tirando mudar-lhes a cor com lentes de contacto.

— E isso tudo vai funcionar? — perguntou Delaroche.

— Quando eu tiver terminado, nem sequer o senhor reconhecerá a sua cara. — Interrompeu-se por uns instantes e, a seguir, perguntou: Tem a certeza de que quer avançar com isto?

Delaroche anuiu com a cabeça.

— Muito bem — disse Leroux. — Mas sinto-me um bocadinho como aquele idiota que deu umas marteladas na Pietà.

Tirou uma caneta do bolso e começou a fazer marcas na cara de Delaroche.

Capítulo 21

LONDRES

Preston McDaniels era um funcionário de carreira dos Negócios Estrangeiros ligado à secção das relações públicas da embaixada americana em Londres. Tinha quarenta e cinco anos, era delgado e de aspecto agradável, ainda que não fosse atraente em termos convencionais. E era também um solteirão perpétuo que tinha namorado com poucas mulheres, algo que levava a uma persistente especulação por parte dos colegas de que era homossexual. Mas Preston McDaniels não era homossexual; simplesmente, nunca tinha sido bem-sucedido com as mulheres. Até há pouco tempo.

Eram seis da tarde e McDaniels estava a guardar as suas coisas e a arrumar o seu pequeno gabinete. Ficou parado diante da janela e contemplou a Grosvenor Square.

Tinha lutado muito para chegar a Londres depois de anos de colocações brutais em sítios como Lagos, Cidade do México, Cairo e Islamabad. Nunca fora tão feliz. Adorava o teatro, os museus, as compras, os locais interessantes onde ir ao fim-de-semana. Tinha um apartamento chique em South Kensington e ia todas as manhãs para o emprego de metro. O seu trabalho continuava a ser bastante entediante — emitia comunicados de imprensa rotineiros, preparava resumos diários da imprensa britânica em relação as questões de interesse para o embaixador e coordenava a cobertura jornalística dos acontecimentos públicos que envolviam o embaixador —? mas o facto de estar a viver em Londres fazia, de alguma forma, com que tudo parecesse entusiasmante.

Pegou num monte de dossiês que se encontravam na secretária e guardou-os na pasta de couro. Tirou o impermeável do cabide por trás da porta e saiu do gabinete. Parou na casa de banho e examinou-se ao espelho.

Por vezes, perguntava-se o que veria ela nele. Tentou arranjar o cabelo de maneira a esconder o sítio em que já estava careca, mas conseguiu apenas piorar as coisas.

Ela dizia que gostava de homens que começavam a ficar carecas, dizia que tinham um ar mais inteligente, mais maduro. Ela é muito nova para mim, pensava ele, nova e demasiado bonita. Mas não era

capaz de resistir. Pela primeira vez na vida, encontrava-se numa relação sexual excitante. Não podia parar agora.

Lá fora, estava a chover e a noite tinha caído sobre a Grosvenor Square. Abriu um guarda-chuva para se proteger e foi avançando com atenção pelos passeios apinhados, em direcção ao restaurante em Park Lane. Parou à porta do restaurante e ficou a observá-la pela janela por um momento. Era alta e elegante, com cabelo preto volumoso, um rosto oval e olhos cinzentos. A blusa branca não conseguia esconder-lhe os seios grandes e arredondados. Era uma amante maravilhosa; parecia conhecer todas as fantasias dele. Todas as tardes, no emprego, ficava a olhar especado para o relógio, antecipando o momento em que a iria poder ver novamente.

McDaniels entrou no restaurante e sentou-se numa mesa do bar. Quando ela o avistou, piscou-lhe o olho e, mexendo silenciosamente a boca, disse: "Já vou aí ter."

Trouxe-lhe um copo de vinho branco passado um instante. Ele tocou-lhe na mão quando ela pousou o copo na mesa.

— Tive imensas saudades tuas, querida.

— Estava a ver que nunca mais vinhas — respondeu ela. — Mas não posso falar muito tempo. O Ricardo anda completamente psicótico esta noite. Se me vê a conversar contigo, despede-me.

— Só estás a ser simpática para um cliente habitual. Ela sorriu sedutoramente e disse:

— Muito simpática.

— Preciso de te ver.

— Saio às dez.

— Não consigo esperar tanto tempo.

— Lamento, mas não tens outra hipótese.

Piscou-lhe o olho e afastou-se. McDaniels bebeu o vinho e ficou observá-la enquanto ela ia de mesa em mesa, apontando pedidos, trazendo comida e interagindo com os clientes. Era o tipo de mulher em que os homens reparavam. Demasiado atraente e demasiado talentosa para andar a servir à mesa. Ele sabia que ela acabaria por encontrar o seu lugar no mundo e que nessa altura o iria deixar.

McDaniels terminou o vinho, deixou uma nota de dez libras em cima da mesa e foi-se embora. Deu-se conta de que era demasiado dinheiro por um único copo de vinho.

"Vai ficar a pensar que eu acho que ela é uma puta", pensou. Pôs a hipótese de voltar a entrar e deixar menos dinheiro, mas sabia que isso iria parecer ainda mais estranho. Afastou-se, a pensar que se ela alguma vez o deixasse ele era bem capaz de se matar.

McDaniels demorou a voltar para casa. A chuva acalmou, pelo que foi a pé, desfrutando da cidade e da sensação de levitação provocada pelo vinho e por ter passado alguns minutos, mesmo que poucos, com

Rachel. Nunca tinha sentido nada parecido com uma obsessão, mas sabia que só podia ser qualquer coisa do género. Aquilo estava a começar a afectar-lhe o trabalho. Dormitava durante as reuniões, esquecia-se do que estava a dizer a meio de uma frase. As pessoas começavam a falar, a fazer perguntas.

Mas a verdade é que ele não se aportava. Tinha vivido a vida inteira sem o amor de uma mulher. Ia desfrutar dessa sensação enquanto durasse.

Jantou num pub logo a seguir à Brompton Road. Leu os jornais e, durante alguns minutos, Rachel foi capaz de não se intrometer nos seus pensamentos. Mas, passado um bocado, lá estava ela outra vez, como um agradável trecho de música a girar-lhe na cabeça. Imaginou-a na cama, com a boca aberta de prazer e os olhos fechados.

A seguir, as fantasias tontas tomaram conta dele: a cerimónia de casamento numa igreja no campo inglês, o chalé em Cotswolds, os filhos. Era uma imagem ridícula, mas deleitou-se com aquela ideia. Tinha-se apaixonado perdidamente, mas Rachel não parecia ser uma rapariga casadoira. Queria escrever. Prezava a sua liberdade — liberdade intelectual e liberdade sexual. Assim que lhe falasse em casamento, o mais certo era ela pôr-se a milhas o mais depressa possível.

McDaniels foi percorrendo lentamente as sossegadas ruas secundárias de South Kensington. Tinha um agradável apartamento de dois quartos, no primeiro andar de uma moradia georgiana. Entrou e passou em revista o correio da tarde. Tomou um duche prolongado e mudou de roupa, vestindo umas calças cor de caqui e um pulôver de algodão.

Servia-se do quarto vago como escritório. Viu as Nine o'Clock News na televisão enquanto ia analisando uma pilha de documentos que trouxera do trabalho. O embaixador Cannon iria ter um dia atarefado: uma reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros, um almoço formal com um grupo de dirigentes empresariais britânicos, uma entrevista com um repórter do The Times. Quando terminou, colocou os documentos num dossiê em papel manilha e voltou a guardá-lo na pasta.

Pouco antes das dez e meia, o intercomunicador tocou baixinho. McDaniels carregou no botão e perguntou num tom brincalhão:

— Quem é?

— Sou eu, querido — respondeu ela. — Estavas à espera de uma das tuas outras amantes?

Era um joguinho que faziam: brincavam acerca de outros amantes, fingiam ter ciúmes. Era espantoso como a relação deles tinha progredido tão rapidamente.

— Tu és a única mulher que eu tive em toda a minha vida.

— Mentiroso.

— Desliga e eu deixo-te entrar.

Alisou o cabelo enquanto esperava que ela chegasse. Ouviu o som de passos do lado de fora, no corredor, mas não queria dar a ideia de estar demasiado ansioso por vê-la e por isso esperou que ela batesse. Quando abriu a porta, ela abraçou-o e beijou-o na boca. Os lábios abriram-se e a sua língua de seda enfiou-se por cima da dele. Ela afastou-se ligeiramente e disse:

— Estive a noite toda à espera de fazer isto. Preston McDaniels sorriu.

— Como é que eu tive a sorte de encontrar alguém como tu?

— Eu é que sou a sortuda.

— Posso arranjar-te alguma coisa para beber?

— Na verdade, estou com um grave problema e tu és o único que me pode ajudar.

Pegou-lhe na mão e levou-o para o quarto, desabotoando a blusa enquanto ia andando. Empurrou-o para o fundo da cama e encostou a cara dele contra os seus seios.

— Oh, meu Deus — gemeu ele.

— Depressa, querido — disse ela. — Por favor, despacha-te.

Rebecca Wells acordou às três da manhã. Deixou-se ficar deitada, sem se mexer, durante vários minutos, a ouvir a respiração de McDaniels. Ele tinha um sono pesado por natureza e tinha feito amor com ela duas vezes nessa noite. Sentou-se na cama e ergueu-se com todo o cuidado, atravessando depois o quarto. A blusa estava caída no chão, onde a tinha deixado. Pegou nela, saiu do quarto e fechou a porta.

Vestiu a blusa ao atravessar o corredor, entrando no escritório. Fechou também essa porta e sentou-se à secretária. A pasta estava no chão, por fechar. Abriu-a e folheou o que lá estava dentro até descobrir aquilo que procurava: o dossiê com os pormenores da agenda do embaixador Douglas Cannon para o dia seguinte.

Pegou num bloco de notas que estava em cima da secretária e começou a escrever furiosamente. Estava ali tudo — as horas de cada reunião, o método de transporte, o percurso. Acabou de apontar a agenda e passou rapidamente em revista o resto dos documentos para ver se havia alguma coisa interessante. Depois de terminar, voltou a guardar o dossiê no lugar que lhe cabia na pasta e desligou a luz.

Passou sorrateiramente para o corredor e entrou na casa de banho. Fechou a porta e acendeu a luz. Atirou água à cara e pôs-se a olhar fixamente para o seu reflexo no espelho.

Tinha jurado a si própria quando o IRA matou Ronnie: nunca voltaria a casar e nunca levaria outro homem para a cama de ambos.

Achara que seria um juramento difícil de cumprir, mas o ódio que lhe encheu o coração após a morte dele não deixou espaço para qualquer outro sentimento, em especial o amor por outro homem. Alguns homens de Portadown tinham tentado andar atrás dela, mas rechaçara-os a todos. E, dentro da brigada, os homens sabiam bem que não valia a pena perderem o seu tempo.

Pensou em Preston McDaniels dentro dela e quis vomitar. Disse a si mesma que era por uma causa importante, o futuro do estilo de vida protestante na Irlanda do Norte.

De certa maneira, quase sentia pena de McDaniels. Era um homem decente, bom e gentil, mas tinha caído no truque mais velho do mundo — a armadilha da sedução. Naquela noite, tinha-lhe dito que estava apaixonado por ela. Rebecca tinha medo do que iria acontecer a McDaniels quando, inevitavelmente, viesse a descobrir que ela o traía.

Bebeu um copo de água e puxou o autoclismo; a seguir, apagou a luz e enfiou-se outra vez na cama.

— Estava a ver que nunca mais voltavas — disse McDaniels baixinho.

Ela quase gritou, mas conseguiu manter a compostura.

— Estava só com um bocadinho de sede.

— E também trouxeste para mim?

— Desculpa, querido.

— Por acaso, há outra coisa que eu quero. — Rebolou para cima dela. — A ti — disse ele.

— E consegues? — Enfiou-lhe a mão na virilha. — Bem, bem, bem — disse ela. — Temos de fazer qualquer coisa em relação a isso.

Ele penetrou-a bem fundo.

Rebecca Wells fechou os olhos e pensou no marido morto.

Capítulo 22

MONTANHAS SPERRIN, IRLANDA DO NORTE

Pouco tempo depois de a Irlanda do Norte ter explodido numa onda de violência em 1969, os serviços secretos britânicos decidiram que a melhor maneira de combater o terrorismo era seguir os movimentos de terroristas específicos. Membros conhecidos de organizações paramilitares são habitualmente seguidos e vigiados pelos serviços secretos britânicos e pela E4, a unidade especial de vigilância da Polícia Real do Ulster. Os avistamentos e as deslocações são introduzidos num computador do quartel-general dos serviços secretos do exército, em Belfast. Se um terrorista desaparecer subitamente de uma lista de vigilância, o computador lança de forma automática um alerta vermelho e as forças de segurança partem do princípio de que ele provavelmente estará envolvido numa operação.

Uma vigilância dessa magnitude requer milhares de agentes e tecnologia avançada. Os locais mais problemáticos, como a Falis Road, em Belfast, são vigiados por uma enorme quantidade de câmaras de vídeo. O exército possui um posto permanente no cimo dos imponentes Divis Flats. Durante o dia, os soldados vasculham as ruas com binóculos de alta potência, à procura de membros conhecidos do IRA; à noite, passam revista com óculos de visão noturna. Os serviços de segurança colocam sinalizadores nos carros; colocam escutas e mini-câmaras de vídeo nas casas, pubs, automóveis e barracões de feno; controlam os telefones. E até já têm colocado escutas em armas específicas para lhes seguirem os movimentos ao longo da região. À noite, aviões sofisticados dos serviços secretos patrulham os céus, à procura de actividade humana onde não deveria haver nenhuma. Pequenos aviões não tripulados realizam operações de reconhecimento a baixa altitude. Há sensores escondidos nas árvores para detectar movimentos humanos.

Porém, apesar de todo o equipamento de alta tecnologia, muito deste controlo tem de ser feito à moda antiga, através da vigilância homem a homem. É um trabalho perigoso, por vezes fatal. Agentes clandestinos patrulham regularmente a zona de Belfast à volta da Falis Road. Escondem-se em sótãos e telhados durante dias, sobrevivendo graças a rações de campanha enquanto fotografam as suas presas. No

campo, escondem-se em buracos, por trás de arbustos, em cima de árvores. No léxico da espionagem na Irlanda do Norte, essa prática é conhecida como "entrincheiramento". E foi esse o método escolhido para vigiar a casa de campo em ruínas à saída da aldeia de Cranagh, nas montanhas Sperrin.

Graham Seymour chegou de Londres ao sexto dia da operação. Como posto permanente, tinham escolhido uma pequena mata de tojo, rodeada por um conjunto de faias altas, numa encosta a cerca de oitocentos metros da casa. Um par de agentes da E4 tratava do equipamento técnico: teleobjectivas e máquinas fotográficas com infravermelhos, microfones direccionais de longo alcance. Trabalhavam tão silenciosamente como jovens acólitos e pareciam ser igualmente novos. Em tom de brincadeira, apresentaram-se como Marks e Sparks. Ao longo dos anos, o IRA emboscara e matara dezenas de agentes secretos em operações de vigilância; por isso, apesar de se suspeitar que os alvos eram lealistas, não quiseram correr quaisquer riscos. Dois comandos da unidade de elite dos Serviços Aéreos Especiais, a SAS, formavam um perímetro protector em redor de Graham e de Marks e Sparks. Traziam equipamento de camuflagem e tinham pintado a cara de preto. Por duas vezes, Graham quase tropeçou neles quando ia aliviar-se no tojo. Desejava ardentemente um cigarro, mas não era permitido fumar. E, após três dias sem comer mais nada a não ser porcarias especiais com muitas calorias, o desespero era tal, que ate ansiava pelos cozinhados terríveis de Helen. À noite, quando ia dormir na encosta húmida e gelada, rogava pragas silenciosas a Michael Osbourne.

Era evidente que havia qualquer coisa que não batia certo na casa de campo, no pequeno vale estreito por baixo deles. Dois irmãos chamados Dalton eram os proprietários.

Cuidavam de um pequeno rebanho de ovelhas escanzeladas e algumas dúzias de galinhas. Todos os dias, uma vez de manhã e outra ao anoitecer, percorriam lentamente os limites da propriedade, como se procurassem indícios de problemas.

Receberam a sua primeira visita na décima noite.

Chegou num pequeno Nissan. Marks e Sparks começaram a disparar rapidamente as máquinas fotográficas com infravermelhos, ao passo que Graham espreitava em direcção à casa pelos binóculos de visão nocturna. Viu um homem alto, de constituição robusta e com um punhado de cabelos desgrenhados, a transportar um saco de ténis ao ombro direito.

— O que é que achas? — perguntou Graham a ninguém em especial.

— Ele está a tentar fazer com que aquilo pareça leve — respondeu Marks —, mas a alça do ombro está retesada.

— De certeza que não leva raquetes e bolas dentro daquela coisa — confirmou Sparks.

Graham pegou num pequeno rádio e contactou a esquadra da RUC em Cookstown, a vinte e cinco quilómetros a sudeste dali.

— Temos companhia. Aguardem novas instruções.

O visitante permaneceu dentro da casa de campo durante vinte minutos. Marks e Sparks tentaram escutar o que se passava dentro de casa, mas tudo o que conseguiram ouvir foi Bach a sair aos berros de uma aparelhagem com um som metálico.

— Reconheces a composição?

— Concerto Número Cinco em BJMaior- respondeu Sparks.

— Encantador, não é?

— Sem dúvida.

Graham estava a espreitar para o vale com binóculos equipados com infravermelhos.

— Ele está a sair — avisou.

— Uma estadia curta para estas horas da noite — comentou Marks.

— Se calhar, teve de ir aliviar-se — juntou Sparks.

— Cá para mim, foi provavelmente aliviar-se de umas quantas armas — respondeu Marks. — Aquele saco tem um ar um bocadinho mais leve agora, não te parece?

Graham pegou outra vez no rádio e alertou Cookstown.

— O alvo está a dirigir-se para leste, a caminho de Mount Hamilton. Façam com que pareça uma operação stop de rotina. Ponham a circular na rádio a notícia de que há um alerta de segurança na zona. Enviem para lá uns quantos tipos para que ele não fique com a ideia de que o estamos a destacar. Eu já aí apareço daqui a uns minutos.

O homem que ia no Nissan era Gavin Spencer, o chefe de operações da Brigada para a Libertação do Ulster, e o saco de ténis — agora vazio e colocado no banco ao lado dele — levava lá dentro um carregamento de metralhadoras Uzi de fabrico israelita, provenientes de um traficante de armas do Médio Oriente. As armas tinham como destino serem utilizadas para o assassinio do embaixador Douglas Cannon. Por enquanto, estavam escondidas no interior de uma parede de pedra na cave da casa de campo.

Gavin Spencer tinha seleccionado a sua equipa e informara-os da missão. Rebecca Wells tinha obtido acesso à agenda do embaixador em Londres e andava a enviar relatórios regularmente. Tudo o que precisavam agora era do momento certo, do momento em que Cannon estivesse mais vulnerável. Só iriam ter uma oportunidade. Se cometessem algum erro — se falhassem —, os britânicos e os americanos iriam reforçar ainda mais a segurança e eles nunca

voltariam a conseguir aproximar-se dele.

Spencer avançou a toda a velocidade pela tortuosa B47, passando pela escurecida aldeia de Mount Hamilton e regressando depois à estrada. Uma onda de alívio percorreu-o.

As armas já não estavam no carro, encontrando-se naquele momento bem seguras dentro das paredes da casa de campo. Se tivessem sido descobertas na sua posse, teria recebido um bilhete só de ida para a prisão de Maze. Carregou no acelerador e o Nissan respondeu, subindo e descendo as lombas da estrada. Ligou o rádio, na esperança de apanhar um pouco de música, mas um boletim informativo na rádio do Ulster chamou-lhe a atenção. Tinha sido declarado um alerta de segurança para as montanhas Sperrin, entre Omagh e Cookstown.

Passados cinco quilómetros, avistou as luzes azuis a piscar de um carro de patrulha da RUC e o volumoso contorno de dois camiões blindados de transporte de tropas.

Um agente da RUC estava parado no meio da estrada, a fazer sinal com a lanterna para Spencer encostar à berma. Spencer parou e desceu o vidro da janela do carro.

— Há um alerta de segurança para esta zona hoje à noite — disse o homem da RUC. — O senhor importa-se que lhe pergunte para onde vai esta noite?

— Para casa, em Portadown — respondeu Spencer.

— E o que é que o traz por aqui?

— Vim visitar um amigo.

— E onde é que está o amigo?

— Em Cranagh.

— Posso ver a sua carta de condução?

Spencer entregou-a. Um segundo carro parou atrás dele. Spencer conseguiu ouvir outro agente a fazer ao condutor as mesmas perguntas que lhe tinham sido feitas a ele. O homem da RUC deu uma vista de olhos à carta e devolveu-a a Spencer.

— Muito bem — disse ele. — Vamos só dar uma olhadela à sua viatura. Importa-se de sair do carro?

Spencer saiu. O homem da RUC entrou no carro e parou-o atrás dos camiões de transporte de tropas. Passado um momento, o segundo carro desapareceu por trás dos camiões.

O condutor era um homem atarracado, de constituição robusta, com cabelo cortado à escovinha e um bigode a ficar grisalho. Parou junto a Spencer, com as mãos nos bolsos do casaco de cabedal.

— Mas para que é que é isto tudo, porra? — perguntou.

— Disseram que há um alerta de segurança.

— Os cabrões do IRA, de certeza absoluta.

— Calculo que sim — respondeu Spencer.

O homem acendeu um cigarro e deu outro a Spencer. Começou a chover. Gavin Spencer pôs-se a fumar e tentou parecer o mais calmo possível enquanto a RUC e o exército lhe viravam o carro do avesso.

Graham Seymour estava parado atrás de um dos camiões do exército enquanto uma equipa de soldados e polícias vasculhava o Nissan. Utilizaram um aparelho portátil para poderem espreitar por baixo dos estofos dos bancos e ver se havia armas lá escondidas. Fizeram testes à procura de resíduos de explosivos. Vasculharam a parte inferior da carroçaria e por baixo do capô. Desaparafusaram os painéis laterais e espreitaram por baixo do forro. Abriram o porta-bagagens e reviraram o que lá estava dentro.

Passados dez minutos, um dos homens da RUC, sem dizer nada, fez sinal a Seymour para se aproximar. Dentro do pneu sobressalente, embrulhados num trapo besuntado de óleo, tinham descoberto alguns documentos com aspecto suspeito.

Graham serviu-se da lanterna do polícia e fê-la incidir sobre os documentos. Folheou-os rapidamente, memorizando o máximo de pormenores de que era capaz, e devolveu-os ao polícia.

— Coloque-os onde os encontrou — ordenou. — Exactamente como os encontrou.

O homem da RUC acenou com a cabeça e fez o que lhe mandaram.

— Escondam um dispositivo de localização no carro e deixem-no ir embora — disse Graham. — E depois ponham-me outra vez em Belfast o mais depressa possível, porra.

Temos um problema bastante sério, receio bem.

Capítulo 23

NOVA IORQUE PORTADOWN

Eram sete da tarde quando Michael Osbourne saiu do posto de Nova Iorque da CIA, no World Trade Center, e fez sinal a um táxi para parar. Já tinham passado praticamente duas semanas desde que regressara de Londres e começava a adaptar-se confortavelmente à rotina da sua nova vida dentro da CIA. Normalmente, trabalhava três dias por semana em Washington e dois em Nova Iorque. A Divisão de Contra-Espionagem estava a terminar o inquérito à morte de Kevin Maguire e Michael mostrava-se convicto de que a sua versão dos acontecimentos iria ser aceite: o IRA já suspeitava de Kevin Maguire antes da viagem de Michael a Belfast e a sua morte, embora lamentável, não tinha sido culpa dele.

O táxi foi avançando vagarosamente até à alta da cidade, no meio de um engarrafamento. Michael lembrou-se da Irlanda do Norte — das luzes ténues de Belfast, no sopé da Black Mountain, do corpo destroçado de Kevin Maguire amarrado a uma cadeira. Baixou o vidro da janela do seu lado e sentiu o ar frio na cara. Às vezes, passava alguns minutos sem pensar em Maguire, mas à noite, ou quando se encontrava sozinho, o seu rosto despedaçado intrometia-se sempre. Michael estava ansioso por que as informações que Maguire e Devlin lhe tinham fornecido dessem frutos; se a Brigada para a Libertação do Ulster fosse destruída, a morte de Maguire não teria sido em vão.

O taxista era um árabe com a barba não aparada de um muçulmano devoto. Michael indicou-lhe uma morada na Madison Avenue, a cinco quarteirões do apartamento. Pagou a corrida e percorreu os passeios apinhados, parando para contemplar algumas montras de lojas, verificando constantemente se estava a ser seguido. Era aquele medo enervante de que um dia um velho inimigo lhe apareceria para se vingar. Lembrou-se do pai, a vasculhar o carro à procura de bombas, a desmontar telefones e a verificar se havia sinais de que o estivessem a vigiar, até ao dia em que morreu. O secretismo era como uma doença, a ansiedade, como um velho amigo de confiança. Michael revelava-se resignado com o facto de que isso nunca o abandonaria — o assassino chamado Outubro encarregara-se

disso.

Seguiu para oeste, até à Quinta Avenida, e depois virou à direita e dirigiu-se para a alta da cidade. A actividade da espionagem exigia uma paciência assinalável, mas Michael começava a ficar cada vez mais inquieto em relação a Outubro. Todas as manhãs, sondava os telegramas, na esperança de apanhar algum vislumbre dele numa lista de vigilância — uma aparição num aeroporto ou num terminal ferroviário —, mas não tinha aparecido nada. À medida que o tempo fosse passando, o rasto ficaria cada vez mais difícil de seguir.

Michael entrou no seu prédio e subiu no elevador até ao apartamento. Elizabeth já estava em casa. Deu-lhe um beijo na face e pôs-lhe um copo de vinho branco nas mãos.

— A tua cara está a começar a parecer quase normal — disse ela.

— E isso é uma coisa boa ou má? Ela deu-lhe um beijo nos lábios.

— Uma coisa boa, sem dúvida. Como é que te sentes? Michael olhou para ela com perplexidade.

— Mas que raio é que te deu?

— Nada, querido, só estou feliz por te ver.

— E também é bom ver-te a ti. Como é que foi o teu dia?

— Não foi mau — respondeu ela. — Passei o dia a preparar a minha testemunha principal para ir a tribunal.

— E ele vai aguentar-se?

— Por acaso, estou com medo que dêem cabo dele durante o contra-interrogatório.

— As crianças ainda estão acordadas?

— Acabaram de adormecer.

— Quero vê-las.

— Michael, se as acordares, juro por Deus que...

Michael entrou no quarto das crianças e debruçou-se sobre os berços. As crianças dormiam viradas uma para a outra, lado a lado, para que pudessem ver-se mutuamente através das ripas dos berços. Ele ficou ali parado durante bastante tempo, a ouvi-las a respirar baixinho. Por alguns minutos, sentiu-se em paz, uma sensação de satisfação que há muito não experimentava. A seguir, a ansiedade voltou a apanhá-lo de surpresa, o medo de que os seus inimigos pudessem fazer-lhe mal ou aos filhos.

Ouviu o telefone a tocar. Beijou cada um deles e saiu do quarto. Na sala de estar, Elizabeth estendeu-lhe o telefone.

— É o Adrian — disse ela. Michael tirou-lhe o telefone da mão.

— Sim? — Ficou a ouvir durante alguns minutos, sem falar, e depois murmurou: — Meu Deus.

Desligou o telefone.

— O que é que aconteceu? — perguntou Elizabeth.

— Tenho de ir a Londres.

— Quando?

Michael viu que horas eram no relógio.

— Ainda consigo apanhar um voo hoje à noite se me despachar. Elizabeth olhou atentamente para ele.

— Michael, eu nunca te vi assim. O que é que aconteceu?

Ao início da manhã do dia seguinte, enquanto o jacto da British Airways que transportava Michael Osbourne se aproximava do Aeroporto de Heathrow, Kyle Blake e Gavin Spencer iam a andar lado a lado pela Market High Street, em Portadown. A leste, o céu começava a ficar cinzento-azulado com o amanhecer que se aproximava. Na rua, os candeeiros ainda estavam ligados. O ar cheirava a terra de cultivo e a pão a cozer no forno. Spencer caminhava com a passada larga e ágil de um homem com poucas preocupações, o que não era o caso naquela manhã. Kyle Blake, bastante mais pequeno e vários centímetros mais estreito, possuía a economia de movimentos de um brinquedo a pilhas. Spencer falou durante muito tempo, afastando constantemente a madeixa de cabelo preto e espesso que lhe caía sobre a testa. Blake ouvia com grande concentração, acendendo um cigarro atrás de outro.

— Talvez os teus olhos te andem a pregar partidas — disse Kyle Blake, falando por fim. — Talvez eles estivessem a dizer a verdade. Talvez tenha sido mesmo um alerta de segurança normal.

— Fizeram uma revista completa ao carro — respondeu Spencer. — E demoraram bastante tempo a fazê-lo, foda-se.

— E falta alguma coisa? Spencer abanou a cabeça.

— E está lá alguma coisa que não devesse estar?

— Vasculhei a porra do carro de uma ponta à outra. Não descobri nada, mas isso não quer dizer muita coisa. Aqueles aparelhos de escuta são tão pequenos, que eles podiam pôr um dentro do meu bolso e eu nem perceberia.

Kyle caminhou em silêncio durante um momento. Gavin Spencer era um homem inteligente e um chefe de operações talentoso. Não era o tipo de pessoa que fosse ver uma ameaça onde não existia nenhuma.

— Se tiveres razão, se eles andavam atrás de ti, isso quer dizer que andam a vigiar a casa de campo.

— Sim — respondeu Spencer. — E eu acabei de esconder lá o primeiro carregamento de Uzi. Preciso dessas metralhadoras para tratar do embaixador. Sou capaz de matar o Eamonn Dillon com uma pistola, mas, se vou assassinar um embaixador americano, preciso de um poder de fogo bem mais considerável.

— E qual é o ponto de situação da equipa?

— O último homem parte hoje à noite para Inglaterra no ferry para Liverpool. Amanhã, ao final da tarde, terei quatro dos meus melhores rapazes em Londres, à espera da ordem para atacar. Mas eu preciso

daquelas armas, Kyle.

— Então, vamos buscar as armas.

— Mas a casa está sob vigilância.

— Então, eliminamos os vigias — respondeu Blake.

— Provavelmente, esses homens estão protegidos pela SAS.

Quanto a ti, não sei, mas eu não estou com vontade de me meter com a porra da SAS neste preciso momento.

— Sabemos que eles andam algures por ali. Tudo o que precisamos de fazer é descobri-los — afirmou Blake, parando de andar e fitando Spencer com firmeza. — Além disso, se o raio do IRA é capaz de enfrentar a SAS, nós também somos.

— Eles são soldados britânicos, Kyle. E nós já fomos soldados britânicos, lembras-te?

— Mas já não estamos do mesmo lado — respondeu Blake rispidamente. — Se os britânicos querem fazer joguinhos, nós vamos alinhar na porra dos joguinhos.

Capítulo 24

LONDRES

— Parece que vocês têm uma fuga de informação algures neste edifício — disse Graham Seymour.

Estavam sentados à mesa, num cubículo de vidro insonorizado na secção da CIA na embaixada: Michael, Graham, Wheaton e Douglas. Quando Graham falou, Wheaton retraiu-se, como se tivesse sido ameaçado com um murro, e começou a apertar a sua bola de ténis. Era um homem permanentemente preparado para ficar ofendido e havia algo no tom de Graham — no seu olhar insolente e aborrecido — de que Wheaton nunca gostara.

— Porque é que tens tanta certeza de que a fuga de informação veio deste edifício? — perguntou ele. — Se calhar, a fuga veio do vosso lado. A Divisão Especial fornece protecção ao embaixador e nós damos-lhes a agenda com vários dias de antecedência.

— Suponho que tudo seja possível — respondeu Graham.

— Porque é que não fotografaste os documentos? — perguntou Wheaton.

— Porque não houve tempo — respondeu Graham. — Decidi que ele era mais valioso para nós no terreno do que preso. Demos uma vista de olhos, colocámos um localizador no carro e deixámo-lo ir.

— E quem é ele? — perguntou Michael.

Graham abriu uma pasta com código de segurança e distribuiu diversas fotografias de um homem grande com uma farta cabeleira preta — uma foto de cadastro e várias fotografias de vigilância cheias de grão. — O nome dele é Gavin Spencer — disse Graham. — Em tempos, foi um homem de grande importância na Força de Voluntários do Ulster. Foi detido uma vez por posse ilegal de armas, mas o processo foi arquivado. É da linha dura. Abandonou a UVF no início do processo de paz por se opor frontalmente a ele.

— Onde é que ele anda agora? — perguntou Wheaton.

— Vive em Portadown. Foi para lá depois de o termos interceptado. Douglas Cannon perguntou:

— E o que é que fazemos agora, meus senhores?

— Descobrimos a origem da fuga de informação — respondeu Wheaton. — Determinamos se o responsável está a cometer um acto

de traição ou se há mais alguma coisa envolvida.

E depois encerramos a questão.

Michael levantou-se e começou a andar de um lado para o outro do pequeno cubículo.

— Quantas pessoas na embaixada sabem da agenda do embaixador com antecedência? — perguntou, por fim.

— Depende do dia, mas normalmente pelo menos vinte — respondeu Wheaton.

— E quantas delas são homens?

— Pouco mais de metade — afirmou Wheaton, com a irritação a invadir-lhe a voz. — Porquê?

— Por causa de uma coisa que o Kevin Maguire me disse antes de morrer. Disse que, quando os serviços de informação do IRA investigaram o assassinio do Eamonn Dillon, chegaram à conclusão de que tinha havido uma fuga de informação a partir da sede do Sinn Féin. Uma rapariga, uma secretária, tinha ficado amiga de uma mulher protestante e acabado por lhe revelar inadvertidamente pormenores da agenda do Dillon.

— E como era a rapariga? — perguntou Graham.

— Trinta e poucos anos, atraente, cabelo preto, pele clara, olhos cinzentos.

Um sorriso invadiu a cara de Michael.

Graham disse:

— Já vi essa expressão antes. Em que estás a pensar, Michael?

— Que da adversidade nasce a oportunidade.

Eram cinco e meia da tarde quando o telefone da secretária de Preston McDaniels ronronou suavemente. Por um instante, ponderou não o atender; estava ansioso por chegar ao restaurante para poder ver Rachel. O atendedor de chamadas responderia por si e ele poderia tratar do assunto no dia seguinte, logo pela manhãzinha. Mas tinha havido zonzuns de rumores na embaixada durante o dia inteiro — rumores acerca de uma espécie de problema de segurança, de o pessoal estar a ser obrigado a comparecer perante um painel de interrogadores no último andar. McDaniels sabia que os sabujos dos media tinham forma de apanhar o cheiro dos rumores desse género.

Relutantemente, esticou o braço e levantou o auscultador do telefone do descanso.

— Fala McDaniels.

— Daqui é David Wheaton — disse a voz do outro lado da linha. Não se incomodou em identificar-se mais do que isso; toda a gente na embaixada sabia que Wheaton era o chefe do posto de Londres da CIA.

— Gostava de saber se podemos ter uma conversa em privado.

— Por acaso, estava de saída. É alguma coisa que possa esperar até amanhã de manhã?

— É importante. Não se importa de vir cá acima agora mesmo? Wheaton desligou sem esperar por uma resposta. Havia algo no seu tom de voz que deixou McDaniels incomodado.

Nunca tinha gostado de Wheaton, mas sabia que não era prudente contrariá-lo. Saiu do gabinete, atravessou o corredor e subiu pelo elevador.

Quando entrou na sala, encontrou três homens sentados a um dos lados de uma grande mesa rectangular: Wheaton, o genro do embaixador Cannon, Michael Osbourne, e um inglês com um ar aborrecido. Havia um lugar vazio à frente deles. Wheaton indicou-lhe o lugar com a ponta da sua caneta de ouro, sem dizer uma palavra, e McDaniels sentou-se.

— Não vou estar com rodeios — disse Wheaton. — Parece que há uma fuga de informação, algures dentro da embaixada, no que respeita à agenda do senhor embaixador.

Queremos descobrir essa fuga.

— E o que é que isso tem a ver comigo?

— O senhor é uma das pessoas dentro da embaixada que tem conhecimento da agenda do senhor embaixador com antecedência.

— É verdade — retorquiu McDaniels bruscamente. — E, se estão a perguntar-me se violei as regras de confidencialidade, a resposta é um inequívoco não.

— Alguma vez deu uma cópia da agenda do senhor embaixador a alguém de fora da embaixada?

— Claro que não.

— E alguma vez falou dela com um jornalista?

— Quando se trata de algum evento público, sim.

— Alguma vez forneceu pormenores a um jornalista, como por exemplo o percurso que o senhor embaixador poderia tomar para uma reunião ou o método de transporte?

— Claro que não — respondeu novamente McDaniels com brusquidão. — Além do mais, a maioria dos jornalistas não daria um chavo por pormenores desse género.

Michael Osbourne ia folheando um processo.

— O senhor não é casado — disse, levantando os olhos do processo.

— Não, não sou — disse McDaniels. — E porque é que o senhor aqui está?

— Nós é que fazemos as perguntas, se não se importa — disse Wheaton.

— Tem algum relacionamento? — perguntou Michael.

— Por acaso, sim.

— Há quanto tempo andam juntos?

— Há duas semanas.

— E como é que ela se chama?

— Chama-se Rachel. Importam-se de me dizer o que é que isto...

— Rachel quê?

— Rachel Archer.

— E onde é que ela vive?

— Em Earl's Court.

— Alguma vez esteve no apartamento dela?

— Não.

— E ela já esteve alguma vez no seu?

— Isso não é da vossa conta.

— Lamento, mas, se está relacionado com a segurança, é da nossa conta — disse Michael. — Agora, por favor, responda à pergunta, senhor McDaniels. A Rachel Archer já esteve alguma vez no seu apartamento?

— Sim.

— Quantas vezes?

— Várias vezes.

— Quantas vezes?

— Não sei... oito, talvez dez.

— Costuma levar uma cópia da agenda do senhor embaixador para casa?

— Sim, costume — respondeu McDaniels. — Mas sou muito cuidadoso. Está sempre na minha posse.

— E a Rachel Archer esteve alguma vez no seu apartamento quando o senhor levou uma cópia da agenda do senhor embaixador?

— Sim, esteve.

— E alguma vez lhe mostrou a agenda?

— Não. Já vos disse que nunca fiz isso.

— A Rachel Archer tem trinta e poucos anos, cabelo preto, pele clara e olhos cinzentos?

Preston McDaniels ficou branco.

— Meu Deus! — exclamou. — O que é que eu fiz?

Quando a noite começou a cair, a ideia era de Michael. De início, Wheaton deixou a sua oposição oficialmente registada, mas, no final daquela longa noite — depois das teleconferências com Langley, depois das reuniões tensas com os mandarins do MI5 e do MI6, depois das breves trocas de palavras com Downing Street e com a Casa Branca —, Wheaton já tinha reclamado a ideia como sendo sua.

Havia dois assuntos a resolver. Deveriam fazê-lo? E, se o fizessem, quem comandaria as operações? A primeira pergunta foi respondida com bastante rapidez. A segunda era mais difícil porque envolvia questões de território e, no mundo dos serviços secretos, o território é protegido a todo o custo, muitas vezes melhor do que os segredos. Era um assunto de segurança americano envolvendo o embaixador

americano. Mas a Irlanda do Norte era um assunto britânico e a operação decorreria em solo britânico. Depois de uma hora de negociações tensas, as duas partes chegaram a um acordo. Os ingleses forneceria o talento de rua — os vigias e os artistas da vigilância técnica — e, quando chegasse a hora, forneceria o músculo. Os americanos orientariam Preston McDaniels e forneceria o material para a sua pasta — depois de consultarem em pormenor os ingleses, claro.

A luta dentro da CIA também foi dura. O Centro de Contraterrorismo tinha descoberto o caso e Adrian Cárter queria que Michael dirigisse a parte americana da questão.

Wheaton opôs-se determinantemente. Num telegrama azedo enviado para a sede, defendeu que se tratava de uma operação de Londres, necessitando de colaboração próxima dos serviços anfitriões, e que o posto de Londres devia ficar com o caso, não o CTC. Mónica Tyler retirou-se para o seu gabinete, na atmosfera rarefeita do sétimo andar, para ponderar a sua decisão. Wheaton arregimentou antigos amigos e inimigos para a sua causa. E, no fim, ela acabou por escolher Wheaton, argumentando que Michael tinha regressado à agência há pouco tempo, depois de uma longa ausência, e que não se podia esperar que estivesse a cem por cento em termos operacionais.

A operação seria comandada por Wheaton e Michael permaneceria em Londres com um papel secundário.

Preston McDaniels passou a agente operacional naquela noite. Da secretária de Wheaton no posto da CIA, telefonou para o Ristorante Ricardo, em Park Lane, e pediu para falar com Rachel Archer. Uma voz com sotaque italiano informou-o de que ela estava ocupada — "Agora, é a azáfama do jantar, sabe" —, mas McDaniels disse que era urgente e, passado um momento, ela veio ao telefone. A conversa durou precisamente trinta e dois segundos; Michael e Wheaton cronometraram-na para terem a certeza e ouviram-na uma dúzia de vezes, procurando sabe Deus o quê. McDaniels disse que não podia passar por lá para tomar um copo porque ficava a trabalhar até tarde.

A mulher expressou um ligeiro desapontamento, com o som em fundo de pratos a partirem-se e de Ricardo Ferrari a gritar obscenidades em italiano.

McDaniels perguntou-lhe se a podia ver mais tarde. A mulher disse que passaria por casa dele depois do trabalho e desligou o telefone.

A gravação foi transmitida por satélite para Langley e enviada da forma tradicional — por estafeta de mota — para o MI5 e o MI6. Um linguista dos quadros do MI5 concluiu que o sotaque inglês dela era falso e que a mulher era quase de certeza da Irlanda do Norte. Provavelmente, dos arredores de Belfast.

Wheaton não tinha a certeza se confiava ou não em McDaniels. Insistiu na cobertura total, áudio e visual, de todos os seus movimentos. O MI5 aterrou no seu apartamento em South Kensington e colocou câmaras e microfones em todas as divisões. Só o quarto ficou de fora; Michael achou que a cobertura áudio seria suficiente e Wheaton concordou relutantemente. Um par de vigias do MI5, um homem mais velho e uma rapariga bonita, foi enviado para o Restaurante Ricardo. Por sorte, a sua presa atendeu-os.

Recomendou-lhes a especialidade de vitela e eles declararam-na divina. A segunda equipa, por razões de segurança operacional, pediu esparguete à carbonara e galinha milanesa.

Para servir de base operacional, o MI5 garantiu apressadamente um apartamento grande e mobilado em Evelyn Gardens, a uma curta distância do de McDaniels. Michael e Wheaton, quando lá chegaram já tarde nessa noite, foram recebidos com o fedor de cigarros e de caril de takeaway. Na sala de estar, meia dúzia de técnicos preocupados afligia-se com os seus auscultadores e monitores de vídeo. Vigias aborrecidos assistiam a um documentário maçador da BBC sobre os padrões migratórios das baleias-cinzentas, numa televisão com a imagem vacilante. Graham Seymour estava sentado ao piano, tocando baixinho.

O apartamento de McDaniels estava tão cheio de escutas que, quando a mulher conhecida como Rachel Archer chegou, a campainha soou como um alarme de incêndio de hotel.

"Está na hora do espectáculo", anunciou Wheaton, e sentaram-se em redor dos monitores de vídeo — todos excepto Graham, que continuou ao piano, tocando as notas finais de Clair de Lune.

Quaisquer dúvidas que ainda pudessem restar sobre a forma como Preston McDaniels se aguentaria foram postas de lado com o longo beijo que deu à mulher à entrada.

Preparou bebidas para ambos — vinho branco para ela e um copo de uísque muito grande para si — e sentaram-se no sofá da sala de estar, conversando bem à vista de uma das câmaras de vídeo ocultas.

Começaram a beijar-se e, por um momento, Michael temeu que ela fosse fazer amor com ele no sofá, mas McDaniels deteve-a e levou-a para o quarto. Michael achou que havia algo de Sarah nela e pôs-se a pensar se haveria algo de McDaniels em si próprio.

— Precisamos de um nome de código — disse Wheaton, tentando pensar em algo, qualquer coisa, sem ser nos sons que emanavam dos monitores. — Não temos um nome de código.

— O meu pai trabalhou numa operação semelhante durante a Segunda Guerra Mundial — disse Graham, com os dedos a tactearem rápida e levemente as teclas do piano. — O MI5 forneceu material falso a uma espia alemã através de um oficial da marinha americana.

— E qual era o nome de código?

— Penso que era Timbale.

— Timbale — repetiu Wheaton. — Soa bem. Então, que seja Timbale.

— E como é que acabou? — perguntou Michael. Graham parou de tocar e olhou para cima.

— Ganhámos, meu caro.

Foi um técnico do MI5 chamado Rodney que o viu primeiro e acordou o resto da equipa. Wheaton tinha reclamado o único quarto para si. Michael dormiu no sofá; Graham foi adormecendo e acordando continuamente numa poltrona de orelhas demasiado almofadada, como um passageiro agitado num voo transatlântico. Com os olhos pesados, juntaram-se em redor do conjunto de monitores de vídeo e ficaram a ver a mulher sentar-se à secretária do escritório de McDaniels e começar a esvaziar o que lá estava dentro sem fazer barulho.

— Bem, senhoras e senhores, parece que acabámos de descobrir a Brigada para a Libertação do Ulster — disse Wheaton. — Parabéns, Michael. Esta noite pagas o jantar.

Preston McDaniels estava deitado na cama, acordado, de costas para a porta. Tentara dormir mas não tinha conseguido e, por isso, deixou-se estar simplesmente muito quieto, até a ouvir esgueirar-se da cama e sair do quarto. Imaginou-a no escritório, de volta dos seus papéis. Foi inundado por um turbilhão ininterrupto de emoções contraditórias. Estava envergonhado por ter sido tão facilmente levado, humilhado por Wheaton e Michael Osbourne terem feito dele um peão no seu jogo. E, sobretudo, sentia-se traído.

Por alguns momentos, quando ela estava a fazer amor consigo, McDaniels imaginou que ela sentia realmente alguma coisa por si, independentemente das suas motivações.

Iria fazer um acordo, pensou. Trataria das coisas de maneira a poderem ficar juntos quando tudo terminasse.

Ouviu a porta abrir-se. Fechou os olhos. Sentiu o corpo dela aninhar-se junto do seu. Queria virar-se e abraçá-la, fazer o corpo dela cair em cima do seu, sentir as pernas dela à sua volta. Mas limitou-se a ficar ali deitado, a fingir que estava a dormir, interrogando-se sobre o que iria fazer sem ela quando tudo terminasse.

Capítulo 25

LONDRES

— Chama-se Hartley — disse Graham Seymour, ao fim daquela manhã, no gabinete de Wheaton. — Fica aqui, na costa norte de Norfolk — explicou, tocando no grande mapa do serviço cartográfico e topográfico oficial com a ponta da caneta. — Tem várias centenas de hectares onde se pode passear e cavalgar e, claro, a praia fica perto.

Em resumo, é o tipo de sítio perfeito para um embaixador americano passar um fim-de-semana tranquilo no campo.

— E quem é o proprietário? — perguntou Michael.

— Um amigo dos serviços secretos.

— Um amigo íntimo?

— Fez a sua parte durante a Segunda Guerra Mundial e alguns biscates durante os anos cinquenta e sessenta, mas nada de pesado.

— Alguma coisa do conhecimento público que o possa ligar aos serviços secretos ingleses?

— De maneira nenhuma — respondeu Graham. — A Brigada para a Libertação do Ulster não iria ter qualquer forma de saber que o anfitrião do embaixador estava ligado aos serviços secretos.

Wheaton perguntou:

— Em que é que estás a pensar, Michael?

— Estou a pensar que o Douglas quer passar um fim-de-semana fora de Londres, no campo inglês, um fim-de-semana privado, com segurança mínima, na casa de um velho amigo. Pomos isso na agenda dele e damos a informação à mulher através do McDaniels. Com um bocadinho de sorte, a Brigada para a Libertação do Ulster irá morder o isco.

— E nós teremos uma equipa da SAS à espera deles — rematou Graham. — Esse cenário tem outra vantagem importante: não haverá possibilidade de baixas civis, por causa da localização remota.

— Prender pessoas não é verdadeiramente a especialidade da SAS — contrapôs Wheaton. — Se formos para a frente com isto, e se a Brigada para a Libertação do Ulster morder o isco, vai ser derramado muito sangue — acrescentou, olhando primeiro para Graham, que permaneceu em silêncio, e depois para Michael.

— É preferível que seja o sangue deles do que o do Douglas —

disse Michael. — Eu recomendo que o façamos.

— Tenho de fazer com que isto suba a cadeia alimentar — disse Wheaton. — A Casa Branca e o Ministério dos Negócios Estrangeiros vão ter de assinar por baixo. É capaz de levar algumas horas.

— E em relação à mulher? — perguntou Michael.

— Seguimo-la hoje de manhã quando saiu do apartamento do McDaniels — respondeu Graham. — Estava a dizer-lhe a verdade. Vive num apartamento em EarPs Court. Mudou-se para lá há algumas semanas. Temos uma equipa a vigiar o apartamento.

— E onde é que ela está agora?

— A dormir, ao que parece.

— Ainda bem que há quem consiga dormir alguma coisa por estas bandas — desabafou Wheaton.

Pegou no seu telefone seguro e ligou para o gabinete de Mónica Tyler, em Langley.

— Isto foi tudo ideia sua, não foi? — perguntou Preston McDaniels. — Você é um bom filho-da-mãe. Qualquer pessoa percebe isso.

Estavam sentados num banco com vista para o lago Serpentine, no Hyde Park. O vento deslocava-se através dos salgueiros e fazia ondas na superfície do lago. Nuvens, pesadas da chuva que vinha a caminho, flutuavam por cima deles. Michael tentou localizar os vigias de Graham. Seria o homem a atirar migalhas de pão aos patos? A mulher sentada no banco ao lado a ler Josephine Hart? Talvez o rapaz louro e esguio, de impermeável azul-escuro, a praticar tai chi no relvado?

Vinte minutos antes, Michael tinha mostrado a McDaniels o vídeo da namorada a esgueirar-se para o escritório dele e a vasculhar o que se encontrava dentro da sua pasta. McDaniels quase ficara fisicamente doente. Tinha pedido encarecidamente para apanhar ar fresco e, por isso, tinham caminhado em silêncio, atravessando Mayfair e ao longo dos trilhos do Hyde Park, até chegarem ao lago. McDaniels tremia. Michael quase podia sentir o banco do parque a vibrar com o seu tremor. Lembrou-se de como se sentira quando soube que Sarah Randolph andava a trabalhar para o KGB. Tinha querido odiá-la, mas não conseguira. Suspeitava que Preston McDaniels sentia precisamente o mesmo em relação à mulher que ele conhecia como Rachel Archer.

— Conseguiu dormir alguma coisa? — perguntou suavemente.

— Claro que não.

O vento soprou, levantando o cabelo grisalho de McDaniels e deixando-lhe a careca à mostra. Constrangido, conseguiu com jeito que ele voltasse ao sítio.

— Como é que eu podia dormir sabendo que vocês, seus sacanas, estavam provavelmente a escutar cada sopro que eu desse?

Michael não quis dissipar a ideia de McDaniels de que eles

estavam a observar todos os seus movimentos e a ouvir todas as suas palavras. Acendeu, um cigarro e ofereceu-lhe outro.

— Que hábito nojento — resmungou McDaniels, abanando a mão e olhando fixamente para Michael como se fosse um intocável.

Michael não se importou; era bom para McDaniels sentir-se superior por um momento, mesmo em algo tão banal.

— Quanto tempo? — perguntou. — Quanto tempo é que eu tenho de fazer isto?

— Não muito — respondeu Michael despreocupadamente, como se McDaniels tivesse perguntado quanto tempo poderia demorar até chegar o comboio seguinte.

— Meu Deus, porque é que vocês não conseguem dar-me uma resposta directa sobre seja o que for?

Porque há muito poucas respostas directas neste tipo de trabalho.

— É o seu tipo de trabalho, não o meu — retorquiu McDaniels, abanando a mão violentamente. — Meu Deus! Apague isso, se não se importa!

Michael atirou o cigarro para o chão.

— Quem é ela? — perguntou McDaniels. — O que é que ela é?

— No que a si lhe diz respeito, é a Rachel Archer, uma dramaturga faminta que trabalha como empregada de mesa no Ristorante Ricardo.

— Raios, eu quero saber! Eu tenho de saber! Preciso de saber que de todo este assunto desagradável pode sair alguma coisa boa.

Michael não podia rebater a lógica do pedido de McDaniels. Muitas vezes, orientar agentes tem a ver com a motivação e, para Preston McDaniels conseguir chegar ao fim da operação, precisava de encorajamento.

— Não sabemos o nome verdadeiro dela — disse Michael. — Ainda não, pelo menos. Estamos a trabalhar nisso. Ela pertence à Brigada para a Libertação do Ulster. Estão a planear assassinar o meu sogro. Ela estava a usá-lo para obter acesso à agenda dele e encontrar a melhor altura para levarem a sua avante.

— Meu Deus, como é que ela pôde fazer isso? Ela é tão maravilhosa...

— Ela não é a pessoa que você pensa que é.

— Como é que pude ser tão parvo? — atirou McDaniels, fitando algo a meia distância. — Eu sabia que ela era demasiado nova para mim. Que era demasiado bonita. Mas quis acreditar que ela se tinha apaixonado de facto por mim.

— Ninguém o está a culpar — mentiu Michael.

— Então, o que é que acontece quando tudo estiver terminado?

— Continua com o seu emprego como se nada se tivesse passado.

— Como é que eu posso fazer isso?

- Vai ser mais fácil do que pensa — respondeu Michael.
- E o que é que lhe acontece a ela, quem quer que seja?
- Ainda não sabemos — respondeu Michael.
- Sabem, sim. Vocês sabem tudo. Estão a lançar-lhe uma

armadilha, não estão?

Michael levantou-se de repente, assinalando que era altura de ir embora. McDaniels ficou sentado.

— Quanto tempo? — perguntou ele. — Quanto tempo até isto estar terminado?

— Não sei.

— Quanto tempo? — repetiu.

— Não muito.

No final dessa tarde, Michael estava sentado no gabinete de Wheaton, a analisar o novo acrescento à agenda do embaixador Douglas Cannon, uma visita privada, no fim-de-semana seguinte, à casa de um amigo na zona rural de Norfolk. A pedido do embaixador, as medidas de segurança em torno da visita seriam extremamente leves, uma equipa de dois homens da Divisão Especial, sem qualquer apoio americano. Michael acabou de o ler e entregou-o a Wheaton, sentado do outro lado da secretária.

— Achas que eles mordem? — perguntou Wheaton.

— Devem fazê-lo.

— E como é que o nosso rapaz está a aguentar a pressão?

— O McDaniels?

Wheaton assentiu com a cabeça.

— Tão bem quanto seria de esperar.

— Ou seja?

— Ou seja, não temos muito tempo.

— Então, é melhor que isto funcione. Wheaton devolveu o documento a Michael.

— Põe-lhe isso na pasta e ele que a leve para casa hoje à noite.

No dia seguinte, pouco passava das quatro da manhã quando Rebeca Wells se levantou da cama de Preston McDaniels e entrou no escritório deste. Sentou-se à secretária, abriu a pasta sem fazer barulho e retirou um molho de documentos. Em anexo à agenda habitual de eventos oficiais do embaixador, havia uma nota acerca de um fim-de-semana privado na zona rural de Norfolk.

Rebecca conseguia sentir o coração a martelar-lhe dentro do peito à medida que lia o memorando.

Era perfeito: uma localização remota, com imenso tempo de aviso prévio para se poder elaborar um plano. Demorou todo o tempo necessário a anotar os pormenores. Não queria cometer nenhum erro.

Quando acabou, sentiu um orgulho feroz. Tinha desempenhado bem o seu papel, tal como em Belfast. Eamonn Dillon estava morto

por causa das informações que ela tinha fornecido a Kyle Blake e a Gavin Spencer, e, em breve, o embaixador Douglas Cannon também estaria morto.

Apagou a luz e voltou para a cama.

Na base operacional em Evelyn Gardens, Michael Osbourne e Graham Seymour encontravam-se de pé em frente aos monitores de vídeo, a observá-la. Viram-na a registar cuidadosamente os pormenores do memorando relativo à viagem do embaixador para Norfolk. Conseguiram aperceber-se da sua excitação com a descoberta. Quando ela desligou a luz e deixou o escritório, Graham virou-se para Michael e perguntou:

— Achas que ela mordeu o isco?

— Todinho, caiu que nem uma patinha.

No dia seguinte, vigiaram-na. Foram com ela ao tenebroso café à saída da estação de metro de Earl's Court, onde tomou o seu pequeno-almoço, um chá e um pão-deleite com passas. Ouviram-na a telefonar para o restaurante, para falar com Ricardo Ferrari, e a dizer-lhe que tivera uma emergência familiar, uma tia que tinha adoecido Newcastie; precisava de tirar uns dias, quatro no máximo. Ricardo gritou-lhe uma série de obscenidades, primeiro em italiano e depois inglês com sotaque muito acentuado.

No entanto, ganhou a simpatia dos agentes de Graham Seymour que escutavam a conversa quando disse: — Toma conta da tua pobre tia. Não há nada mais importante que a família. Quando estiveres pronta para regressar, regressas.

A seguir, ouviram-na telefonar para Preston McDaniels, para o número dele na embaixada, e dizer-lhe que ia estar fora durante uns dias. Sustiveram a respiração quando McDaniels lhe pediu para a ver por uns minutos antes de se ir embora. Respiraram de alívio quando ela lhe disse que não havia tempo. E, quando ela apanhou um comboio para Liverpool, deixaram-na ir.

Preston McDaniels pousou o auscultador no descanso e sentou-se à secretária. Um funcionário que reparou nele naquele momento, do outro lado da porta aberta, disse mais tarde a Michael que o pobre Preston parecia que tinha acabado de receber a notícia de uma morte. Subitamente, levantou-se de um salto e disse que tinha de ir tratar de uma coisa e que voltava dentro de quinze minutos. Tirou a gabardina do cabide e saiu a grande velocidade da embaixada, atravessando a Grosvenor Square, em direcção ao parque.

Sabia que o estavam a seguir, Wheaton e Osbourne e os outros; conseguia senti-lo. Queria livrar-se deles. Queria nunca mais os ver. O que iriam eles fazer? Agarrá-lo-iam?

Sacá-lo-iam do meio da rua? Enfiá-lo-iam num carro? Já tinha lido a sua conta de romances de espionagem. Como se livraria o herói dos

vilões num romance de espionagem?

Perder-se-ia na multidão.

Quando chegou a Park Lane, apressou-se para norte, na direcção de Marble Arch. Mergulhou na estação de metropolitano, passou despercebido pelos torniquetes e percorreu rapidamente a passagem de ligação à plataforma.

Estava a chegar um comboio quando atingiu a plataforma. Entrou na carruagem e deixou-se ficar perto das portas. Na paragem seguinte, Bond Street, saiu do comboio, atravessou para a plataforma oposta e entrou num outro comboio de volta a Marble Arch. Em Marble Arch, executou a mesma manobra e, pouco tempo depois, dirigia-se para leste, atravessando Londres e sentindo-se bastante sozinho.

Graham Seymour ligou para Michael da sede do MI5.

— Lamento informar-te, mas o teu homem desapareceu.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer que o perdemos — respondeu Graham. — Ou, melhor, ele perdeu-se de nós. Fez um número e pôs no metro. Não é nada mau.

— Onde?

— Na Central Line, entre Marble Arch e a Bond Street.

— Porra. E que estás a fazer para resolver isso?

— Bom, estamos a tentar encontrá-lo, não é, meu caro?

— Liga-me se souberes de alguma coisa.

— Combinado.

Na Tottenham Court Road, Preston McDaniels saiu do comboio da Central Line e percorreu a passagem de ligação à Northern Line. Que apropriado, pensou; a temível Northern Line. Antiquada, ofegante, ruidosa, a linha estava sempre a avariar no auge da hora de ponta. Para aqueles que eram forçados a suportar o seu temperamento inconstante, era a Linha do Sofrimento. A Linha Negra. Era perfeito, pensou Preston. Os tablóides de Londres iriam ter um dia em cheio com aquilo.

O que tinha Michael Osbourne dito? Continua com a sua vida como se nada se tivesse passado. Mas como podia ele fazer isso? Sentiu a plataforma começar a vibrar.

Virou-se e espreitou para a escuridão do túnel e viu a ténue luz do comboio que se aproximava.

Pensou nela, debaixo do seu corpo, com as costas arqueadas para si, e depois imaginou-a no escritório, a roubar-lhe os segredos. Ouviu a voz dela ao telefone. 'Lamento, mas vou ter de ir para fora durante uns dias... Não, desculpa, Preston, mas não posso ver-te agora...

Preston McDaniels olhou para o relógio. Por esta altura, já deveriam estar preocupados com ele, a interrogarem-se para onde teria ido. Havia uma reunião do pessoal dali a dez minutos. Ia faltar.

O comboio irrompeu do túnel com uma torrente de ar quente e precipitou-se para a estação. Preston McDaniels deu mais um passe em direcção à borda da plataforma.

E depois saltou para a linha.

Capítulo 26

PORTADOWN LONDRES CONDADO DE TYRONE

Na tarde seguinte, Rebecca Wells estava de regresso a Portadown, sentada num reservado do pub McConville's. Gavin Spencer entrou primeiro, seguido por Kevin Blake cinco minutos depois. O pub estava apinhado. Rebecca Wells falou calmamente por entre o ruído, relatando a Blake e a Spencer aquilo que tinha descoberto na pasta do americano.

— Quando é que o Cannon chega? — Perguntou Blake com simplicidade.

— No próximo sábado — disse Rebecca.

— E quanto tempo fica?

— Uma noite, no sábado. Depois regressa a Londres no domingo, ao início da tarde. — Isso dá-nos cinco dias — disse Blake, virando-se para Gavin Spencer. — Consegues organizar tudo nesse período de tempo? Spencer assentiu com a cabeça. Só precisamos das armas. Se conseguirmos deitar a mão às armas, o embaixador Douglas Cannon é um homem morto.

Kyle Blake meditou durante um momento, esfregando as manchas de tinta e nicotina nos dedos. A seguir, olhou para Spencer e disse:

— Então, vamos arranjar as armas.

222.

— Tens a certeza, Kyle?

— Não estás a perder a coragem, pois não?

— Talvez devêssemos esperar um pouco mais. Deixar as coisas acalmarem.

— Não temos tempo para ficar à espera, Gavin. Cada semana que passa é uma vitória para os apoiantes do acordo. Ou destruímos o acordo de paz agora ou vamos ter de nos haver com ele para sempre. E não é só esta geração que vai pagar o preço. Vão ser os nossos filhos, os nossos netos. Não consigo viver com isso.

Blake levantou-se de repente e correu o fecho do casaco.

— Arranja essas armas, Gavin, ou encontro quem o faça.

Enquanto os três dirigentes da Brigada para a Libertação do Ulster

saíam do pub McConville's, Graham Seymour estava a chegar à embaixada americana. O gabinete de Wheaton parecia o búnquer de comando de um exército em retirada. O suicídio de Preston McDaniels tinha acendido um rastilho de pólvora em Washington, e Wheaton estivera ao telefone durante a maior parte das últimas vinte e quatro horas, tentando sem sucesso apagá-lo. O Ministério dos Negócios Estrangeiros estava furioso com a CIA pela forma como esta tinha lidado com o caso; com efeito, Douglas Cannon fora colocado na posição nada invejável de ter de contestar secretamente as acções do seu próprio genro. O presidente Beckwith tinha chamado Mónica Tyler à Casa Branca para a repreender severamente. E Mónica tinha descarregado a raiva em Wheaton e Michael.

— Por favor, diz-nos que tens boas notícias — disse Michael enquanto Graham se sentava.

— Por acaso, até tenho — disse Graham. — A Scotland Yard decidiu colaborar. Logo à noite, vão emitir uma declaração afirmando que o suicida da Tottenham Court Road era um doente mental que tinha escapado. A Northern Line é famosa por esse género de casos. Há um hospital psiquiátrico a sul do rio.

— Graças a Deus — desabafou Wheaton, Michael sentiu-se desconstrair ligeiramente. O suicídio precisa ser mantido em segredo para que a operação pudesse continuar.

Se A Brigada para a Libertação do Ulster soubesse que McDaniels tinha saltado para a frente de um comboio na Northern Line, podiam muito bem deduzir que a informação que lhe tinham roubado se encontrava comprometida.

Graham perguntou:

— E como é que vão encobrir as coisas por aqui?

— Felizmente, o McDaniels não tem família propriamente dita — respondeu Wheaton. — O Ministério dos Negócios Estrangeiros deu-nos alguma margem relutantemente. Quanto à história que vai servir de disfarce, é que o McDaniels teve de regressar a Washington e passar lá duas semanas. Se a mulher ligar para cá à procura dele, vão contar-lhe essa história, com uma mensagem pessoal do McDaniels incluída.

— A mulher já tem nome, por falar nisso — disse Graham. — A E4 identificou-a quando ela chegou a Belfast hoje de manhã cedo. O nome verdadeiro é Rebecca Wells. O marido era o Ronnie Wells, um membro da secção de espionagem da Força de Voluntários do Ulster, assassinado pelo IRA em noventa e dois. Parece que a Rebecca está a continuar o trabalho do marido.

— E a RUC está a dar-lhe margem de manobra? — perguntou Michael.

— Seguiram-na até Portadown para a identificarem, mas ficaram-se por aí — disse Graham. — Neste preciso momento, anda à solta.

— E a SAS alinhou nisso?

— Tenho uma reunião amanhã no quartel-general deles em Heretord para os pôr ao corrente. Estão os dois à vontade se também quiserem estar presentes. Uma malta estranha, os tipos da SAS. Acho que vocês até são capazes de achar piada. wheaton levantou-se e esfregou os olhos vermelhos e inchados. Cavalheiros, a bola está no campo da Brigada para a Libertado do Ulster — disse, vestindo o casaco do fato por cima da camisa —nrugada e dirigindo-se para a porta. — Quanto a vocês, não sei, mas preciso de dormir um pouco. Não me incomodem a não ser que seja urgente.

A primeira noite tinha sido límpida, calma e muito fria. Kyle Blake e Gavin Spencer decidiram esperar — mais uma noite não faria diferença e a previsão meteorológica parecia ser animadora. A segunda noite revelou-se perfeita: uma cobertura de nuvens espessa para enfraquecer os óculos de infravermelhos dos homens da SAS, vento e chuva para ajudar a ocultar o som da sua aproximação. Kyle Blake aprovou e Spencer enviou dois dos seus melhores homens para tratarem do assunto. Um era um veterano do exército britânico que tinha estado algum tempo no estrangeiro como mercenário; o outro era um ex-atirador da UDA, o mesmo rapaz que tinha matado Ian Morris.

Spencer tinha dado o nome de código de Yeats ao primeiro e de Wilde ao segundo. Enviou-os para a operação algumas horas depois do pôr do Sol e disse-lhes para atacarem mais ou menos uma hora antes do amanhecer — exactamente como os Peep O'Day Boys.

A casa de campo ficava na parte mais baixa de um pequeno vale. Em redor da quinta, havia vários hectares de terras de pastagem limpas, mas, do outro lado da cerca, erguiam-se colinas cobertas de árvores densas. Era numa dessas encostas, a que ficava exactamente a leste da casa de campo, que os homens da E4 e da SAS tinham instalado o seu posto de observação. Na segunda noite, a encosta encontrava-se debaixo de um cobertor de nuvens baixas e espessas.

Yeats e Wilde estavam vestidos de preto. Usaram pó de carvão para escurecer a sua pálida tez típica do Ulster. Aproximaram-se vindos de leste, através do pinhal denso, subindo e descendo o terreno ondulado, avançando apenas alguns metros a cada minuto. Por vezes, ficavam muito quietos durante alguns minutos, com os corpos comprimidos sobre a terra encharcada, espreitando a sua presa com binóculos de visão nocturna. Quando já se encontravam a cerca de quatrocentos metros, separaram-se, com Yeats a seguir para norte e Wilde para sul.

Pelas quatro da manhã, os dois homens estavam exaustos, encharcados até aos ossos e completamente enregelados. Yeats tinha sido treinado pelo exército britânico e estava mais bem preparado,

ment e fisicamente, para uma noite numa encosta gélida. Wilde não; tinha crescido na Shankhill Road, em Belfast Ocidental, e a sua experiência era a das ruas, não a do campo. Nos momentos que antecederam o ataque, pensou se conseguiria continuar. A hipotermia já se tinha instalado; as mãos e os pés estavam dormentes, mas, no entanto, já não sentia frio. Tremia violentamente e receou não ser capaz de disparar a arma quando chegasse o momento.

Às cinco horas, os atiradores encontravam-se ambos em posição. Yeats, deitado de barriga para baixo atrás de uma grande árvore, vigiava o homem da SAS. Estava sentado num abrigo, coberto de ramos de arbustos e de pequenos ramos de árvore. Yeats pegou na arma, uma Walther semiautomática de nove milímetros, com um silenciador colocado no cano. Wilde levava uma arma igual. Ambos sabiam que os seus opositores estariam muito mais bem armados. Se quisessem sobreviver ao encontro, tinham de fazer bom uso dos seus primeiros tiros.

Yeats levantou-se subitamente sobre um joelho e começou a disparar. A Walther com silenciador quase não fez barulho. Os primeiros tiros atingiram o homem da SAS no tronco, com um baque surdo, e atiraram-no para trás. Pelo som, tinha um colete vestido, o que significava quase de certeza que ainda estava vivo.

Yeats levantou-se e correu para a frente na escuridão. Quando estava a poucos metros de distância, o homem da SAS sentou-se subitamente e disparou. A arma também tinha um silenciador e o único som que fez foi um leve ruído metálico.

Yeats atirou-se para o chão e os tiros passaram por cima da sua cabeça inofensivamente, lascando as árvores. Yeats rebolou e ficou deitado de barriga para baixo, com os braços esticados e a Walther nas mãos. Apontou e carregou duas vezes no gatilho rapidamente, exactamente como o exército lhe ensinara. Os tiros atingiram o homem da SAS na cara. Caiu no chão, morto.

Yeats correu para ele, arrancou-lhe a espingarda automática da mão cerrada e avançou a grande velocidade para o local onde sabia que estavam escondidos os homens da E4.

As coisas foram mais fáceis para Wilde. O homem da SAS que lhe cabia matar tinha reagido ao som dos corpos a mexerem-se nas urzes. Levantou-se, rodou rapidamente em diversas direcções e depois correu em auxílio do companheiro. Wilde surgiu por trás de uma árvore quando ele passou. Apontou-lhe a arma à nuca e disparou. Os braços do soldado abriram-se totalmente e ele caiu para a frente. Wilde agarrou na arma do morto e começou a correr, seguindo Yeats através das árvores.

Os dois homens da E4 — Marks e Sparks — estavam escondidos no seu abrigo, cobertos por lona de camuflagem, ramos de árvore e

vegetação rasteira. Marks acabava de acordar. Yeats atingiu-o várias vezes através do saco-cama. Sparks, que estava de serviço, ia pegar numa pequena pistola automática. Wilde atingiu-o no coração.

Passavam poucos minutos das cinco quando Gavin Spencer acelerou pela aldeia de Cranagh e depois pela estreita estrada local, em direcção à casa de campo. Parou junto à entrada lamacenta e desligou o motor. Foi andando até às traseiras da casa, no meio da escuridão, avançando por entre caixotes partidos e equipamento agrícola velho e ferrugento. Avistou-os pouco tempo depois, descendo a encosta à chuva. Spencer ficou parado no quintal, com as mãos nos bolsos, enquanto os dois homens atravessavam a pastagem. Por um momento, teria feito qualquer coisa para trocar de lugar com eles; a seguir, viu a roupa molhada e suja e o seu olhar assustado e percebeu que não havia nada para comemorar.

— Está feito — disse simplesmente o que se chamava Wilde.

— Quantos? — perguntou Spencer.

— Quatro.

Yeats atirou uma espingarda para Spencer na escuridão. Habilmente, Spencer tirou as mãos dos bolsos e agarrou a espingarda antes de ela o atingir no peito.

— Aí está uma recordação para ti — disse Yeats. — A espingarda de um homem da SAS morto.

Spencer puxou o canhão para trás, enfiando uma bala na câmara.

— Ainda tem munições?

— Ele não conseguiu disparar sequer a porra de um tiro — disse Wilde.

— Metam-se no carro — ordenou-lhes Spencer. — Vou lá ter daqui a um minuto.

Spencer levou a arma, atravessou o quintal e entrou na casa. Saff" Dalton, o mais velho dos dois irmãos, estava sentado à mesa da cozinha, a beber chá e a fumar nervosamente. Trazia calças de fato de treino azuis, mocassins e um pulôver de lã. Tinha a cara por barbear e os olhos pesados de sono.

— Que raio de merda é que se está a passar lá fora, Gavin? — perguntou.

— Eliminámos os teus amigos na encosta. Tens mais disso? — disse ele, apontando para o chá com a cabeça.

Dalton ignorou o pedido.

— Eliminámo-los? — disse ele, com os olhos de repente muito abertos. — E o que é que vai acontecer quando se descobrir que vocês os eliminaram? Eu disse que te escondia umas quantas armas e um bocadinho de Semtex, Gavin. Não me disseste que ias fazer com que a porra da Divisão Especial e do exército britânico me fossem cair em cima.

— Não tens nada com que te preocupar, Sam — respondeu Spencer. — Vou levar tudo hoje à noite. Mesmo que a Divisão Especial e o exército arrombem a porta, não haverá nada para encontrarem.

— Tudo? — perguntou Sam Dalton, incrédulo.

— Tudo — repetiu Spencer. — Onde é que está o teu irmão? Dalton olhou para o tecto e disse:

— Lá em cima, a dormir.

— Começa a tirar as armas e o Semtex. Quero dar uma palavrinha à Bela Adormecida. Desço daqui a um minuto.

Sam Dalton anuiu com a cabeça e foi para a cave. Gavin Spencer subiu e encontrou Christopher Dalton a dormir na cama, com a boca aberta, ressonando suavemente. Spencer tirou do bolso do casaco uma pistola Walther automática com silenciador, inclinou-se para baixo e enfiou o cano na boca do homem adormecido. Christopher Dalton engasgou-se e acordou com um sobressalto, de olhos bem abertos.

Spencer carregou no gatilho; sangue e tecido cerebral explodiram para cima da almofada e da roupa da cama. Spencer guardou a arma e saiu do quarto, deixando o corpo de Christopher Dalton em espasmos na cama.

— Onde é que está o Chris? — perguntou Dalton quando Spencer chegou à cave.

Ainda a dormir — respondeu. — Não tive coragem de o acordar.

Dalton acabou de empacotar as armas e os explosivos. Quando terminou, havia três sacos de lona lado a lado no chão. Estava de joelhos, a correr o fecho do último saco, quando Spencer lhe encostou à nuca o cano da pistola automática capturada à SAS.

— Gavin, não — implorou ele. — Por favor, Gavin.

— Não te preocupes, Sam. Vais para um lugar melhor do que este. Spencer carregou no gatilho.

Às seis horas, o telefone tocou na mesa-de-cabeceira de Michael, no quarto de visitas em Winfield House. Rebolou e agarrou o auscultador antes de poder tocar uma segunda vez. Era Graham Seymour, a telefonar da sua casa em Belgravia.

— Veste-te. Apanho-te em meia hora.

Graham desligou abruptamente. Michael tomou um duche e vestiu-se rapidamente. Passados vinte minutos, um Rover com motorista parou junto à entrada de Winfield House.

Michael entrou nele e sentou-se junto a Graham Seymour.

Graham deu-lhe café num copo de papel. Tinha o aspecto de um homem que tinha sido acordado com más notícias. Os olhos estavam vermelhos e a barba fora mal feita e obviamente à pressa. Enquanto o carro se apressava pela luz da madrugada de Regenf Park, Graham descreveu em voz baixa o que tinha acontecido durante a noite na casa de campo nas montanhas Sperrin.

— Meu Deus — disse Michael, num murmúrio.

O carro avançou a toda a velocidade pela Outer Circle, seguindo depois para leste e percorrendo uma curta distância da Euston Road antes de se dirigir para sul, ao longo da Tottenham Court Road. Michael agarrou-se com toda a força ao encosto para o braço enquanto o motorista se ia esgueirando pelo meio do trânsito do início da manhã.

— Importas-te de me dizer onde é que vamos? — perguntou Michael.

— Pensei em fazer-te uma surpresa.

— Eu detesto surpresas.

— Eu sei — disse Graham, conseguindo esboçar um leve sorriso.

Cinco minutos mais tarde, seguiam a grande velocidade por White-hall. O carro parou junto aos portões de ferro que guardavam a entrada da Downing Street. Graham identificou-se junto do segurança e os portões abriram-se. O carro avançou, parando em frente à porta mais famosa do mundo. Michael olhou para Graham.

— Vamos lá, meu caro — disse Graham. — Não podemos deixar o grande homem à espera.

Entraram no número 10 e atravessaram o corredor da frente, subindo a famosa escadaria, decorada com os retratos dos antecessores de Tony Blair. Um assessor levou-os até ao gabinete do primeiro-ministro. Blair estava sentado atrás de uma secretária desorganizada, envergando uma camisa e uma gravata. Havia um tabuleiro de pequeno-almoço intacto.

— Quando aprovei a Operação Timbale, meus senhores, não esperava que fosse este o preço a pagar — disse Blair, sem esperar por apresentações. — Meu Deus, dois agentes da E4 e dois homens da SAS mortos.

Michael e Graham mantiveram-se em silêncio, esperando que o primeiro-ministro continuasse.

— Toda a Irlanda do Norte vai acordar com estas notícias dentro de alguns minutos e, quando isso acontecer, a comunidade católica vai reagir com firmeza.

Graham aclarou a garganta e disse:

— Senhor primeiro-ministro, asseguro-lhe...

— Já ouvi as vossas garantias, meus senhores, mas o que eu quero agora são resultados. Se queremos que o processo de paz sobreviva, temos de excluir as armas da política irlandesa, desactivar os paramilitares. E, nesta atmosfera, o IRA nunca irá entregar as armas.

— Posso falar, senhor primeiro-ministro? — perguntou Michael. Blair acenou com a cabeça vigorosamente.

— Diga, por favor.

— O facto de a Brigada para a Libertação do Ulster se ter

envolvido numa acção como esta dá-me a entender que eles terão mordido o isco. Planeiam assassinar o embaixador Cannon em Norfolk. E, se prosseguirem, ser-lhes-á infligido um golpe devastador.

— E porque não prender o Gavin Spencer e essa mulher, a Rebecca Wells, agora? Certamente que isso também infligiria um rude golpe na Brigada para a Libertação do Ulster. E demonstraria aos católicos que estamos a fazer alguma coisa para parar estes bandidos assassinos.

— A RUC não tem o tipo de provas necessário para construir um processo incontestável contra o Gavin Spencer — respondeu Graham.

— E quanto à Rebecca Wells, é mais valiosa para nós no terreno do que seria atrás das grades.

Blair começou a mexer em papéis, sinal de que a reunião tinha terminado.

— Vou deixar que isto continue — disse e, a seguir, parou por uns instantes. — Apesar do que dizem os meus críticos, não costumo entrar em exageros. Mas, se este grupo não for travado, o processo de paz será destruído, verdadeiramente. Bom dia, meus senhores.

Capítulo 27

COSTA DE NORFOLK, INGLATERRA

Hartley Hall ficava a três quilómetros do mar do Norte, logo a sudeste da cidade de Cromer. Um aristocrata normando construiu aí o primeiro solar no século XIII.

Por baixo da actual estrutura, no labirinto de caves e corredores, encontravam-se os arcos e portadas medievais originais. Em 1625, um comerciante rico de Norwich chamado Robert Hardey construiu uma mansão em cima do solar normando. Para criar uma barreira entre a casa e as tempestades do mar do Norte, plantou alguns milhares de árvores no solo arenoso ao longo do extremo norte da propriedade, mesmo sabendo que as árvores demorariam várias gerações até atingirem a maturidade. O resultado foi a North Wood, oitenta hectares de abetos, pinheiros escoceses, bordos, plátanos e faias. O embaixador Cannon ia admirando as árvores a medida que a sua pequena coluna de automóveis atravessava o bosque escuro. Um momento depois, Hartley Hall surgiu à sua frente.

O descendente de Robert Hardey, Sir Nicholas Hardey, apareceu vindo do alpendre sul quando os carros pararam junto ao caminho de cascalho de acesso à mansão. Era um homem grande com um peito cilíndrico e uma madeixa espessa de cabelo ruivo-aloiado já grisalho. Dois setters saltavam aos seus pés. Douglas saiu do segundo carro e avançou alguns passos pelo caminho com o braço direito estendido, os dois homens apertaram as mãos como se Douglas Cannon fosse o dono do solar que ficava mais à frente na estrada e já visitasse Hardey Hall desde há cinquenta anos.

Hartley sugeriu que dessem um breve passeio, embora não fizessem sequer cinco graus e a noite estivesse a cair rapidamente. Não tinha emprego e os seus interesses eram pouco mais do que redigir a história do seu lar ancestral, a qual explicou intensamente a Douglas enquanto passeavam pela propriedade. Dois homens da Divisão Especial seguiam-nos lentamente, com os cães logo atrás.

Admiraram a fachada sul ao estilo do rei Jaime I, que havia sido desenhada e construída pelo pedreiro mestre de Norfolk, Robert Lyminge. Deambularam pelos meandros da ala leste, coberta de glicínias, com as suas janelas grandes esculpidas e empenas flamengas.

Olharam demoradamente para o magnífico laranjal, uma estufa de interior que dava para os canteiros, onde se guardavam as laranjeiras e limeiras envasadas durante os meses frios. Do outro lado do jardim murado, ficava o parque dos veados, que em tempos sustentara uma manada de trezentas cabeças. Seguiram para sul por um carreiro, passando pelos estábulos e por uma fileira de casas de empregados. Com os seus cinco séculos de idade, a Igreja de St. Margaret erguia-se no cimo de um pequeno promontório, como uma silhueta recortada no crepúsculo azul-escuro. Em seu redor, jaziam os despojos de uma aldeia do século XV que havia sido abandonada após um surto de peste.

Na altura em que os dois homens chegaram de novo à entrada sul, já os últimos raios solares tinham desaparecido. A luz brilhava através das janelas de colunas com bandeiras envidraçadas, iluminando pequenos pedaços do caminho de cascalho. Passaram pela porta rústica e entraram no grande salão. Douglas admirou os vitrais ingleses do século XV, os retratos dos antepassados de Hardey e a secretaria de carvalho por baixo da janela. Subiu na consideração do anfitrião ao ser o primeiro americano a identificar correctamente a mesa como sendo da Renascença flamenga.

Passaram pela sala de jantar, com o seu arrebatador trabalho de estuque rococó, e chegaram à sala de estar. Ficaram parados no centro da divisão, com os pescoços erguidos para o tecto de estuque original, fitando a rica profusão de rosas, flores de laranjeira, uvas, peras e romãs.

— Este painel é dedicado às aves de caça que se encontram aqui, junto à costa de Norfolk — explicou Hartley, apontando com o longo braço como se fosse uma espingarda.

— Como pode ver, existem perdizes, faisões, tarambolas e galinhas.

— É simplesmente magnífico — disse Douglas.

— Mas o senhor deve estar exausto e eu era capaz de continuar durante toda a noite — disse Hardey. — Deixe-me indicar-lhe o seu quarto. Pode refrescar-se e descansar alguns minutos antes do jantar.

Subiram a escadaria central e seguiram pelo corredor, passando por uma série de portas fechadas. Hardey abriu a porta do quarto chinês para Douglas poder entrar.

Havia uma cama de dossel do século XVIII e uma tapete de Exeter de cores brilhantes, em nó turco. Aos pés da cama, havia um armário japonês de laca preta e uma só cadeira Chippendale trabalhada.

Estava um homem sentado na cadeira, com as costas voltadas para a porta. Levantou-se assim que Hartley e Douglas entraram no quarto. Por um momento, Douglas teve a sensação de estar a olhar para o seu

próprio reflexo num vidro fosco. A boca até se lhe abriu de espanto quando estendeu a mão ao outro homem e esperou que ele a apertasse. O homem limitou-se a ficar ali parado, sorrindo ligeiramente e divertindo-se claramente com o efeito da sua presença. Tinha precisamente a mesma altura e envergadura que Douglas e o esparsa cabelo grisalho fora cortado e arranjado de forma semelhante. A pele tinha o mesmo aspecto de quem vive ao ar livre: bochechas rosadas, tez endurecida como o couro, poros abertos. As feições eram ligeiramente diferentes — os olhos um pouco mais estreitos —, mas o efeito era impressionante.

A porta que dava para o quarto de vestir abriu-se e Michael entrou, seguido por Graham Seymour. Michael reparou na expressão do sogro e desatou a rir-se.

— Senhor embaixador Douglas Cannon — disse —, gostaria de lhe apresentar o senhor embaixador Douglas Cannon.

Douglas abanou a cabeça e disse:

— Macacos me mordam!

Rebecca Wells passou a tarde a observar pássaros. Estava há três dias em Norfolk, a viver numa pequena caravana na praia, à saída de Sheringham. Tinha viajado pela costa, desde Hunstanton, a oeste, até Cromer, a leste, percorrendo o Peddars Way e o Norfolk Coast Path com os seus óculos de campo e as suas máquinas fotográficas, fotografando a grande variedade de pássaros da zona — tarambolas e maçaricos, fuselos e perdizes. Nunca tinha estado em Norfolk e a cada dia, durante um pequeno período, até parecia esquecer-se do motivo que a tinha trazido ali. Era um lugar mágico de pântanos de sal, ribeiros por onde entrava o mar, lodaçais e praias que pareciam estender-se até ao horizonte — planas, desertas, despojadamente belas.

Ao final da tarde, entrou na Great North Wood, contígua a Hartley Hall. Sabia pelos guias que tinha lido que a família Hartley entregara a mata ao governo trinta anos antes. Agora, era uma reserva natural e um parque de campismo. Seguiu por um caminho para peões arenoso, suavizado com agulhas de pinheiro e ramos de abeto caídos, e instalou-se num abrigo.

Fingiu que fotografava um bando de gansos-debrent em migração. O seu verdadeiro alvo era Hartley Hall, que ficava logo a sul da mata, depois de se atravessar um prado morto pelo Inverno. A chegada do embaixador estava agendada para as quatro da tarde. Chegou ao abrigo às 15h45; não queria demorar-se sem necessidade. O sol escondeu-se no horizonte e o ar ficou gélido. O céu a poente estava raiado com pinceladas de aquarela roxas e cor de laranja. O vento vindo do mar fez-se sentir e abanou as árvores. Esfregou a cara com as luvas de lã para se aquecer.

Às 16h05, ouviu o som de carros a passar na estrada por entre a mata. Um momento depois, surgiram das sombras e seguiram a grande velocidade pela estrada de acesso privado a Hartley. Um homem apareceu à saída do alpendre principal ao mesmo tempo que a pequena coluna de automóveis parava junto ao caminho de entrada. Rebecca Wells levou os binóculos aos olhos. Observou Douglas Cannon a sair do banco de trás da limusina e a apertar a mão ao outro homem. Durante vários minutos, visitaram os terrenos de Hartley Hall. Rebecca Wells observou-os com atenção.

Após completarem a volta à casa e desaparecerem lá dentro, ela levantou-se e guardou a máquina fotográfica e os binóculos numa mochila de nylon. Seguiu o trilho por entre a mata, de volta ao parque de estacionamento onde tinha deixado o Opel alugado, e avançou no carro pela estrada estreita junto à costa, de regresso à sua caravana na praia.

Por essa altura, já estava bastante escuro e o parque de campismo encontrava-se praticamente vazio: apenas uma família de viajantes que estava de passagem e um grupo de adolescentes dinamarqueses que andava de mochila às costas por Norfolk. Os quatro membros da equipa dela estavam espalhados por outros parques de campismo ao longo da costa. A maré estava a baixar e o ar possuía o cheiro penetrante dos lodaçais e dos pântanos. Rebecca entrou na caravana e ligou o aquecedor eléctrico portátil.

Acendeu o fogão a gás, ferveu água e fez uma cafeteira de Nescafé. Encheu um termos com o café e despejou o resto numa caneca de cerâmica. Bebeu o café enquanto caminhava pela praia.

Era estranho, pensou, mas pela primeira vez em muito tempo sentia uma estranha sensação de paz. Era aquele lugar, pensou, aquele lugar belo e místico. Pensou como era estranho passar por uma aldeia e não ver qualquer sinal de conflito sectário: nada de bandeiras do Reino Unido nem da Irlanda do Norte, nada de murais ou slogans políticos em tom de guerra rabiscados nas paredes, nada de esquadras de polícia mais parecidas com fortalezas. Toda a sua vida havia sido consumida pelo conflito.

O pai tinha estado envolvido com os paramilitares protestantes e ela casara-se com um homem da UVF. Tinha sido educada para odiar e desconfiar dos católicos. Em Portadown, o conflito estava presente por toda a parte; não havia forma de lhe escapar. Ser protestante em ortadown dera um propósito à sua vida. Sentiu que tinha um lugar na história. Os rituais do ódio e os ciclos de matança e vingança tinham conferido um sentido de ordem macabro às coisas.

Pensou no que aconteceria depois do assassinio. Kyle Blake tinha-lhe dado dinheiro, um passaporte falso e um sítio para se esconder em Paris. Sabia que teria de ficar escondida durante meses, senão mesmo

anos. Poderia nunca mais conseguir regressar a Portadown.

Acabou o que restava do café, observando as ondas a rebentarem na praia, fosforescentes ao luar. "Quero ir para algum sítio como este", pensou. "Gostava de poder ficar aqui para sempre."

Voltou para a caravana no meio da escuridão, entrou e ligou o computador portátil. Com um modem portátil, conectou-se ao servidor da Internet e escreveu uma breve mensagem de correio electrónico.

ESTOU A GOSTAR IMENSO DE ESTAR EM NORFOLK. O TEMPO
ESTÁ FRIO MAS BASTANTE BONITO. HOJE VI VÁRIAS ESPÉCIES
RARAS DE PÁSSAROS. PENSO FICAR AQUI MAIS UNS DIAS.

Enviou a mensagem e desligou o computador. Agarrou no termos de café e num maço de tabaco. Tinha uma longa viagem pela frente naquela noite. Saiu da caravana e entrou no Opel. Passado um momento, estava a seguir a toda a velocidade pela A148, em direcção a King's Lynn, a primeira etapa da sua viagem até à costa oeste da Escócia.

— O verdadeiro nome dele é Oliver Taylor — disse Graham Seymour a Douglas —, mas gostaria que se esquecesse que alguma vez ouviu este nome. Ele é vigia de profissão, não és, Oliver? Um dos melhores, na verdade.

— A semelhança é notável — disse Douglas, estarrecido.

— Actualmente, o Oliver treina novos recrutas a maior parte do tempo, mas ainda o colocamos em acção de vez em quando se precisamos de um verdadeiro profissional.

Aliás, passou algum tempo a seguir a encantadora Rebecca Wells, não foi, Oliver?

Taylor assentiu com a cabeça.

— Siga-me, por favor, senhor embaixador — disse Graham. — Gostaria de lhe mostrar algumas coisas.

Graham levou Douglas e Michael até uma sala cheia de equipamento electrónico e de monitores de vídeo. Um par de técnicos acusou a presença dos três homens e depois prosseguiu com o seu trabalho.

— Este é o centro nevrálgico da operação em termos electrónicos. — disse Graham. — Todo o terreno está repleto de câmaras de vigilância com infravermelhos, detectores de movimento e sensores de calor. Quando a Brigada para a Libertação do Ulster avançar, é aqui que vamos ficar a saber primeiro.

— E como é que sabem que eles vão tentar? — perguntou Douglas.

— Porque a Rebecca Wells está em Norfolk — respondeu Graham.

— Já está cá há coisa de três dias. Está alojada numa caravana perto da praia, a poucos quilómetros de distância. Estava na North Wood ainda há uns minutos quando o senhor chegou. Ela sabe que o senhor está cá.

— Na verdade, acabou de deixar o acampamento, senhor — avisou um dos técnicos.

— E para onde se dirige?

— Para oeste, na estrada costeira.

— E a caravana? — perguntou Michael.

— Continua no acampamento, senhor. Graham disse:

— Estes homens são as nossas gadanhas, senhor embaixador.

Deixe-me apresentar-lhe os nossos instrumentos cortantes.

Os Serviços Aéreos Especiais são a unidade de elite das forças armadas britânicas e uma das organizações militares mais respeitadas do mundo. Com sede em Hereford, a cerca de duzentos e vinte e cinco quilómetros a noroeste de Londres, possuem um regimento activo, o 22 SAS, e cerca de 550 membros. A SAS é uma força de inserção, pensada para actuar atrás das linhas inimigas. Está dividida em quatro esquadrões operacionais, cada um com uma especialidade diferente: aerotransportado, anfíbio, montanhista e veículos de assalto. A unidade demonstrou a sua destreza antiterrorista em Maio de 1980 quando conseguiu acabar com o cerco à embaixada iraniana em Londres perante uma audiência televisiva mundial. Os recrutadores da SAS procuram soldados com uma inteligência acima da média, que demonstrem capacidade para improvisar e agir sozinhos. Os soldados da SAS são conhecidos pelo seu egotismo, impetuosidade e sarcasmo, e por isso a SAS é olhada de lado por muita da estrutura militar britânica. O lema da organização é "Quem ousa, vence". Fiéis à sua forma de ser, os homens da SAS mutilam deliberadamente o seu próprio credo proclamando sacrilegamente: "Não importa quem vence."

Os oito homens na grande sala de jogos não se pareciam muito com qualquer soldado que Douglas já tivesse visto. Tinham o cabelo desgrenhado ou não tinham sequer cabelo e alguns tinham bigodes caídos. Dois estavam a jogar bilhar; outros dois estavam entretidos com um ruidoso jogo de ténis de mesa, balançando-se de um lado para o outro. Os restantes mantinham-se sentados à roda de uma televisão de ecrã gigante, a ver um filme em vídeo — A Dupla Vida de Veronique — e a pedirem de vez em quando para que se fizesse silêncio. O jogo de bilhar e a competição de pingue-pongue terminaram de repente quando os homens perceberam que Douglas se encontrava na sala.

— Quando a Brigada para a Libertação do Ulster avançar, estes homens estarão à espera dela — disse Graham. — Posso assegurar-lhe

que tudo estará terminado muito rapidamente. Estes senhores sabem o que aconteceu aos seus colegas no condado de Tyrone na outra noite. A SAS é uma unidade pequena. Como poderá imaginar, estão ansiosos por ficarem quites.

— Compreendo isso — respondeu Douglas. — Mas se for possível evitar que se derrame sangue inutilmente...

— Eles vão fazer os possíveis para capturarem os terroristas vivos — assegurou Michael. — Vai depender da forma como a Brigada para a Libertação do Ulster reagir quando descobrir que está a cair numa armadilha.

— Está na altura de o tirar daqui, senhor embaixador — disse Graham. — Já fez a sua parte. Receio é que a viagem de regresso não vá ser tão panorâmica como o percurso até aqui.

Michael e Douglas separaram-se no grande salão. Ao apertarem a mão, Douglas pôs um braço sobre o ombro do genro e disse:

— Tem cuidado contigo, Michael.

Graham conduziu Douglas pela casa, em direcção a uma entrada de serviço. Uma carrinha comercial estava à espera à porta, com o motor ligado. Tinha o nome de uma empresa de fornecimento de comida e serviços da zona estampado de lado. Douglas entrou e sentou-se numa cadeira especial que tinha sido presa ao compartimento traseiro de carga. Piscou o olho. Graham fechou as portas de trás e a carrinha partiu a toda a velocidade.

No dia seguinte, ao início da manhã, Rebecca Wells estava na praia em Ardnacross Bay, na costa oeste da Escócia. Estava nevoeiro, muito frio e ainda bastante escuro, mesmo já tendo passado uma hora desde o nascer do Sol. Percorreu a estreita e rochosa praia, fumando um cigarro e bebendo o resto do Nescafé que tinha feito mais de doze horas antes. Sentia-se exausta, mas continuava acordada graças aos nervos e à adrenalina. A manhã não tinha vento e a água estava parada e calma. Do outro lado da baía, ficava o estreito de Kilbrannan. A sudoeste, atravessando o canal do Norte, ficava a costa de Antrim, na Irlanda do Norte.

Passaram mais vinte minutos. Rebecca estava a começar a ficar nervosa, interrogando-se se o barco viria ou não. Seria um Zodiac, dissera-lhe Kyle Blake, deitado à água pela lateral de um cargueiro de proprietários protestantes e vindo de Londonderry. A bordo, estaria um membro da brigada com um saco de lona carregado de armas para o assalto a Hartley Hall.

Passaram mais dez minutos enquanto Rebecca pensava se deveria ou não abortar a missão. O céu tinha clareado e os primeiros carros a saírem de manhã estavam em movimento na estrada atrás da praia. Foi só então que ouviu o barulho de um pequeno motor ecoando

através da água parada. Um momento depois, surgiu um pequeno Zodiac, rompendo o nevoeiro na baía.

A medida que o barco se aproximava da costa, Rebecca observou o homem sentado na proa, com o timão do leme na mão. Era Gavin Spencer. Levantou a hélice e o Zodiac fundeu na praia. Rebecca avançou a correr para o barco e puxou a corda de guia.

— Que raio estás aqui a fazer? — perguntou-lhe.

— Queria participar nisto.

— E o Kyle sabe?

— Vai ficar a saber não tarda nada, não vai? — respondeu Spencer, saindo do Zodiac e levantando o saco de lona da proa. — Ajuda-me a tirar isto da praia.

Juntos, arrastaram o barco pela praia e esconderam-no nas dunas cobertas de tojo. Spencer regressou à praia e carregou o saco de lona aos ombros. Rebecca levou-o até ao Opel.

Observou a cara dela com atenção.

— Quando é que foi a última vez que dormiste?

— Já não me lembro.

— Guio eu.

Ela atirou-lhe as chaves. Ele colocou o saco de lona no porta-bagagens e, a seguir, sentou-se ao volante e ligou o motor; tremia com frio. Pôs o aquecedor no máximo e, passado um momento, o interior do Opel parecia uma sauna. Pararam na aldeia de Ballochgair e compraram chá e sanduíches de bacon num café à beira da estrada.

Spencer devorou três das sanduíches e saboreou o chá lentamente.

— Conta-me tudo — disse ele e, durante quinze minutos, Rebecca descreveu a topografia da costa de Norfolk e a configuração de Hartley Hall. Sentia-se exausta. Falava automaticamente, como se recitasse de memória, sem estar a pensar conscientemente. Era uma parvoíce que Gavin Spencer ali estivesse — era um estratega e não um atirador —, mas estava contente por ele ter vindo.

Rebecca fechou os olhos enquanto ele fazia mais perguntas. Esforçou-se por responder, mas ia sentindo a voz a ficar mais fraca enquanto o carro seguia a grande velocidade pela charneca erma e pela floresta de Carradale. O calor sufocante do aquecedor extinguiu-lhe as últimas forças. Adormeceu — o sono mais profundo que tinha tido em muito tempo — e só acordou quando já avançavam velozmente pela costa de Norfolk.

Capítulo 28

HARTLEY HALL, NORFOLK

Tudo indicava que era um típico dia de Inverno em Hartley Hall. O céu estava claro e luminoso e o ar fresco com o cheiro a maresia. Depois do almoço, foram até Cley no carro oficial de Douglas Cannon e caminharam pelas areias de Blakeney Point, embrulhados nos seus sobretudos e gorros de lã. O mar do Norte cintilava com a luz do sol brilhante. Os guarda-costas da Divisão Especial caminhavam silenciosamente atrás deles enquanto os retrievers de Nicholas Hartley aterrorizavam as andorinhas-do-mar e os gansos-de-brent. A chuva chegou à costa de Norfolk ao anoitecer. Na altura em que os convidados começaram a chegar para o jantar, a chuvada tinha-se desenvolvido e dado origem a uma verdadeira tempestade de Inverno do mar do Norte.

Pouco passava das dez da noite quando Gavin Spencer se esgueirou de trás do abrigo na North Wood e correu pelo meio das árvores, de regresso à praia. Abriu o porta-bagagens do Opel e tirou o saco de lona. Carregou o saco pelo parque de campismo e bateu na porta da caravana.

Rebecca Wells abriu as cortinas da janela junto à porta e espreitou para fora. Abriu a porta e Spencer entrou na caravana. O vento fechou a porta com força assim que ele entrou. O espaço minúsculo estava apinhado com os membros da sua unidade. Spencer tinha seleccionado a equipa pessoalmente e conhecia bem cada um dos homens: James Fletcher, Alex Craig, Lennie West e Edward Mills.

O ar estava carregado de fumo de cigarro e do cheiro de homens nervosos que tinham estado a dormir em tendas durante dois dias. Fletcher e Craig estavam sentados à pequena mesa da cozinha, West e Mills na borda da cama, com as caras por barbear e o cabelo despenteado. Rebecca estava a fazer chá.

Spencer colocou o saco de lona na cama e abriu o fecho rapidamente. Tirou as submetralhadoras Uzi uma a uma e passou-as aos homens, seguidas dos carregadores de munição. Um momento depois, a caravana estava repleta com o som do metal a bater no metal, à medida que a equipa enfiava os carregadores nas Uzi e experimentava engatilhá-las. Spencer pegou na última arma e atirou o

saco de lona vazio para cima da cama.

— Onde está a minha? — perguntou Rebecca.

— Do que é que estás a falar?

— A minha arma — respondeu ela. — Onde é que está?

— Não tens treino para este tipo de coisas, Rebecca — disse

Spencer suavemente. — O teu trabalho está feito.

Ela atirou a chaleira com força para cima da mesa.

— Então, podem fazer o raio do vosso próprio chá, não podem?

Spencer avançou para ela e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Agora não é altura para isso — disse delicadamente. — Acho que as nossas probabilidades de sucesso são de um em dois, na melhor das hipóteses. Alguns destes rapazes podem não conseguir voltar para casa. Não achas que lhes debes isso, manteres a cabeça fria?

Ela assentiu.

— Então muito bem. Vamos ao que interessa, sim?

Rebecca abriu o armário por cima do fogão e tirou um grande pedaço de papel dobrado. Abriu-o em cima da mesa, deixando ver um mapa pormenorizado de Hartley Hall e dos terrenos circundantes. Spencer deixou-a conduzir a apresentação.

— Há várias entradas para o solar — disse. — A entrada principal, claro, é aqui — bateu com a ponta do dedo no diagrama, no alpendre sul. Também há entradas aqui na estufa das laranjeiras, aqui e aqui na ala leste, é a entrada de serviço principal, aqui. Todas as noites dei a volta à casa e tomei nota dos locais em que havia luzes acesas. Na noite em que o embaixador chegou, reparei numa luz acesa num quarto pela primeira vez, aqui no primeiro andar. Suspeito que o Cannon esteja a dormir aqui.

Spencer avançou e tomou o lugar dela.

— Quero deixá-los à nora. Quero criar uma confusão.

Aproximamo-nos separadamente e entramos na casa ao mesmo tempo, às quatro horas. Eu vou pela frente. O James entra pela estufa das laranjeiras. O Alex e o Lennie vão entrar pela ala leste e o Edward avançará pela entrada de serviço. Alguns irão encontrar resistência. Outros não. Assim que estiverem lá dentro, dirijam-se logo para o quarto das visitas no andar de cima. E o primeiro a chegar enfia uma bala no embaixador. Alguma pergunta?

Os convidados começaram a sair logo depois da meia-noite, embora não fossem na verdade convidados que tivessem vindo jantar, mas sim um conjunto de vigias e administrativos do MI5, actores participando na ilusão da Operação Timbale. Quando os últimos se foram embora, os dois guarda-costas da Divisão Especial saíram de serviço e entraram dois novos agentes. Um deles fez uma ronda apressada pelo terreno, vestido com uma roupa de intempérie como se

fosse um pescador do mar do Norte. A luz esteve acesa no quarto chinês até à uma da manhã, altura em que Michael se esgueirou lá para dentro e a apagou.

Um a um, os membros da equipa da SAS tinham assumido as suas posições no exterior da casa. Um ficou à espera no jardim murado, outro no parque dos veados. Um terceiro postou-se perto do canteiro de flores e um quarto no cemitério, junto à Igreja de St. Margaret. Os restantes ocuparam posições ao longo do rés-do-chão da casa.

Todos os soldados traziam óculos de visão nocturna com infravermelhos e um rádio em miniatura com um auscultador que lhes permitia comunicarem com o centro nevrálgico dentro do solar. Todos levavam uma HKMP5, a submetralhadora compacta que era o padrão para a SAS, bem como uma pistola Herstal de 5,7 milímetros para apoio. A Herstal é tida como uma das pistolas mais poderosas do mundo. Dispara balas de dois gramas a uma velocidade de cano de 650 metros por segundo e é capaz de penetrar quarenta e oito camadas de Kevlar laminado, a substância utilizada nos fatos à prova de bala, a uma distância de duzentos metros. Michael levava a pistola-padrão da CIA, uma Browning de nove milímetros de alta potência, com um carregador de quinze tiros. Graham Seymour não estava armado.

Os dois homens esperaram na sala de controlo, na parte de cima, no quarto das visitas do primeiro andar. O tempo estava a massacrar o equipamento de detecção electrónico.

Os detectores de movimento disparavam constantemente por causa do abanar das árvores e dos arbustos. Os microfones direccionais de alta potência estavam completamente dominados pelo barulho do vento e pela batida da chuva. Só as câmaras de vídeo com infravermelhos funcionavam correctamente.

Às 3h30, os agentes operacionais do MI5 colocados nos parques de campismo em redor de Hartley deram conta de movimentos por parte dos membros do esquadrão de assassinos.

Não seguiram os terroristas. Em vez disso, deixaram-nos prosseguir sem impedimentos, em direcção à propriedade.

Às 3h55, os operadores de câmara instalados no andar de cima de Hartley Hall avistaram de relance dois atiradores a colocarem-se em posição, um nas árvores em redor do parque dos veados e um segundo a avançar lentamente por entre as ruínas da aldeia, em direcção à Igreja de St. Margaret.

Às 3h58 em ponto, James Fletcher levantou-se do seu esconderijo no jardim e deslocou-se rapidamente pelo caminho de gravilha, na direcção da estufa das laranjeiras.

Antes de se juntar à brigada, Fletcher tinha feito parte da Associação de Defesa do Ulster, uma violenta organização paramilitar

protestante. Com efeito, fora um dos mais prolíficos assassinos do grupo, com meia dúzia de assassinios confirmados de atiradores do IRA. Tinha cortado com a UDA quando esta concordou com um cessar-fogo durante as negociações de paz. Quando Gavin Spencer o abordou com a proposta de se juntar a um novo grupo, a Brigada para a Libertação do Ulster, aceitara sem hesitar.

Fletcher era virulentamente anticatólico e achava que o Ulster devia ser uma província protestante para pessoas protestantes. Também queria desesperadamente ser ele a matar o embaixador e, por isso, entrou em acção dois minutos antes, desobedecendo à ordem de Spencer para esperar até às quatro horas.

Fletcher trazia uma balaclava, um fato de treino preto e sapatos desportivos pretos com sola de borracha. Enquanto percorria o caminho, a gravilha ia sendo esmagada suavemente debaixo dos seus pés. Chegou às portas envidraçadas e experimentou o trinco; estavam trancadas. Deu meio passo atrás e golpeou a vidraça com a coronha da Uzi na parte mais próxima do trinco. Choveram fragmentos de vidro no chão de pedra.

Estava a passar a mão pelo buraco na vidraça quando ouviu atrás de si o som de passos na gravilha. Tirou a mão e colocou-a na Uzi. Estava prestes a rodar e disparar quando uma voz com sotaque inglês disse:

— Larga a arma e põe as mãos na cabeça. Sê um bom rapaz.

Fletcher calculou rapidamente as probabilidades de sair vencedor do encontro com o homem parado atrás de si. Se ele fosse da Divisão Especial, Fletcher possuía quase de certeza mais poder de fogo, embora os agentes de protecção da Divisão Especial fossem bem conhecidos por serem bons atiradores. Trazia uma protecção à prova de bala debaixo do fato de treino e conseguiria sobreviver a quase tudo menos a um tiro na cabeça. Também sabia que, se fosse preso, passaria provavelmente os anos que lhe restavam numa prisão inglesa.

James Fletcher agachou-se subitamente e rodou sobre si mesmo, levantando a arma numa posição de disparo. Viu o homem apenas por um instante, mas percebeu logo que não era da Divisão Especial, era da SAS, o que significava que tinham caído todos numa armadilha, a mesma armadilha em que o IRA caíra várias vezes com resultados desastrosos.

E Fletcher também percebeu que tinha acabado de cometer um erro de cálculo fatal.

A arma do soldado soltou apenas um estalido surdo. No entanto, sabia que ela tinha disparado porque conseguiu ver o clarão do cano. — salva de tiros desfez-lhe o fato de treino e perfurou-lhe a protecção à prova de bala, estilhaçando-lhe a espinha e abrindo-lhe um grande buraco no músculo do coração. Caiu para trás, destruindo as portas

envidraçadas na queda e tombando no chão da estufa das laranjeiras. O homem da SAS surgiu à sua frente poucos segundos depois. Inclinou-se sobre Fletcher e agarrou-lhe a garganta bruscamente, à procura de um batimento cardíaco. A seguir, pegou na Uzi e afastou-se enquanto James Fletcher morria.

Edward Mills ouviu o som do vidro a estilhaçar-se enquanto corria por entre as ruínas em redor da Igreja de St. Margaret. Ainda mantinha o físico magro e levemente musculado que tinha feito dele campeão de corta-mato na escola e pulou facilmente sobre as pilhas de pedras e os muros baixos das ruínas. Tal como Fletcher, trazia um fato de treino preto e uma balaclava. A sua frente, emoldurada no brilho de Hartley Hall, ficava a Igreja de St. Margaret, assomando sobre o cemitério. Mills correu ao longo de um antigo caminho que partia da aldeia e seguia até às traseiras da igreja.

Nunca tinha feito nada de semelhante na vida, mas sentia-se surpreendentemente calmo. Era membro da Ordem de Orange — o pai fora o porta-estandarte da sua loja em Portadown, tal como o avô —, mas tinha evitado os paramilitares até ao Verão anterior. Foi nessa altura que o exército e a RUC tinham impedido a Ordem de Orange de marchar pela maioritariamente católica Garvaghy Road, em Portadown. Tal como a maioria dos homens da Ordem de Orange, Mills achava que tinha o direito inabalável de se manifestar numa estrada pública sempre que quisesse, independentemente do que os católicos pensassem. Para protestar contra o bloqueio, tinha permanecido nos terrenos junto à igreja de Drumcree durante seis semanas. Foi aí que Gavin Spencer o abordou, no parque de campismo improvisado e lamacento em Drumcree, e lhe pediu para aderir à Brigada para a Libertação do Ulster.

Agora, corria pelo velho cemitério, avançando por entre lápides e cruzes. Estava perto do portão de entrada para o cemitério, a correr sem esforço, quando sentiu uma dor aguda na canela esquerda. Ficou com as pernas enrodilhadas e caiu com força no chão, com a cara para baixo. Tentou pôr-se em pé, mas, no segundo seguinte, um homem saltou-lhe para as costas, bateu-lhe duas vezes na nuca e agarrou-lhe a boca com uma mão enluvada.

Mills sentiu-se a perder a consciência.

— Basta fazeres sequer um movimentozinho ou um grunhido e eu enfio-te uma bala na nuca — disse o homem, pelo tom de voz calmo, Edward Mills soube que a ameaça não era vã. E também teve a repugnante noção de que tinham caído direitinho numa armadilha. O homem tentou tirar-lhe a Uzi da mão. Tolamente, Mills resistiu. O homem enfiou-lhe o cotovelo na nuca e, um segundo depois, Mills desmaiou.

Alex Craig e Lennie West correram pela relva plana e vasta do

parque dos veados, em direcção à ala leste de Hartley Hall. Os dois homens eram veteranos da UVF e já tinham trabalhado juntos muitas vezes. Moviam-se silenciosamente, lado a lado, com as armas prontas a disparar. Atingiram o final do parque dos veados e chegaram ao caminho de gravilha que levava à ala leste. Atrás deles, uma voz masculina gritou:

— Parem, larguem as armas e ponham as mãos na cabeça! Craig e West pararam, mas continuaram agarrados às Uzi.

— Larguem as armas, já! — repetiu a voz.

Quando tinham estado a acampar perto de Blakeney antes da operação, Craig e West tinham decidido que, se houvesse problemas, prefeririam lutar a ser presos. Olharam um para o outro.

— Parece que fomos enganados — sussurrou Craig. — Por Deus e pelo Ulster, hem, Lennie?

West assentiu com a cabeça e disse:

— Eu fico com o que está atrás de nós.

— Certo.

West atirou-se para o chão, rolou sobre si próprio e começou a disparar na escuridão. Alex Craig deitou-se de barriga para baixo e disparou sem parar para a ala leste, estilhaçando vidros. Segundos depois, viu a resposta numa das janelas estilhaçadas, um clarão do cano de uma submetralhadora com silenciador.

West viu a mesma coisa, deitado na relva alta do parque dos veados, mas era tarde de mais. Uma rajada de tiros obliterou-lhe a cabeça numa explosão de sangue e tecido cerebral.

Craig não fazia ideia do que tinha acontecido ao companheiro. Dirigiu o fogo para o atirador na janela, mas apareceu um segundo e depois um terceiro. Apercebeu-se de que a arma de West tinha ficado silenciosa. Virou-se e viu um cadáver sem cabeça jazendo junto a si na gravilha.

Esvaziou o primeiro carregador, enfiou outro na Uzi e começou a disparar novamente. Passados poucos segundos, o atirador que se encontrava dentro do solar acertou no alvo, tal como tinha feito o homem atrás de si no parque dos veados. O corpo de Craig foi despedaçado pelos disparos. Os seus tiros finais, disparados graças a um espasmo das mãos enquanto morria, estilhaçaram o sumptuoso relógio da cúpula da ala leste, fazendo parar os ponteiros nas 4h01.

Gavin Spencer, ao correr pela estrada de gravilha na direcção do alpendre sul, ouviu o intenso tiroteio no parque dos veados. Por um instante, pensou em voltar para trás e dirigir-se para o refúgio da Norfh Wood. Não fazia ideia do que tinha acabado de acontecer a nenhum dos seus homens. Teriam penetrado no solar? Teriam sido travados pelos guarda-costas da Divisão Especial?

Parou por um momento, com a cabeça a rodopiar e a respiração

ofegante. Pôs-se à escuta de mais disparos, mas não ouviu nada a não ser a chuva e o vento. Recomeçou a correr. Passou pelas colunas trabalhadas do alpendre sul e encostou-se à porta.

De novo, parou para ouvir. O tiroteio parecia ter parado de vez. A porta estava trancada. Deu um passo atrás e abriu fogo, fechando os olhos por causa da chuva de lascas de madeira. Enfiou o pé na porta e despedaçou-a. Avançou para o átrio de entrada e parou, com a Uzi pronta a disparar.

Um vulto apareceu à entrada do grande salão: alto, de ombros largos, capacete e óculos de visão nocturna. SAS, pensou Spencer, sem dúvida. Rodou e fez pontaria com a Uzi. O homem da SAS tentou disparar a arma, mas ela encravou. Esticou a mão para chegar a uma pistola, enfiada no coldre debaixo da axila, mas Spencer disparou uma rajada com a sua Uzi.

O tiros acabaram com o soldado. Spencer avançou e sacou a pistola do coldre. Atravessou o grande salão e começou a subir as escadas.

No centro de comando, o operador de rádio disse calmamente:

— Base para Alfa 534, base para Alfa 534, consegue ouvir-me?

Repito, consegue ouvir-me?

Voltou-se e olhou para Michael.

— Não responde, senhor Osbourne. Acho que temos um terrorista à solta na casa.

— E onde é que está o homem do SAS mais perto dali?

— Ainda na ala leste.

Michael tirou a Browning automática do bolso do casaco.

Engatilhou-a, enfiando a primeira bala na câmara.

— Manda-o vir para aqui, já!

Michael esgueirou-se pela entrada para o corredor escuro e fechou a porta depois de passar. Ouvia Gavin Spencer a subir com dificuldade a escadaria central e agachou-se, segurando a Browning com as duas mãos e os braços estendidos. Passados poucos segundos, avistou-o, subindo o último lanço de escadas.

— Larga a arma, já! — gritou Michael.

Gavin Spencer virou-se e apontou a Uzi na direcção de Michael. Este disparou dois tiros. O primeiro passou ao lado de Spencer e estilhaçou um dos bustos clássicos colocados ao longo da escadaria. O segundo atingiu-o no ombro esquerdo e atirou-o para trás.

Spencer não largou a Uzi e disparou uma rajada de tiros pelo corredor fora. Michael, armado apenas com a Browning e sem lugar para se proteger, não podia competir com um terrorista munido de uma Uzi. Rodou a maçaneta da porta que tinha atrás de si e mergulhou de novo para o centro de comando.

Bateu com a porta e trancou-a.

— Baixem-se!

Graham Seymour e os outros agentes na sala atiraram-se para o chão no momento em que Gavin Spencer, lá fora, no corredor, disparou através da parede e da porta.

Todos os quartos da ala estavam ligados ao quarto contíguo por uma porta de comunicação. Michael correu para a porta e entrou no quarto seguinte. Repetiu o movimento mais duas vezes, até se encontrar no quarto chinês.

Lá fora, no corredor, conseguia ouvir Spencer, com a respiração pesada, obviamente cheio de dores. Michael atravessou o quarto e encostou-se à parede junto à porta.

Spencer disparou uma pequena rajada com a Uzi, estilhaçando a porta, e abriu-a com um pontapé. Ao entrar no quarto, Michael atingiu-o na cabeça, de lado, com a coronha da Browning.

Spencer vacilou, mas não caiu.

Michael acertou-lhe uma segunda vez.

Spencer caiu no chão e a Uzi tombou-lhe das mãos.

Michael saltou para cima dele, agarrando-lhe a garganta com uma mão e encostando-lhe a Browning à cabeça com a outra. Lá fora, no corredor, conseguia ouvir o tropel dos homens da SAS que se aproximavam.

— Não mexas a porra de um músculo — disse Michael. Spencer tentou tirá-lo de cima dele. Michael pressionou o cano da Browning contra a ferida do ombro de Spencer. Este gritou de dor e ficou quieto.

Dois homens da SAS chegaram ao quarto, com as armas apontadas para Spencer. Graham Seymour chegou uns segundos depois. Michael arrancou a balaclava da cabeça de Spencer. Sorriu ao reconhecer a cara.

— Oh, meu Deus — disse Michael, olhando para Graham. — Vejam só quem temos aqui.

— Gavin, meu caro — disse Graham indolentemente. — Que bom teres podido aparecer por cá.

Rebecca Wells viu tudo aquilo acontecer do abrigo na No Wood. O tiroteio tinha terminado e a noite estava repleta do som de sirenes distantes. Os primeiros carros da polícia avançaram a toda velocidade pela estrada da entrada, seguidos por um par de ambulâncias. Os homens tinham caído direitinhos numa armadilha e a culpa era dela..

Tentou controlar a raiva e pensar com clareza. Os britânicos tinham estado com certeza a vigiá-los durante o tempo todo. Havia provavelmente agentes no parque de campismo, agentes que a tinham seguido enquanto ela fazia o reconhecimento de Hartley Hall. Percebeu que tinha agora poucas opções. Se voltasse para a caravana ou se tentasse esconder-se na North Wood, seria presa.

Tinha três horas antes da primeira luz do dia — três horas para se

afastar o mais possível da costa de Norfolk. O Opel não lhe servia de nada; estava lá atrás com a caravana, quase de certeza a ser vigiado pela polícia.

Se queria escapar de Norfolk, só tinha uma escolha.

Tinha de andar.

Pegou na mochila. Lá dentro, estavam o dinheiro, os mapas e a sua Walther automática. Norwich ficava a trinta e dois quilómetros a sul. Conseguia lá estar por volta do meio-dia. Podia comprar uma muda de roupa, alojar-se num hotel para se lavar, comprar tinta para o cabelo numa farmácia e mudar de aparência. De Norwich, podia apanhar uma camioneta ainda mais para sul, para Harwich, onde havia um grande terminal defemes para a Europa. Podia apanhar um ferry durante a noite para a Holanda e estar no continente pela manhã.

Tirou a arma da mochila, enfiou o capuz e começou a andar.

MARÇO

Capítulo 29

AMESTERDÃO PARIS

Amesterdão era uma cidade que Delaroche adorava, mas nem mesmo Amesterdão, com as suas casas com empenas e os seus canais pitorescos, conseguia fazê-lo sair da neblina cinzenta de depressão que se tinha instalado sobre ele naquele Inverno. Tinha arrendado um apartamento numa casa com vista para um pequeno canal que corria entre o Herengracht e o Singel. As divisões eram amplas e arejadas, com janelas em arco e portas envidraçadas que davam para a água, mas Delaroche mantinha as persianas corridas a não ser quando se encontrava a trabalhar.

O apartamento não tinha mobília, com a excepção dos seus cavaletes, da cama e de uma cadeira grande junto às portas envidraçadas, onde se sentava e lia até tarde na maior parte das noites. Havia duas bicicletas apoiadas contra a parede no hall de entrada, uma italiana de comda, que ele utilizava para os longos passeios pelo campo plano holandês, e uma bicicleta de montanha, fabricada na Alemanha, para as pedras arredondadas das calçadas e as tijoleiras do centro de Amesterdão. Recusava-se a guardá-las na arrecadação à saída da casa, ao contrário do que os restantes inquilinos faziam; havia um enorme mercado negro em Amesterdão para as bicicletas roubadas, até mesmo para as mais frágeis e com uma só velocidade que a maioria das pessoas usava para andar de um lado para o outro. A bicicleta de monta-a dele não teria sobrevivido mais do que uns quantos minutos.

De forma incaracterística, tinha ficado cada vez mais obcecado com a sua própria cara. Várias vezes ao dia, ia para a casa de banho e ficava a olhar fixamente para o seu reflexo no espelho. Nunca tinha sido um homem vaidoso, mas detestava o que agora via, pois isso ofendia-lhe o sentido artístico de proporção e simetria. Todos os dias fazia um desenho a lápis do rosto para documentar o longo processo de recuperação. A noite, deitado na cama sozinho, apalpava os implantes de colagénio que tinha nas faces.

Por fim, as incisões sararam e o inchaço desapareceu, e as suas feições estabilizaram numa mistura entediante e bastante feia. Leroux,

o cirurgião plástico, tivera razão; Delaroche já não se reconhecia. Apenas os olhos se mantinham iguais, vivos e distintos, mas agora encontravam-se rodeados por banalidade e mediocridade.

As exigências de segurança do seu ofício tinham-no impedido de pintar a própria cara, mas pouco tempo depois de ter vindo para Amsterdão produziu um auto-retrato intensamente pessoal — um homem hediondo a olhar para um espelho e a ver um reflexo lindo a mirá-lo de volta. O reflexo era Delaroche antes da operação. Teve de se socorrer da memória para o trabalho, já que não possuía fotografias da sua antiga cara. Ficou com a obra durante alguns dias, encostada à parede do estúdio, mas a paranóia acabou por levar a melhor e ele estraçalhou a tela e pegou-lhe fogo na lareira.

Numa ou noutra noite, quando se sentia aborrecido ou agitado, Delaroche ia aos clubes nocturnos à volta da Leidseplein.

Anteriormente, evitava os bares e os clubes nocturnos porque costumava atrair demasiado a atenção das mulheres. Agora, podia ficar sentado durante horas sem ser incomodado.

Nessa manhã, levantou-se cedo e fez café. Tomou um duche e vestiu umas calças de ganga e uma camisola de lã. Ligou o computador, verificou o e-mail e leu jornais on-line até que a rapariga alemã deitada na sua cama se mexeu.

Tinha-se esquecido do nome dela — qualquer coisa parecida com Ingrid, talvez Eva. Tinha ancas largas e seios pesados. Agora, a luz cinzenta da manhã, Delaroche apercebeu-se de que era uma criança, no máximo vinte anos. Tinha qualquer coisa de Astrid Vogel no seu aspecto desajeitado. Sentiu-se zangado consigo mesmo. Seduzira-a só pelo desafio — o mesmo que fazer uma subida íngreme de bicicleta no final de uma longa viagem — e agora apenas queria que ela se fosse embora.

Ela levantou-se e enrolou um lençol à volta do corpo.

— Café? — perguntou.

— Na cozinha — respondeu ele, sem desviar os olhos do ecrã do computador.

Ela tomou o café ao estilo alemão, com uma grande quantidade de natas espessas. Fumou um dos cigarros de Delaroche e mirou-o em silêncio enquanto ele lia.

— Tenho de ir para Paris agora — disse ele.

— Leva-me contigo.

— Não.

Falou calmamente mas com firmeza. Outrora, quando usava esse tom de voz, uma rapariga como aquela era capaz de ter ficado nervosa ou ansiosa por deixar de estar na sua presença, mas ela limitou-se a olhar fixamente para ele, por cima da chávena de café, e a sorrir. Suspeitou que fosse devido à sua cara.

— Ainda não acabei o que tinha a fazer contigo — disse ela.

— Não temos tempo.

Ela fez beicinho, na brincadeira.

— E quando é que te vou ver outra vez?

— Não vais.

— Vá lá — disse ela. — Tu és interessante, estranho. Quero saber mais coisas de ti.

— Não, não queres — respondeu ele, desligando o computador.

Ela deu-lhe um beijo e afastou-se calmamente. Tinha as roupas espalhadas pelo chão: calças de ganga pretas rasgadas, uma camisa de flanela à lenhador, uma T-shirt preta de um concerto de uma banda de rock cujo nome Delaroche nunca tinha ouvido falar. Quando acabou de se vestir, pôs-se à frente dele e perguntou:

— Tens a certeza de que não me levas para Paris?

— Absoluta — respondeu ele resolutamente, mas havia qualquer coisa nela de que gostava. Disse suavemente: — Volto amanhã à noite. Vem cá ter às nove. Faço-te o jantar.

— Não quero jantar — atirou ela. — Quero-te a ti. Delaroche abanou a cabeça.

— Sou demasiado velho para ti.

— Não és nada demasiado velho. O teu corpo é maravilhoso e tens uma cara interessante.

— Interessante?

— Sim, interessante.

Olhou em redor do quarto, para as telas encostadas às paredes.

— Vais a Paris em trabalho? — perguntou.

— Sim.

Delaroche apanhou um táxi para a Centraal Station de Amesterdão e adquiriu um bilhete em primeira classe no comboio da manhã para Paris. Comprou jornais numa papelaria do terminal e leu-os enquanto o comboio avançava a alta velocidade pelo campo plano holandês, em direcção à Bélgica.

As notícias dessa manhã intrigaram-no. Durante a noite, um grupo paramilitar protestante da Irlanda do Norte tinha tentado assassinar o embaixador americano no Reino Unido quando este se encontrava a passar o fim-de-semana numa casa de campo em Norfolk. De acordo com os jornais, agentes da Divisão Especial tinham matado três membros do grupo e prendido outros dois. O alegado líder da Brigada para a Libertação do Ulster, um homem chamado Kyle Blake, tinha sido preso em Portadown. A polícia andava à procura de uma mulher relacionada com o grupo.

Delaroche dobrou o jornal e olhou pela janela. Suspeitava que Michael Osbourne, o genro do embaixador, estivesse envolvido de alguma forma no incidente. Em Míconos, o Director dissera-lhe que

Osbourne tinha sido chamado de volta à CIA para lidar com a questão da Irlanda do Norte.

O comboio chegou à Gare du Nord, em Paris, ao início da tarde. Delaroche foi buscar a sua pequena maleta ao compartimento das bagagens. Atravessou rapidamente a estação e apanhou um táxi à saída. Estava hospedado num pequeno hotel na Rue de Rivoli, com vista para o Jardim das Tulherias. Disse ao taxista para o deixar a alguns quarteirões dali, na Rue Saint-Honoré, e fez o resto do caminho a pé.

Registou-se no hotel, fazendo-se passar por holandês e falando com o funcionário da recepção num francês com sotaque. Deram-lhe uma mansarda no último andar, com uma óptima vista para os jardins e para as pontes do Sena.

Enfiou um carregador na Beretta e saiu.

O doutor Maurice Leroux, cirurgião plástico, tinha um consultório num elegante edifício, na Avenue Victor Hugo, perto do Arco do Triunfo. Delaroche, sem revelar o nome, confirmou por telefone que o doutor dava consultas nesse dia. Disse à recepcionista que passaria mais tarde para se encontrar com ele e desligou abruptamente.

Sentou-se à mesa junto à janela num café do outro lado da rua e ficou à espera que Leroux saísse. Um pouco antes das cinco, Leroux desceu à rua. Trazia um sobretudo de caxemira cinzento e parecia ser o último homem em Paris que ainda usava uma boina. Ia a andar depressa e aparentava estar satisfeito consigo próprio. Delaroche deixou algum dinheiro em cima da mesa e saiu do café.

Leroux foi até ao Arco do Triunfo e, a seguir, contornou a Place Charles de Gaulle e avançou pela avenida dos Campos Elísios. Entrou no restaurante Fouquet's e foi cumprimentado por uma mulher de meia-idade. Delaroche reconheceu-a; era uma actriz de pouca importância que fazia papéis secundaríssimos em dramas televisivos franceses.

O chefe de mesa conduziu Leroux e a actriz envelhecida até à parte do restaurante que servia de clube. Delaroche instalou-se numa mesa na parte pública do restaurante, de onde podia ver a porta. Pediu um prato de carne picada com batatas e bebeu meia garrafa de um Bordéus decente. A seguir, continuando a não haver sinal de Leroux, pediu queijo e café au lait.

Passaram praticamente duas horas até Leroux e a sua companhia saírem do restaurante. Delaroche observou-os pelo vidro. Estava vento e Leroux levantou a gola do sobretudo de caxemira de modo exagerado. Deu um beijo teatral à actriz e tocou-lhe na face, como se admirasse a sua obra. Ajudou-a a entrar num carro. A seguir, comprou jornais e revistas num quiosque e começou a andar pelo meio das multidões murmurantes que se deslocavam pelos Campos Elísios ao

final da tarde.

Delaroche pagou a conta e seguiu-o.

Maurice Leroux gostava de andar. Com os jornais enfiados debaixo do braço, caminhou pelos Campos Elísios até chegar à Place de la Concorde. Não tinha razões para suspeitar que estava a ser seguido e, por isso, ir atrás dele era muito fácil. Delaroche tinha apenas de lhe acompanhar o ritmo pelos passeios movimentados. O corte do sobretudo caro e a boina ridícula faziam com que fosse fácil de localizar no meio da multidão. Atravessou o Sena pela Pont de la Concorde e caminhou durante muito tempo pelo Boulevard Saint-Germain. Delaroche acendeu um cigarro e fumou enquanto andava.

Leroux entrou num bistrô junto à Igreja de Saint-Germain-des-Prés e sentou-se ao balcão. Delaroche entrou uns momentos mais tarde e sentou-se a uma mesa pequena perto da porta. Leroux bebeu vinho e conversou com o barman. Uma rapariga bonita ignorou os avanços dele.

Passada meia hora, Leroux saiu do bar, já bastante bêbado. Isso agradou a Delaroche, pois iria tornar a sua tarefa mais fácil. Leroux cambaleou pelo Boulevard Saint-Germain, no meio da chuva fraca, e entrou numa pequena rua secundária perto da estação de metro de Mabillon.

Parou à entrada de um prédio de apartamentos e introduziu o código de segurança. Delaroche esgueirou-se pela porta antes de esta se fechar. Entraram ao mesmo tempo no elevador, uma jaula à moda antiga enfiada no meio da escadaria. Leroux carregou no botão para o quinto andar, Delaroche no do sexto. Começou a fazer conversa, falando do tempo horrível que estava, num francês com um forte sotaque parisiense. Leroux grunhiu qualquer coisa ininteligível. Era óbvio que não reconhecia o seu paciente.

Leroux saiu no seu andar. Quando o elevador começou a subir, Delaroche espreitou pela grade e viu Leroux a entrar no apartamento.

Saiu do elevador no sexto andar e desceu pelas escadas até ao andar de baixo. Bateu ao de leve à porta de Leroux.

O médico abriu a porta um momento depois, claramente surpreendido, e perguntou:

— Posso ajudá-lo?

— Sim — respondeu Delaroche, dando-lhe um soco na garganta com um punho que mais parecia uma faca.

O murro deixou Leroux dobrado de dor, sem conseguir falar e a ofegar. Delaroche fechou a porta.

— Quem é você? — perguntou Leroux, arquejando. — O que é que quer?

— Sou o tipo a quem você martelou a cara. Percebeu que era Delaroche.

— Meu Deus — sussurrou.

Delaroche tirou a Beretta munida de um silenciador do casaco. Leroux começou a tremer violentamente.

— Eu sou de confiança — disse. — Já tratei de muitos homens como você.

— Não, não tratou — respondeu Delaroche, acertando-lhe com dois tiros no peito.

Delaroche regressou a Amesterdão no dia seguinte, ao início da tarde. Voltou para o apartamento de táxi e preparou uma mochila azul de nylon com o seu kit de pintura: duas telas pequenas, tintas, uma máquina fotográfica Polaroid, um cavalete portátil e a Beretta. Seguiu na bicicleta de montanha pelas ruas de pedras arredondadas até chegar a um local no Keizersgracht onde havia uma boa ponte com luzes nos arcos, que se acendiam depois de anoitecer.

Prendeu a bicicleta com um cadeado e caminhou pela ponte durante algum tempo, até encontrar uma vista panorâmica de que gostava, com casas flutuantes em primeiro plano e um trio de sumptuosas casas com empenas em segundo. Foi buscar a máquina fotográfica à mochila e tirou várias fotografias do que via, primeiro a preto-e-branco, para se aperceber das formas e linhas essenciais do cenário, e depois a cores.

Pôs-se ao trabalho, pintando depressa, instintivamente, apressando-se para captar o crepúsculo fugidio antes de a escuridão se instalar por completo. Quando as luzes começaram a ganhar vida, tremeluzindo na ponte, pousou o pincel e limitou-se a observar. Estudou o reflexo das luzes na superfície lisa do canal durante muito tempo.

Esperou que o quadro lançasse o seu feitiço — esperou que a imagem dos olhos mortos de Maurice Leroux se evaporasse da sua mente —, mas isso não aconteceu.

Um comprido táxi aquático passou por ele a deslizar. O reflexo das luzes dissolveu-se à sua passagem. Delaroche arrumou as suas coisas. Seguiu pelo Keizersgracht, segurando a tela cuidadosamente na mão direita. Noutra cidade qualquer, poderia ter atraído olhares com uma pose dessas, mas não em Amesterdão.

Delaroche atravessou o Keizersgracht na Reestraat e depois pedalou lentamente ao longo do Prinsengracht, até que a velha casa flutuante lhe apareceu à frente. Prendeu a bicicleta com uma corrente a um candeeiro, encostou a tela ao pneu da frente e saltou para a coberta.

O Krista tinha treze metros e meio de comprimento, com uma casa do leme na popa, uma proa esguia e uma sucessão de vigias ao longo da amurada. A tinta verde e branca começava a escamar devido à falta de cuidado. A escotilha no cimo da escada estava protegida com um

forte cadeado. Delaroche ainda tinha a chave. Destrancou a escotilha e desceu pela escada até ao salão, que se encontrava na escuridão, tirando o leve brilho amarelo dos candeeiros de rua que entrava pelas clarabóias sujas.

O barco tinha sido de Astrid Vogel. Tinham vivido ali os dois no Inverno anterior, depois de Delaroche a ter contratado para o ajudar numa série de assassinios particularmente difíceis. Consequia imaginá-la naquele momento, com o seu corpo comprido aos encontrões nos espaços apertados da casa flutuante. Olhou para a cama e recordou-se de fazer amor com ela, com a chuva a martelar na clarabóia. Astrid tinha pesadelos; costumava esmurrá-lo enquanto dormia. Uma vez, acordou depois de um pesadelo, surpreendida por encontrar Delaroche na cama dela. Quase lhe deu um tiro antes de ele conseguir sacar-lhe a arma da mão.

Delaroche não tinha regressado ao Krista desde então. Passou vários minutos a vasculhar armários e gavetas, à procura de algum vestígio de si mesmo que pudesse ter deixado para trás. Não descobriu nada. E também não havia nada de Astrid, apenas umas roupas assustadoras e alguns livros com as páginas já bem marcadas. Astrid estava habituada a viver escondida. Tinha feito parte da Facção Exército Vermelho^[33] e tinha passado muitos anos em locais como Beirute, Tripoli e Damasco. Sabia como andar de um lado para o outro sem deixar pistas.

A independência obsessiva de Delaroche tornava-o incapaz de amar outra pessoa, mas tinha gostado de Astrid e, mais importante, tinha confiado nela. Era a única mulher que sabia a verdade acerca dele. Consequia descontrair ao pé dela. Tinham planeado ir para as Caraíbas quando o trabalho tivesse sido feito — para viverem juntos numa relação parecida com um casamento —, mas a mulher de Michael Osbourne matara-a em Shelter Island.

Delaroche subiu as escadas e trancou a escotilha antes de se ir embora. Subiu para a bicicleta e pedalou em direcção ao apartamento, iluminado pela luz dos candeeiros.

Delaroche matava por duas razões: porque era contratado para matar ou para se proteger. Maurice Leroux entrava na segunda categoria. Nunca tinha matado por raiva, tal como nunca tinha matado por vingança. Acreditava que a sede de sangue por motivos de vingança era a mais destrutiva das emoções. E também achava que não era própria de um profissional da sua grandeza. Mas, naquele momento, ao atravessar de bicicleta as ruas de uma cidade estranha, com uma cara que não reconhecia, Delaroche sentia-se dominado pelo desejo de matar Michael Osbourne.

Viu a rapariga alemã à espera, sentada à frente da casa. Atravessou para a outra margem do canal e aguardou. Não tinha

vontade de voltar a vê-la. Por fim, ela acabou por escrevinhar um bilhete e enfiá-lo por baixo da porta antes de sair disparada pelo canal fora. Delaroche apanhou o bilhete ao entrar no foyer. — És um cabrão de merda! Liga-me, por favor, beijos, Eva — e empurrou a bicicleta para dentro do apartamento.

Entrou no estúdio e largou o quadro por terminar numa pilha com outras obras incompletas. De repente, detestava-o; parecia-lhe rebuscado, pouco imaginativo, entediante.

Despiu o casaco e colocou uma grande tela em branco no cavalete. Tinha-a pintado uma vez, mas o quadro, tal como o resto das suas posses, fora destruído em Míconos.

Ficou ali parado, à meia-luz, a pensar no quadro durante muito tempo, tentando lembrar-se da cara dela. Tinha um certo lado bizantino, recordava-se: maçãs do rosto largas, uma boca grande e móvel, olhos azuis cristalinos um pouco afastados de mais. A cara de uma mulher de outro tempo e lugar.

Ligou as fortes lâmpadas de halogéneo suspensas no tecto e começou a trabalhar. Descartou uma tela por não gostar da pose e uma segunda por a estrutura dos ossos faciais estar completamente errada. A terceira tela pareceu-lhe certa desde que começou a trabalhar nela. Pintou a memória visual mais persistente que tinha dela — Astrid, encostada a um corrimão de ferro forjado com ferrugem, na varanda de um hotel no Cairo, vestida apenas com uma djelaba para homem desabotoada até ao estômago, com o brilhante pôr do Sol através do tino algodão branco, revelando-lhe as linhas suaves das costas e os seios arrebitados.

Trabalhou pela noite dentro, até ser de manhã. Tinha poluído o corpo com café, vinho e cigarros. Quando terminou, não conseguia dormir porque tinha uma dor de cabeça.

Carregou a tela para o quarto e apoiou-a ao fundo da cama. Por fim, algum tempo depois do meio-dia, mergulhou num sono agitado.

Capítulo 30

LONDRES NOVA IORQUE

Michael Osbourne foi obrigado a permanecer em Londres por mais três dias a seguir ao caso Hartley Hall, para lidar com o verdadeiro inimigo de qualquer funcionário do mundo da espionagem: a burocracia. Tinha passado dois dias a prestar declarações demoradas às autoridades. Tinha ajudado Wheaton a pôr as coisas em ordem depois do suicídio de Preston McDaniels. Tinha colaborado com a Divisão Especial com o objectivo de reforçar a segurança em redor de Douglas. Tinha estado presente no serviço fúnebre dos dois agentes da SAS assassinados nas montanhas Sperrin, na Irlanda do Norte.

O último dia em Londres foi passado numa cela à prova de som, nas profundezas das catacumbas de Thames House, suportando o cerimonial de interrogatórios levado a cabo pelos mandarins do MI5. Quando tudo terminou, andou à chuva por Millbank durante vinte Minutos, à procura de um táxi, porque Wheaton tinha requisitado, sob um pretexto dúbio, o carro atribuído a Michael. Por fim, refugiou-se na estação de metropolitano de Pimlico e apanhou o metro.

Londres, uma cidade que adorava, parecia-lhe de repente desoladora e opressiva. Sabia que estava na altura de voltar para casa.

Na manhã seguinte, Graham surgiu no caminho de acesso a Winfield House para levar Michael até Heathrow, dessa vez num jaguar e não no Rover do seu departamento.

— Temos de parar a meio do caminho para o aeroporto — anunciou Graham quando Michael entrou para o banco de trás e se sentou ao lado dele. — Nada de grave, meu caro.

Só umas quantas pontas soltas para atar.

O carro deixou Regentis Park e seguiu para sul, ao longo da Baker Street. Graham mudou de assunto.

— Viste isto? — perguntou, apontando para um artigo no Times dessa manhã acerca do misterioso homicídio de um proeminente cirurgião plástico francês.

— Dei uma olhadela — respondeu Michael. — O que é que tem?

— Ele era um grande maroto.

— Que queres dizer com isso?

— Sempre suspeitámos de que andava a ganhar uns dinheirinhos extra a dar um jeito às caras dos mauzões — respondeu Graham. — O bom do doutor fazia várias visitas ao domicílio em sítios exóticos como Tripoli e Damasco. Pedimos aos franceses para ficarem de olho nele e, como de costume, disseram-nos basicamente para nos irmos foder.

Michael leu o artigo; consistia em dois parágrafos, apenas com o mínimo de pormenores. Maurice Leroux tinha sido morto a tiro no seu apartamento no sexto arrondissement^[34] de Paris. A polícia parisiense estava a investigar.

— Que tipo de arma é que o assassino usou?

— De nove milímetros.

O Jaguar avançou para sul a grande velocidade, ao longo de Park Lane, e a seguir atravessou Green Park, passando por Constitution Hill. Passado um momento, dobrou os portões do Palácio de Buckingham.

Michael olhou de soslaio para Graham.

— Contigo nunca há um minuto chato, pois não?

— Nem eu queria que fosse de outra maneira.

— É tão bom vê-lo outra vez, senhor Osbourne — disse a rainha Isabel ao entrarem numa sala de estar do palácio. — Por favor, Sente-se.

Michael sentou-se. Foi servido chá e os assessores e assistentes da rainha retiraram-se. Graham Seymour ficou à espera na antessala.

— Quero agradecer-lhe pelo óptimo trabalho que fez ao lidar com a ameaça da Brigada para a Libertação do Ulster — disse a rainha. — O povo da Irlanda do Norte tem uma dívida tremenda para consigo. Na verdade, o mesmo é válido para toda a Grã-Bretanha.

— Obrigado, Vossa Majestade — respondeu Michael educadamente.

— Tive muita pena do que aconteceu ao seu agente, aquele que foi morto na Irlanda do Norte — disse a rainha e, a seguir, interrompeu-se por uns instantes, com a atrapalhação estampada no rosto, e levou os olhos ao tecto. — Oh, Deus do Céu, não consigo lembrar-me do nome do pobre homem.

— Kevin Maguire — disse Michael.

— Ah, sim, o Mensageiro — respondeu a rainha, utilizando o nome de código de Maguire. — Que assunto tão horroroso que isso foi. Senti-me aliviada por saber que o senhor não tinha ficado gravemente ferido. Mas compreendo que perder um agente como o Mensageiro de uma forma tão horrível o deva ter afectado profundamente.

— O Kevin Maguire não era perfeito, mas inúmeras pessoas estão hoje vivas por causa dele. Foi necessária uma tremenda dose de

coragem para trair o IRA e, no final, acabou por pagar com a própria vida.

— E quais são os seus planos agora que a ameaça protestante parece ter sido neutralizada? Está a pensar em continuar na CIA ou reformar-se e desaparecer outra vez?

— Ainda não tenho a certeza — respondeu Michael. — Neste preciso momento, gostava apenas de ir para casa e ver a minha mulher e os meus filhos. Já estou fora há demasiado tempo.

— Não sei se conseguiria estar casada com uma pessoa que fizesse o seu tipo de trabalho.

Michael sorriu.

— É preciso um tipo muito especial de mulher.

— Então, a sua mulher apoia-o?

— Eu não iria tão longe, Vossa Majestade.

— Suponho que o senhor tenha de fazer aquilo que o faz feliz — disse a rainha. — E, se trabalhar para a CIA o faz feliz, tenho a certeza de que ela irá compreender.

É um trabalho importante, sem dúvida. Devia estar bastante orgulhoso do que conseguiu aqui.

— Obrigado, Vossa Majestade. E estou orgulhoso.

— Bom, uma vez que parece que por enquanto vai continuar dentro da CIA, suponho que vamos ter de fazer isto em privado.

— Fazer o quê, Vossa Majestade? — perguntou Michael.

— Armá-lo cavaleiro honorário.

— Está a brincar.

A rainha sorriu travessamente e respondeu:

— Eu nunca brinco com coisas desta importância.

Abriu uma pequena caixa rectangular e concedeu a Michael a medalha de Cavaleiro Honorário do Império Britânico.

— É linda — disse. — Sinto-me honrado e muito lisonjeado.

— E deve sentir-se.

— E tenho de me ajoelhar?

— Não seja tonto — respondeu a rainha. — Termine mas é o chá e conte-me qual foi a sensação de capturar o Gavin Spencer.

— Quer dizer que acabei de fazer sexo com um cavaleiro de verdade? — perguntou Elizabeth.

— Receio bem que sim.

— Acho que és o meu primeiro.

— É bom que seja.

— Então e do que é que vocês os dois falaram, além da Irlanda do Norte?

— Falámos de ti.

— Oh, por favor.

— A sério.

— E o quê de mim?

— Ela queria saber se eu ia continuar na CIA ou reformar-me e desaparecer outra vez, como ela disse.

— E o que é que lhe respondeste?

— Respondi-lhe que não sabia.

— Que cobarde.

— Cuidadinho. Olha que sou um cavaleiro, lembra-te?

— Então, qual é a resposta?

— Por uma das primeiras vezes na minha carreira na CIA, sinto que consegui de facto realizar qualquer coisa. É uma sensação boa.

— Portanto, queres continuar?

— Quero ouvir o que a Mónica tem a dizer antes de tomar qualquer decisão final. E quero ouvir o que tu tens a dizer.

— Michael, tu sabes o que eu acho. Mas também preciso que estejas feliz. E estranho, mas, ao ouvir-te nesta última hora, parece que já não estavas assim tão feliz há meses.

— Então, o que é que estás a dizer?

— Estou a dizer que gostava imenso que conseguisses trabalhar noutro sítio e seres feliz, sem ser na CIA. Mas se é aquilo que queres, e vais sentir-te satisfeito, então quero que continues.

Apagou o cigarro, calcando-o, desapertou o roupão e rebolou para cima dele, encostando os seios à sua pele quente.

— Promete-me só uma coisa — disse. — Se achas mesmo que o Outubro está vivo, deixa que seja outra pessoa a ir atrás dele.

— Ele matou a Sarah, e tentou matar-nos aos dois.

— É por isso que devia ser outra pessoa a tratar do caso. Pede escusa, Michael. Deixa o Adrian dar o trabalho a outra pessoa, alguém sem um interesse pessoal em jogo. — Fez uma pausa. — Alguém que não esteja à procura de vingança.

— E o que é que te leva a pensar que eu estou à procura de vingança?

— Deixa-te disso, Michael. Não sejas desonesto contigo próprio ou comigo. Tu queres vê-lo morto e eu não te levo a mal. Mas a vingança é um jogo perigoso. Não aprendeste nada enquanto estiveste na Irlanda do Norte?

Michael virou-lhe as costas. Ela pôs-lhe as mãos na cara e puxou-o para junto de si.

— Não fiques zangado comigo... só não quero que te aconteça alguma coisa. — Beijou-o suavemente. — Segue o conselho da tua advogada neste assunto. Acabou. Esquece isso.

Capítulo 31

MÍCONOS

O Conselho Executivo da Sociedade para o Desenvolvimento e a Cooperação Internacionais reuniu para a sua sessão da Primavera na ilha de Míconos, na primeira sexta-feira de Março. A villa desocupada de Delaroche, nos penhascos do cabo Mavros, serviu de local para a reunião. Era demasiado pequena para poder alojar mais alguém além do Director, dos seus guarda-costas e de Daphne, pelo que os outros membros do conselho e os seus séquitos se refugiaram nos hotéis e residenciais de Chora. Ao pôr do Sol, atravessaram a ilha lentamente — os chefes dos serviços secretos e os negociantes de armas, os homens de negócios e as figuras do crime organizado —, numa caravana de Range Rover pretos.

O Director e o seu pessoal tinham tratado das medidas de segurança. Havia guardas fortemente armados à volta do recinto e um barco a motor de alta velocidade na baía de Panormos, repleto de antigos membros das tropas anfíbias da SAS. A villa tinha sido vasculhada de uma ponta à outra, em busca de escutas, e instrumentos bloqueadores de rádio emitiam interferências electrónicas para perturbar quaisquer microfones de longo alcance.

Beberam cocktails no elegante terraço de pedra de Delaroche, com vista para o mar, e comeram uma refeição tradicional grega. A meia-noite, o Director abriu os trabalhos.

Durante a primeira hora, o Conselho Executivo debruçou-se sobre questões de limpeza doméstica rotineiras. Como sempre, os membros do conselho trataram-se uns aos outros pelos nomes de código: Rodin, Monet, Van Gogh, Rembrandt, Rothko, Miguel Angelo e Picasso. O Director voltou a sua atenção para as operações da sociedade que se encontravam em andamento na Coreia do Norte, Paquistão, Afeganistão, Kosovo e, por fim, na Irlanda do Norte.

— Em Fevereiro, o Monet fez com que um carregamento de sub-metralhadoras Uzi chegasse às mãos da Brigada para a Libertação do Ulster — disse o Director. — Essas armas foram utilizadas na tentativa de assassinio do embaixador Douglas Cannon. Infelizmente, parece que não surtiram qualquer efeito. O embaixador sobreviveu ao atentado, mas a Brigada para a Libertação do Ulster não. A maior

parte dos seus membros está morta ou presa. Por isso, para já, o nosso envolvimento na Irlanda do Norte está terminado.

O Director deu a palavra a Rodin, o chefe de operações dos serviços secretos franceses.

— Se quisermos renovar o nosso envolvimento na Irlanda do Norte, é possível que haja uma oportunidade à nossa espera em Paris — disse ele.

O Director levantou uma sobrancelha e disse:

— Continua, por favor.

— Como sabem, um dos membros da equipa envolvida na tentativa de assassinio em Norfolk conseguiu escapar — disse Rodin. — Uma mulher chamada Rebecca Wells. Acontece que sei que ela está escondida em Paris com um mercenário britânico chamado Roderick Campbell. E também sei que ela jurou ajustar contas depois do que se passou em Norfolk. Anda a tentar encontrar um assassino capaz de matar o embaixador americano.

O Director acendeu um cigarro, claramente intrigado.

— Talvez devêssemos estabelecer contacto directo com a Rebecca Wells e oferecer-lhe ajuda — rematou Rodin.

O Director fez questão de dar a entender que estava a ponderar muito bem a questão. Em última análise, a decisão seria tomada pelo Conselho Executivo e não por ele, mas a sua opinião teria um peso considerável junto dos outros membros. Passado um momento, disse:

— Duvido que a menina Wells possa pagar os nossos serviços.

— Concorde — respondeu Rodin. — O trabalho teria de ser pro bono. Como costuma dizer, seria um investimento.

O Director voltou-se para Picasso, que parecia apreensivo.

— Por razões óbvias, não posso apoiar uma operação como a sugerida — disse Picasso. — Apoio a um grupo paramilitar protestante é uma coisa, envolvimento directo no assassinio de um diplomata americano é outra e de que maneira.

— Compreendo que te encontres numa posição difícil, Picasso — respondeu o Director. — Mas sabias desde o início que algumas das acções tomadas por esta organização poderiam entrar em conflito com os teus próprios interesses tacanhos. Aliás, é esse o espírito de cooperação personificado pela sociedade.

— Compreendo, Director.

— E, se o Conselho Executivo der a sua bênção a esta operação, não podes fazer nada que a impeça de ter êxito.

— Tem a minha palavra, Director.

— Muito bem — disse o Director, olhando em redor da sala. — Todos os que estão a favor indiquem-no dizendo sim.

A reunião terminou logo a seguir ao amanhecer. Um a um, os membros do Conselho Executivo saíram da villa e voltaram para

Chora, atravessando Míconos. Picasso ficou para trás para ter uma conversa privada com o Director.

— O caso de Hartley Hall... — começou por dizer o Director com frieza, observando o Sol a aparecer no horizonte. — Foi uma armadilha, não foi, Picasso?

— Foi uma vitória muito importante para os nossos serviços. Vai fazer com que seja mais difícil aos nossos detractores dizerem que perdemos o nosso rumo neste mundo pós-guerra fria. — Picasso deteve-se por uns instantes e, a seguir, acrescentou com cautela: — Pensava que resultados como este eram o objectivo desta organização.

— Com efeito — respondeu o Director, sorrindo laconicamente. — Estavas mais do que no teu direito de agir contra a Brigada para a Libertação do Ulster de maneira a favorecer os teus próprios interesses. Mas agora a sociedade decidiu ajudar a brigada a levar a cabo uma tarefa específica, o assassinio do embaixador Cannon, e tu não podes fazer nada que impeça que isso vá para a frente.

— Compreendo, Director.

— Na verdade, há uma coisa que podes fazer para ajudar.

— Que é o quê?

— Faço tenções de atribuir a missão ao Outubro — respondeu o Director. — E o Michael Osbourne parece estar numa cruzada para descobrir o Outubro e destruí-lo.

— Tem boas razões.

— Por causa da questão da Sarah Randolph?

— Sim.

O Director fez um ar de desapontamento.

— O Osbourne parece ser um agente tão talentoso — disse. — Esta fixação por vingar o passado causa-me espanto. Quando é que esse tipo mete na cabeça que aquilo não foi nada pessoal, apenas trabalho?

— Não será nos tempos mais próximos, receio eu.

— Chegou-me aos ouvidos que ele está à frente da busca pelo Outubro.

— É verdade, Director.

— Se calhar, era melhor para todos os envolvidos se ele recebesse outras responsabilidades. Com certeza que um agente com talentos tão óbvios poderia ser mais bem utilizado noutro sítio qualquer.

— Não posso estar mais de acordo.

O Director aclarou a garganta suavemente.

— Ou talvez fosse melhor se o Osbourne ficasse completamente fora do caminho. Chegou muito perto de nós durante o caso da TransAdantic. Demasiado perto para o meu gosto.

— Eu não teria quaisquer objecções, Director.

— Muito bem — rematou. — Está feito.

Daphne queria apanhar sol e o Director concordou relutantemente em passar o resto do dia em Míconos antes de regressar a Londres. Ela ficou estendida no terraço, com o seu longo corpo exposto ao sol. Ele nunca se cansava de a olhar. Há muito que o Director tinha perdido a capacidade de fazer amor com uma mulher — suspeitava que tivessem sido os segredos, os anos de mentiras e encobrimentos a deixá-lo impotente — e, por isso, admirava Daphne como se poderia admirar um belo quadro ou escultura. Era a coisa por ele possuída que mais estimava.

Era um homem impaciente por natureza, apesar do seu comportamento tranquilo, e, ao início da tarde, já tinha apanhado todo o sol e ar do mar que conseguia aguentar.

Além disso, era no seu íntimo um homem de acção e estava ansioso para deitar as mãos ao trabalho. Partiram ao pôr do Sol e atravessaram Míconos de carro, a caminho do aeroporto. Nessa noite, já depois de o avião do Director ter deixado a ilha, uma série de explosões deflagrou na villa caiada nos penhascos do cabo Mavros.

Stavros, o agente imobiliário, foi o primeiro a chegar. Telefonou do seu telemóvel para os bombeiros e ficou a ver as chamas engolirem a villa. Monsieur Delaroche tinha-lhe dado um número em Paris, Marcou-o e preparou-se para comunicar a notícia ao seu cliente — que a sua adorada casa acima da baía de Panormos já não existia.

O telefone tocou uma vez e ouviu-se uma gravação. Stavros falava um pouco de francês, o suficiente para perceber que o número tinha sido desconectado. Carregou no botão e cortou a ligação.

Ficou a observar os bombeiros a tentarem em vão extinguir as chamas. Foi no carro até Ano Mera e dirigiu-se para a taberna. Estava lá o grupo do costume, a beber vinho e a comer azeitonas e pão. Stavros contou a história.

— Sempre houve qualquer coisa de esquisito com aquele Delaroche — vaticinou Stavros depois de terminar. Fez uma careta, sorrindo afectadamente, e olhou fixamente para um copo turvo de uzo. — Percebi isso mal pus os olhos nele.

Capítulo 32

PARIS

Rebecca Wells estava a viver em Montparnasse, num prédio de apartamentos desinteressante a poucos quarteirões do terminal ferroviário. Desde que fugira de Norfolk, tinha passado a maior parte do tempo no apartamento horrível, a olhar para programas de televisão franceses que não conseguia compreender. Às vezes, ouvia notícias do seu país na rádio. A brigada tinha sido esmagada e a culpa era dela.

Precisava de sair. Levantou-se do sofá e foi até à janela. Cinzento, como de costume: frio, desolador. Até o Ulster era melhor do que Paris em Março. Foi à casa de banho e olhou para o espelho. Uma desconhecida retribuiu-lhe o olhar. O seu esplêndido cabelo preto tinha sido destruído pelo peróxido que utilizara em Norwich para o oxigenar. Tinha a pele amarela da falta de ar e dos cigarros em demasia. A pele debaixo dos olhos parecia ter nódoas negras.

Vestiu um casaco de cabedal e parou à entrada do quarto, ouvindo o som metálico de halteres. Bateu à porta e o barulho parou. Ro-derick Campbell abriu a porta e ficou ali à sua frente, sem camisa e com o corpo esguio a brilhar do suor. Campbell era um escocês que tinha servido no exército britânico e que, a seguir, oferecera os seus serviços como mercenário e traficante de armas em África e na América do Sul. Tinha cabelo preto cortado à escovinha, uma pêra e tatuagens no peito e nos braços. Estava uma prostituta nua deitada na cama, a brincar com uma das armas dele.

— Vou sair — disse ela. — Preciso de apanhar ar.

— Tem cuidado — respondeu ele, no sotaque suave das suas Terras Altas de origem. — Queres companhia?

— Não, obrigada. Estendeu-lhe uma arma.

— Leva isto.

O elevador estava outra vez avariado, pelo que desceu para a rua pelas escadas. Meu Deus, como estava feliz por sair daquele sítio! Estava zangada com Kyle Blake por este a ter enviado para junto de um homem como Campbell. Mas as coisas podiam ser piores, pensou. Podia estar na prisão ou morta como os outros. O frio sabia-lhe bem e andou durante muito tempo. De vez em quando, parava à frente da

montra de uma loja e olhava de soslaio para trás. Tinha a certeza de que não estava a ser seguida.

Pela primeira vez em muitos dias, sentiu realmente fome. Entrou num pequeno café e, servindo-se do seu francês catastrófico, pediu uma omeleta com queijo e um café creme. Acendeu um cigarro e olhou pela janela. Interrogou-se se iria ser sempre assim — viver em cidades estranhas, rodeada de pessoas que não conhecia.

Queria terminar o que tinham começado; queria o embaixador Douglas Cannon morto. Sabia que a Brigada para a Libertação do Ulster já não se encontrava em condições para dar conta do trabalho; na realidade, já não havia uma Brigada para a Libertação do Ulster. Para que o embaixador fosse morto, teria de haver alguém que não eles a fazê-lo. Tinha recorrido a Roderick Campbell para que a ajudasse. Ele conhecia o tipo de homens de que ela precisava: homens que ganhavam a vida a matar, homens que matavam apenas por uma razão: dinheiro.

Quando o empregado trouxe a comida, Rebecca devorou-a rapidamente. Não conseguia lembrar-se da última vez em que tinha comido verdadeira comida. Acabou a omeleta e engoliu um pedaço de baguete com a ajuda do café. O empregado voltou a aparecer e pareceu assombrado por o prato dela estar vazio.

— Tinha muita fome — disse ela, constrangida.

Pagou a conta e foi-se embora. Apertando o casaco contra a garganta com força, percorreu as ruas sossegadas de Montparnasse. Passado um momento, ouviu um carro atrás de si. Parou num telefone público e fingiu que estava a ligar para um número enquanto olhava para o carro: um grande Citroen preto, com dois homens à frente e um atrás. Talvez a polícia francesa. Talvez os serviços secretos franceses, pensou. Talvez amigos de Roderick. Talvez nada.

Começou a andar mais depressa. De repente, estava a transpirar apesar do frio. O condutor do Citroen carregou no acelerador e o barulho do motor tornou-se mais forte.

"Meu Deus", pensou ela, "vão atropelar-me!" Virou a cabeça no instante em que o carro passou por ela a toda a velocidade para depois travar a fundo e parar poucos metros à sua frente.

A porta traseira do lado do passageiro abriu-se. O homem que se encontrava no banco de trás inclinou-se para fora e disse:

— Boa tarde, menina Wells.

Ficou estupefacta. Parou de andar e olhou para ele. Tinha cabelo louro oleoso, todo puxado para trás a partir da testa, e pele clara e queimada do sol.

— Entre no carro, por favor. Receio que não seja seguro estarmos a falar na rua.

Tinha o sotaque de um inglês de boas famílias.

— Quem é o senhor? — perguntou ela.

— Nós não pertencemos às autoridades, se é isso que está a pensar — respondeu ele. — Na verdade, somos bem o contrário.

— E o que é que querem?

— Na verdade, isto tem a ver com o que a senhora quer. Ela hesitou.

— Por favor, não temos muito tempo — disse o homem louro, estendendo uma mão clara. — E não se preocupe, menina Wells. Se a quiséssemos matar, já estaria morta.

De Montparnasse, atravessaram a cidade de Paris até a um prédio de apartamentos no quinto arrondissement, na Rue Tournefort, com vista para a Place de la Contrescarpe.

O homem louro desapareceu no Citroen. Um homem a ficar careca, com uma cara rosada, ficou-lhe com a arma de Roderick e conduziu-a para um apartamento que tinha o ar de um pied-à-terre raramente utilizado. A mobília era masculina e confortável: sofás pretos informais e cadeiras agrupadas à volta de uma mesa de café de vidro; estantes para livros em madeira de teca amarelada, com relatos históricos, biografias e thrillers de autores americanos e ingleses. O que sobrava das paredes estava desocupado, com contornos esbatidos nos sítios onde antes tinham estado pendurados quadros emoldurados. O homem fechou a porta e introduziu um código de seis dígitos num teclado, presumivelmente activando o sistema de segurança. Sem dizer uma palavra, estendeu a mão e levou-a para dentro do quarto.

O quarto estava escuro, com a excepção de um pedaço junto à janela, que se encontrava iluminado por uma luz chuvosa que entrava pela persiana parcialmente aberta.

Um instante depois de a porta se fechar, um homem falou algures na escuridão. A voz era seca e precisa, a voz de um homem que não gostava de se repetir.

— Chegou-nos aos ouvidos que anda à procura de alguém que seja capaz de assassinar o embaixador americano em Londres — disse o homem. — Acho que a podemos ajudar.

— E quem é que são vocês?

— Não tem nada a ver com isso. Posso assegurar-lhe que somos perfeitamente capazes de desempenhar uma tarefa como a que tem em mente. E com muito menos trapalhada do que aquele episódio em Hartley Hall.

Rebecca tremeu de raiva, que o homem nas sombras pareceu detectar.

— Lamento informá-la, mas foram enganados em Norfolk, menina Wells — disse ele. — Caíram direitinhos numa armadilha engendrada pela CIA e o MI5. O homem que conduziu a operação foi o genro do embaixador, que por acaso trabalha para a CIA. O nome dele é

Michael Osbourne. Quer que eu continue?

Ela anuiu com a cabeça.

— Se aceitar a nossa oferta de ajuda, prescindiremos dos nossos honorários habituais. E deixe-me assegurar-lhe que são normalmente bastante exorbitantes para um trabalho deste género... suspeito que bem acima das possibilidades de uma organização como a Brigada para a Libertação do Ulster.

— Estão dispostos a fazê-lo de graça? — perguntou Rebecca, incrédula.

— Exactamente.

— E o que é que querem de mim?

— Na altura indicada, irá reivindicar a responsabilidade pelo acto.

— Mais nada?

— Mais nada.

— E quando tiver terminado tudo?

— Não terá mais nenhuma obrigação, excepto a de nunca falar, sob quaisquer circunstâncias, sobre a nossa parceria consigo. E, se de facto falar das nossas combinações, reservamo-nos o direito de aplicar medidas punitivas.

Parou por um momento para permitir que o seu aviso fizesse efeito.

— É capaz de vir a encontrar dificuldades para se deslocar de um lado para o outro quando tudo isto tiver terminado — continuou. — Se quiser, podemos disponibilizar-lhe serviços que a ajudarão a manter-se a monte. Podemos providenciar-lhe documentos de viagem falsos. Podemos ajudá-la a alterar a sua aparência. Temos contactos com determinados governos que estão dispostos a proteger fugitivos a troco de dinheiro ou favores. Mais uma vez, estaríamos dispostos a disponibilizar-lhe estes serviços sem qualquer custo.

— Porquê? — perguntou ela. — Porque é que estão dispostos a fazer isso a troco de nada?

— Nós não somos uma organização filantrópica, menina Wells. Estamos dispostos a trabalhar consigo porque temos interesses comuns.

Um isqueiro acendeu-se, deixando ver uma parte da cara dele por um instante, antes de o quarto mergulhar novamente na escuridão: cabelo cor de prata, pele clara, uma boca dura, olhos frios.

— Receio que já não seja seguro para si permanecer em Paris — disse. — As autoridades francesas têm conhecimento da sua existência aqui.

Ela sentiu-se como se lhe tivessem despejado água gelada em cima da nuca. A ideia de ser presa, de ter de voltar para a Grã-Bretanha acorrentada, fê-la ficar fisicamente doente.

— Precisa de sair de França imediatamente — disse ele. —

Proponho-lhe o Barém. O chefe das forças de segurança é um velho amigo meu. Estará segura e há piores sítios para se estar do que o golfo Pérsico em Março. O tempo é esplêndido nesta altura do ano.

— Não estou interessada em passar o resto dos dias deitada junto a uma piscina no Barém.

— O que é que está a querer dizer, menina Wells?

— Que quero participar na operação — respondeu ela. — Aceito a vossa oferta, mas quero estar lá para ver o homem a morrer.

— Tem treino?

— Sim — respondeu.

— E já matou alguém? Lembrou-se da noite dois meses antes — o celeiro no condado de Armagh —, quando tinha matado Charlie Bates com um tiro.

— Sim — respondeu calmamente —, já matei.

— O homem que tenho em mente para a missão prefere trabalhar sozinho — disse ele —, mas suspeito que verá que é uma opção sensata aceitar um parceiro para este contrato.

— Quando é que parto?

— Hoje à noite.

— Gostava de voltar ao apartamento para ir buscar umas quantas coisas.

— Lamento, mas isso não é possível.

— Então e o Roderick? O que vai ele pensar se eu desaparecer sem nenhuma explicação?

— Deixe que nos preocupemos nós com o Roderick Campbell.

O homem louro regressou no Citroen a Montparnasse e estacionou à porta do prédio de apartamentos de Roderick Campbell. Saiu do carro e atravessou a rua. Tinha roubado as chaves da mulher. Abriu a porta principal do rés-do-chão e subiu as escadas até ao apartamento. Tirando a Herstal automática de alta potência do cós das calças de ganga, abriu a porta e entrou sorrateiramente.

Capítulo 33

AMESTERDÃO

A previsão meteorológica para a costa holandesa era agradável para Março, pelo que Delaroche subiu para a sua bicicleta italiana de estrada ao início dessa manhã e pedalou para sul. Usava longos calções pretos de ciclismo e uma camisola de gola alta branca e de algodão por baixo da camisola de malha de um amarelo-vivo, suficientemente justa para evitar que enfolasse com o vento, mas suficientemente folgada para esconder a Beretta automática que tinha debaixo da axila esquerda. Seguiu para sul, em direcção a Leiden, atravessando Bloembollenstreek, a maior região produtora de flores da Holanda, com as suas pernas poderosas a pedalar sem esforço pelos campos a brilharem já coloridos.

Durante algum tempo, os olhos dele foram absorvendo o campo holandês — os diques e os canais, os moinhos de vento e os campos de flores —, mas, passado um bocado, o rosto de Maurice Leroux apareceu-lhe nos pensamentos. Tinha-lhe surgido num sonho durante a noite anterior, parado à frente dele, branco como um monte de neve, com dois buracos no peito e trazendo ainda na cabeça a ridícula boina.

Eu sou de confiança. Já me ocupei de muitos homens como você.

Delaroche entrou em Leiden e almoçou num café ao ar livre na margem do Reno. Naquele ponto, apenas a poucos quilómetros da sua desembocadura no mar do Norte, o rio era estreito e corria lentamente, bem diferente da montanha de água espumosa perto da nascente, no alto dos Alpes, ou do largo gigante industrial da planície alemã. Delaroche pediu um café e uma sanduíche de queijo e fiambre.

A incapacidade de purgar o subconsciente da imagem de Leroux enervou-o. Normalmente, passava apenas por um curto período de desconforto depois de matar alguém. Mas já tinha passado uma semana desde que matara Leroux e continuava a ver a cara dele a flutuar-lhe na mente.

Lembrou-se do homem chamado Vladimir. Delaroche tinha sido separado da mãe à nascença e dado ao KGB para ser aí educado. Vladimir fora todo o seu mundo. Tinha-o treinado em línguas e nas artes do ofício. Tinha tentado ensinar-lhe alguma coisa sobre a vida

antes de lhe ensinar como matar. Vladimir avisara-o que iria acabar por acontecer. Um dia, vais tirar uma vida e esse homem irá seguir-te, dissera-lhe Vladimir. Vai tomar as refeições contigo, partilhar a tua cama. Quando isso acontecer, está na altura de abandonares este ofício, porque um homem que vê fantasmas já não consegue comportar-se como um profissional.

Delaroche pagou a conta e saiu do café. O tempo ia piorando à medida que avançava em direcção ao mar do Norte. O céu foi ficando mais carregado e o ar tornou-se mais frio. Lutou contra um forte vento de frente durante todo o caminho até Haarlem.

Talvez Vladimir tivesse razão. Talvez estivesse na altura de abandonar o jogo antes que o jogo desse conta dele. Podia voltar para o Mediterrâneo e passar os dias a andar nas suas bicicletas e a pintar os seus quadros e a beber o seu vinho no terraço com vista para o mar, e que se lixasse o Vladimir e que se lixasse o pai, e que se lixasse o Director e todas as outras pessoas que lhe tinham imposto aquela vida. Talvez pudesse encontrar uma mulher — uma mulher como Astrid Vogel, uma mulher que tivesse suficientes segredos próprios para que ele lhe pudesse confiar os seus.

Já tinha querido abandonar tudo antes, mas, com Astrid morta, isso já não fazia sentido e o Director tinha-lhe feito uma generosa proposta que era demasiado boa para recusar. Pagava-lhe uma quantidade tremenda de dinheiro e providenciava-lhe protecção contra os seus inimigos. Se deixasse a Sociedade, Delaroche estaria por sua própria conta. Teria de tratar da sua própria segurança ou encontrar um novo Protector.

Entrou em Haarlem e atravessou o rio Spaarne. Amesterdão ficava a vinte e cinco quilómetros de distância, uma bela viagem pelas margens do Noordzeekanaal. Delaroche tinha o vento nas costas e a estrada era suave e plana, pelo que demorou pouco mais de meia hora a chegar à cidade.

Levou o seu tempo até atingir o Herengracht. Entrou no apartamento e verificou os sinais que deixara para se certificar de que ninguém lá tinha estado durante a sua ausência. Havia outro bilhete escrevinhado à pressa pela rapariga alemã. Quero ver-te outra vez meu cabrão! Eva.

Ligou o computador e conectou-se à Internet. Tinha uma mensagem de e-mail nova. Abriu-a e digitou o seu nome de código. A mensagem era do Director; queria encontrar-se com ele no dia seguinte em Amesterdão, no Vondelpark.

Delaroche enviou uma resposta a dizer que lá estaria.

Na manhã seguinte, deambulou pelas barracas do Albert Cuypmarkt no anel de canais oriental. Meticulosamente, foi controlando se estava a ser seguido à medida que passava com descontração por

cestos peçados de fruta, peixe do mar do Norte, queijos holandeses e flores acabadas de cortar. Convencido de que não estava a ser seguido, foi do mercado até ao Vondelpark, o extenso parque próximo do quarteirão dos museus de Amesterdão. Avistou o Director, sentado num banco do parque que dava para um lago de patos, com a alta rapariga jamaicana ao seu lado.

O Director ainda não tinha visto Delaroche desde a cirurgia plástica em Atenas. Delaroche não gostava de jogos ou de outros divertimentos — o isolamento e o secretismo da sua vida tinham-lhe roubado qualquer oportunidade para desenvolver um verdadeiro sentido de humor —, mas resolveu pregar uma partida para testar a eficácia do trabalho que Maurice Leroux tinha feito na sua cara.

Pôs um cigarro na boca e colocou os óculos de sol. Aproximou-se do Director e, falando holandês, pediu-lhe lume. O Director passou-lhe um pesado isqueiro de prata.

Delaroche acendeu o cigarro e devolveu o isqueiro. "Dank u", disse. O Director acenou com a cabeça friamente ao voltar a enfiar o isqueiro no bolso do casaco.

Delaroche afastou-se pelo caminho. Regressou alguns momentos depois e sentou-se ao lado do Director, a comer uma pêra que tinha comprado no Albert Cuypmarkt, sem dizer nada. O Director e a rapariga afastaram-se e sentaram-se noutro banco. Delaroche observou-os com curiosidade durante um momento; a seguir, levantou-se também e juntou-se a eles no banco do lado.

O Director fez uma carranca.

— Desculpe, importava-se de...

— Penso que queria falar comigo — interrompeu Delaroche, tirando os óculos de sol.

— Deus do Céu — murmurou o Director. — És mesmo tu?

— Receio bem que sim.

— Estás bastante horrendo. Não admira que tenhas matado aquele pobre desgraçado.

— Tenho um contrato para ti.

Os olhos do Director mexiam-se de um lado para o outro rapidamente enquanto os dois homens seguiam um atrás do outro pelo caminho que atravessava o Vondelpark. Tinha começado como agente operacional — saltara de pára-quedas sobre França com o SOE^[35] durante a Segunda Guerra Mundial e orientara agentes em Berlim contra os russos — e os seus instintos de sobrevivência continuavam aguçados.

— Tens andado a acompanhar a situação na Irlanda do Norte? — perguntou o Director.

— Leio os jornais.

— Então, sabes que um grupo terrorista protestante intitulado

Brigada para a Libertação do Ulster tentou e não conseguiu assassinar o embaixador americano enviado para o Palácio de St. James, Douglas Cannon.

Delaroche assentiu com a cabeça.

— Li qualquer coisa acerca disso, sim.

— Mas o que tu não sabes é que a equipa de assassinos caiu direitinha numa armadilha engendrada pelo MI5 e a CIA. E o agente da CIA responsável pela parte americana da coisa era um velho amigo teu.

Delaroche olhou furiosamente para o Director.

— O Osbourne?

O Director assentiu com a cabeça.

— Escusado será dizer que a Brigada para a Libertação do Ulster gostaria de ver tanto o embaixador como o genro mortos, e nós concordámos em fazer-lhes esse trabalho.

— Com que objectivo?

— A brigada gostaria de destruir o processo de paz e, sinceramente, nós também. É mau para o negócio. Daqui a menos de duas semanas, no Dia de São Patrício, o presidente Beckwith vai presidir a um encontro entre dirigentes norte-irlandeses na Casa Branca. O Douglas Cannon vai lá estar.

— Tem a certeza disso?

— Tenho uma fonte seguríssima. Os americanos são bons a protegerem os embaixadores deles no estrangeiro, mas em casa a história é bem diferente. O Cannon não vai ter grande guarda, se a tiver sequer. Um profissional com o teu talento não deverá ter dificuldades em cumprir os termos do contrato.

— E tenho alguma escolha?

— Deixa-me recordar-te que te pago uma quantidade tremenda de dinheiro e te providencio protecção — respondeu o Director com frieza. — Em troca, tu matas para mim.

É um acordo simples.

Sempre se tinha comportado como um velho e confuso fidalgo na presença de Delaroche, mas era evidente que se tratava de um homem que utilizaria quaisquer meios ao seu dispor para atingir os seus fins.

— Na verdade, até tinha pensado que ficarias encantado com a oportunidade de enfrentar o teu velho inimigo — prosseguiu ele.

— E porque é que partiu desse princípio?

— Por causa da Astrid Vogel. Fico espantado que não tenhas já matado o Osbourne por tua conta.

— Não o matei porque não fui contratado para o matar — respondeu Delaroche. — Sou um assassino profissional, não um homicida.

— Algumas pessoas seriam capazes de ver nisso uma distinção

inquestionável, mas compreendo o teu ponto de vista e respeito-te por isso. No entanto, o Osbourne continua a ser uma ameaça séria à nossa segurança. Eu dormiria melhor se ele já não estivesse entre nós.

Delaroché deteve-se e virou-se para ficar cara a cara com o Director.

— Duas semanas não são muito tempo... especialmente para um trabalho nos Estados Unidos.

— É com certeza tempo suficiente para ti. Delaroché assentiu.

— Vou fazê-lo.

— Ótimo — disse o Director. — E agora que concordaste em aceitar o contrato, há um senão. Gostava que trabalhasses com um parceiro.

— Eu não trabalho com pessoas que não conheço.

— Compreendo, mas estou a pedir-te que abras uma excepção neste caso.

— E quem é ele?

— Ela, na verdade. Chama-se Rebecca Wells. É a mulher que sobreviveu à tentativa da Brigada para a Libertação do Ulster de assassinar o Douglas Cannon em Inglaterra.

— É uma amadora — afirmou Delaroché.

— É uma agente experimentada e já teve o seu baptismo de sangue. Por razões políticas, achamos ser importante que ela faça parte da operação. Tenho a certeza de que vais apreciar a oportunidade de trabalhar com ela.

— E se eu recusar?

— Então, lamento dizê-lo, mas perdes o direito ao teu salário e à protecção que eu te disponibilizo.

— Onde é que ela está?

O Director apontou com o dedo mais para a frente no caminho de grilha.

— Segue naquela direcção mais ou menos uns cem metros. Hás-de encontrá-la sentada num banco: cabelos louros, a ler o Die Welt. Vou começar a preparar os dossiês e a tratar do teu transporte para a América. Fica aqui em Amesterdão até eu te contactar.

Dito isto, o Director deu meia-volta e desapareceu no nevoeiro que se espalhava pelo Vondelpark.

Delaroché comprou um pequeno mapa do centro de Amesterdão num posto de turismo no parque. Sentou-se no banco ao lado daquele em que Rebecca Wells se encontrava, fingindo obedientemente que lia a edição da véspera do Die Welt. Estava menos interessado na mulher do que no que se estava a passar à volta dela. Durante vinte minutos, sondou caras, à procura de sinais físicos de vigilância. Parecia estar sozinha, mas ele queria ter a certeza. Marcou um ponto no mapa com um círculo e foi ter com ela.

— Vai ter comigo a este sítio daqui a duas horas em ponto — disse, passando-lhe o mapa dobrado. — Não pares de andar e não chegues um minuto antes.

O ponto que Delaroche tinha assinalado no mapa era o Monumento Nacional na Dam Platz. Rebecca Wells deixou-se ficar no Vondelpark por mais meia hora, vagueando pelos jardins e passando pelos lagos sinuosos. A determinada altura, deu meia-volta e voltou para trás agilmente, obrigando Delaroche a enfiar-se numa casa de banho pública para se esconder.

Do parque foi até ao Museu Van Gogh. Comprou um livre-trânsito na bilheteira, na porta principal, e entrou. Delaroche seguiu-a com facilidade pelo museu apinhado.

Van Gogh fora uma das suas primeiras influências; distraiu-se com uma das suas obras preferidas, Campo de Trigo com Corvos, e perdeu-a de vista. Reencontrou-a passado um momento, a olhar demoradamente para o Quarto em Aries. Havia qualquer coisa no quadro colorido, uma celebração da paz doméstica por Van Gogh, que parecia intrigá-la.

Saiu do museu, deambulou pelo Albert Cuypmarkt e passeou pelo Singel até chegar ao rio Amstel. Foi aí que saltou de repente para dentro de um eléctrico que ia a passar. Delaroche fez sinal a um táxi para parar e seguiu-a.

Ela foi de eléctrico até à Leidseplein e continuou a pé até um café ao ar livre, próximo do American Hotel, onde bebeu café e comeu um bolo. Delaroche observou-a de um café do outro lado do canal. Ela pagou a conta e levantou-se, mas em vez de seguir o seu caminho pelo passeio refugiou-se dentro do café.

Delaroche atravessou o canal rapidamente. Em holandês, perguntou ao empregado se tinha visto a sua namorada — uma irlandesa, loura oxigenada. O empregado apontou para a casa de banho com a cabeça. Delaroche bateu à porta. Como ninguém respondeu, abriu-a; a mulher tinha desaparecido. Espreitou pela cozinha e viu que havia uma entrada de serviço que dava para uma viela estreita. Atravessou a cozinha, ignorando os protestos dos chefes que lá estavam a trabalhar, e entrou na viela. Não havia sinais dela.

Apanhou o eléctrico para a Dam Platz e encontrou-a sentada junto a um dos leões à frente do Monumento Nacional. Olhou para o relógio e sorriu.

— Onde é que estiveste? — perguntou. — Estava preocupada contigo.

— Não estás a ser seguida — respondeu Delaroche, sentando-se ao lado dela —, mas mexes-te como uma amadora.

— Despistei-te... não foi?

— Sou um homem a pé. Qualquer pessoa consegue despistar um

homem a pé.

— Ouve-me bem, meu sacana. Eu sou de Portadown, na Irlanda do Norte. Não me fodas. Tenho frio, estou cansada e já estou farta desta merda. O velho disse que ias dar-me um sítio onde ficar. Vamos embora.

Caminharam em silêncio pelo Prinsengracht até chegarem ao Krista. Delaroche saltou para o convés da popa e estendeu a mão para que Rebecca fizesse o mesmo. Ela deixou-se ficar onde estava, olhando-o fixamente como se ele fosse louco.

— Se pensas que vou viver na merda de uma barçaça...

— Não é uma barçaça — interrompeu ele. — Agarra a minha mão. Eu mostro-te.

Subiu a bordo da casa flutuante sem a ajuda dele e observou-o a abrir o cadeado da escotilha por cima da escada. Seguiu-o até lá abaixo, ao salão, e olhou em redor, para a mobília confortável.

— Este barco é teu? — perguntou.

— É de um amigo meu.

Ela tentou acender um dos candeeiros, mas quando carregou no interruptor não aconteceu nada. Delaroche voltou a subir para o convés, desligou o cabo de alimentação do barco e ligou-a outra vez a uma tomada pública na calçada. Passado um instante, o salão do Krista irradiou com uma luz quente.

— Tens dinheiro? — perguntou Delaroche, ao descer novamente a escada.

— O velho deu-me algum — respondeu ela. — Quem é ele, já agora?

— Chama-se o Director.

— Director do quê?

— O director da organização que está a ajudar-te a matar o embaixador.

— E como é que ela se chama? Delaroche ficou calado.

— Não sabes como é que se chama?

— Sei — respondeu.

— Sabes quem é que faz parte dela?

— Estou resolvido a descobrir.

Ela atravessou o salão e sentou-se na borda da cama de Astrid. Delaroche acendeu o pequeno aquecedor.

— E tu tens nome? — perguntou ela.

— Às vezes — respondeu ele.

— Como é que te devo chamar?

— Podes ficar aqui até partirmos para a América — disse Delaroche, ignorando a pergunta. — Vais precisar de roupa lavada e de comida. Vou trazer-te umas coisas mais para a tarde. Fumas?

Ela acenou com a cabeça.

Delaroche atirou-lhe um maço de tabaco.

— Trago-te mais.

— Obrigada.

— Sabes mais alguma língua?

— Não — respondeu ela.

Delaroche soltou um longo suspiro e abanou a cabeça.

— Não precisava de outras línguas para actuar na Irlanda do Norte.

— Isto não é a Irlanda do Norte — respondeu ele. — E consegues fazer alguma coisa em relação a esse sotaque?

— O que é que o meu sotaque tem de mal?

— Mais valia pendurares uma faixa da Ordem de Orange ao peito.

— Consigo falar como uma inglesa.

— Faz isso, por favor — disse ele, subindo depois a escada pesadamente e fechando a escotilha ao sair.

Capítulo 34

SEDE DA CIA, WASHINGTON

Uma semana após o encontro de Delaroche com o Director em Amesterdão, Michael Osbourne regressou ao Centro de Contraterrorismo pela primeira vez desde que saíra de Londres. Introduziu o seu código na porta de segurança e entrou. Cáter estava sentado à secretária, debruçado sobre uma pilha de memorandos, claramente irritado.

Levantou os olhos e fixou-os em Michael, franzindo o sobrolho.

— Ora vejam bem, Sir Michael resolveu honrar-nos com a sua presença — disse Cáter.

— É um título de cavaleiro honorário. Vossa Majestade chega perfeitamente.

Cáter sorriu.

— Bem-vindo a casa. Sentimos a tua falta. Está tudo bem?

— Não podia estar melhor.

— Tens dez minutos para te pores ao corrente da situação. Depois preciso de te ver a ti e à Cynthia no meu gabinete.

— Ótimo. Vemo-nos daqui a meia hora.

Michael percorreu a Avenida Abu Nidal até ao seu cubículo. Um dos espirituosos do centro tinha pendurado uma grande bandeira do Reino Unido sobre a parede do cubículo e ouvia-se o God Save the Queen a sair baixinho de um pequeno leitor de cassetes.

— Muito engraçado — disse Michael em voz alta, para ninguém em especial.

Blaze e Eurotrash apareceram, seguidos por Cynthia Martin e Gigabyte.

.- Nós só queríamos arranjar um bocadinho o sítio para ti, Sir Michael — disse Blaze. — Sabes, fazer com que se parecesse um bocadinho menos com Langley e um bocadinho mais com a tua pátria.

— Foi muito atencioso da vossa parte.

Blaze, Eurotrash e Gigabyte afastaram-se, cantando uma versão gutural de "He Is an Englishman"^[36]. Cynthia deixou-se ficar e sentou-se na cadeira em frente à secretária de Michael.

— Parabéns, Michael. Conseguiu sacar uma bela jogada.

— Obrigado. Fico grato por isso.

— Secretamente, acho que estava com esperanças de que te estampasses por completo. Nada pessoal, compreendes.

— Pelo menos, isso é sincero.

— A honestidade sempre foi uma fonte de angústia para mim. Michael sorriu.

— O meu sogro vem a Washington uns dias antes do início da conferência sobre a Irlanda do Norte na Casa Branca. Quer passar algum tempo com os netos e ver alguns dos velhos amigos do Congresso. Vamos dar um pequeno jantar na véspera da conferência. Porque é que não te juntas a nós? Eu sei que o Douglas iria dar grande valor à tua opinião.

— Adoraria ir.

Michael escreveu numa folha de papel e entregou-lha.

— As sete em ponto — disse.

— Lá estarei — respondeu Cynthia, dobrando o papel. — Vemos no gabinete do Cárter.

Michael sentou-se, ligou o computador e leu os telegramas da noite anterior. Uma patrulha da RUC tinha descoberto um carro carregado com noventa quilos de Semtex no condado de Antrim, à saída de Belfast. Pensava-se que um grupo separatista republicano intitulado Verdadeiro IRA era o responsável. Michael fechou o telegrama e abriu outro. Um católico tinha sido morto a tiro perto de Banbridge, no condado de Down. A RUC suspeitava que a Força de Voluntários Lealistas, um grupo extremista protestante ultraviolento, era a responsável. Michael abriu o telegrama seguinte. A loja de Portadown da Ordem de Orange tinha entregado o percurso que propunha para a sua parada anual. Uma vez mais, reivindicava o direito de se manifestar na Garvaghy Road. A temporada das marchas daquele Verão prometia ser tão pródiga em confrontos como a anterior.

Desligou o computador e entrou no gabinete de Cárter. Cynthia já lá estava.

— Espero que vocês os dois não estejam a pensar ter vida própria durante as próximas quarenta e oito horas — atirou Cárter.

— A nossa vida é a CIA, Adrian — respondeu Michael.

— Acabei de falar ao telefone com o Bill Bristol.

— E nós devemos ficar impressionados por teres falado com o conselheiro do presidente para a segurança nacional?

— És capaz de te calar por um minuto, porra, e de me deixares terminar?

Cynthia Martin sorriu e olhou para o seu bloco de notas. Cárter disse:

— O Beckwith anda todo stressado com a conferência sobre a

Irlanda do Norte. Parece que os números dele nas sondagens andam a baixar e quer utilizar o processo de paz para fazer aumentar os seus índices de aprovação.

— Mas que bem — soltou Michael. — E como é que nós podemos ser úteis?

— Garantindo que ele está totalmente preparado para a conferência. Ele precisa de ter um quadro completo da situação no terreno no Ulster. Precisa de documentação e de informação para saber até onde é que pode pressionar os lealistas e os nacionalistas para fazer com que as coisas avancem. Precisa de saber se nós achamos que uma viagem presidencial à Irlanda do Norte é ou não uma boa ideia, dado o clima que se vive.

— Quando?

— Tu e a Cynthia vão fazer um relatório ao Bristol na Casa Branca depois de amanhã.

— Oh, que bom, pensei que ia ser uma coisa descabida.

— Se acharem que não conseguem dar conta do recado...

— Nós conseguimos dar conta do recado.

— Bem me parecia.

Michael e Cynthia levantaram-se. Cártter disse:

— Espera um minuto, Michael.

— Querem falar de mim nas minhas costas? — perguntou

Cynthia.

— Como é que adivinhaste? — respondeu Adrian.

Cynthia lançou um olhar carrancudo a Cártter e saiu do gabinete.

Cártter disse:

— Não faças planos para o almoço.

A sala de jantar da CIA fica no sétimo andar, por trás de uma pesada porta de metal com aspecto de poder ir dar à casa das máquinas. Dantes chamavam-lhe sala de jantar executiva, até que o Departamento de Recursos Humanos descobriu que os quadros subalternos achavam o nome ofensivo. A CIA desembaraçou-se da palavra "executiva" e abriu o restaurante a todos os empregados. Tecnicamente, os trabalhadores da doca de carga e descarga podiam ir até ao sétimo andar para almoçar com os directores-adjuntos e os chefes de divisão. Ainda assim, a maior parte dos quadros preferia a enorme cafeteria na cave, afectuosamente conhecida como "o fosso da mistela", onde podiam trocar mexericos à vontade sem medo de serem ouvidos pelos superiores.

Mónica Tyler estava sentada a uma mesa junto à janela, com vista para as árvores grossas dispostas ao longo do rio Potomac. Os seus dois sempre presentes factótuns, conhecidos de forma jocosa como Tweedledum e Tweedledee, estavam sentados ao lado dela, cada um agarrando com força uma pasta de couro como se estas contivessem os

segredos perdidos do mundo antigo. As mesas à volta estavam vazias; Mónica Tyler possuía um talento para criar espaço vazio em seu redor, de forma bastante semelhante a um psicopata com um punhado de dinamite.

Continuou sentada quando Michael e Cárter entraram na sala e se sentaram. Uma empregada trouxe os menus e as outras cartas. Na sala de jantar, os convidados não faziam os seus pedidos oralmente; em vez disso, tinham de preencher um pequeno formulário meticulosamente e fazer o somatório da própria conta. Os espirituosos da agência afirmavam na brincadeira que os formulários eram recolhidos ao final de cada dia e enviados para o Departamento de Recursos Humanos para uma avaliação psicológica. Cárter procurou em vão que Mónica se deixasse envolver numa conversa de circunstância enquanto se debatia com o complexo formulário de pedidos. Michael sabia que a refeição iria ser cobrada ao gabinete da Directora e, por isso, escolheu os artigos mais caros do menu: cocktail de camarão, bolos de caranguejo grelhado e creme brâlée para a sobremesa. Tweedledee preencheu o formulário de Mónica por ela.

— Agora que conseguiste neutralizar a Brigada para a Libertação do Ulster — começou por dizer de repente Mónica —, nós achamos que estás na altura de saíres do destacamento especial dedicado à Irlanda do Norte e passares para uma coisa mais produtiva.

Michael olhou para Cárter, que encolheu os ombros.

— E quem são esses nós? — perguntou Michael.

Mónica levantou os olhos da salada como se tivesse achado a pergunta impertinente.

— O sétimo andar, claro.

— Por acaso, estava com esperanças de poder passar mais tempo a trabalhar no caso Outubro — disse Michael.

— Por acaso, tenciono retirar-te por completo do caso Outubro. Michael afastou o prato de camarão meio comido e pousou o guardanapo em cima da mesa.

— Uma parte do nosso acordo em relação ao meu regresso à CIA era que me seria permitido passar parte do meu tempo à procura dele. Porque é que estás a tentar fugir ao nosso acordo?

— Para ser sincera contigo, Michael, o Adrian achou que deixar-te ir atrás do Outubro poderia ser suficiente para te atrair de volta ao centro. Mas eu nunca achei grande coisa da ideia e continuo a não achar. Mais uma vez, provaste ser um agente eficaz, e seria negligente da minha parte se permitisse que continuasses a trabalhar num caso que é pouco provável que produza frutos.

— Mas já produziu frutos, Mónica. Provei que o Outubro ainda está vivo e que continua em actividade como assassino e terrorista.

— Não, Michael, tu não provaste que ele está vivo. Tu lançaste a

teoria de que ele ainda está vivo, com base na ampliação da fotografia de uma mão. Isso está muito longe de ser uma prova irrefutável.

— Nós raramente lidamos com provas irrefutáveis neste ramo, Mónica.

— Não me pregues sermões, Michael.

Calaram-se quando a empregada apareceu e levantou a mesa depois do primeiro prato.

— Enviámos um alerta à Interpol — recomeçou Mónica. — Avisámos os nossos aliados. Não há muito mais que possa ser feito. Neste momento, trata-se de uma questão de polícia e isto não é uma agência policial.

— Não concordo — respondeu Michael.

— Com que ponto?

— Tu sabes com que ponto.

Os acólitos de Mónica agitaram-se nos seus lugares com inquietação. Cárter começou a catar um fio solto da toalha de mesa. Nada enfurecia mais Mónica Tyler do que ser desafiada por alguém que se encontrasse abaixo dela na cadeia alimentar da agência.

— Alguém contratou o Outubro para assassinar o Ahmed Hus-sein — prosseguiu Michael. — Alguém está a disponibilizar-lhe protecção, documentos para viajar e dinheiro.

Precisamos de descobrir quem está a patrociná-lo. E isso é um trabalho de espionagem, Mónica, não de polícia.

— Mais uma vez, Michael, estás a partir do princípio de que o Outubro era o homem que estava no Cairo. Pode ter sido um agente dos serviços secretos israelitas.

Pode ter sido um membro do Hamas que fosse rival dele. Pode ter sido um assassino da OLP.

— Pode ter sido um pato à Pequim, mas não era. Era o Outubro.

— Não concordo.

Sorriu, demonstrando que se tinha servido das palavras de Michael intencionalmente. Os olhos dela vasculhavam-no sem parar, de um lado para o outro, como se estivessem à procura do melhor sítio para lhe inserir um punhal.

Michael rendeu-se.

— E o que é que tens em mente para mim?

— O processo de paz no Médio Oriente está a dar as últimas — respondeu ela. — O Hamas anda a colocar bombas em Jerusalém e nós recebemos indicações de que a Espada de Gaza está prestes a entrar em acção na Europa. Com toda a probabilidade, isso significa que irão visar americanos. Quero que termines os preparativos para a conferência na Casa Branca sobre a Irlanda do Norte e, a seguir, quero-te outra vez a tratar da Espada de Gaza.

— E se eu não estiver interessado?

— Então, receio que o teu regresso à CIA, embora altamente bem-sucedido, vá ser bastante breve.

Morton Dunne era para a CIA aquilo que "Q" era para os serviços secretos de James Bond. Chefe-adjunto da divisão dos Serviços Técnicos, Dunne era o criador de canetas que explodiam e de microfones transmissores de alta frequência que podiam ser escondidos na fivela de um cinto. Era um engenheiro electrotécnico formado no MIT que podia estar a ganhar cinco vezes mais no sector privado do que o salário que auferia a trabalhar para o Estado. Escolheu a CIA porque a parafernália de espionagem sempre o havia intrigado. No seu tempo livre, fazia a manutenção das antigas câmaras e armas de espionagem instaladas no museu improvisado da agência. E também era um dos principais criadores, em todo o mundo, de papagaios experimentais. Ao fim-de-semana, podia ser encontrado na Ellipse, a fazer voar as suas criações em redor do Monumento de Washington. Uma vez, colocou uma câmara em miniatura de alta resolução num papagaio e fotografou cada centímetro quadrado do relvado sul da Casa Branca.

— Tens autorização para isto, suponho — disse Dunne, sentado diante de um grande ecrã de computador.

Era o protótipo de um licenciado do MIT — magro, pálido como um habitante das cavernas, com óculos de armações de metal que estavam sempre a escorregar-lhe pela cana do nariz estreito.

— Não posso fazer isto sem autorização do teu chefe.

— Eu trago-ta mais logo, mas preciso das fotos agora.

Dunne colocou as mãos no teclado.

— Como é que era o nome dele?

— Outubro. Aquele que fizemos o mês passado para o alerta para a Interpol.

— Oh, sim, já me lembro — disse Dunne, com os dedos a matraquearem no teclado.

Passado um momento, a cara de Outubro surgiu no ecrã.

— E que queres que eu faça?

— Acho que ele é capaz de ter feito uma operação plástica para mudar de cara — disse Michael. — Tenho quase a certeza de que o trabalho foi feito por um francês chamado Maurice Leroux.

— O doutor Leroux pode ter feito todo o tipo de coisas para lhe alterar a aparência.

— Podes mostrar-me umas quantas? — pediu Michael. — Podes fazer uma série completa? Mudar-lhe o cabelo, pôr-lhe uma barba, tudo.

— Vai demorar um bocado.

— Eu espero.

— Senta-te ali — disse Dunne. — E, por amor de Deus, Osbourne, não mexas em nada.

Foi logo a seguir à meia-noite que o carro com motorista de Mónica Tyler chegou ao complexo de Harbor Place, na zona costeira de Georgetown. O guarda-costas abriu-lhe a porta e seguiu-a pelo átrio de entrada até ao elevador. Acompanhou-a à porta do apartamento e deixou-se ficar ali quando ela entrou.

Mónica pôs a água a correr na banheira gigante e despiu-se. Já era quase manhã em Londres. O Director era conhecido por se levantar muito cedo; ela sabia que ele estaria sentado à secretária dali a poucos minutos. Enfiou-se na banheira e deixou-se descontraír na água quente. Depois de terminar, embrulhou-se num grosso roupão branco.

Foi até à sala de estar e sentou-se atrás da secretária de mogno. Havia aí três telefones: um telefone normal com oito linhas, um telefone interno para Langley e um telefone especial seguro que lhe permitia ter conversas sem medo de haver alguém à escuta. Olhou para o relógio de ouro de antiquário que tinha sobre a secretária, um presente da sua antiga firma na Wall Street: 0h45.

Mónica lembrou-se das circunstâncias — as coincidências, as alianças políticas e os acasos felizes — que a tinham conduzido até ao topo da CIA. Terminara o curso na Faculdade de Direito de Yale em segundo lugar, mas, em vez de partir para uma grande firma, acrescentou ao currículo um MBA em Harvard e foi para a Wall Street ganhar dinheiro. Foi lá que conheceu Ronald Clark, angariador de fundos republicano e um homem astuto que entrava e saía de Washington consoante os republicanos controlavam ou não a Casa Branca. Mónica seguiu Clark para o Tesouro, Comércio, Negócios Estrangeiros e Defesa. Quando o presidente Beckwith o nomeou como director da CIA, Mónica tornou-se a directora executiva, o segundo cargo mais poderoso na agência. Quando Clark decidiu reformar-se, Mónica fez lóbi no sentido de ser escolhida para o cargo principal e Beckwith concedeu-lho.

Ronald Clark deixou-lhe uma CIA num estado de desordem. Uma série de outros casos de espionagem, incluindo o caso Aldrich Ames, tinha devastado o moral. A agência não tinha conseguido prever que tanto a Índia como o Paquistão se encontravam prestes a fazer explodir engenhos nucleares ou que o Irão e a Coreia do Norte estavam prestes a testar mísseis balísticos capazes de atingirem os seus vizinhos. Durante as audiências para a sua homologação, vários senadores insistiram com ela para que justificasse o tamanho e o custo da CIA; um deles interrogou-se alto e bom som se os Estados Unidos precisariam realmente de uma CIA numa altura em que a guerra fria tinha terminado.

Supostamente, ela deveria ser uma espécie de mera caseira, alguém que mantivesse a cadeira no gabinete do director da CIA quente durante um par de anos, até o sucessor de Beckwith poder nomear o seu chefe dos serviços secretos. Mas ela revelou-se incapaz de desempenhar o papel de caseira e deu início à missão de se tornar indispensável a quem quer que se sentasse na Sala Oval depois de Beckwith; republicano ou democrata.

Achava-se a única pessoa em Langley com a visão para conduzir a CIA pelo terreno instável do período pós-guerra fria. E também tinha estudado a história da espionagem. Sabia que por vezes era necessário sacrificar alguns de maneira a garantir a sobrevivência de muitos. Sentia uma afinidade com os agentes especialistas em logro durante a Segunda Guerra Mundial, que enviavam homens e mulheres para a morte de modo a enganar a Alemanha nazi. Nunca iria permitir que a CIA fosse castrada. Nunca iria permitir que os Estados Unidos ficassem sem um serviço de informações conveniente. E iria fazer tudo para se assegurar de que era ela quem comandava as operações. E era por isso que tinha aderido à Sociedade e que seguia o seu código.

A uma da manhã, levantou o auscultador do telefone seguro e marcou um número. Passados alguns segundos, ouviu a voz agradável e educada da assistente do Director, Daphne. A seguir, o Director veio ao telefone.

— Já não precisa de se preocupar com o Osbourne — disse ela. — Foi-lhe atribuído um novo caso e o processo referente ao caso Outubro foi efectivamente arquivado.

No que à CIA diz respeito, o Outubro está morto e enterrado.

— Muito bem — disse o Director.

— E onde é que está a encomenda?

— A caminho das Caraíbas — respondeu ele. — Deve estar a chegar aos Estados Unidos durante as próximas trinta e seis a quarenta e oito horas. E depois estará tudo terminado.

— Excelente — disse ela.

— Confio que transmitirás quaisquer informações que possam ajudar a encomenda a chegar a tempo ao seu destino.

— Claro, Director.

— Eu sabia que podia contar contigo. Bom dia, Picasso — disse o Director, e a ligação foi interrompida.

Capítulo 35

BAÍA DE CHESAPEAKE, MARYLAND

O Boston Whaler ia ressaltando nas águas agitadas da baía de Chesapeake. O céu estava limpo e a noite, fria de rachar; uma brilhante lua de quarto crescente flutuava lá no alto, acima do horizonte a leste. Delaroche tinha apagado as luzes de presença pouco depois de entrar na embocadura da baía. Esticou o braço e carregou num botão da unidade de navegação instalada no painel de instrumentos. O sistema GPS calculou automaticamente a longitude e a latitude exactas a que se encontrava; estavam no centro das movimentadas rotas de navegação do canal de Chesapeake.

Rebecca Wells estava ao seu lado, segurando com força o leme da segunda consola do Whaler. Sem falar, apontou para o lado de lá da proa. A frente deles, talvez a um quilómetro e meio, brilhavam os faróis de um navio de carga. Delaroche virou alguns graus a bombordo e avançou a toda a velocidade pelas águas pouco fundas da margem ocidental.

Tinha planeado meticulosamente o seu percurso pela baía de Chesapeake durante a longa viagem de Nassau até à costa leste. Tinham efectuado essa etapa da viagem a bordo de um grande iate a caminho do oceano, pilotado por um par de antigos homens da SAS pertencentes à Sociedade. Ele e Rebecca ficaram em camarotes de luxo contíguos.

De dia, estudavam mapas de Chesapeake, analisavam os dossiês de Michael Osbourne e Douglas Cannon e memorizavam as ruas de Washington. A noite, iam até ao convés da popa e treinavam a pontaria com as Beretta de Delaroche. Rebecca pressionou-o para que lhe dissesse o nome dele, mas, de cada vez que perguntava, Delaroche limitava-se a abanar a cabeça e mudava de assunto. Sentindo-se frustrada, baptizou-o de "Pierre", o que Delaroche detestou. Na última noite a bordo do iate, admitiu que não tinha um nome verdadeiro mas que, se ela achava que era necessário referir-se a ele como qualquer coisa, então devia chamar-lhe Jean-Paul.

Delaroche continuava furioso por ser obrigado a trabalhar com a mulher, mas o Director tinha tido razão numa coisa: ela não era amadora nenhuma. O conflito na Irlanda do Norte tinha-lhe aguçado

ao máximo as capacidades. Possuía uma memória soberba e instintos operacionais perfeitos. Era alta e bastante forte para uma mulher, e, após três noites de treino com a Beretta, já era uma atiradora mais do que razoável. Delaroche estava preocupado apenas com uma coisa — o idealismo dela. Ele só acreditava na sua arte. Os fanáticos enervavam-no. Em tempos, Astrid Vogel tinha sido uma crente como Rebecca — quando fazia parte do grupo terrorista comunista da Alemanha Ocidental, a Facção Exército Vermelho —, mas, quando ela e Delaroche trabalharam juntos, já tinha descartado os seus ideais e estava naquilo apenas pelo dinheiro.

Delaroche tinha decorado todos os pormenores de Chesapeake — os bancos de areia, os rios e as baías, os terrenos planos e os promontórios. Tudo o que necessitava era de uma indicação do GPS para saber exactamente onde se encontrava em relação a terra. Tinha passado Sandy Point, Cherry Point e Windmill Point. Quando chegou a Bluff Point, já se sentia hirto e dorido do frio. Desligou os motores e beberam café quente de um termos.

Verificou a unidade de navegação GPS: 38,50 graus de latitude por 76,31 graus de longitude. Sabia que estava a aproximar-se de Curtis Point, um promontório na embocadura do West River. O seu destino era o South River, o rio seguinte por onde entrava o mar e que ia desembocar na baía, vindo de Maryland, mais ou menos a cinco quilómetros e meio a norte. Ao passar Saunders Point, viu a primeira luz do dia surgir a leste, a estibordo do Whaler. Contornou Turkey Point e sentiu o empurrão ligeiro da maré vinda do South River.

Acelerou a fundo, subindo o rio para nordeste. Queria chegar a costa e estar na estrada antes de amanhecer. Passou a grande velocidade por Mayo Point e Brewer Point, Glebe Bay e Crab Creek. Passou por baixo de uma ponte e depois de outra. Chegou à desembocadura de um ribeiro e verificou a unidade de navegação para ter a certeza de que se tratava do Broad Creek. A maré estava a baixar e tinha deixado o ribeiro com menos água do que os mapas haviam prometido; por duas vezes, Delaroche saltou para dentro da água gélida e empurrou o Whaler, desencalhando-o do fundo.

Por fim, atingiu a nascente do ribeiro. Encalhou o Whaler num pedaço de relva pantanosa, desligou o motor, pulou para terra e, puxando pela corda da proa, arrastou o barco mais para dentro do pântano.

Rebecca trepou para o compartimento da frente e pegou num grande saco de lona repleto de material: roupa, dinheiro e equipamento electrónico. Entregou o saco a Delaroche e, a seguir, desceu do barco para o pântano encharcado. O carro estava estacionado num caminho de terra batida, exactamente onde o Director tinha dito que estaria: um grande Volvo preto, com matrícula

do Quebeque.

Delaroche tinha uma chave. Abriu o porta-bagagens e atirou o saco lá para dentro. Seguiu por uma série de estradas com duas faixas durante vários quilómetros, passando por terras de cultivo e pastagens iluminadas pelo sol, até chegar à Route 50. Virou para a auto-estrada e seguiu para leste, em direcção a Washington.

Uma hora depois de irem buscar o Volvo, entraram em Washington pela New York Avenue, um corredor de passagem imundo utilizado por quem entrava e saía da cidade diariamente, que se estendia da secção nordeste da cidade até aos subúrbios de Maryland. Delaroche tinha parado uma vez numa estação de serviço à beira da estrada para que ele e Rebecca pudessem mudar-se e vestir roupas mais apropriadas. Atravessou a cidade pela Massachusetts Avenue e parou junto ao caminho de acesso ao hotel em Embassy Row, perto de Dupont Circle. Tinham uma reserva à espera deles, em nome do senhor Clau-de Duras e esposa, de Montreal.

As exigências da história que lhes servia de disfarce obrigaram-nos a partilhar o mesmo quarto. Dormiram até meio da tarde, Rebecca na cama de casal e Delaroche no chão, com a coberta da cama a fazer as vezes de colchão. Acordou de repente, às quatro da tarde, surpreendido pelo que o rodeava, e deu-se conta de que tinha estado a sonhar outra vez com Maurice Leroux.

Pediu, que lhe trouxessem café ao quarto e bebeu-o enquanto guardava vários artigos numa mochila de nylon azul: duas peças de equipamento electrónico sofisticado, dois telemóveis, uma lanterna, várias ferramentas pequenas e uma Beretta de nove milímetros. Rebecca saiu da casa de banho, trazendo calças de ganga azuis, ténis e uma camisola de mangas compridas com as palavras Washington, d. c. e uma imagem da Casa Branca bordadas.

— Como é que estou? — perguntou.

— O teu cabelo está demasiado louro — respondeu Delaroche, enfiando a mão no saco de lona e atirando-lhe um boné de baseball. — Põe isso.

Telefonou para a recepção e pediu ao camareiro para ter o Volvo à espera deles. Seguiu para oeste no carro, percorrendo a P Street. Havia um mapa turístico no tabliê, que Delaroche não se deu ao trabalho de abrir; as ruas de Washington, tal como as águas de Chesapeake, estavam-lhe gravadas na memória.

Entrou em Georgetown e foi avançando pelas ruas sossegadas e repletas de folhas. Era considerado o bairro mais chique de Washington, com passeios em tijoleira e grandes casas no estilo de arquitectura federal, mas para Delaroche, cujo olhar estava habituado aos canais e às casas com empenas de Amesterdão, tudo parecia bastante prosaico.

Continuou para oeste, pela P Street, até chegar à Wisconsin Avenue. Aí, seguiu para sul, acompanhado pelo ritmo pulsante da música rap que vibrava do BMW dourado atrás de si. Virou para a N Street e a loucura da Wisconsin Avenue dissipou-se lentamente, ficando para trás.

A casa estava vazia, exactamente como Delaroche sabia que estaria. O embaixador Cannon chegaria de Londres na tarde do dia seguinte. Ia dar um jantar privado para amigos e família nessa noite. Um dia depois, participaria numa conferência sobre a Irlanda do Norte na Casa Branca e, a seguir, estaria presente num conjunto de recepções nocturnas, da responsabilidade das partes participantes nas conversações. Estava tudo no dossiê do Director.

Delaroche estacionou à esquina da casa, na Thirty-third Street. Colocou uma máquina fotográfica ao pescoço e passeou-se pelo quarteirão sossegado, de braço dado com Rebecca, parando aqui e ali para admirar as grandes casas citadinas de tijolo com a luz a jorrar das janelas. Era bastante parecido com Amesterdão, pensou, a maneira como as pessoas deixavam as cortinas abertas e permitiam que quem passasse lhes olhasse para dentro de casa e avaliasse as suas posses.

Já lá tinha estado antes; sabia os desafios que a N Street colocava a um homem como ele. Não havia cafés onde pudesse demorar-se a beber um café, não havia lojas para fazer compras como medida de diversão, não havia praças nem parques para passar o tempo sem atrair atenção — apenas grandes e dispendiosas casas, com vizinhos metedichos e sistemas de segurança.

Passaram à frente da casa dos Osbourne. Um grande carro preto estava estacionado do outro lado da rua. Sentado ao volante, estava um homem com uma gabardina castanho-clara, a ler a secção desportiva do The Washington Post. Lá se ia a teoria do Director de que seria fácil matar o embaixador Cannon enquanto ele estivesse em Washington, pensou Delaroche. O homem ainda nem sequer tinha posto os pés na cidade e a casa já se encontrava sob vigilância.

Parou a um quarteirão de distância e tirou fotografias à casa onde John Kennedy tinha vivido quando era um senador do Massachusetts. Alguns secretários ministeriais viviam em Georgetown; as suas casas estavam sob vigilância constante. Se o funcionário em questão estivesse envolvido em matérias de segurança nacional, como o secretário de Estado ou o secretário da Defesa, os seus guarda-costas poderiam até manter um posto permanente num apartamento vizinho. Mas Delaroche estava convicto de que as medidas de segurança para Douglas Cannon consistiam inteiramente no homem com a gabardina castanho-clara — pelo menos, até àquele momento.

Seguiu, com Rebecca atrás, para sul pela Thirty-first Street, cerca de meio quarteirão, até chegarem a uma viela que se estendia por trás

da casa dos Osbourne. Espreitou para a quase escuridão; tal como suspeitava, parecia que as traseiras da casa não se encontravam vigiadas.

Delaroche entregou um telemóvel a Rebecca.

— Fica aqui. Liga se houver algum problema. Se eu não regressar daqui a cinco minutos, vai-te embora e volta para o hotel. Se eu não der notícias durante a próxima meia hora, entra em contacto com o Director e faz um pedido de extracção.

Rebecca assentiu com um aceno de cabeça. Delaroche deu meia-volta e começou a avançar pela viela. Parou atrás da casa dos Osbourne e, a seguir, trepou a vedação habilmente e deixou-se cair num jardim bem arranjado que rodeava uma pequena piscina. Olhou para cima e seguiu as linhas que vinham do posto telefónico na viela até ao ponto em que se ligavam à casa. Atravessou o jardim e ajoelhou-se em frente à caixa do telefone nas traseiras da casa. Abriu o fecho da mochila e tirou as ferramentas e uma lanterna. Segurando a lanterna entre os dentes, desatarraxou os parafusos que seguravam a tampa da caixa e estudou a configuração das linhas durante um momento.

Havia duas linhas com ligação à casa, mas Delaroche apenas possuía o equipamento para pôr uma delas sob escuta. Suspeitou que uma das linhas estava provavelmente reservada para as chamadas e a outra para um fax ou modem. Voltou a enfiar a mão na mochila e tirou um pequeno aparelho electrónico. Ligado à linha telefónica dos Osbourne, iria transmitir um sinal de rádio de alta frequência para o telemóvel de Delaroche, permitindo-lhe monitorizar as chamadas do casal. Delaroche demorou apenas dois minutos a instalar o aparelho na linha principal dos Osbourne e a atarraxar novamente a tampa da caixa do telefone.

O segundo aparelho seria muito mais fácil de instalar, uma vez que necessitava apenas de uma janela. Era um mecanismo de escuta que, quando ligado ao exterior de uma janela, iria detectar a vibração das ondas sonoras no interior da estrutura e convertê-las em áudio simulado. Delaroche prendeu o sensor à parte inferior de uma janela junto à sala de estar principal. Estava escondido por um arbusto, no exterior, e pela aba de uma mesa, no interior da casa. Enterrou a unidade de conversão e transmissão numa zona de adubo vegetal no jardim.

Voltou para trás, seguindo pelo relvado pelo mesmo caminho que tinha feito. Atirou a mochila para o outro lado da vedação e, a seguir trepou-a e deixou-se cair na viela. As duas unidades que tinha acabado de colocar na casa dos Osbourne possuíam um alcance efectivo de três quilómetros, o que lhe possibilitaria monitorizá-los a partir da segurança do seu quarto de hotel em Dupont Circle.

Rebecca estava à espera dele no final da viela.

— Vamos embora — disse ele. Pegou-lhe na mão e regressaram ao Volvo.

Delaroche estava sentado diante de um auscultador do tamanho de uma caixa de sapatos, a testar o sinal do transmissor que tinha colocado na janela dos Osbourne.

Rebecca encontrava-se na casa de banho. Conseguia ouvir o som da água a correr no lavatório. Já estava lá dentro há mais de uma hora. Por fim, a água parou de correr e ela saiu, num roupão de banho do hotel, com o cabelo enrolado numa toalha branca como um xequê. Acendeu um dos cigarros dele e perguntou:

— Funciona?

— O transmissor está a enviar um sinal, mas só vou poder ter a certeza quando estiver alguém dentro de casa.

— Tenho fome — disse ela.

— Pede qualquer coisa para comer ao serviço de quartos.

— Quero sair.

— É melhor ficarmos aqui.

— Andei dez dias enfiada em barcos. Quero sair.

— Veste-te e eu levo-te a qualquer lado.

— Fecha os olhos — disse ela.

Em vez disso, Delaroche voltou-se e ficou de frente para ela. Esticou o braço e puxou-lhe a toalha que tinha à volta da cabeça. O cabelo dela já não possuía um tom louro abrasivo; estava quase preto e brilhava da humidade. De repente, encontrava-se em sintonia com o resto do seu aspecto — os olhos cinzentos, a pele branca e luminosa, o rosto oval. Apercebeu-se de que era uma mulher formidavelmente bonita. Depois ficou zangado; desejou poder esconder-se numa casa de banho com uma garrafa de elixir e sair de lá, passada uma hora, com a sua cara antiga.

Ela pareceu ler-lhe os pensamentos.

— Tens cicatrizes — disse, passando-lhe com um dedo pela linha do maxilar. — O que é que aconteceu?

— A minha cara não era esta. Se nos mantivermos muito tempo neste ramo, uma cara pode tornar-se uma fonte de risco.

O dedo dela já tinha passado da linha do maxilar para a maçã do rosto e tocava agora nos implantes de colagénio logo por baixo da pele.

— Como é que eras antes?

Delaroche arqueou as sobrancelhas e reflectiu sobre a pergunta dela por um instante. Pensou: como descreveria uma pessoa a sua própria aparência? Se dissesse que em tempos tinha sido belo, antes de Maurice Leroux lhe ter destruído a cara, ela poderia achar que era um mentiroso. Sentou-se à secretária e pegou numa folha de papel do

hotel e num lápis.

— Afasta-te por uns minutos — disse.

Ela foi outra vez para a casa de banho, fechou a porta e ligou o secador de cabelo. Ele trabalhou depressa, com o lápis a rabiscar na folha. Depois de terminar, avaliou as suas feições de uma forma bastante desapaixonada, como se pertencessem a uma criatura por ele imaginada.

Enfiou o auto-retrato por baixo da porta da casa de banho. O secador parou de fazer barulho. Rebecca saiu, com a antiga cara de Delaroche nas mãos. Olhou para ele e, a seguir, para a imagem na folha. Beijou o retrato e deixou-o cair no chão. A seguir, beijou Delaroche.

— Quem era ela, Jean-Paul?

— Quem?

— A mulher em que estavas a pensar enquanto fazias amor.

— Eu estava a pensar em ti.

— Não o tempo todo. Eu não estou zangada, Jean-Paul. Não é como se...

Deteve-se antes de poder acabar de dizer aquilo em que estava a pensar. Delaroche interrogou-se sobre o que poderia ela ter dito. Ficou deitada de costas, com a cabeça pousada no abdómen dele e o cabelo escuro espalhado pelo peito. A luz da rua entrava pelas cortinas abertas e caía-lhe sobre o corpo comprido. Tinha a cara ruborizada e arranhada de ter feito amor, mas o resto do corpo era branco-marfim à luz do candeeiro. Era a pele de uma pessoa que raramente tinha visto o sol; Delaroche duvidava que ela alguma vez tivesse posto os pés fora das Ilhas Britânicas antes de ter sido forçada a andar escondida.

— Ela era bonita? E não me mintas mais.

— Sim — respondeu.

— E como é que se chamava?

— Chamava-se Astrid.

— Astrid quê?

— Astrid Vogel.

— Lembro-me de uma mulher chamada Astrid Vogel que fazia parte da Facção Exército Vermelho — disse Rebecca. — Abandonou a Alemanha e andou escondida depois de assassinar um polícia alemão.

— Essa era a minha Astrid — confirmou Delaroche, passando com o dedo por cima da borda do seio de Rebecca. — Mas a Astrid não matou o polícia alemão. Eu é que o matei. Ela limitou-se a pagar o preço.

— Então, és alemão? Delaroche abanou a cabeça.

— Então, és o quê? Qual é o teu nome verdadeiro?

Mas ele ignorou a pergunta. Os dedos passaram do seio dela para a parte de fora da caixa torácica. O abdómen de Rebecca reagiu

involuntariamente ao toque dele, retraindo-se repentinamente. Delaroche acariciou-lhe a pele branca do estômago e a parte de cima das coxas. Por fim, ela pegou-lhe na mão e colocou-a entre as pernas. Os olhos fecharam-se-lhe. Uma rajada de vento agitou as cortinas e ela ficou com pele de galinha do calafrio. Tentou tapar o corpo com a coberta, mas Delaroche afastou-a.

— Havia coisas na casa flutuante de Amesterdão que pertenciam a uma mulher — disse ela baixinho, de olhos fechados. — A Astrid vivia naquele barco, não vivia?

— Sim, vivia.

— E tu vivias lá com ela?

— Durante um tempo.

— E fizeram amor na cama por baixo da clarabóia?

— Rebecca...

— Não há problema — interrompeu ela. — Não vais ferir-me os sentimentos.

— Sim, fizemos.

— E o que é que lhe aconteceu?

— Foi morta.

— Quando?

— No ano passado.

Rebecca afastou a mão dele e sentou-se na cama.

— O que é que aconteceu?

— Estávamos a trabalhar juntos numa coisa aqui na América e deu tudo para o torto.

— Quem a matou?

Delaroche hesitou por um momento; tudo aquilo já tinha ido longe de mais. Sabia que devia acabar com a conversa, mas, por alguma razão, queria contar-lhe mais coisas.

Talvez Vladimir tivesse razão. Um homem que vê fantasmas já não consegue comportar-se como um profissional...

— O Michael Osbourne — atirou. — Na verdade, a mulher dele é que a matou.

— Porquê?

— Porque nós fomos enviados para cá para matar o Michael Osbourne — respondeu e, a seguir, parou por uns instantes, com os olhos a percorrerem-na rapidamente. — Às vezes, neste ramo, as coisas não correm como planeado.

— E porque é que foram contratados para matar o Osbourne?

— Porque ele sabia demasiado acerca de uma das operações da Sociedade.

— Qual operação?

— O abate do Voo 002 da TransAdantic no ano passado.

— Julgava que tinha sido abatido por aquele grupo árabe, a

Espada de Gaza.

— Foi abatido a mando de um fornecedor americano de equipamento de defesa chamado Mitchell Elliott. A Sociedade fez com que parecesse que a Espada de Gaza estava envolvida para que a empresa do Elliott pudesse vender um sistema de defesa antimíssil ao governo americano. O Osbourne suspeitava disso e, por isso, eu fui contratado pelo Director para eliminar toda a gente envolvida na operação, bem como o Osbourne.

— E quem é que abateu de facto o avião?

— Um palestiniano chamado Hassan Mahmoud.

— Como é que sabes?

— Sei porque estava lá nessa noite. E porque o matei quando já estava tudo terminado.

Ela afastou-se dele. Delaroche conseguia ver um medo real na cara dela e sentir a cama a abanar ligeiramente por ela estar a tremer. Rebecca puxou o cobertor para o peito para esconder o corpo dele. Ele olhou-a fixamente, sem a mínima expressão no rosto.

— Meu Deus — soltou ela. — Tu és um monstro.

— Porque é que dizes isso?

— Havia mais de duzentas pessoas inocentes naquele avião.

— Então e as pessoas inocentes que os vossos bombistas mataram em Londres e Dublin?

— Nós não o fizemos por dinheiro — rosnou ela.

— Vocês tinham uma causa — disse ele, com desprezo.

— Exactamente.

— Uma causa que tu achas que é justa.

— Uma causa que eu sei que é justa — respondeu ela. —

Enquanto tu és capaz de matar qualquer pessoa desde que o preço seja o certo.

— Meu Deus, mas tu és mesmo uma mulher estúpida, não és? Ela tentou esbofeteá-lo, mas ele agarrou-lhe a mão e segurou-a firmemente, resistindo com facilidade às tentativas dela para se soltar.

— Porque é que julgas que a Sociedade está disposta a ajudar-te? — perguntou Delaroche. — Porque acreditam nos direitos sagrados dos protestantes na Irlanda do Norte?

Claro que não. Porque acham que isso vai beneficiar os seus próprios interesses. Porque acham que isso os fará ganhar dinheiro. A história passou-vos ao lado, Rebecca.

Os protestantes já tiveram o seu tempo na Irlanda do Norte e agora acabou. Por mais bombas, por mais assassínios que haja, não há nada que vá fazer o relógio voltar para trás.

— Se acreditas nisso, porque é que estás a fazer isto?

— Eu não acredito em nada. Isto é o que eu faço. Já matei em nome de todas as causas fracassadas na Europa. A tua é só a mais

recente —: respondeu, largando-a e vendo-a afastar-se, a esfregar a mão como se tivesse tocado em alguma coisa perversa — e espero que a última.

— Eu devia ter continuado a andar naquele dia em Amesterdão.

— Provavelmente, tens razão. Mas agora estás aqui e não tens outro remédio senão ficar comigo, e se fizeres precisamente o que eu te disser até pode ser que sobrevivas.

Nunca mais verás a Irlanda do Norte, mas pelo menos estarás viva.

— Não sei bem porquê, mas duvido — respondeu ela. — Vais matar-me quando isto terminar tudo, não vais?

— Não, não te vou matar.

— Provavelmente, também mataste a Astrid Vogel.

— Eu não matei a Astrid e não te vou matar, Rebecca.

Puxou pelo cobertor e deixou-lhe o corpo à luz. Estendeu-lhe a mão, mas ela continuou parada.

— Pega na minha mão — disse Delaroche. — Eu não vou fazer-te mal. Dou-te a minha palavra.

Rebecca pegou-lhe na mão. Ele puxou-a para junto de si e deu-lhe um beijo na boca. Ela resistiu durante um momento; a seguir, rendeu-se, beijando-o e arranhando-lhe a pele como se estivesse a afogar-se nos seus braços. Quando o conduziu para dentro do corpo dela, ficou subitamente muito quieta, olhando para Delaroche de uma forma tão directa como um animal, enervando-o.

— Gosto mais da tua outra cara — disse ela.

— Eu também.

— Quando tudo isto tiver terminado, talvez possamos ir ter outra vez com o médico que fez isto e ele consiga pôr a tua cara como estava antes.

— Receio que isso não seja possível — respondeu.

Ela pareceu compreender exactamente o que ele estava a dizer.

— Se não me vais matar — disse ela —, então porque é que me contaste os teus segredos?

— Não sei bem.

— Quem és tu, Jean-Paul?

Capítulo 36

WASHINGTON

Na manhã seguinte, Michael e Elizabeth viajaram de avião de Nova Iorque para Washington, acompanhados pelas crianças e Maggie. Separaram-se no National Airport.

Michael seguiu para a Casa Branca num carro grande do governo com motorista, para efectuar o relatório sobre a Irlanda do Norte ao conselheiro para a Segurança Nacional, William Bristol; Elizabeth, Maggie e os filhos entraram todos num carro de serviço, um luxuoso Ford, que os levaria até Georgetown.

Elizabeth já não vinha ao grande prédio de tijolo vermelho, no estilo de arquitectura federal, da N Street há mais de um ano. Adorava a antiga casa, mas, ao subir os degraus de tijolo encurvados, sentiu-se subitamente assaltada por más recordações. Lembrou-se da longa luta com o seu próprio corpo para ter filhos. Lembrou-se da tarde em que Astrid Vogel lá tinha ido para a fazer refém para que o assassino chamado Outubro pudesse assassinar o seu marido.

— Está tudo bem, Elizabeth? — perguntou Maggie. Elizabeth interrogou-se quanto tempo teria estado parada daquela forma, com a chave na mão, incapaz de abrir a porta.

— Sim, está tudo óptimo, Maggie. Só estava a pensar numa coisa.

O alarme chilreou quando ela empurrou a porta da frente. Marcou o código de desactivação e o alarme calou-se. Michael tinha transformado o sítio numa fortaleza, mas ela nunca iria sentir-se completamente segura ali.

Ajudou Maggie a instalar as crianças e depois levou a mala para o quarto, no andar de cima. Estava a abri-la quando a campainha tocou. Desceu para o andar de baixo e espreitou pela vigia da porta. Lá fora, estava um homem de cabelo castanho com um fato azul e uma gabardina castanho-clara.

— O que deseja? — perguntou ela, sem abrir a porta.

— O meu nome é Brad Heyworth, senhora Osbourne. Sou o agente dos Serviços de Segurança do Corpo Diplomático encarregado de vigiar a sua casa.

Elizabeth abriu a porta.

— Da DSS^[37]? Mas o meu pai só chega de Londres daqui a seis

horas.

— Na verdade, há já um par de dias que andamos a vigiar a casa, senhora Osbourne.

— Porquê?

— Depois do incidente no Reino Unido, decidimos que seria provavelmente melhor pecarmos por excesso de prudência.

— E está sozinho?

— Por enquanto, mas quando o embaixador chegar acrescentaremos um segundo homem à equipa.

— Isso é tranquilizador — afirmou ela. — Não quer entrar?

— Não, obrigado, senhora Osbourne, eu preciso de ficar cá fora.

— E não quer que lhe traga nada?

— Estou óptimo — respondeu ele. — Só queria que a senhora soubesse que estamos por perto.

— Obrigada, agente Heyworth.

Elizabeth fechou a porta e ficou a ver o homem da DSS a descer os degraus da frente da casa e voltar a entrar no carro. Sentiu-se contente por ele ali estar. Foi para o andar de cima e sentou-se à secretária no antigo escritório de Michael. Fez uma série de telefonemas curtos: para o serviço de fornecimento de comida Ridgewell's, para o serviço de empregados particulares, para o seu escritório em Nova Iorque a fim de saber se havia mensagens. A seguir, passou mais uma hora a responder a chamadas.

Maria, a empregada doméstica, chegou ao meio-dia. Elizabeth vestiu um fato de treino de nylon e saiu para a rua. Desceu os degraus da frente aos saltos, acenou com a mão a Brad Heyworth e começou a correr pelo passeio em tijoleira da N Street.

No hotel em Embassy Row, Delaroche tinha pendurado o aviso de não incomodar na maçaneta da porta do quarto e trancou-a com duas voltas. Durante a última hora, tinha estado a ouvir Elizabeth Osbourne: a falar ao telefone, a falar com a mãe e os filhos, a falar com o agente da DSS que estava a guardar-lhe a casa. Agora, Delaroche sabia exactamente quando Douglas Cannon chegaria de Londres e quando sairia para a Casa Branca na manhã seguinte para estar presente na conferência sobre a Irlanda do Norte. E também sabia que o agente da DSS estacionado à porta da casa se chamava Brad Heyworth e que um segundo agente se iria juntar à equipa de segurança depois de o embaixador chegar.

Ouviu a chegada de uma empregada doméstica chamada Maria, que falava com um sotaque espanhol carregado: sul-americana, calculou Delaroche — Peru, ou talvez Bolívia.

Ouviu Elizabeth Osbourne anunciar que ia correr e que regressaria dentro de uma hora. Deu um salto quando ela bateu com força com a porta da frente ao sair de casa.

Cinco minutos mais tarde, foi apanhado de sobressalto por um ruído estrondoso que parecia o roncar de um motor a jacto. O barulho era tanto, que teve de arrancar os auscultadores dos ouvidos. Por um momento, pensou que tivesse acontecido alguma calamidade à casa dos Osbourne. Depois, percebeu que era apenas Maria a passar com o aspirador perto da janela onde Delaroché tinha colocado o microfone.

O jantar dado por Douglas Cannon começou por ser pensado como uma celebração íntima para oito pessoas, mas, no rescaldo dos acontecimentos em Hartley Hall, tinha-se metamorfoseado numa grande festa para cinquenta convidados, com serviço de fornecimento de comida, mesas e cadeiras alugadas e um conjunto de rapazes universitários vestidos com casacos azuis e tendo por missão estacionar os carros nas ruas atafalhadas de viaturas de Georgetown. Era assim que funcionava a natureza da fama em Washington. Douglas tinha vivido e trabalhado na cidade durante mais de vinte anos, mas alguém tentara matá-lo e isso fazia dele uma estrela. A CIA e os serviços secretos britânicos tinham contribuído para a notoriedade repentina do embaixador ao porem a circular uma história sobre a calma de Douglas debaixo de fogo em Hartley Hall, ainda que ele estivesse aconchegado com toda a segurança na cama, em Winfield House, na altura em que o ataque se iniciou. Douglas tinha colaborado de boa vontade na intrincada ruse de guerra^[38]. Afinal, retirava um certo prazer adolescente em enganar os barões dos media de Washington.

Os convidados começaram a chegar poucos minutos depois das sete da tarde. Estavam presentes dois velhos amigos de Douglas do Senado e um punhado de congressistas.

A chefe do departamento de Washington da NBC News compareceu, acompanhada pelo marido, que era o chefe de departamento da CNN. Cynthia Martin veio sozinha; Adrian Cárter trouxe a mulher, Christine. Para proteger Michael, que ainda era um membro clandestino da CIA, Cárter e Cynthia disseram que trabalhavam para o Departamento de Estado em matérias relacionadas com a Irlanda do Norte. Cárter quis falar a sós com Michael por um momento e, por isso, deslocaram-se até ao jardim e ficaram junto à piscina.

— Como é que as coisas correram com o Bristol hoje de manhã?
— perguntou Cárter.

— Ele pareceu impressionado com o produto — respondeu Michael. — O Beckwith também lá apareceu um bocadinho.

— A sério?

— Disse que estava contente com o resultado da Operação Timbale e que o processo de paz tinha encarrilado outra vez. Tinhas razão, Adrian, ele quer mesmo muito que aquilo aconteça. — Michael

hesitou e, a seguir, perguntou: — Então, quer dizer que a minha ligação à Irlanda do Norte terminou oficialmente?

— Quando as delegações abandonarem Washington, vamos passar tudo para a Cynthia e transferir-te de novo para a divisão do Médio Oriente.

— Se há alguma coisa que é constante na CIA, é a mudança — respondeu Michael. — Mas gostava de saber à mesma porque é que a Mónica resolveu baralhar as cartas nesta altura e porque é que quer que eu saia do caso Outubro.

— Para a Mónica, o processo Outubro está fechado. Ela acha que, mesmo que o Outubro continue vivo e a trabalhar, não constitui uma ameaça para cidadãos ou interesses americanos e que, por isso, não entra na esfera de actuação do centro.

— E tu concordas?

— Claro que não e já lhe disse isso mesmo. Mas ela é a directora e, em última análise, é ela que decide quais são os nossos alvos.

— Na tua posição, um homem a sério demitir-se-ia.

— Nem todos têm a flexibilidade financeira para poder assumir posições morais de coragem, Michael.

Elizabeth apareceu junto às portas envidraçadas.

— Vocês os dois importam-se de entrar, por favor? — disse. — Até parece que nunca têm uma oportunidade para conversar.

— Já aparecemos daqui a um minuto — respondeu Michael.

— Só mais outra coisa — disse Adrian depois de Elizabeth se ir embora. — Soube da tua sessãozinha de retratos com o Morton Dunne na OTS no outro dia. Mas que raio se passou?

— Um cirurgião plástico chamado Maurice Leroux foi assassinado em Paris há um par de semanas.

— E?

— Estava a pensar que o Outubro pode ter mudado de cara.

— E depois teria matado o médico que lhe fez isso?

— Passou-me pela cabeça, sim.

— Ouve, Michael... a Mónica retirou-te do caso. Não quero que te armes mais em freelancer. Nada de andar a vasculhar processos, nada de operações privadas. No que te diz respeito, o Outubro está morto.

— Não estás a ameaçar-me, pois não, Adrian?

— Por acaso, até estou.

Delaroché tirou os auscultadores e acendeu um cigarro. Os imensos convidados do jantar tinham-lhe inundado o microfone de repente, de tal forma que a única coisa que ouvia era um zumbido constante, interrompido por pedaços incompreensíveis de conversas e gargalhadas ocasionais.

Desligou o gravador e tirou a Beretta de nove milímetros do estojo de aço inoxidável. Desmontou a pistola e limpou cada uma das peças

meticulosamente com um pano macio, enquanto decidia como iria matar o embaixador e Michael Osbourne.

Capítulo 37

WASHINGTON

— Feliz Dia de São Patrício — declarou o presidente James Beckwith, ao subir ao pódio no Jardim das Rosas, na manhã seguinte.

Ao seu lado, tinha o primeiro-ministro irlandês, Bertie Ahern, e o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Robin Cook. Atrás do presidente, encontravam-se os líderes dos partidos nacionalistas e unionistas da região, incluindo Gerry Adams, do Sinn Féin, e David Trimble, do Partido Unionista do Ulster, que naquele momento era efectivamente o primeiro-ministro da Irlanda do Norte.

— Estamos hoje aqui reunidos não em crise mas sim em comemoração — prosseguiu Beckwith. — Comemoramos o legado comum que nos une e iremos renovar o nosso compromisso com uma mudança pacífica na Irlanda do Norte.

Douglas Cannon estava sentado mais à ponta, com um grupo de importantes assessores da Casa Branca e do Departamento de Estado que iriam participar nas conversações.

Juntou-se aos aplausos bem-educados.

— No mês passado, um grupo de bandidos lealistas, a auto-intitulada Brigada para a Libertação do Ulster, tentou assassinar o embaixador americano no Reino Unido, o meu velho amigo e colega, Douglas Cannon — continuou Beckwith. — Tratou-se verdadeiramente do último suspiro para aqueles que querem resolver os problemas da Irlanda do Norte com violência e não com cedências. Se alguém duvidar do nosso compromisso com a paz, peço-lhe que tenha em consideração isto: o embaixador Douglas Cannon está hoje aqui e a Brigada para a Libertação do Ulster não passa de uma má recordação.

Beckwith virou-se, sorriu para Douglas e começou a aplaudir. Gerry Adams, David Trimble, Bertie Ahern e Robin Cook fizeram o mesmo, tal como o resto da multidão ali reunida.

— Agora, se nos dão licença, temos trabalho a fazer — rematou Beckwith.

Virou as costas, afastando-se do pódio, e, com os braços abertos, conduziu os políticos até à Sala Oval, ignorando as perguntas gritadas pelo corpo de imprensa destacado para a Casa Branca.

Quando Douglas voltou para a casa na N Street ao final da tarde,

Michael e Elizabeth estavam à espera dele.

— Como é que correu? — perguntou Michael.

— Melhor do que o esperado. Agora que a Brigada para a Libertação do Ulster foi neutralizada, o Gerry Adams acha que o IRA vai pensar seriamente na hipótese de desmobilizar.

— E o que quer dizer "desmobilizar"? — perguntou Elizabeth.

— Quer dizer entregar as armas e dismantelar as células terroristas e a estrutura de comando.

Michael disse:

— A CIA calcula que só o IRA tenha acumuladas centenas de toneladas de metralhadoras e duas toneladas e meia de Semtex. E depois há os grupos terroristas protestantes.

É por isso que é tão importante manter o ímpeto do processo de paz a avançar na direcção certa.

— Os protestantes e os católicos conseguiram fazer progressos assinaláveis num curto período de tempo, mas o processo de paz pode cair por terra muito facilmente.

E se isso acontecer, a violência atingirá níveis inauditos — acrescentou Douglas, olhando para o relógio. — Agora começa o divertimento. A recepção do Sinn Fein no Mayflower, a recepção do Partido Unionista do Ulster no Four Seasons e a recepção dos britânicos na embaixada.

— Mas que raio é isso? — perguntou Elizabeth enquanto troe vam de roupa para as recepções.

— É uma Browning automática de alta potência com um carregador de quinze balas.

Michael enfiou a pistola num coldre de ombro e vestiu o casaco do fato.

— E porque é que vais levar uma arma?

— Porque isso me faz sentir bem.

— O papá vai ter um agente da DSS com ele o tempo todo hoje à noite.

— Nunca se pode ser demasiado cauteloso.

— Há alguma coisa que não estejas a dizer-me?

— Só me sentirei melhor quando o teu pai estiver outra vez em Londres, rodeado por um bando de marines e agentes da Divisão Especial, que são capazes de acertar num assassino no meio dos olhos a uma distância de cem passos.

Alisou a parte da frente do casaco.

— Como é que estou?

— Encantador — respondeu ela, enfiando-se no vestido e virando-se de costas para ele. — Aperta-me o fecho. Estamos atrasados.

No hotel em Embassy Row, Delaroche tirou os auscultadores. Desmontou rapidamente os monitores e os receptores e guardou-os no

saco de lona. Enfiou a Beretta de nove milímetros num coldre de ombro e pôs-se à frente do espelho, examinando a sua aparência. Trazia um fato de negócios cinzento de fabrico americano, uma camisa branca e uma gravata às riscas. Preso à orelha direita, estava um fio de plástico transparente do género dos que eram utilizados pelos agentes de segurança no mundo inteiro.

Estudou a sua cara, olhando para os seus olhos, e disse: "Segurança diplomática, minha senhora. Temos uma emergência." Era o sotaque americano monótono do actor das cassetes de inglês que Delaroche tinha estudado enquanto estava no mar. Repetiu as frases mais uma série de vezes, até se sentir completamente à vontade.

Rebecca saiu da casa de banho. Trazia um fato de duas peças feito por medida e meias pretas. Delaroche passou-lhe uma Beretta carregada e dois carregadores extra, que ela enfiou numa mala preta a tiracolo.

Ele tinha deixado o Volvo na Twenty-second Street, logo a seguir à Massachusetts Avenue. Havia uma multa de estacionamento debaixo do limpa-pára-brisas. Delaroche deitou a multa para a sarjeta e pôs-se ao volante.

A limusina parou à frente do Hotel Mayflower, na Connecticut Avenue. Um porteiro de uniforme abriu a porta e Douglas, Michael, Elizabeth e um agente da DSS saíram da limusina. Entraram no hotel e seguiram pelo átrio central decorado até ao grande salão de baile. Gerry Adams avistou Douglas quando este entrou no salão e desembaraçou-se de um emaranhado de americanos de origem irlandesa, fascinados por gente famosa, que lhe desejavam felicidades.

— Obrigado por ter vindo, senhor embaixador — disse Adams no sotaque cerrado de Belfast Ocidental.

Era alto, com barba preta completa e óculos com armações de metal finas. E embora aparentasse ser robusto, sofria os efeitos duradouros de anos de prisão e de uma tentativa de assassinio pela UVF que quase lhe tinha tirado a vida.

— É uma grande honra tê-lo aqui connosco esta noite.

— Obrigado por nos receberem — respondeu Douglas educadamente, apertando a mão a Adams. — Permita-me apresentar-lhe a minha filha, Elizabeth Osbourne, e o marido, Michael Osbourne.

Adams olhou para Michael por breves instantes e apertou-lhe a mão sem entusiasmo. Quando ele e Douglas se puseram a falar por uns momentos da sessão do dia na Casa Branca, Elizabeth e Michael deram alguns passos e afastaram-se para lhes dar privacidade.

A seguir, sem aviso, Gerry Adams pousou a mão no ombro de Michael e disse:

— Importa-se que lhe dê uma palavrinha, senhor Osbourne? Lamento, mas é bastante importante.

Delaroche estacionou na esquina da Prospect Street com a Potomac Street, em Georgetown, e saiu do carro. Rebecca passou para o volante e desceu o vidro. Delaroche inclinou-se e perguntou:

— Alguma questão?

Rebecca abanou a cabeça. Delaroche entregou-lhe um envelope.

— Se alguma coisa correr mal, se me acontecer alguma coisa ou se nos separarmos, vai ter a este sítio. Irei depois buscar-te, se conseguir.

Virou as costas, afastando-se e entrando numa loja de sandes cheia de estudantes de Georgetown. Pediu um café e comprou um jornal, sentando-se a uma mesa junto à janela.

Um momento depois, viu Rebecca a passar a grande velocidade, seguindo para leste, em direcção à baixa de Washington.

— Por favor, sente-se, senhor Osbourne — disse Gerry Adams.

Tinha levado Michael até uma ampla sala, contígua ao grande salão de baile. O seu par de guarda-costas sempre presente afastou-se para deixar de poder ouvi-los.

Adams serviu duas chávenas de chá.

— Leite, senhor Osbourne?

— Obrigado.

— Tenho uma mensagem do seu amigo Seamus Devlin.

— O Seamus Devlin não é meu amigo — respondeu Michael de forma áspera.

Os guarda-costas olharam de soslaio para a mesa para terem a certeza de que não havia nenhum problema. Gerry Adams fez-lhes sinal com a mão para se irem embora.

— Eu sei o que aconteceu naquela noite em Belfast — disse ele. — E sei porque é que aconteceu. Nós nunca estaríamos na posição em que nos encontramos hoje, à beira de uma paz duradoura na Irlanda do Norte, se não fosse o IRA. É uma força altamente profissional, que não deve ser menosprezada. Tenha isso em conta da próxima vez que o senhor e os seus amigos britânicos tentarem colocar um informador clandestino no nosso seio.

— Pensei que tivesse uma mensagem para mim.

— Tem a ver com aquela cabra que tramou o Eamonn Dillon na Falis Road, a Rebecca Wells.

— O que é que ela tem?

— Foi para Paris depois dos acontecimentos em Hartley Hall. Adams ergueu a chávena de chá, como se estivesse a fazer um brinde, e disse:

— Que bela jogada que aquilo foi, senhor Osbourne. Michael manteve-se calado.

— Ela estava a viver em Montparnasse com um mercenário escocês chamado Roderick Campbell. Segundo o Devlin, ela e o Campbell andavam à procura de um assassino freelancer para

terminar o serviço e acabar com o seu sogro.

Michael endireitou-se na cadeira.

— E a fonte é mesmo boa?

— Eu não entrei nesse tipo de pormenores com o Devlin, senhor Osbourne. Mas o senhor já viu o trabalho dele em primeira mão. Não é o tipo de homem que trate das coisas de forma ligeira.

— E onde é que está a Rebecca Wells agora?

— Foi-se embora de Paris de repente, há um par de semanas. O Devlin ainda não conseguiu apanhar-lhe o rasto outra vez.

— E o Roderick Campbell?

— Também se foi... permanentemente, lamento dizê-lo. Foi morto a tiro no seu apartamento, juntamente com uma rapariga — respondeu Adams, divertindo-se claramente por estar a dizer a Michael uma coisa que este não sabia. — Provavelmente, não apareceu nos vossos ecrãs de computador sofisticados do Centro de Contraterrorismo.

— E a Wells e o Campbell chegaram a conseguir contratar algum atirador?

— O Devlin não sabe, mas eu não baixaria já a guarda em relação ao embaixador, se é que me entende. Seria mau para toda a gente envolvida no processo de paz se um atirador ao serviço da Brigada para a Libertação do Ulster conseguisse matar o seu sogro nesta altura — afirmou Adams, pousando a chávena de chá, num sinal de que a reunião estava a chegar ao fim. — O Devlin espera que isto compense algum ressentimento que o senhor possa ter em relação ao Kevin Maguire.

— Pode dizer ao Devlin que se vá foder. Adams sorriu.

— Eu dou-lhe a mensagem.

Rebecca Wells estava sentada ao volante do Volvo, a meio quarteirão da entrada do Mayflower. Ficou a observar o embaixador Cannon e os Osbourne a saírem do hotel, seguidos pelo agente da DSS. Pôs o motor a trabalhar e depois marcou um número no telemóvel.

— Sim.

— Eles estão a sair agora do primeiro ponto de paragem e a seguirem para o segundo.

A ligação foi interrompida.

Rebecca pôs o Volvo em primeira e enfiou-se no meio do trânsito do início da noite, na Connecticut Avenue.

— E quando é que tu e o Gerry se tornaram tão bons amigos? — perguntou Elizabeth.

— Movemo-nos em círculos semelhantes.

— O que é que ele queria?

— Pedi desculpa pelo que me aconteceu em Belfast.

— E tu aceitaste?

— Nem por isso.

— E foi tudo?

— Foi tudo. Douglas disse:

— Muito bem, está na hora de atravessar o fosso religioso. Para o Four Seasons, para tomarmos bebidas com os protestantes.

— Acham que esta gente alguma vez dará recepções em conjunto? — perguntou Elizabeth.

— Se fosse a ti, não contava muito com isso — respondeu Michael.

Noventa minutos mais tarde, Rebecca Wells encontrava-se estacionada numa zona da Massachusetts Avenue revestida de árvores, em Upper Northwest Washington. Do outro lado da rua, estava o amplo complexo da embaixada britânica. Da posição privilegiada em que se encontrava, conseguia ver o pátio de entrada da residência do embaixador.

Os primeiros convidados começavam a ir-se embora.

Rebecca abriu a carta que Delaroche lhe tinha dado e leu-a à meia-luz dos candeeiros de rua. Dobrou a carta e voltou a enfiá-la no bolso. Lembrou-se daquela tarde gelada na praia, em Norfolk, a tarde em que tinha partido para a Escócia para ir buscar Gavin Spencer e as armas. Era difícil imaginar que tinha sido apenas um mês antes, tanta coisa acontecera desde então. Recordou-se da estranha sensação de serenidade que se tinha instalado nela nesse dia, ao caminhar pela praia plana e solitária.

Tinha querido ficar lá para sempre. E agora aquele homem sem passado — aquele assassino contratado que fazia amor com ela como se o corpo dela fosse feito de vidro — estava a oferecer-lhe um refúgio à beira-mar.

Levantou os olhos a tempo de ver Douglas Cannon e os Osbourne a saírem da residência do embaixador britânico. Uma vez mais, marcou o número no telemóvel e esperou pela voz do homem que conhecia apenas como Jean-Paul.

Delaroche interrompeu a ligação com Rebecca Wells e saiu da loja de sandes. Caminhou rapidamente para norte, ao longo da Potomac Street, até chegar à N Street. A casa dos Osbourne ficava a dois quarteirões dali. Passou a andar mais devagar, passeando-se pela rua sossegada, procurando instintivamente sinais de medidas de segurança extra.

Tinha de cronometrar a sua chegada de forma perfeita. O agente da DSS que acompanhava Douglas Cannon iria contactar a equipa dele via rádio, alertando-os em relação à chegada iminente do embaixador. Se não recebesse resposta, iria suspeitar que houvesse algum problema. E era por isso que Delaroche se demorava a avançar pela N Street.

Avistou a equipa de agentes da DSS, sentados num carro estacionado em frente à casa dos Osbourne, com os vidros da frente abertos. Um deles, o que se encontrava ao volante, estava a falar por um rádio portátil. Delaroche partiu do princípio de que estaria a falar com o agente na limusina do embaixador.

Delaroche aproximou-se do carro e parou junto à janela do lado do condutor.

— Peço desculpa — disse ele —, para que lado é que fica a Wisconsin Avenue?

O agente ao volante apontou para leste sem dizer uma palavra.

— Obrigado — disse Delaroche.

A seguir, enfiou a mão por baixo da gabardina, sacou da Beretta com silenciador e atingiu cada um dos agentes com vários tiros no peito. Abriu a porta e empurrou os corpos para baixo. Subiu os vidros automáticos, tirou as chaves da ignição, fechou a porta e trancou-a.

Tudo aquilo tinha demorado menos de trinta segundos. Atirou as chaves do carro para o meio da escuridão e atravessou a rua, em direcção à casa dos Osbourne. Subiu os degraus da frente e tocou à campainha, respirando fundo para acalmar os nervos. Passado um momento, ouviu o som de passos a aproximarem-se da porta.

— Quem está aí?

Era a voz com sotaque inglês de Maggie, a ama.

— Segurança diplomática, minha senhora. Receio que tenhamos uma emergência.

A porta abriu-se e Maggie ficou ali parada, com a desorientação estampada no rosto.

— Que aconteceu?

Delaroche entrou na casa e fechou a porta. Tapou a boca a Maggie com uma mão de ferro, abafando o seu grito, e puxou-lhe a cara para junto da sua. Com a mão que tinha livre, tirou a Beretta de dentro do casaco do fato e encostou-lhe a ponta do silenciador com força à bochecha.

— Eu sei que há crianças nesta casa e não quero fazer-lhes mal — sussurrou no seu inglês com sotaque. — Mas se tu não fizeres exactamente o que eu disser, dou-te um tiro na cara. Estás a perceber?

Maggie assentiu com a cabeça, com os olhos esbugalhados de terror.

— Muito bem, vem comigo lá para cima.

A noite tinha decorrido sem incidentes, tal como Michael esperara, mas à medida que a limusina avançava a alta velocidade pela Massachusetts Avenue, o aviso de Gerry Adams ecoou-lhe nos ouvidos. No caso de Rebecca Wells ter conseguido contratar um assassino, isso constituía um novo e diferente tipo de ameaça à segurança de Douglas.

Um assassino a trabalhar sozinho seria muito mais difícil de identificar e travar do que um membro de uma organização paramilitar conhecida. Michael decidiu dar a notícia a Douglas quando chegassem a casa. As actividades e aparições dele em Londres teriam de ser restringidas até que a ameaça se esfumasse — ou até que Rebecca Wells fosse presa.

A limusina virou para a Wisconsin Avenue e eles seguiram para sul, a caminho de Georgetown. Elizabeth encostou a cabeça ao ombro de Michael e fechou os olhos.

Douglas pousou a mão no antebraço de Michael e disse:

— Sabes, Michael, há uma coisa que eu nunca fiz e que preciso de fazer agora. Nunca te agradeci.

— Do que é que estás a falar?

— Nunca te agradeci por me teres salvo a vida. Se não tivesses aceitado o caso, ido até à Irlanda do Norte e arriscado a vida, eu era bem capaz de estar neste momento morto. Evidentemente, nunca tinha tido uma oportunidade para te ver a fazer o teu trabalho. És um agente secreto soberbo.

— Obrigado, Douglas. Vindo de um velho liberal antiespiões, isso significa muito para mim.

— E vais continuar na CIA, agora que a questão da Irlanda do Norte está terminada?

— Se a minha mulher prometer não se divorciar de mim — respondeu Michael. — A Mónica Tyler quer que eu me ocupe novamente do caso Espada de Gaza. A CIA anda a apanhar alguns indícios de que o grupo pode estar a planear novos ataques.

— Que tipo de indícios?

— Movimentações de agentes activos conhecidos, intercepções de comunicações. Esse tipo de coisas.

— Alguma coisa na Grã-Bretanha?

— O Reino Unido é sempre uma possibilidade. Eles gostam de actuar lá.

— Eu lembro-me do ataque em Heathrow.

— Eu também — disse Michael.

Douglas recostou-se e fechou os olhos no momento em que a limusina saiu da Wisconsin Avenue e começou a atravessar as sossegadas ruas residenciais de Georgetown.

— Quando é que isto vai acabar? — perguntou ele.

— Quando é que vai acabar o quê?

— O terrorismo. O roubo de vidas inocentes para a tomada de posições políticas. Quando é que isso vai acabar?

— Quando já não houver mais pessoas no mundo que se sintam suficientemente oprimidas para pegarem numa pistola ou numa bomba. Quando já não houver mais fanáticos religiosos ou étnicos.

Quando já não houver mais maníacos que se divertam a derramar sangue.

— Então, suponho que a resposta à minha pergunta seja nunca. Nunca vai acabar.

— O senhor é que é o historiador. No século i, os zelotes serviram-se do terrorismo para combater a ocupação romana da Terra Prometida. No século XII, um grupo de muçulmanos xiitas chamado os Assassinos serviu-se do terrorismo contra os líderes sunitas do Irão. Não se pode propriamente dizer que seja um fenómeno novo.

— E agora chegou à América: o World Trade Center, Oklahoma City, o Olympic Park.

— É barato, relativamente fácil e só é preciso um punhado de pessoas dedicadas. Dois homens chamados Timothy McVeigh e Terry Nichols^[39] provaram isso.

— Continua a ser incompreensível para mim — respondeu Douglas. — Cento e sessenta e oito pessoas mortas num abrir e fechar de olhos.

— Muito bem, vocês os dois — interrompeu Elizabeth, abrindo os olhos quando a limusina travou e parou à frente da casa. — Já chega dessa conversa. Estão a deprimir-me.

Delaroche estava no segundo andar da casa, junto a uma janela com vista para a N Street, quando ouviu o barulho de um carro. Afastou a cortina com o silenciador da Beretta e espreitou para a rua. Era Cannon e os Osbourne que estavam a chegar a casa.

Largou a cortina e atravessou o corredor até às escadas, olhando de relance para o quarto principal ao passar pela porta. A ama estava deitada no chão, com as mãos e os pés amarrados e a boca tapada com fita adesiva.

Delaroche desceu as escadas rapidamente e ficou parado no átrio central às escuras. Iria ser tão fácil, pensou — como um jogo de tiro ao alvo numa feira popular — e depois estaria terminado. Tudo aquilo.

Capítulo 38

WASHINGTON

Rebecca Wells virou para a N Street e seguiu a limusina ao longo de dois quarteirões até ela parar. Não havia lugar em frente à casa dos Osbourne, pelo que o motorista estacionou pura e simplesmente no meio da rua e ligou os quatro piscas. Rebecca enfiou a mão na mala a tiracolo e tirou a Beretta de nove milímetros com silenciador.

As ordens de Jean-Paul ecoaram-lhe pela cabeça. Eu trato dos dois homens que estão no carro e depois entro na casa, tinha-lhe dito na noite anterior, a falar baixinho no quarto de hotel de ambos, com a televisão aos altos berros. Espera até que eles saiam todos da limusina. Matas o último homem da DSS e eu trato do embaixador e do Michael Osbourne.

Interrogou-se se teria ou não a força para o fazer. E depois pensou em Gavin Spencer e em Kyle Blake, e em todos os homens que tinham morrido em Hartley Hall por Michael Osbourne e o sogro a terem enganado. Verificou o mecanismo do gatilho da Beretta e enfiou a primeira bala na câmara.

Uma das portas da limusina abriu-se e o agente da DSS saiu do carro. Deu a volta à limusina e abriu a porta de trás que dava para a casa dos Osbourne. Michael Osbourne foi o primeiro a sair. Deu uma vista de olhos à rua, fixando-se no Volvo por um instante, antes de avançar. O embaixador saiu da limusina, seguido por Elizabeth Osbourne.

Rebecca abriu a porta do Volvo.

Michael virou-se para o homem da DSS e perguntou:

— Onde é que estão os outros agentes?

O agente da DSS levou a mão à boca e murmurou umas quantas palavras. Quando não recebeu resposta, gritou:

— Voltem para dentro do carro! Já!

Foi então que Rebecca Wells saiu do Volvo. Levantou-se e, com os braços apoiados no tejadilho do carro, começou a disparar contra o agente da DSS — um tiro a seguir ao outro, tal como Jean-Paul lhe tinha dito.

Michael não ouviu os tiros, apenas o vidro da janela de trás da limusina a estilhaçar-se e as balas de nove milímetros a perfurarem a

bagageira com um baque. Em vez de obedecer às instruções do agente e de entrarem no carro, Michael, Elizabeth e Douglas tinham-se atirado instintivamente para o chão da N Street.

Michael suspeitara que pudesse haver alguma coisa de errado em relação à mulher na carrinha Volvo, mas tinha demorado demasiado tempo até colocar a hipótese de poder ser de facto Rebecca Wells. Naquele momento, debruçado sobre Elizabeth e Douglas, os últimos segundos de vida do agente da DSS, que agora se encontrava morto, passaram-lhe a correr pela mente. O agente tinha tentado comunicar com os outros homens mas não tinha conseguido. E isso acontecera porque alguém já os tinha matado, pensou Michael.

A seguir, lembrou-se das informações que Gerry Adams lhe tinha dado nessa mesma noite. Rebecca Wells andara à procura de um assassino profissional para matar Douglas.

O seu assassino contratado estava provavelmente algures perto dali.

Michael sacou da Browning automática. O motorista continuava ao volante da limusina, agachado por baixo do banco para se proteger. Michael agarrou em Elizabeth e Douglas e gritou:

— Enfiem-se no carro!

Elizabeth rastejou até ao banco de trás. Um dos disparos atingiu o homem da DSS na cabeça, fazendo uma torrente de sangue e tecido cerebral atravessar a janela traseira estilhaçada. Elizabeth olhou para Michael com uma expressão de impotência e tentou limpar o sangue que tinha na cara.

Foi então que os olhos dela se esbugalharam repentinamente e gritou:

— Michael! Atrás de ti!

Michael virou-se e viu uma figura, parada no cimo dos degraus encurvados que davam para a entrada da casa. O homem levantou o braço direito, balançando-o, e disparou com uma só mão duas vezes, sem que a arma com silenciador emitisse qualquer som, apenas uma língua de fogo saída da ponta do cano da pistola.

Mesmo com a luz ténue de Georgetown, Michael sabia que já tinha visto aquela maneira muito característica de manejar uma arma.

O homem que se encontrava nos degraus da frente da sua casa era Outubro.

O primeiro tiro fez ricochete no tejadilho do carro e o segundo acertou nas costas de Douglas quando este se atirava para dentro do carro, caindo em cima de Elizabeth, gemendo de dor.

Michael apontou a arma a Outubro e disparou vários tiros, forçando-o a recuar para dentro de casa. Na rua sossegada, a Browning de alta potência soava a artilharia.

— Avance! Avance! — gritou ao motorista. — Tire-os daqui para

fora!

O motorista sentou-se no banco e ligou o motor, acelerando a fundo.

A última coisa que Michael viu foi Elizabeth, a gritar pela janela traseira estilhaçada.

— As crianças, Michael! — berrou. — As crianças!

Michael mergulhou entre dois carros estacionados, num sítio em que se encontrava protegido tanto de Rebecca Wells como de Outubro, pelo menos por alguns segundos.

Espreitou para cima, na direcção da entrada da casa, e viu Outubro a sair. Michael apontou a Browning e disparou vários tiros. Outubro voltou a refugiar-se no interior.

Foi então que os vidros das janelas dos carros à sua volta começaram a estilhaçar-se. A mulher estava a disparar contra ele.

Tinham-se acendido luzes por toda a rua. Michael virou-se e viu Rebecca Wells, de pé atrás da porta aberta da carrinha Volvo, a disparar sobre o tejadilho. Rodopiou e pensou em retribuir o fogo. Mas apercebeu-se de que, se falhasse, uma bala perdida poderia entrar numa das casas em redor e matar uma pessoa inocente que tivesse saído à rua para ver o que se passava.

Apontou para a própria casa. Pensou: "Meu Deus, faz com que as crianças estejam lá em cima, no quarto delas!" E, a seguir, disparou contra Outubro até ficar sem munições na arma.

Michael ouviu a primeira sirene no momento em que estava a mudar de carregador. Talvez tivesse sido o tiroteio, pensou. Ou talvez o homem da DSS tivesse conseguido enviar um alerta antes de ser morto. Fosse qual fosse o caso, Michael conseguia ouvir agora o uivar de várias sirenes que se aproximavam, progressivamente mais forte a cada segundo que passava.

Outubro surgiu à entrada da casa, acenando a Rebecca.

— Vai! — gritou. — Vai-te embora daqui!

O primeiro carro da polícia apareceu na N Street.

Outubro disparou dois tiros contra o carro sem fazer pontaria.

— Agora, Rebecca! Sai daqui!

Michael enfiou a primeira bala do seu novo carregador na câmara e disparou quatro tiros contra Outubro.

Quando isso aconteceu, Rebecca Wells entrou no Volvo e ligou o motor, acelerando a fundo e passando a toda a velocidade pelo local onde Michael se tinha abrigado.

Outubro avançou para a entrada uma última vez e disparou vários tiros na direcção de Michael, dando depois meia-volta e fugindo para dentro da casa.

Michael levantou-se e foi atrás dele, subindo os degraus pesadamente, com a Browning nas mãos esticadas. Quando chegou à

entrada, espreitou pelo átrio central às escuras e viu Outubro a erguer uma cadeira e a lançá-la pelas portas envidraçadas.

Outubro virou-se uma última vez e levantou a arma. Michael não ouviu nada, mas viu a boca do cano a expelir fogo. Encostou-se à parte exterior da casa; do outro lado da parede, conseguia sentir as balas a baterem com toda a força no estuque. Quando os disparos pararam, avançou para a entrada e disparou mais três tiros ao mesmo tempo que Outubro corria pelo jardim e trepava a vedação.

Michael correu para o andar de cima, em direcção ao quarto das crianças, e deu com elas a chorarem nos berços, ilesas.

— Maggie!

Ouviu ruídos surdos vindos do quarto principal, bem como gritos abafados. Correu pelo corredor e acendeu as luzes do quarto. Maggie estava deitada no chão, amarrada e amordaçada.

— Só havia um, Maggie? Só um atirador? Ela confirmou com a cabeça.

— Eu volto já.

Correu pelas escadas abaixo precisamente na altura em que um agente da polícia metropolitana entrava na casa, de arma em riste. Apontou a arma na direcção de Michael e gritou:

— Pare imediatamente e largue a arma!

— O meu nome é Michael Osbourne e esta é a minha casa.

— Eu não quero saber quem você é, foda-se! Largue mas é a arma! Já!

— Porra, sou o genro do embaixador Cannon e trabalho para a CIA! Baixe a merda da arma!

O polícia manteve a arma apontada à cabeça de Michael.

— O meu sogro foi atingido — disse Michael. — Os dois atiradores fugiram: um homem, a pé, e uma mulher, numa carrinha Volvo preta. Os meus filhos estão lá em cima com a ama. Vá ajudá-la. Eu volto já.

— Eh, volte aqui! — gritou o polícia quando Michael desatou a correr pelo átrio central e desapareceu ao passar pelas portas envidraçadas estilhaçadas.

Delaroche não tinha vindo até Washington para se envolver num tiroteio com Michael Osbourne. Qualquer um podia ser atingido quando havia balas a voar por um espaço pequeno e Delaroche não estava disposto a trocar a sua vida pela de Osbourne. Além disso, tinha atingido o alvo principal, o embaixador Cannon, com um bom tiro nas costas. Com um bocadinho de sorte, o ferimento iria revelar-se fatal. Ainda assim, sentia-se zangado por não ter sido capaz de matar Osbourne mais uma vez.

Despiu a gabardina castanho-clara enquanto corria pela viela. Quando chegou à Thirty-fourth Street, atravessou-se imediatamente

no caminho de um carro que avançava pela rua, um Saab cinzento-claro com um estudante universitário ao volante. Delaroche levantou a Beretta e apontou-a ao pára-brisas.

— Sai do carro, caralho!

O estudante saiu com as mãos no ar e afastou-se.

— Leva-o, cabrão. É teu.

— Corre — disse Delaroche, agitando a Beretta, e o estudante começou a correr.

Delaroche pôs-se ao volante. O estudante universitário gritou:

— Vai-te foder, minha besta de merda!

Delaroche arrancou. Sabia que tinha de sair de Georgetown depressa. Seguiu a grande velocidade pela Thirty-fourth Street, em direcção à M Street. Se conseguisse atravessar a Francis Scott Key Bridge e passar para Arlington, as suas hipóteses de escapar aumentariam exponencialmente. Dali, poderia enfiar-se na George Washington Memorial Parkway, na 1-395, ou na 1-66, e pôr-se a quilómetros de Washington numa questão de minutos.

Na M Street, o semáforo passou de verde para vermelho quando Delaroche se aproximava. Um sinal avisava que era proibido virar à direita com o sinal vermelho. Pensou em passar à mesma com o sinal vermelho, mas manter a calma durante as fugas tinha-lhe sido proveitoso no passado e, por isso, resolveu não agir de forma precipitada naquele momento.

Pisou o travão a fundo até parar.

Olhou para o relógio de pulso e contou os segundos.

Quando Michael Osbourne saltou a vedação e foi dar à viela, ouviu um homem a gritar obscenidades. Uma fracção de segundo depois, ouviu o som de pneus a chiarem e o motor de um pequeno carro a trabalhar. Pelo barulho, calculou que o carro estivesse a dirigir-se para a M Street. E também calculou que era Outubro a tentar escapar.

Correu pela Thirty-third Street até à M Street, virou à direita e continuou a correr.

Delaroche avistou Osbourne a correr pela M Street com a arma na mão, pondo em fuga os assustados peões. Virou-se lentamente e olhou em frente, aguardando que o sinal ficasse verde.

A Beretta estava pousada no banco do passageiro. Delaroche apertou a coronha com a mão direita e pôs o dedo no gatilho. Pensou: "Afinal de contas, talvez até tenha oportunidade de cumprir os termos do contrato."

Osbourne chegou ao cruzamento. Ficou parado na passadeira, mesmo à frente do Saab, com a arma na mão, a olhar fixamente pela Thirty-fourth Street acima. Estava a respirar com dificuldade, com os olhos a moverem-se rapidamente para um lado e para o outro.

Delaroche levantou a Beretta devagar e pousou-a no colo. Pensou em disparar contra Osbourne através do pára-brisas mas resolveu não o fazer. Mesmo que conseguisse acertar, ficaria com um carro danificado para a sua fuga. Esticou a mão esquerda e carregou num botão no apoio de braço, fazendo com que o vidro da sua janela descesse no momento em que o sinal ficou verde.

Vários carros tinham parado atrás de si e os condutores começaram a buzinar, sem se aperceberem de que havia um homem com uma arma parado no meio do cruzamento.

Delaroche não se mexeu, à espera que Osbourne fizesse alguma coisa.

Michael ficou parado no cruzamento, com o coração aos saltos, ignorando a cacofonia de buzinas. Inspeccionou as caras que se encontravam dentro de cada carro: um homem com quarenta e tal anos, de fato e gravata, num Saab cinzento-claro, um par de estudantes ricos num BMW vermelho, dois aristocratas de Georgetown num espectacular Mercedes a diesel e um moço de entregas da Pizza Hut.

Estava toda a gente a buzinar menos o homem do Saab. Michael olhou para ele com atenção. Era bastante feio: bochechas pesadas, um queixo rombo, um nariz largo e achatado. Michael já tinha visto aquela cara algures, mas não conseguia perceber onde. Olhou fixamente para ele enquanto os rostos do seu passado lhe surgiam na cabeça, um por um, como imagens num ecrã, algumas nítidas e definidas, outras desfocadas e cheias de riscos.

Foi então que percebeu onde já tinha visto aquele homem — no ecrã do computador de Morton Dunne, na OTS.

Michael apontou a Browning à cara de Outubro.

— Sai do carro! Já!

Capítulo 50

WASHINGTON

O amplo cruzamento no início da Key Bridge é um dos mais congestionados e caóticos em toda a Washington. Os carros que vêm da imponente ponte, da M Street e da Whitehurst Freeway convergem todos no mesmo ponto. Durante as horas de ponta, de manhã e à tarde, o cruzamento fica entupido de trânsito. A noite, fica cheio de carros que afluem em catadupa para os restaurantes e clubes nocturnos de Georgetown. E, por cima de tudo isso, encontram-se os degraus de pedra pretos tornados célebres por O Exorcista — tristes, cobertos de graffiti e a tresandarem a urina por causa dos estudantes de Georgetown embriagados que acham que urinar ali é um ritual de passagem.

No entanto, nada disso passou pela cabeça de Delaroche enquanto se encontrava sentado ao volante do Saab, a olhar fixamente para o cano da Browning automática de Michael Osbourne. Quando este o mandou sair do carro, Delaroche carregou a fundo no acelerador e inclinou-se para baixo.

Michael disparou vários tiros no momento em que o carro avançou de rompante.

Desviou-se do caminho, atirando-se para o chão, com o Saab a deslocar-se para o cruzamento com grande rapidez. Delaroche sentou-se direito, readquiriu o controlo da viatura e avançou a toda a velocidade, a caminho da entrada da Key Bridge.

Michael desviou-se, rebolando, do carro que vinha na sua direcção e levantou-se, apoiado num joelho. Fez pontaria para a traseira do Saab enquanto este se afastava velozmente, abstraindo-se do buzinar ensurdecedor dos carros.

Sobravam-lhe oito balas na Browning e nenhum carregador extra.

Disparou todos os oito tiros antes que Delaroche pudesse virar para a ponte.

Sete atravessaram a bagageira e alojaram-se no banco de trás.

O oitavo acertou no depósito de gasolina e o Saab explodiu.

Delaroche ouviu a explosão e sentiu instantaneamente o calor da gasolina a incendiar-se. Os carros travaram a fundo à sua volta. Um rapaz com uma camisola dos Redskins correu para ajudar Delaroche.

Delaroche apontou-lhe a Beretta à cabeça e o rapaz da camisola fugiu na direcção do Francis Scott Key Park.

Delaroche saltou para fora do carro e viu Michael Osbourne a correr em direcção a si.

Levantou a Beretta e disparou três vezes.

Michael Osbourne atirou-se para o chão, escondendo-se atrás de um carro estacionado.

Delaroche começou a correr para a Key Bridge, mas um carro, aparentemente sem consciência do veículo em chamas no meio do cruzamento, avançou na sua direcção a grande velocidade. Delaroche saltou mesmo antes de ser atingido e rebolou pelo pára-brisas.

Largou a Beretta e esta foi cair com estrépito no meio dos carros que se aproximavam.

Olhou para cima e viu Michael Osbourne a correr para si.

Levantou-se e tentou correr, mas o tornozelo direito cedeu e ele caiu desamparado no asfalto.

Conseguiu erguer-se com grande custo e obrigou-se a avançar. O tornozelo doía-lhe tanto que parecia ter vidro partido por baixo da pele. Conseguiu chegar ao passeio da Key Bridge.

Um homem estava lá espedado, a observar a cena, segurando o guiador de uma bicicleta de montanha de má qualidade.

Delaroche deu um murro na garganta do homem e ficou-lhe com a bicicleta.

Subiu para o selim e tentou pedalar, mas quando fez força com a perna direita a dor fê-lo gritar. Pedalou com uma perna, a perna esquerda, enquanto a direita se limitava a subir e descer com a rotação dos pedais.

Virou-se e olhou por cima do ombro. Michael Osbourne ia a correr na sua direcção. Delaroche pedalou mais depressa, mas, entre o tornozelo partido e a fraca qualidade da bicicleta, Osbourne estava a ganhar-lhe terreno. Delaroche sentiu-se completamente indefeso. Não tinha nenhuma arma e apenas uma bicicleta manhosa como transporte.

E, para piorar as coisas, estava magoado.

Mais do que qualquer outra coisa, sentiu uma raiva súbita — raiva do pai e de Vladimir, e de todos os outros do KGB que o tinham condenado a uma vida de assassínios.

Raiva de si próprio, por ter permitido que o Director o forçasse a aceitar aquela missão. Raiva de si próprio, por não ter sido capaz de matar Michael Osbourne uma vez mais. Pôs-se a pensar como teria Osbourne percebido que era ele que se encontrava ao volante do Saab. Teria sido atraído por Maurice Leroux antes de o matar naquela noite em Paris? Teria sido atraído pelo Director? Ou teria subestimado uma vez mais a inteligência e o engenho do homem da

CIA, o homem que tinha jurado destruí-lo? Que tudo fosse acabar assim — com Delaroche numa bicicleta a ranger e Osbourne a persegui-lo a pé — era quase risível. Apercebeu-se de que, mesmo que fosse capaz de escapar a Osbourne naquele momento, as suas hipóteses de conseguir ir muito longe iam diminuindo a cada minuto.

Virou-se e olhou uma vez mais por cima do ombro, vendo que Osbourne tinha ganho mais terreno. Forçou-se a pedalar com ambas as pernas, ignorando a dor no tornozelo, enquanto decidia aquilo que estava disposto a fazer para sair daquela ponte vivo.

Michael voltou a enfiar a Browning no coldre de ombro e correu a toda a velocidade pela ponte fora, impulsionando os braços para trás e para a frente com o máximo de força. Por um instante, foi transportado de regresso à final da milha urbana do estado da Virgínia. Michael tinha feito uma jogada táctica brilhante durante a última volta, colocando-se numa posição perfeita para ultrapassar o líder da corrida nos últimos cem metros, mas quando chegaram à recta final não tivera a coragem para aguentar a dor necessária para vencer. Tinha ficado literalmente hipnotizado com as costas do outro rapaz — o esvoaçar da camisola ao vento, os músculos robustos dos ombros —, à medida que este se afastava cada vez mais até cortar a meta. E recordou-se do pai, tão furioso por ele ter perdido que nem sequer o tinha querido consolar a seguir à corrida.

Já só estava a dez metros de Outubro.

Tinha corrido praticamente um quilómetro e meio desde que saíra disparado de casa. Sentia as pernas pesadas e os músculos retesados do sprint prolongado. Os braços ardiam-lhe e a garganta sabia a ferrugem e a sangue por abrir a boca para tentar respirar. Andava a perseguir Outubro há anos, socorrendo-se de todos os recursos e serviços técnicos que a CIA tinha para oferecer, mas tudo se tinha resumido àquilo, uma corrida desenfreada pela Key Bridge. Desta vez, não iria ter medo da dor.

Desta vez, não iria ficar hipnotizado com as costas do adversário, a afastar-se cada vez mais. Inclinou a cabeça para trás e rugiu como um animal ferido, esbracejando com o máximo de força no ar, como se estivesse a tentar empurrar-se para a frente.

Outubro já se encontrava apenas a um ou dois metros de distância.

Michael deu um salto e atirou-o ao chão com toda a força.

Outubro aterrou de costas, com Michael em cima dele, sentado no seu abdómen.

Deu-lhe dois murros na cara, com o segundo soco a deixar uma ferida bem no alto da maçã do rosto de Delaroche, e depois agarrou-se à garganta dele com as duas mãos e começou a estrangulá-lo.

Tinha perdido toda a noção de razão e sanidade. Estava a apertar

o pescoço a Delaroche, esmagando-lhe a traqueia, gritando com ele selvaticamente, e, no entanto, uma estranha calma tinha invadido o rosto do assassino. Os olhos azuis percorriam rapidamente Michael e um meio sorriso vago despontou-lhe nos lábios.

Michael percebeu que Outubro estava a decidir qual seria a melhor maneira de o matar. Apertou com mais força.

Outubro esticou-se repentinamente e agarrou o cabelo de Michael com a mão esquerda. Puxou a cabeça de Michael para si e enfiou-lhe o polegar da mão direita na órbita do olho.

Michael gritou de dor e afrouxou a pressão no pescoço de Outubro. O assassino transformou as mãos em machados e atingiu-o duas vezes seguidas nas têmporas.

Michael quase perdeu os sentidos. Abanou a cabeça, tentando aclarar a visão, e depois apercebeu-se de que estava deitado de costas e que o assassino lhe tinha escapado.

Esforçou-se para se levantar. Outubro já estava em pé, com os pés afastados, as mãos junto à cara e os olhos fixados nos de Michael. Rodou e acertou-lhe com um violento pontapé rotativo na cabeça, atingindo-a de lado.

Michael cambaleou do passeio até à estrada na ponte, atravessando-se no caminho de um autocarro que seguia a alta velocidade. O motorista buzinou com toda a força.

Michael afastou-se com um pulo, caindo directamente nos braços de Outubro.

O assassino agachou-se e, servindo-se do ímpeto de Michael, atirou-o por cima do parapeito da ponte.

Delaroche esperou pelo som do corpo de Michael a bater na água a uns cem metros de distância, mas não se ouviu nada. Deu um passo em frente e olhou para baixo. Ao cair, Michael tinha conseguido agarrar-se à parte de baixo do parapeito com uma mão e encontrava-se naquele momento a balançar sobre a água. Olhou para cima, com sangue na boca, e fitou Delaroche.

O mais fácil de fazer seria pisar-lhe a mão até ele ter de largar o parapeito, mas, por alguma razão, a ideia parecia repugnante a Delaroche. Tinha matado sempre silenciosa e rapidamente, surgindo do nada e desaparecendo outra vez. Matar um homem daquela maneira parecia-lhe, de alguma forma, bárbaro.

Inclinou-se e disse:

— Deixa-me ir e eu ajudo-te.

— Vai-te foder — respondeu-lhe Michael, com um esgar de dor.

— Isso não é lá muito sensato da tua parte — lançou Delaroche, esticando-se pelo parapeito e agarrando no pulso esquerdo de Michael.
— Estica-te e agarra-te à minha mão.

A mão de Michael estava a começar a escorregar da ponte.

— Tu acabaste de matar o meu sogro — respondeu. — Tentaste matar-me a mim e à minha mulher. Mataste a Sarah.

— Eu não os matei, Michael. Foram outras pessoas que os mataram. Eu fui só a arma. Sou tão responsável pelas mortes deles como tu és pela morte da Astrid Vogel.

— Quem é que te contratou? — perguntou Michael asperamente.

— Não interessa.

— Interessa-me a mim! Quem é que te contratou?

Mas a mão de Michael começava a soltar-se cada vez mais.

Delaroche agarrou-lhe o braço esquerdo com as duas mãos.

Michael enfiou a mão direita dentro do casaco, sacou a Bronming e apontou-a à cabeça de Delaroche. Delaroche continuou a segurar a mão de Michael, olhando fixamente para a pistola. A seguir, sorriu e perguntou:

— Conheces a história da rã e do escorpião que atravessam o Nilo? Michael conhecia a parábola; qualquer pessoa que já tivesse vivido ou trabalhado no Médio Oriente conhecia-a. Uma rã e um escorpião encontram-se numa das margens do Nilo e o escorpião pede à rã para o transportar até à outra margem.

A rã recusa-se, pois tem medo que o escorpião lhe dê uma ferroada. O escorpião assegura à rã que não lhe dará uma ferroada; fazê-lo seria uma tolice, já que assim ambos se afogariam. A rã reconhece a lógica dessa afirmação e aceita levar o escorpião até à outra margem. Quando chegam a meio do rio, o escorpião dá uma ferroada à rã. "Mas agora vamos os dois afogar-nos", grita a rã, com o corpo a ficar dormente devido ao veneno do escorpião. "Porque é que fizeste isso?" O escorpião sorri e responde: "Porque isto é o Médio Oriente."

— Eu conheço a história — respondeu Michael.

— Nós andamos os dois embrenhados neste conflito há demasiados anos. Talvez possamos ajudar-nos um ao outro. Afinal de contas, a vingança é para os selvagens. Sei que estiveste há pouco tempo na Irlanda do Norte. Vê só o que é que a vingança fez por esse sítio.

— O que é que tu queres?

— Digo-te aquilo que tu mais queres saber: quem é que me contratou para matar o Douglas Cannon, quem é que me contratou para matar os conspiradores do caso da TransAtlantic, quem é que me contratou para te matar a ti por saberes demasiado. — Fez uma pausa. — E também te digo quem é a pessoa dentro da tua organização que está envolvida com essa gente. Em troca, tu forneces-me protecção e permites que eu tenha acesso às minhas contas bancárias.

— Eu não tenho a autoridade para fazer um acordo desses.

— Talvez não a autoridade, mas tens a capacidade. Michael ficou

calado.

Delaroche perguntou:

— Não queres morrer sem saber a verdade, pois não, Michael?

— Vai-te foder!

— Temos um acordo?

— E como é que tu sabes que eu não te prendo assim que me puxares para cima?

— Porque, infelizmente, tu és um homem honrado, o que te torna estranhamente inadequado para uma actividade destas.

Delaroche sacudiu Michael e repetiu:

— Temos um acordo?

— Temos um acordo, meu grandessíssimo cabrão.

— Então, pronto. Deita a pistola para o rio e agarra a minha mão antes que faças com que morramos os dois.

Capítulo 40

WASHINGTON AEROPORTO INTERNACIONAL DE DULLES

— A bala partiu várias costelas do embaixador Cannon e fez com que o pulmão esquerdo parasse de funcionar — disse o médico do George Washington University Hospital, um cirurgião de aspecto absurdamente jovem chamado Carlisle. — Mas, a não ser que sofra quaisquer complicações graves, penso que vai ficar bom.

— Posso vê-lo? — perguntou Elizabeth. Carlisle abanou a cabeça.

— Ele agora está no recobro e, sinceramente, não está com grande aspecto. Porque é que não fica aqui e tenta pôr-se o mais confortável possível? Nós deixamo-la vê-lo assim que ele acordar.

O médico foi-se embora. Elizabeth tentou sentar-se, mas, passados poucos minutos, já se encontrava outra vez a percorrer de um lado para o outro a pequena sala de espera privada. Dois agentes da polícia metropolitana estavam de guarda do lado de fora da sala. Ela trazia um conjunto azul de roupa de bloco operatório, pois tinha ficado com o vestido manchado com o sangue do pai e do agente da DSS. Maggie e as crianças estavam numa sala à parte. Maggie era formidável, pensou Elizabeth. Tinha sido ameaçada por um assassino e amarrada com fita adesiva, mas recusara-se a deixar que as enfermeiras tomassem conta de Liza e Jake. Agora, Elizabeth precisava apenas de uma coisa. Precisava de ouvir a voz do marido.

Tinha passado mais de uma hora desde a arrepiante fuga de Elizabeth da N Street. A polícia informara-a do que sabia. Quando as primeiras viaturas chegaram ao local, os terroristas tinham fugido e Mi-chael estava vivo. Depois, desapareceu pelo jardim das traseiras e ninguém o tinha visto desde então. Dois minutos mais tarde, ocorreu um tiroteio na Key Bridge, do lado de Georgetown, e um carro explodiu. O carro, um Saab castanho-claro, fora roubado momentos antes por um homem com uma pistola com silenciador. E também tinha havido relatos de dois homens a lutarem na ponte. Um homem pendurado na ponte, a balançar-se sobre a água... Elizabeth fechou os olhos e estremeceu. Pensou: "Michael, se estás vivo, diz-me, por favor."

Eram onze da noite. Ligou a televisão e fez apping pelos vários

canais. A história estava por todo o lado — nas estações televisivas locais e em todos os canais de informação por cabo. Ninguém tinha qualquer notícia sobre Michael. Ela enfiou a mão na mala e tirou um cigarro, acendendo-o e fumando-o enquanto andava de um lado para o outro.

Uma enfermeira apareceu e espetou a cabeça pela porta.

— Peço desculpa, minha senhora, mas não se pode fumar aqui dentro.

Elizabeth procurou um sítio para deitar o cigarro fora.

— Deixe estar que eu trato disso, senhora Osbourne — disse a enfermeira suavemente. — Precisa que lhe traga alguma coisa?

Elizabeth abanou a cabeça.

No momento em que a enfermeira saiu da sala, o seu telemóvel tocou.

Pegou no telemóvel que tinha dentro da mala e atendeu:

— Sim?

— Sou eu, Elizabeht. Não digas nada, ouve só.

— Michael — sussurrou ela.

— Estou óptimo — disse ele. — Não fui ferido.

— Graças a Deus — desabafou ela.

— Como é que está o Douglas?

— Já saiu do bloco operatório. O médico acha que ele vai ficar bom.

— E onde estão as crianças?

— Estão aqui no hospital — respondeu Elizabeth. — Quando é que eu te vou ver?

— Talvez amanhã. Tenho uma coisa que preciso de fazer primeiro. Amo-te, Elizabeth.

— Michael, onde é que estás? — perguntou ela, mas a ligação já tinha sido interrompida.

Rebecca Wells deixou o Volvo no parque de estacionamento de longa duração do Aeroporto de Dulles e apanhou um autocarro de ligação até ao terminal. Largou as chaves num caixote do lixo e entrou numa casa de banho. Mudou de roupa num dos compartimentos, trocando o fato de duas peças por calças de ganga ruças, uma camisola de lã e botas de cowboy de camurça. Para terminar, prendeu o cabelo e colocou uma peruca loura. Olhou-se ao espelho; a transformação tinha demorado menos de cinco minutos.

Agora, era Sally Burke, de Los Angeles, com um passaporte e uma carta de condução da Califórnia para comprová-lo.

Percorreu o terminal até ao balcão da Air México e fez o check-in para o último voo da noite para a Cidade do México. As setenta e duas horas seguintes iriam ser difíceis. Do México, atravessaria depois a América Central e do Sul, trocando de passaporte e de identidade a

cada dia. A seguir, embarcaria num avião em Buenos Aires e regressaria à Europa.

Sentou-se na sala de espera junto à porta de embarque e aguardou que chamassem os passageiros para o voo. Tentou fechar os olhos, mas, de cada vez que o fazia, via a cabeça do agente da DSS a explodir num jorro de sangue.

O CNN Airport Channel estava a passar um serviço noticioso sobre a tentativa de assassínio.

A Brigada para a Libertação do Ulster acaba de reivindicar a responsabilidade pela tentativa de assassínio do embaixador Douglas Cannon. Os dois agressores, um homem e uma mulher, ainda estão a monte. Os médicos do George Washington University Hospital, em Washington, dizem que Cannon se encontra em estado crítico, mas que os ferimentos sofridos não põem em risco a sua vida...

Rebecca desviou o olhar. Pensou: "Onde raio é que tu estás, Jean-Paul" Tirou do envelope a carta que ele lhe tinha dado quatro horas antes' e leu-a uma vez mais.

Vai ter a este sítio. Irei depois buscar-te, se conseguir.

Começaram a chamar os passageiros para o voo. Ela atirou a carta para um caixote de lixo e dirigiu-se para a porta de embarque.

Capítulo 41

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

— Tens nome?

— Eu utilizo muito nomes, mas chamei-me Jean-Paul Delaroche mais tempo do que todos os outros e, por isso, penso em mim como sendo ele.

— Então, devo chamar-te Delaroche?

— Se quiseses — respondeu Delaroche, franzindo os lábios de uma forma muito francesa.

Apesar da hora tardia, continuava a haver bastante trânsito na Capital Beltway, os resquícios da eterna confusão de Washington ao anoitecer. Michael virou para a Interstate 95 e seguiu para norte, na direcção de Baltimore. O carro era um Ford alugado, que Michael tinha levantado no National Airport depois de fugir da Key Bridge num táxi. De início, o taxista recusara-se a abrir a porta a um par de homens de fato com ar de quem tinha acabado de levar uma carga de pancada. A seguir, Delaroche mostrou-lhe um molho de notas de vinte e o taxista disse que, se quisessem ir até à Lua, ele conseguiria fazê-los estar lá de manhã.

Delaroche ia sentado à frente, no banco do passageiro, com os pés apoiados no painel de instrumentos. Estava a esfregar o tornozelo e a ralhar com ele, como se este o tivesse traído. De forma despreocupada, acendeu outro cigarro. Se se sentia ansioso ou com medo, não mostrava qualquer indício disso. Desceu o vidro da janela, libertando a nuvem de fumo. De repente, o interior do carro tresandava a terra de cultivo húmida.

Ao longo dos vários anos que se seguiram ao assassinio de Sarah, Michael tinha tentado retratar o assassino dela na sua mente. Concluiu que tinha imaginado que ele fosse maior do que de facto era. Na verdade, Delaroche era bastante pequeno e compacto, com os músculos bem retesados de um pugilista de peso médio. Michael já tinha ouvido a voz dele uma vez — em Cannon Point, na noite em que ele o tentara matar —, mas ao ouvi-lo a falar naquele momento compreendeu que ele não era um só homem mas sim vários. O sotaque corria o mapa da Europa. Às vezes, era francês, às vezes, alemão e, outras vezes, holandês ou grego. Nunca falou como um russo; Michael

interrogou-se se, chegado àquele ponto, conseguiria sequer falar a sua língua materna.

— Já agora, a arma estava descarregada.

Delaroche soltou um suspiro profundo, como se estivesse aborrecido com um programa televisivo entediante.

— A pistola de uso corrente para os agentes da CIA é uma Browning automática de alta potência, com um carregador de vinte tiros — continuou. — Depois de recarregares, disparaste quatro tiros contra mim pela porta da frente, três pela porta das traseiras, mais três pelo pára-brisas e cinco para a bagageira do Saab.

— Se sabias que a arma estava descarregada, porque é que não me atiraste simplesmente da ponte abaixo?

— Porque, mesmo que te tivesse matado, não tinha praticamente hipóteses de escapar. Estava ferido. Não tinha pistola, não tinha carro, não tinha meio de comunicar.

Tu eras a única arma que me restava.

— Do que é que estás para aí a falar, porra?

— Eu tenho uma coisa que tu queres e tu tens uma coisa que eu quero. Tu queres saber quem é me contratou para te matar e eu quero protecção contra os meus inimigos para poder viver descansado.

— E o que é que te leva a crer que eu pretendo cumprir esse acordo?

— Um homem não abandona a CIA se não tiver princípios. E um homem não regressa à CIA quando o presidente lhe pede para o fazer se não acreditar em honra. A tua honra é o teu ponto fraco. Mas, afinal de contas, porque é que escolheste esta vida, Michael? Foi o teu pai que te levou a isso?

Michael pensou: "Então, o Delaroche passou tanto tempo a analisar-me como eu a ele."

— Não me parece que tivesse tomado a mesma decisão se os papéis estivessem invertidos — disse Michael. — Acho que te teria deixado cair da ponte e apreciado ver o teu corpo a flutuar pelo rio abaixo.

— Isso não é uma coisa de que te devas gabar. És virtuoso, mas também és altamente emotivo e isso torna-te facilmente manipulável. O KGB percebeu isso quando te colocou a Sarah Randolph no caminho e quando me mandou matá-la à frente dos teus olhos.

— Vai-te foder! — exclamou Michael.

Sentiu-se tentado a parar o carro e dar um enxerto de pancada em Delaroche. Depois lembrou-se da luta na ponte e da facilidade com que Delaroche o tinha quase matado com as próprias mãos.

— Michael, por favor, abranda antes que nos mates aos dois. Para onde é que estamos a ir, já agora?

— O que é que te aconteceu à cara? — perguntou por seu turno

Michael, ignorando a pergunta de Delaroche.

— Tu enviaste um alerta à Interpol, bem como um esboço por computador da minha cara, e por isso fiz uma cirurgia plástica.

— E como é que soubeste do alerta?

— Uma coisa de cada vez, Michael.

— O cirurgião plástico era um homem chamado Maurice Leroux?

— Sim — respondeu Delaroche. — Como é que sabias?

— Soube porque os serviços secretos britânicos tinham conhecimento do facto de Leroux trabalhar realmente de tempos em tempos para pessoas como tu. Foste tu que o mataste?

Delaroche não disse nada.

— Ele não te fez nenhum favor — disse Michael. — Estás hediondo.

— Tenho noção disso — respondeu Delaroche friamente — e culpo-te a ti.

— És um homicida. Não sinto pena de ti por teres tido uma má experiência com um cirurgião plástico.

— Eu não sou um homicida, sou um assassino profissional. Há uma diferença. Dantes, matava pessoas pelo meu país, mas agora o meu país já não existe e por isso mato por dinheiro.

— Isso faz de ti um homicida, pelas minhas contas.

— Estás a dizer-me que não há homens assim a trabalhar para a tua organização? Vocês também têm os vossos assassinos, Michael. Por isso, por favor... não tentes vir com superioridades morais.

— Quem é que te contratou para matar o Douglas Cannon?

— Para onde estás a levar-me?

— Para um sítio seguro.

— Espero que não estejas a levar-me para uma casa segura da CIA, pois não?

— Quem é que te contratou para matar o Douglas Cannon?

Delaroche pôs-se a olhar pela janela durante bastante tempo e, a seguir, inspirou fundo, como se estivesse prestes a mergulhar e a ficar submerso durante muito tempo.

— Talvez o melhor seja eu começar pelo princípio — disse ele por fim, desviando o olhar da janela e fitando Michael. — Sê paciente e eu conto-te tudo aquilo que queres saber.

Delaroche falou como se estivesse a narrar a história de vida de outra pessoa e não a sua própria. Quando sentia dificuldades com o inglês, passava para uma das outras línguas que ele e Michael tinham em comum: espanhol, ou italiano, ou árabe. Ainda nem duas horas antes, tinha assassinado a sangue frio dois agentes da DSS, mas, pelo que Michael conseguia detectar, não sofria quaisquer problemas de efeitos colaterais pelo facto de matar. Ele matara apenas uma vez — um terrorista da Espada de Gaza, no Aeroporto de Heathrow — e

tinha sido perseguido por pesadelos durante semanas.

Falou a Michael do homem que conhecia apenas como Vladimir. Tinham vivido num grande apartamento do KGB em Moscovo e possuíam uma agradável datcha não muito longe da cidade, para os fins-de-semana e as férias. Nessa altura, Delaroche era conhecido pelo seu nome de baptismo, que era Nicolai, e pelo patronímico, que era Mikhailovich. Não lhe era permitido ter contacto com outras crianças. Não frequentou as normais escolas do Estado, não pertenceu a qualquer clube desportivo ou a organizações juvenis do Partido Comunista. Nunca o deixavam sair do apartamento ou da datcha sem Vladimir ao seu lado. Por vezes, quando Vladimir se encontrava doente ou demasiado cansado, mandava um gorila carrancudo chamado Boris acompanhar a criança.

A determinada altura, Vladimir começou a ensinar-lhe línguas. Ter uma outra língua é ter outra alma, dizia Vladimir. E para a vida que estás prestes a levar, Nicolai Mikhailovich, vais precisar realmente de muitas almas. Delaroche franziu a cara como se fosse um velho e curvou os ombros. Ao observá-lo, Michael ficou assombrado com a capacidade que ele tinha para se transformar noutra pessoa. Quando falou com a voz de Vladimir, soou como um russo pela primeira vez.

De vez em quando, um homem alto e severo, com fatos ocidentais e cigarros ocidentais, vinha visitá-lo, continuou Delaroche a contar. Estudava o rapaz como um escultor seria capaz de estudar uma obra em execução. Muitos anos mais tarde, Delaroche ficaria a conhecer a identidade do homem alto. Era Mikhail Voronstov, o chefe da Primeira Direcção Principal^[40] do KGB — o seu pai.

Em Agosto de 1968, com dezasseis anos, foi enviado para o Ocidente. Atravessou a fronteira da Checoslováquia com a Áustria, fazendo passar-se por filho de dissidentes checos a fugir dos russos. Ficou na Áustria durante algum tempo e depois mudou-se para Paris, onde viveu como um miúdo da rua até a igreja o acolher.

Foi em Paris que descobriu que sabia pintar. Vladimir nunca o tinha deixado dedicar-se a mais nada além das línguas e das artes do ofício. Não há tempo para actividades frívolas, Nicolai Mikhailovich, dizia. Estamos numa corrida contra o tempo. Passava tardes a deambular pelos museus, estudando grandes obras. Frequentou a escola de arte durante um certo tempo e até conseguiu vender alguns dos seus trabalhos na rua.

A seguir, apareceu o homem chamado Mikhail Arbatov e os assassínios começaram.

— O Arbatov era o agente responsável por mim — explicou Delaroche. — No começo, eu tratava de assuntos internos: dissidentes, potenciais desertores, esse tipo de coisas. A seguir, embarquei num tipo de missão diferente.

Michael passou em revista uma série de assassinios que sabia terem sido levados a cabo por Delaroche: o ministro espanhol, em Madrid, o representante da polícia francesa, em Paris, o executivo da BMW, em Frankfurt, o representante da OLP, em Tunes, o empresário israelita, em Londres.

— O KGB queria tirar partido dos movimentos terroristas e nacionalistas existentes no interior das fronteiras da NATO e dos seus aliados — prosseguiu Delaroche.

— O IRA, a Facção Exército Vermelho, as Brigadas Vermelhas de Itália, os bascos, em Espanha, a Acção Directa, em França, e por aí fora. Matei em ambos os lados do espectro, pura e simplesmente de maneira a criar a desordem. Houve muitos mais assassinios do que aqueles que referiste, claro.

— E quando a União Soviética se desmoronou?

— Eu e o Arbatov ficámos à deriva.

— E então passaram a trabalhar por conta própria? Delaroche confirmou com a cabeça, esfregando o tornozelo.

— O Arbatov tinha excelentes contactos e era um negociador talentoso. Actuava como meu agente, recebendo propostas, negociando honorários... esse tipo de coisas.

Dividíamos as receitas do meu trabalho.

— E depois veio o caso da TransAdantic.

— Foi o dia de trabalho mais bem pago da minha vida, um milhão de dólares. Mas não fui eu que abati aquele avião a jacto. Foi aquele psicopata palestiano, o Hassan Mahmoud, quem abateu o avião.

— Tu limitaste-te a liquidar o Mahmoud.

— Exactamente.

— E o corpo foi deixado lá ficar para nós deduzirmos que tinha sido a Espada de Gaza a levar a cabo o atentado.

— Sim.

— E- depois foste contratado pelos homens que abateram de facto o avião para eliminar as outras pessoas envolvidas na operação, como o Colin Yardley, em Londres, e o Eric Stoltenberg, no Cairo.

— E depois tu.

— Quem é que te contratou? — perguntou de novo Michael. — Quem é que te contratou para me matar?

— Eles chamam-se a si mesmos Sociedade para o Desenvolvimento e a Cooperação Internacionais — começou por dizer Delaroche. — São um grupo de agentes dos serviços secretos, homens de negócios, comerciantes de armas e criminosos que tentam influenciar os acontecimentos mundiais de modo a ganharem dinheiro e a protegerem os seus próprios interesses.

— Não acredito que uma organização dessas exista realmente.

— Abateram o avião para que um dos seus membros, um

forneceador americano de equipamento de defesa chamado Mitchell Elliott, pudesse convencer o presidente Beckwith a construir um sistema de defesa antimíssil.

Michael tinha suspeitado que Elliott estivesse envolvido naquela tragédia; na verdade, até tinha posto as suas suspeitas por escrito no relatório que fizera à CIA.

Ainda assim, ouvir Delaroche confirmar-lhe essas suspeitas fê-lo sentir-se enojado. Começou a escorrer-lhe suor pelas costelas.

— Eles sabiam que tu estavas a aproximar-te demasiado da verdade — continuou Delaroche. — Decidiram que o melhor seria que morresses e, por isso, contrataram-me para te matar.

— Como é que eles souberam das minhas suspeitas?

— Têm uma fonte dentro de Langley.

— E o que é que aconteceu a seguir a Shelter Island? — perguntou Michael.

— Passei a trabalhar em exclusivo para a Sociedade.

— E a Sociedade tem algum líder?

— Chamam-lhe o Director. É o único nome pelo qual é conhecido. É inglês. Tem uma rapariga nova chamada Daphne. É tudo o que eu sei sobre ele.

— Foste tu que mataste o Ahmed Hussein no Cairo. Delaroche virou-se de repente e lançou um olhar furioso a Michael.

— A Sociedade executou o assassinio a mando da Mossad. Como é que soubeste que tinha sido eu?

— O Hussein estava sob vigilância dos egípcios. Eu vi uma cassete de vídeo com o assassinio e reparei na cicatriz que o assassino tinha na mão direita. Foi aí que soube que estavas vivo e outra vez em acção. Foi aí que enviámos o alerta à Interpol.

— Soubemos do alerta imediatamente — revelou Delaroche, olhando para as costas da mão direita. — O Director tem excelentes contactos no mundo dos serviços secretos e de segurança ocidentais, mas disse que a informação sobre o alerta à Interpol veio da fonte dele em Langley.

— E porque é que a Sociedade se envolveu na questão da Irlanda do Norte?

— Porque achou que o acordo de paz na Irlanda do Norte era mau para o negócio. Houve uma reunião do Conselho Executivo da Sociedade no mês passado, em Míconos. Nessa reunião, decidiram matar-te a ti e ao teu sogro, e foi-me dada essa missão.

— E a mulher que ia no Volvo era a Rebecca Wells?

— Era.

— Onde é que ela está agora?

— Isso não fazia parte do nosso acordo, Michael.

— E porquê matarem-me a mim?

— O Director investiu uma grande quantidade de dinheiro em mim e quis proteger o seu investimento. Viu-te como uma ameaça.

— E a fonte de Langley estava na reunião em Míconos?

— Estava toda a gente em Míconos.

Já passava das cinco da manhã quando Michael e Delaroche chegaram à aldeia de Greenport, em Long Island. Seguiram pelas ruas desertas e estacionaram no cais dos ferries. O barco estava tranquilamente parado no seu estaleiro; só iria fazer a primeira travessia até Shelter Island, do outro lado do estreito, dali a uma hora. Michael fez uma chamada pelo telefone público junto ao pequeno barracão revestido de ripas que havia no terminal.

— Onde é que tu estás, foda-se? — perguntou Adrian Cárter. — Tens toda a cidade à tua procura.

— Liga-me para este número de um telefone público.

O número de dez dígitos que indicou a Cárter não tinha qualquer semelhança com o verdadeiro número do telefone público. Tinha dado o número a Cárter num código rudimentar que os dois tinham utilizado em operações muitos anos antes — na ordem inversa, com o primeiro dígito mais um do que o número verdadeiro, o segundo dígito menos dois, o terceiro dígito mais três e por aí fora. Não precisou de repetir. Cárter, tal como Michael, era atormentado por uma memória perfeita.

Michael desligou e fumou um cigarro enquanto esperava que Cárter se vestisse, entrasse no carro e se dirigisse a um telefone público. A imagem de Cárter a vestir um casaco por cima do pijama fez Michael sorrir. O telefone tocou passados cinco minutos.

— Importas-te de me dizer que raio se está a passar?

— Digo-te quando tu aqui chegares.

— E onde é que tu estás?

— Em Shelter Island.

— E que raio estás a fazer aí? Estiveste envolvido naquele tiroteio na Key Bridge?

— Apanha mas é o primeiro avião para aqui, Adrian. Preciso de ti. Cárter hesitou um momento e depois disse:

— Estou aí assim que puder, mas porque é que eu já sei que não vai sair daqui nada de bom?

Quando Michael voltou para o carro, Delaroche tinha desaparecido. Encontrou-o uns instantes depois, encostado a uma vedação com rede metálica a enferrujar, a olhar fixamente para o outro lado do estreito, na direcção da silhueta baixa e escura de Shelter Island.

— Conta-me os teus planos — disse Delaroche.

— Se queres o teu dinheiro e a tua felicidade, vais ter de fazer por merecer.

— E que queres tu que eu faça?

— Ajuda-me a destruir a fonte dentro de Langley.

— Sabes quem ele é?

— Sei — respondeu Michael. — E não é um ele. É a Mónica Tyler.

— Eu não sei o suficiente para destruir a Mónica Tyler.

— Sabes, sim, senhor.

Delaroche continuava a olhar fixamente para a água negra.

— De certeza que podíamos ter feito isto noutro sítio que não este, Michael. Porque é que me trouxeste outra vez para este sítio?

Mas Delaroche não estava verdadeiramente à espera de uma resposta e Michael não lhe deu uma.

— Eu preciso de saber uma coisa. Preciso de saber como é que a Astrid morreu.

— A Elizabeth matou-a.

— Como?

Quando Michael lhe contou, ele fechou os olhos. Ficaram ali parados, lado a lado, ambos agarrados à vedação, à medida que os primeiros trabalhadores dos ferries foram começando a chegar. Passados poucos minutos, o barco começou a ressoar no seu estaleiro.

— Nunca foi nada pessoal — disse Delaroche, por fim. — Foram só negócios. Compreendes o que te estou a dizer, Michael? Foram só negócios.

— Tu fizeste-nos passar um inferno, a mim e à minha família, e nunca te perdoarei isso. Mas compreendo. Agora, compreendo tudo.

Capítulo 42

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

Quando chegaram ao portão de Cannon Point, um segurança chamado Tom Moore saiu do abrigo para os guardas. Era um antigo comando do exército, com ombros grossos e quadrados e cabelo louro cortado à escovinha.

— Peço desculpa por não ter ligado primeiro para te avisar que estava a caminho, Tom.

— Não há problema, senhor Osbourne — respondeu Moore. — Já ouvimos o que aconteceu ao senhor embaixador. Como é óbvio, estamos todos a torcer por ele. Só espero que apanhem os sacanas que fizeram isto. Na rádio, disseram que eles desapareceram sem deixar rasto.

— Parece que sim. Este é um amigo meu — disse Michael, apontando para Delaroche. — Vai ficar cá um dia ou dois.

— Sim, senhor.

— Aparece lá em casa para almoçar, Tom. Precisamos de falar.

— Eu não quero ter nada a ver com isso — afirmou Adrian Cárter. — Passa isso à Divisão de Contra-Espionagem. Meu Deus, por mim, até podes dar isso aos palhaços do FBI. Mas livra-te disso, porque essa coisa vai destruir quem quer que toque nela.

Cárter e Michael estavam a andar ao longo da divisória com vista para o estreito, de cabeça para baixo e mãos nos bolsos, como uma equipa de busca à procura de um corpo. Naquela manhã, não havia vento e estava frio. Cárter estava com o mesmo anoraque almofadado que trazia vestido naquela tarde no Central Park, em que tinha pedido a Michael para regressar à CIA. Era um fumador regenerado, mas, a meio da história, cravou um cigarro a Michael e devorou-o.

— Ela é a directora da CIA — disse Michael. — Ela controla a Divisão de Contra-Espionagem. E, quanto ao FBI, quem é que vai querer envolvê-los? Isto é um assunto nosso. O FBI só nos vai lembrar isso mesmo.

— E estás a esquecer-te de que ali o Jack, o "Estripador, é a tua única testemunha? — retorquiu Cárter, apontando com a cabeça para a casa. — Tens de admitir que ele tem de facto um problemzinho em termos de credibilidade. Já pensaste pelo menos na possibilidade de

ele ter inventado esta coisa toda para impedir que o prendesses?

— Ele não está a inventar.

— Como podes ter tanta certeza? Toda esta coisa de uma ordem secreta chamada Sociedade soa-me a um belo monte de treta.

— Alguém contratou aquele homem para me matar no ano passado porque eu estava a aproximar-me demasiado da verdade acerca do caso da TransAtlantic. Revelei as minhas suspeitas a duas pessoas dentro da CIA. Uma foste tu e a outra foi a Mónica Tyler.

— E então?

— Para começar, porque é que a Mónica fez com que eu me fosse embora da CIA no ano passado? E porque é que me retirou do caso Outubro uma semana antes de ele tentar matar o Douglas? E há mais uma coisa. O Delaroche disse que houve uma reunião da Sociedade em Míconos, no início deste mês. A Mónica esteve na Europa a participar numa conferência regional sobre segurança. E, depois disso, tirou dois dias de folga e desapareceu por completo.

— Meu Deus, Michael, eu também estive na Europa no início do mês.

— Eu acredito na história, Adrian. E tu também.

Saíram do recinto de Cannon Point e caminharam pela Shore Road, no limite de Dering Harbor.

— Se isto for tornado público, vai ser desastroso para a CIA.

— Concordo — disse Michael. — Seriam necessários anos para recuperar de um golpe desses. Destruiria a reputação da CIA em Washington e, em boa verdade, pelo mundo inteiro.

— Então, o que é que fazemos?

— Apresentamos-lhe as provas e acabamos com ela antes que possa causar mais estragos. Ela tem sangue nas mãos, mas se fizermos isto em público a agência vai ficar em ruínas.

— A única maneira de alguma vez conseguires desalojar a Mónica do sétimo andar é com dinamite.

— Eu próprio subo até lá com uma pasta cheia dele, se for preciso.

— E porque é que me envolvereste?

— Porque tu és a única pessoa em quem confio. Foste o agente responsável por mim, Adrian. Serás sempre o agente responsável por mim.

Pararam numa ponte que percorria toda a desembocadura de um ribeiro por onde entrava o mar, à frente de Dering Harbor. Para lá da ponte, havia uma vasta planície com relva pantanosa e árvores despidas. Um homem bastante pequeno e esguio estava diante de um cavalete na ponte, a pintar. Tinha luvas de lã sem dedos e uma camisola de pescador já coçada e vários tamanhos acima do seu.

— Encantador — disse Cáster, olhando para o trabalho. — O senhor é muito talentoso.

— Obrigado — respondeu o pintor, num inglês com sotaque carregado.

Cárter virou-se para Michael e soltou:

— Só podes estar a brincar comigo.

— Adrian Cárter, gostaria de te apresentar o Jean-Paul Delaroche. És capaz de o conhecer melhor como Outubro.

Tom Moore apareceu na casa ao meio-dia.

— Queria ver-me, senhor Osbourne?

— Entra, Tom. Há café acabado de fazer na cozinha.

Michael serviu o café e sentaram-se um em frente do outro, à mesa pequena na cozinha.

— O que é que posso fazer por si, senhor Osbourne?

— Vai haver aqui um encontro hoje à noite que eu preciso de gravar, em áudio e vídeo — começou por dizer Michael. — As câmaras de vigilância podem ser reposicionadas?

— Sim, senhor — respondeu Moore sem emoção.

— E consegues gravar através do dispositivo de saída?

— Sim, senhor.

Adrian Cárter entrou na cozinha, seguido por Delaroche.

— Temos algum equipamento áudio na propriedade?

— Não, senhor. O seu sogro não permitiu que houvesse quaisquer microfones. Achou que isso seria uma invasão da sua privacidade — explicou Moore, com a sua cara grande a deixar despontar um sorriso agradável. — Ele já mal tolera as câmaras. Antes de partir para Londres, apanhei-o a tentar desligar uma.

— E quanto tempo é que demoraria para se arranjam uns microfones e um gravador?

Moore encolheu os ombros.

— Um par de horas, no máximo.

— E consegues instalá-las de maneira a que não possam ser vistas?

— Os microfones são fáceis porque são relativamente pequenos.

As câmaras é que põem um problema. São câmaras de segurança normais, mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos.

Michael praguejou baixinho.

— Mas tenho uma ideia.

— Sim?

— As câmaras têm uma lente razoavelmente longa. Se realizassem o encontro na sala de estar, eu podia posicionar câmaras lá fora, no relvado, e filmar através das janelas.

Michael sorriu e disse:

— Tu és bom, Tom.

— Fiz um pouco de espionagem quando estava nos comandos. Só têm de se certificar de que as cortinas ficam sempre abertas.

— Não posso garantir isso.

— Na pior das hipóteses, terão o áudio como apoio. Delaroche perguntou:

— Tem mais alguma arma além dessa peça de museu com que anda?

Moore trazia um revólver Smith & Wesson de calibre 38.

— Eu gosto destas peças de museu porque elas não encravam — respondeu Moore, batendo com a mão grossa no coldre. — Mas sou capaz de conseguir deitar a mão a umas quantas automáticas.

— De que tipo?

— Colt, de calibre quarenta e cinco.

— Nada de Glock nem de Beretta?

— Lamento — soltou Moore, com o espanto estampado no rosto.

— Uma ou duas Colt serviriam muito bem — disse Cártter.

— Sim, senhor — respondeu Moore. — E pode dizer-me do que é que isto tudo se trata?

— De maneira nenhuma.

Delaroche subiu as escadas e seguiu Michael até ao quarto no andar de cima. Este dirigiu-se ao armário, abriu a porta e tirou uma pequena caixa da gaveta de cima.

Abriu-a e tirou de lá a Beretta.

— Creio que deixaste cair isto da última vez que aqui estiveste — disse Michael, entregando a pistola a Delaroche.

A mão direita de Delaroche, com a sua cicatriz, apertou a coronha e, num movimento reflexo, o dedo enfiou-se na protecção do gatilho. Havia qualquer coisa na facilidade com que Delaroche manejava a arma que fez Michael sentir um arrepio.

— Onde é que arranjaste isto? — perguntou Delaroche.

— Saquei-a da água, no final da doca.

— E quem é que a restaurou?

— Fui eu.

Delaroche desviou os olhos da pistola e fitou Michael com um ar intrigado.

— E por que raio foste fazer uma coisa dessas?

— Não sei bem. Acho que queria poder lembrar-me de qual era realmente o aspecto dela.

Delaroche ainda tinha um carregador para uma Beretta de nove milímetros dentro do bolso. Enfiou-o na arma e engatilhou-a, introduzindo a primeira bala na câmara.

— Se quisesses, suponho que podias cumprir os termos do teu contrato neste momento.

Delaroche sorriu e devolveu a Beretta a Michael.

Às quatro da tarde, Michael entrou no escritório de Douglas e ligou para o gabinete de Mónica Tyler na sede da CIA. Cártter estava à

escuta noutra extensão, com a mão a tapar o auscultador. A secretária de Mónica informou que a directora Tyler se encontrava numa reunião dos quadros superiores e que não podia ser interrompida.

Michael respondeu que era uma emergência e puseram-no a falar com Tweedledee ou Tweedledum, Michael nunca sabia ao certo qual era qual. Fizeram-no esperar os dez minutos da praxe enquanto Mónica era arrancada da reunião.

— Eu sei tudo — disse Michael, no momento em que ela veio finalmente ao telefone. — Sei da Sociedade e sei do Director. Sei do Mitchell Elliott e do caso da TransAdantic.

E sei que tu tentaste mandar matar-me.

— Michael, estás a delirar completamente? Do que raio é que estás para aí a falar?

— Estou a dar-te uma maneira de saíres disto discretamente.

— Michael, eu não...

— Vem ter à casa do meu sogro em Shelter Island. Vem sozinha: nada de segurança, nada de funcionários. Está cá às dez da noite. Se a essa hora ainda não tiveres chegado, ou se eu vir alguma coisa de que não goste, vou ter com o FBI e o The New York Times e conto-lhes tudo o que sei.

Desligou sem esperar que ela respondesse.

Trinta minutos mais tarde, o telefone seguro tocou no escritório da mansão londrina do Director. Estava sentado numa poltrona de orelhas, junto à lareira, com os pés apoiados numa otomana, a despachar um monte de papelada. Daphne entrou no escritório silenciosamente e atendeu o telefone.

— É o Picasso — disse Daphne. — Diz que é urgente.

O Director pegou no auscultador e disse:

— Sim, Picasso?

Com calma, Mónica Tyler informou-o do telefonema que tinha acabado de receber de Michael Osbourne.

— Suspeito que o Outubro seja a fonte das informações de que ele dispõe — disse o Director. — Se isso for verdade, parece-me que o Osbourne não tem muito por onde pegar. O Outubro sabe muito pouco acerca da estrutura global da nossa organização e não é propriamente uma testemunha credível. É um homem que mata por dinheiro, um homem sem princípios morais e sem lealdade.

— Concordo, Director, mas não me parece que devamos simplesmente desconsiderar a ameaça.

— Não estou a sugerir isso.

— E possui os recursos necessários para os eliminar?

— Não assim com tão pouca antecedência.

— E se eu prender pura e simplesmente o Outubro?

— Então, ele e o Outubro irão contar ao mundo a história deles.

— Estou aberta a sugestões.

— Sabes jogar póquer? — perguntou o Director.

— Em sentido figurado ou literalmente?

— Um bocadinho das duas coisas, na verdade.

— Penso que compreendo a sua ideia.

— Ouve o que o Osbourne tem para dizer e avalia as tuas opções.

Eu sei que não preciso de te lembrar que fizeste um juramento de fidelidade para com a Sociedade.

A tua primeira preocupação deve ser o cumprimento desse juramento.

— Compreendo, Director.

— E talvez se proporcione a oportunidade de resolveres tu própria o assunto.

— Eu nunca fiz esse tipo de coisas, Director.

— Não é assim tão difícil, Picasso. Fico à espera de notícias tuas.

Desligou o telefone e olhou para Daphne.

— Começa a ligar para os membros do Conselho Executivo e para os chefes de divisão. Preciso de falar com todos eles urgentemente. Receio que possamos ser forçados a parar com as nossas actividades durante algum tempo.

Mónica Tyler desligou o telefone e olhou para o rio Potomac através da janela. Atravessou a sala e parou diante de um Rembrandt, uma paisagem que tinha comprado por uma pequena fortuna num leilão em Nova Iorque. Percorreu o quadro com os olhos: as nuvens, a luz a espalhar-se do chalé, a charrete sem cavalo no meio da erva do prado. Agarrou na moldura e puxou. O Rembrandt girou nas dobradiças, revelando um pequeno cofre na parede.

Os dedos dela giraram a fechadura automaticamente, sem que os olhos olhassem praticamente para os números; passados uns segundos, o cofre estava aberto. Começou a tirar de lá alguns artigos: um envelope com cem mil dólares em dinheiro, três passaportes falsos com nomes diferentes e de países diferentes e cartões de crédito correspondentes aos nomes.

A seguir, tirou um último artigo, uma Browning automática.

E take se proporcione a oportunidade de resolveres tu própria o assunto.

Mudou de roupa, trocando o fato Chanel de corte justo por umas calças de ganga e uma grande mala de mão de couro preta. Depois, guardou uma muda de roupa numa pequena mala de fim-de-semana.

Pôs a mala de mão ao ombro e enfiou a mão lá dentro, apertando a coronha da Browning tinha sido treinada pela CIA para manejar uma arma. Um dos membros da equipa de segurança dela estava à espera no corredor.

— Boa tarde, Directora Tyler.

— Boa tarde, Ted.
— É para voltar para a sede, Directora?
— Por acaso, não, é para heliporto.
— O heliporto? Ninguém nos disse nada sobre...
— Não há problema, Ted — disse ela calmamente. — É um assunto privado.

O segurança olhou para ela atentamente.

— Passa-se alguma coisa, Directora Tyler?

— Não, Ted, vai correr tudo lindamente.

Capítulo 43

SHELTER ISLAND, NOVA IORQUE

Michael mantinha-se ansiosamente vigilante no relvado de Cannon Point. Estava a beber o café horrível de Adrian Cárter, a fumar os seus próprios cigarros horríveis e a andar de um lado para o outro na relva gelada, com os binóculos que Douglas utilizava para observar aves colocados ao pescoço. Meu Deus, como a noite estava fria, pensou. Olhou uma vez mais para o céu a ocidente, na direcção em que Mónica viria, mas viu apenas uma chuva de estrelas molhadas, espalhadas pelo tapete negro do espaço, e uma nesga de lua, de um branco-amarelado.

Olhou para o relógio — 21h58. Mónica nunca chega a horas, pensou. "A Mónica há-de chegar dez minutos atrasada ao próprio funeral", gracejou uma vez Cárter, especado na deprimente antessala de Mónica, à espera que esta aparecesse. Talvez ela não vá aparecer, pensou Michael, ou talvez eu simplesmente espere que ela não o faça.

Talvez Adrian tivesse razão. Talvez ele devesse simplesmente esquecer tudo aquilo, deixar a CIA — para sempre, desta vez — e ficar em Shelter Island com Elizabeth e as crianças. E depois? Viver o resto da minha vida a olhar por áma do ombro, à espera que a Mónica ou os amigos dela enviem outro assassino, outro Delaroche?

Viu as horas uma vez mais. Era o velho relógio do pai: fabricado na Alemanha, grande como um dólar de prata, à prova de água, à prova de pó, à prova de choque, seguro para crianças, ligeiramente luminoso. Perfeito para um espião. Tinha sido a única coisa do pai com que Michael ficara depois de ele morrer. Nem tinha tirado a correia removível que lhe deixava um padrão de buracos rectangulares estampado na pele do pulso. Às vezes, olhava para o relógio e pensava no pai — em Moscovo, ou Roma, ou Viena, ou Beirute — à espera de um agente. Interrogou-se sobre o que o pai acharia daquilo tudo.

Na altura, ele nunca me diizia o que pensava, pensou Michael. Porque é que agora haveria de ser diferente?

Ouviu um baque surdo que poderia ter sido provocado por um helicóptero à distância mas que era apenas o som proveniente do clube nocturno que ficava na outra margem, em Greenport — a banda

residente a preparar-se para mais um concerto tenebroso. Michael pensou na sua heterogénea equipa de operações. Delaroché, o seu inimigo, a prova acabada da traição perpetrada por Mónica, à espera para ser posto no palco e depois tirado de lá. Tom Moore, parado diante dos seus monitores no chalé dos convidados, prestes a apanhar o choque da sua vida. Adrian Cártter, atrás dele, a andar de um lado para o outro, a fumar os cigarros de Michael sem parar e a desejar estar em qualquer outro lugar que não aquele.

Michael ouviu o bater das hélices do helicóptero muito antes de o conseguir ver. Por um instante, pensou que até pudessem ser dois, ou três, ou mesmo quatro. Instintivamente, esticou o braço para agarrar na Colt automática que Tom Moore lhe fornecera, mas, passado um momento, viu as luzes de um único helicóptero a aproximar-se, sobrevoando Nassau Point e Great Hog Neck, e percebeu que tinha sido apenas o vento nocturno a pregar-lhe uma partida aos ouvidos.

Lembrou-se da manhã, dois meses antes, em que o helicóptero que transportava o presidente James Beckwith fizera o mesmo percurso até Shelter Island, desencadeando a sucessão de acontecimentos que o tinha levado até àquele sítio.

As imagens desenrolaram-se na sua mente à medida que o helicóptero se ia aproximando.

Adrian Cártter no dique da represa no Central Park, a seduzir Michael a regressar.

Kevin Maguire amarrado a uma cadeira e Seamus Devlin a sorrir. Eu não matei o Kevin Maguire, Michael. Você é que o matou.

Preston McDaniels a ser esmagado pelas rodas do comboio da Linha do Sofrimento.

Delaroché, a sorrir por cima do parapeito da Key Bridge. Conheces a história da rã e do escorpião que atravessam o Nilo?

Às vezes, o trabalho de espionagem é assim, costumava dizer o pai — como a teoria do caos. Um sopro de vento agita a superfície de um lago, fazendo um tufo de juncos deslocar-se, o que origina o voo de uma libélula, que assusta uma rã, e sempre por aí adiante até que, a dezenas de milhares de quilómetros de distância e muitas semanas depois, um tufão destrói uma ilha nas Filipinas.

O helicóptero sobrevoou baixinho a baía de Southold. Michael olhou para o relógio do pai: um minuto depois das dez. O helicóptero começou a descer sobre o estreito de Shelter Island e Dering Harbor, aterrando a seguir no extenso relvado de Cannon Point. Os motores desligaram-se e as hélices foram parando de girar gradualmente.

A porta abriu-se e uma pequena escada estendeu-se até ao chão. Mónica saiu do helicóptero, com uma mala de mão preta ao ombro, e avançou de forma decidida em direcção à casa.

— Vamos lá a despachar este disparate — disse ela, passando

depressão por Michael. — Sou uma mulher muito ocupada.

Mónica Tyler não era uma pessoa que caminhasse sem pressas, mas estava a fazê-lo naquele momento. Percorreu a sala de estar de Douglas Cannon como um político a inspeccionar um parque de caravanas a seguir a um tornado — com calma, estoicismo e empatia, mas com o cuidado de não pisar nada que fosse revoltante. Foi fazendo pequenas pausas de tempos a tempos, ora franzindo o sobrolho à coberta com motivos florais por cima do sofá, ora fazendo uma careta perante o pequeno tapete rústico diante da lareira.

— Tens câmaras em algum sítio, não tens, Michael — disse ela, fazendo uma afirmação e não uma pergunta. — E microfones.

Prosseguiu a sua agitada travessia pela sala.

— Não te importas que eu corra estas cortinas, pois não, Michael? E que, sabes, eu também passei por aquele cursozinho na quinta. Posso não ser uma agente operacional experiente como tu, mas sei uma coisinha ou outra sobre as artes clandestinas.

Fez questão de mostrar bem que estava a fechar as cortinas.

— Pronto — rematou. — Assim está muito melhor. Sentou-se, como uma testemunha relutante e arrogante a sentar-se para depor. Os pedaços de tronco na lareira começaram a crepitar. Ela cruzou uma perna sobre a outra, pousando as mãos compridas em cima do tecido desbotado das calças de ganga, e fitou Michael com um olhar gelado. O cenário prosaico à sua volta tinha-lhe retirado a intimidação física. Não havia caneta de ouro para esgrimir como um punhal, não havia secretária para interromper uma reunião que se tinha tornado inesperadamente desagradável, não havia Tweedledum nem Tweedledee, vigilantes como dobermans, agarrados às suas pastas de couro e telemóveis seguros.

Delaroche entrou na sala. Estava a fumar um cigarro. Mónica lançou-lhe um olhar feroz de desprezo, já que o tabaco, como a falta de lealdade, era um dos seus ódios de estimação.

— Este homem chama-se Jean-Paul Delaroche — disse Michael. — Sabes quem é?

— Suspeito que seja um antigo assassino do KGB com o nome de código Outubro e que agora actua como assassino internacional a soldo.

— E sabes porque é que ele cá está?

— Provavelmente, porque quase matou o teu sogro ontem à noite, em Georgetown, apesar de todos os nossos esforços para o determos.

— Que jogo andas tu a jogar, Mónica? — perguntou Michael rispidamente.

— Ia precisamente perguntar-te a mesma coisa.

— Eu sei tudo — disse ele, agora mais calmo.

— Acredita em mim, Michael, tu não sabes tudo. Na verdade, não

sabes praticamente nada. É que a tua brincadeirazinha pôs gravemente em risco uma das operações mais importantes que a CIA tem neste momento em execução.

A sala tinha ficado em silêncio, à excepção da lareira, que se encontrava de novo em actividade, a crepitar como pequenas armas. Lá fora, o vento abanava as árvores despidas e uma delas arranhava a fachada lateral da casa. Um camião roncou pela Shore Road e um cão ladrava algures.

— Se queres ouvir o resto, vais ter de desligar os teus microfones — avisou Mónica.

Michael não se mexeu. Mónica esticou o braço na direcção da mala, como se estivesse prestes a levantar-se para se ir embora.

— Está bem — disse Michael.

Pôs-se em pé, foi até à secretária de Douglas e abriu uma gaveta. Lá dentro, estava um microfone, mais ou menos do tamanho de um dedo. Michael levantou-o para que Mónica o pudesse ver.

— Desliga-o — disse ela.

Ele arrancou o microfone do cabo.

— E agora o de apoio — continuou ela. — Tu és demasiado paranóico para fazeres uma coisa destas sem um apoio.

Michael dirigiu-se para as prateleiras dos livros, tirou um volume de Proust e puxou do segundo microfone.

— Acaba com ele — ordenou Mónica. Delaroche olhou para Michael.

— Ela tem uma pistola na mala.

Michael aproximou-se da cadeira onde Mónica Tyler estava sentada, enfiou a mão na mala e tirou de lá a Browning.

— Desde quando é que os directores da CIA andam com armas?

— Quando se sentem ameaçados — respondeu Mónica. Michael travou a patilha de segurança e atirou a Browning para Delaroche.

— Muito bem, Mónica, vamos lá começar.

Adrian Cárter era ansioso por natureza, o que o tornava estranhamente inadequado para a actividade de enviar agentes para o terreno e ficar à espera que eles regressassem.

Ao longo dos anos, tinha aguentado muitas vigílias plenas de ansiedade por causa de Michael Osbourne. Lembrou-se das duas noites intermináveis que tinha passado em Beirute, em 1985, à espera que Michael regressasse de um encontro com um agente no vale de Bekaa. Cárter temia que Michael tivesse sido sequestrado ou morto.

Estava prestes a desistir quando Michael apareceu em Beirute aos tropeções, coberto de poeira e a cheirar a cabras.

Ainda assim, nada se comparava ao desconforto que sentia naquele momento, ao ouvir o seu agente a confrontar a directora da CIA. Quando esta exigiu que Michael inutilizasse o primeiro microfone

Cárter não ficou especialmente preocupado — havia dois na sala e um agente operacional experiente como Michael nunca abriria mão do seu ás de trunfo.

Depois, ouviu Mónica a exigir que o segundo fosse igualmente desligado, seguido de uma série de ruídos surdos e estática, no momento em que Michael o arrancou da prateleira. Quando a ligação à sala foi interrompida, fez a única coisa que um bom orientador de agentes pode fazer.

Acendeu outro dos cigarros de Michael e esperou.

— Pouco tempo depois de ter sido nomeada directora da CIA, fui abordada por um homem que dava apenas pelo nome de Director — começou por dizer ela, falando como uma mãe exausta, a contar com relutância um conto de fadas a uma criança que não quer ir deitar-se. — Perguntou-me se eu estaria disposta a fazer parte de um clube de elite, um grupo internacional de agentes dos serviços secretos, especialistas financeiros e homens de negócios dedicado à preservação da segurança mundial. Suspeitei que havia ali qualquer coisa de errado e, por isso, informei a Divisão de Contra-Espionagem do incidente, relatando-o como um potencial recrutamento por parte de uma organização inimiga. A Divisão de Contra-Espionagem achou que poderia ser produtivo, em termos operacionais, aceitar o convite do Director e eu concordei. Pedi a aprovação do próprio presidente para dar início à operação. Encontrei-me com o homem chamado Director mais três vezes, duas na Europa do Norte e uma no Mediterrâneo.

No final do nosso terceiro encontro, chegámos a um acordo e eu entrei para a Sociedade.

"A Sociedade tem tentáculos muito compridos. Está envolvida em operações secretas a uma escala mundial. Comecei a recolher imediatamente informações sobre os membros e as operações. Algumas informações passaram por uma lavagem efectuada pela agência e nós tomámos contramedidas. Por vezes, considerámos ser necessário permitir que as operações da Sociedade prosseguissem, pois desmantelá-las poderia pôr em risco a minha posição dentro da hierarquia da organização.

Michael observou-a enquanto ela falava. Estava calma e serena e completamente lúcida, como se estivesse a ler um discurso preparado numa reunião de accionistas.

Sentiu-se tremendamente impressionado com ela; era uma mentirosa formidável.

— E quem é o Director?

— Não sei, e suspeito que o Delaroche também não saiba.

— E tu sabias que ele tinha sido contratado para matar o meu sogro?

— Claro, Michael — respondeu ela, semicerrando os olhos em

sinal de desprezo.

— Então, para que é que foi toda aquela fantochada na sala de jantar executiva? Porque é que me retiraste do caso?

— Porque o Director mo pediu — respondeu ela secamente. A seguir, acrescentou: — Deixa-me explicar. Ele achou que o Delaroche conseguiria desempenhar a missão com maior facilidade se tu já não te encontrasses à frente do caso. Por isso, afastei-te e tomei discretamente medidas para assegurar a segurança do teu sogro. Infelizmente, essas medidas não foram bem-sucedidas.

— Se foi esse o caso, então porque é que ele estava desprotegido em Washington?

— Porque o Director me garantiu que o Delaroche não iria actuar em solo americano.

— E porque é que não me disseste?

— Porque nós não queríamos que tu fizesses nada de precipitado que pudesse pôr em risco a segurança da operação. O objectivo era atrair o Delaroche e fazer com que ele se mostrasse para poder ser eliminado... retirado do mercado, por assim dizer. Não queríamos que o afugentasses trancando o teu sogro numa caixa-forte e deitando a chave fora.

Michael olhou para Delaroche, que estava a abanar a cabeça.

— Ela está a mentir — disse ele. — O Director tratou de tudo o que eu precisava aqui: transportes, armas, tudo. Decidiu levar a cabo o assassinio especificamente em Washington porque sabia que o embaixador estaria mais vulnerável aqui do que em Londres. Foi programado para coincidir com a conferência sobre a Irlanda do Norte de modo a aumentar o impacto no processo de paz.

Parou por uns instantes, com os olhos a deslocarem-se de Michael para Mónica e vice-versa.

— Ela é muito boa, mas está a mentir.

Mónica ignorou-o, continuando a olhar para Michael.

— Era por causa disto que nós não queríamos que o Delaroche fosse preso, Michael. Porque ele iria mentir. Porque ele iria inventar. Seria capaz de dizer qualquer coisa para salvar a pele. E o problema é que tu acreditas nele. Nós queríamos vê-lo eliminado porque, se ele fosse preso, suspeitávamos que pudesse sair-se com uma jogada destas.

— Não é uma jogada — disse Delaroche. — É a verdade.

— Devias ter desempenhado melhor o teu papel, Michael. Devias ter-te limitado a levar a cabo a tua vingança pela Sarah Randolph e matá-lo. Mas agora arranjaste uma bela trapalhada... para a CIA e para ti mesmo.

Mónica levantou-se, indicando que o encontro tinha chegado ao fim.

Michael disse:

— Se insistes em fazer a coisa assim, não me deixas outra escolha a não ser ir ter com a Divisão de Contra-Espionagem e o FBI e revelar-lhes as minhas suspeitas sobre ti. Vais passar os próximos dois anos a aguentar o equivalente à tortura chinesa da água. A seguir, o Senado há-de querer atirar-se a ti. Só as contas que terás de pagar em termos jurídicos vão deixar-te falida. Nunca mais voltarás a trabalhar no governo e ninguém na Wall Street vai querer ter alguma coisa a ver contigo.

Vais ser destruída, Mónica.

— Tu não tens provas que cheguem, e ninguém vai acreditar em ti.

— O genro do embaixador Douglas Cannon afirma que a directora da CIA esteve envolvida na tentativa de assassinio contra ele.

É uma história do caneco. Não há um único jornalista em Washington que não se atirasse a ela como gato a bofe.

— E tu vais ser posto em tribunal por teres revelado segredos da CIA. •

— Estou disposto a arriscar.

Adrian Cártter entrou na sala. Mónica olhou para ele; depois voltou a fixar os olhos em Michael.

— Uma caça às bruxas destruirá a agência, Michael. Devias saber isso. O teu pai foi apanhado na caça à toupeira levada a cabo pelo Angleton^[41], não foi? Isso quase lhe destruiu a carreira. Esta é a tua maneira de te vingares da CIA pelo que aconteceu ao teu pai? Ou ainda sentes rancor por mim por eu ter tido a lata de te suspender em tempos?

— Não estás em posição de me irritar neste preciso momento, Mónica.

— Então, o que é que eu tenho de fazer para impedir que faças essa alegação imprudente contra mim?

— Terás de te demitir na altura apropriada. E, até lá, vais fazer exactamente aquilo que eu e o Adrian te dissermos. E vais ajudar-me a acabar com a Sociedade.

— Meu Deus, tu és mesmo um tonto ingénuo! Acabar com a Sociedade é impossível. A única forma de os controlar é fazendo parte deles. — Olhou para Delaroche. — E o que é que pensas fazer com ele?

Michael respondeu:

— Eu trato do Delaroche. — Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou de lá uma cassete áudio. — Fiz isto ontem à noite, com umas cópias à mistura — disse. — Incluí um relato completo do teu papel na Sociedade, no caso da TransAtlantic e na tentativa de matar o meu sogro. Vou montar uma espécie de mecanismo de disparo. Se acontecer alguma coisa ao Adrian, ao Delaroche ou a mim, serão

enviadas cópias disto para o The New York Times e o FBI.

Michael voltou a guardar a cassete no bolso.

— A decisão é tua, Mónica.

— Eu dei seis anos da minha vida à agência — disse ela. — Fiz tudo o que estava ao meu alcance para assegurar a sua sobrevivência e protegê-la de homens como tu: dinossauros sem a visão necessária para compreender que a CIA possui um papel neste nosso novo mundo. O jogo deixou-te para trás, Michael, e tu és demasiado estúpido para reparar sequer nisso.

— Tu usaste a CIA como um joguete privado para promover os teus próprios interesses e eu agora estou a recuperá-la.

Ela colocou a mala ao ombro, deu meia-volta e começou a ir-se embora.

— A decisão é tua, Mónica — repetiu Michael, mas ela limitou-se a continuar a andar.

Um momento depois, ouviram o gemido do motor do helicóptero a regressar à vida. Michael avançou para a varanda a tempo de ver o helicóptero de Mónica levantar voo do relvado e desaparecer sobre as águas do estreito.

Passaram o resto do dia à espera. Cártter ficou espedado na varanda, de binóculos pendurados ao pescoço, olhando fixamente na direcção do estreito, como um guarda fronteiriço no Muro de Berlim. Michael contornou a casa, caminhando decidido por praias cheias de pedras e no meio dos bosques, à procura de sinais de que o inimigo estivesse a reunir as tropas. E, durante todo esse tempo, Delaroche limitou-se a observá-los, um espectador, ligeiramente perplexo, da destruição por si causada.

Cártter manteve-se em contacto com a sede. Alguém tinha tido notícias de Mónica?, perguntava ele inocentemente no final de cada conversa. As respostas foram-se tornando cada vez mais intrigantes à medida que o dia avançava. Mónica cancelou todas as reuniões que tinha. Mónica está enfiada no gabinete. Mónica não está a receber chamadas.

Mónica passou à clandestinidade. Mónica não quer comer nem beber nada. Michael e Cártter discutiram o significado dessas informações, como é próprio dos espões fazerem.

Estaria a redigir os seus termos de rendição ou a preparar um contra-ataque?

À tarde, Cártter foi à aldeia comprar comida. Delaroche cozinhou omeletas para todos, apoiado num banco porque não conseguia ter o tornozelo inchado no chão durante muito tempo. Beberam uma garrafa de vinho, e depois outra. Delaroche providenciou o entretenimento. Ao longo de duas horas, deu uma palestra: treino, artes do ofício, missões, identidades secretas, armamento e tácticas.

Não lhes contou nada que pudessem utilizar contra ele, mas pareceu retirar prazer desse mínimo desvelar de segredos.

Não disse nada acerca de Sarah Randolph ou de Astrid Vogel, ou da noite em Cannon Point um ano antes, quando ele e Michael se tinham ferido a tiro mutuamente. Permaneceu completamente imóvel enquanto falava, de mãos cruzadas sobre a mesa, com a esquerda a tapar a direita de maneira a esconder a cicatriz enrugada que tinha conduzido Michael até ele.

Foi Cártter quem fez as perguntas, pois Michael já estava com a cabeça noutro sítio. Oh, ele estava a ouvir, pensou Cártter — Michael, o dictafone humano, capaz de monitorizar três conversas e de recitar cada uma delas a outra pessoa passada uma semana —, mas já tinha um recanto da mente a voltar-se para outro problema. Por fim, Cártter começou a falar em russo, uma língua que Michael não falava, e os dois homens terminaram a conversa em privado.

Ao cair da noite, Michael e Delaroche foram caminhar. Michael, a antiga estrela das pistas, tinha enrolado uma grande quantidade de fita adesiva branca à volta do tornozelo de Delaroche. Cártter deixou-se ficar na casa; seria como estar a escutar uma conversa entre amantes desavindos e não queria tomar parte nisso. Ainda assim, não conseguiu resistir ao impulso de ir para a varanda para os observar. Não era um voyeur, apenas um agente de controlo, tomando conta do seu agente e velho amigo.

Seguiram ao longo da divisória em direcção à doca, com Delaroche a coxear ligeiramente. Quando a luz começou a enfraquecer, Cártter deixou de ser capaz de distinguir um do outro, tão semelhantes eram os dois homens em altura e constituição. Foi então que se apercebeu de que eram como duas metades do mesmo homem. Cada um possuía traços, presentes, embora reprimidos com êxito, no outro. Se não fosse pelo património e direitos adquiridos pelo nascimento, a aleatória roleta russa do tempo e espaço, tanto um como o outro poderiam muito bem ter seguido o caminho contrário: Jean-Paul De-laroche, virtuoso agente secreto; Michael Osbourne, assassino.

Passado bastante tempo — uma hora, calculou Cártter, já que, de forma nada característica, se tinha esquecido de registar a hora a que a conversa tinha começado —,

Michael e Delaroche começaram a fazer o caminho de regresso à casa.

Pararam junto ao carro alugado de Michael e ficaram defronte um do outro, cada um no seu lado do capô. Cártter continuava a não ser capaz de dizer qual era qual.

Um deles parecia estar a falar de maneira intensa e outro a bater indolentemente com a biqueira do sapato no chão. Quando a conversa

terminou, aquele que tinha estado a dar pontapés no chão estendeu a mão por cima do capô do carro, mas o outro não a quis apertar.

Delaroche retirou a mão e entrou no carro. Passou pelo portão de segurança e avançou a alta velocidade pela Shore Road, embrenhando-se na escuridão. Michael Osbourne aproximou-se da casa lentamente.

ABRIL

Capítulo 44

WASHINGTON VIENA SOUTH ISLAND, NOVA ZELÂNDIA

O embaixador Douglas Cannon recebeu alta do George Washington University Hospital numa manhã invulgarmente quente da segunda semana de Abril. Tinha chovido durante a noite, mas a meio da manhã as poças já resplandeciam sob um sol intenso. Havia apenas um pequeno grupo de jornalistas e operadores de câmara à espera junto ao caminho de acesso, já que os media de Washington sofrem de uma espécie de síndrome de défice de atenção colectivo e ninguém estava realmente interessado em ver um velho a sair do hospital. Ainda assim, Douglas conseguiu "ser notícia", como se costuma dizer nessa profissão, quando exigiu ruidosamente sair pelo próprio pé e não com a ajuda da obrigatória cadeira de rodas — tão ruidosamente, de facto, que os jornalistas o conseguiram ouvir lá fora. "Deram-me um tiro nas costas, que raios, não nas pernas", resmungou Cannon. Os comentários foram relatados mais tarde nas notícias da noite, para grande gáudio do embaixador.

Ficou na casa da N Street, em Georgetown, durante as primeiras duas semanas de recuperação, e depois voltou para casa, para a sua adorada Cannon Point. Uma pequena multidão que se tinha reunido para lhe dar as boas-vindas acenou e gritou quando o carro de Douglas passou por Shelter Island Heights. Permaneceu em Cannon Point durante o resto da Primavera. Os seguranças acompanhavam-no quando ia passear à beira de água, cheia de pedras, na Upper Beach, e quando percorria os trilhos da reserva de Mashomack. Por altura de Junho, já se sentia com força suficiente para ir velejar no Athena. De forma nada habitual nele, tinha entregado o leme a Michael, mas foi vociferando ordens e criticando tão energicamente os conhecimentos náuticos do genro, que Michael ameaçou atirá-lo pela borda fora junto à costa de Plum Island.

Amigos de longa data insistiram com Douglas para que se demitisse do cargo em Londres; até o presidente Beckwith considerou que essa seria a melhor opção. Mas, no final de Junho, ele regressou a Londres e instalou-se no seu gabinete na Grosvenor Square. A 4 de

Julho, no Dia da Independência, compareceu perante o Parlamento a título especial e, a seguir, viajou para Belfast, onde foi recebido como um herói.

Para coincidir com a sua visita, os serviços secretos e de segurança britânicos e americanos divulgaram os resultados da sua investigação conjunta à tentativa da Brigada para a Libertação do Ulster de matar Cannon em Washington. No comunicado, concluíam-se que havia dois terroristas envolvidos, uma mulher chamada Rebecca Wells, que também estava implicada no caso de Hartley Hall, e um homem não identificado que se supunha ser um assassino profissional contratado pelo grupo.

Apesar de uma busca à escala global, os dois terroristas continuavam a monte.

Horas depois da visita de Cannon à Irlanda do Norte, um grande carro-bomba explodiu à porta de um mercado, junto à esquina da Whiterock Road com a Falis Road. Morreram cinco pessoas e foram feridas outras dezasseis. A Brigada para a Libertação do Ulster reivindicou a responsabilidade. Nessa noite, um grupo republicano extremista, dando pelo nome de Célula de Libertação Irlandesa, vingou esse atentado através da explosão de um gigantesco camião-bomba que arrasou grande parte do centro de Portadown.

O grupo prometeu prosseguir com os seus atentados até que o acordo de paz de Sexta-Feira Santa estivesse morto.

Durante várias semanas, os corredores sem fim de Langley palpitarão com os rumores acerca de uma reorganização drástica no sétimo andar. Mónica ia-se embora, segundo um rumor. Ia ficar para sempre, segundo outro. Mónica tinha caído em desgraça junto do presidente. Mónica estava prestes a tornar-se secretária de Estado. O rumor mais popular entre os seus detractores era a história de que ela tinha sofrido um esgotamento nervoso; que tinha entrado em delírio; que, num acesso de raiva psicótica, tinha tentado destruir por completo a mobília de mogno do seu gabinete.

Inevitavelmente, os rumores difundidos acerca de Mónica chegaram aos ouvidos do The Washington Post. O correspondente do jornal para as questões de espionagem preferiu excluir as coisas mais picantes que tinha ouvido, mas, numa extensa notícia de primeira página, acabou mesmo por relatar que Mónica tinha perdido a confiança dos quadros inferiores da CIA, dos barões da comunidade dos serviços secretos e até do próprio presidente. Nessa tarde, durante uma iniciativa destinada à obtenção de publicidade positiva, com miúdos da escola no Jardim das Rosas, o presidente Beckwith afirmou que Mónica Tyler continuava a ter a sua "total e absoluta confiança".

Traduzido do vocabulário de Washington para uma linguagem simples, o comentário significava que a queda de Mónica Tyler estava

a ser ponderada.

Foi assolada por pedidos de entrevistas. O Meet the Press^[42] queria que ela participasse no programa. Ted Koppel telefonou-lhe pessoalmente para a convidar para o Nightline^[43]. Um membro dos quadros do Larry King Live^[44] tentou mesmo convencer os guardas que se encontravam no portão da frente a deixá-lo passar. Mónica recusou-os a todos. Preferiu antes emitir um comunicado escrito no qual afirmava estar à completa disposição do presidente, e se o presidente quisesse que ela permanecesse ao seu serviço assim o faria.

Mas já não havia nada a fazer. O Inverno abateu-se sobre o sétimo andar. As portas mantiveram-se fechadas a sete chaves. A papelada deixou de circular. A paralisia começava a instalar-se. Mónica estava isolada, dizia a fábrica dos rumores. Mónica estava menos acessível do que nunca. Mónica estava acabada. Tweedledee e Tweedledum só muito raramente eram vistos; e, quando acabavam por aparecer, moviam-se pelos corredores como lobos cinzentos assustadiços. Alguma coisa tinha de ser feita, diziam os rumores. As coisas não podiam continuar daquela maneira.

Por fim, em Julho, Mónica convocou uma reunião dos quadros para o auditório e anunciou a sua demissão, com efeitos a partir do dia 1 de Setembro. Estava a fazer o anúncio atempadamente para que o presidente Beckwith — que ela admirava profundamente e tinha a honra de ter servido — tivesse tempo de sobra para escolher um sucessor apropriado. Entretanto, dar-se-iam mudanças nos quadros superiores. Adrian Cárter iria passar a ser o novo director executivo. Cynthia Martin iria substituir Cárter enquanto chefe do Centro de Contraterrorismo. E Michael Osbourne iria passar a ser o novo director-adjunto de operações.

No Outono, Mónica desapareceu por completo. A sua antiga firma queria tê-la de volta, mas ela disse que precisava de algum tempo para si própria antes de regressar à labuta da Wall Street. Começou a viajar; no sétimo andar de Langley, iam chegando regularmente a Cárter e a Michael informações sobre o seu paradeiro. Mónica estava sempre sozinha, de acordo com os relatórios. Nada de amigos, família, amantes, cães — nada de contactos suspeitos de qualquer espécie. Tinha sido vista em Buenos Aires. Tinha sido avistada em Paris. Tinha ido fazer um safari na África do Sul. Foi fazer mergulho submarino no mar Vermelho, para grande surpresa de todos na sede, já que não havia lá ninguém que tivesse descoberto o facto de ela ser uma mergulhadora de grandes predicados. No final de Novembro, um perito em vigilância do posto de Viena da CIA fotografou Mónica sentada sozinha num café frio na Stephansplatz.

Nessa mesma noite, Mónica Tyler estava a regressar ao hotel a pé a seguir ao jantar, atravessando uma passagem estreita para peões na

sombra da Catedral de Santo Estêvão, quando um homem lhe surgiu à frente. Era de estatura média, constituição compacta e passo ágil. Havia qualquer coisa na forma como ele se mexia, o ritmo decidido do seu andar, que fez com que disparassem alarmes na cabeça dela.

Olhou de soslaio por cima do ombro e apercebeu-se de que estava sozinha. Parou de andar, deu meia-volta e começou a voltar para a praça. O homem, agora atrás dela, limitou-se a acelerar o passo. Mónica não correu — percebeu que isso seria inútil —, fechou apenas os olhos e continuou a andar.

O homem foi-se aproximando, mas não aconteceu nada. Ela parou e voltou-se para o enfrentar. Ao virar-se, o homem tirou uma pistola do casaco. Havia um silenciador comprido e esguio instalado na ponta do cano.

— Meu Deus, não — disse ela, mas o homem levantou o braço e disparou rapidamente três vezes.

Mónica Tyler caiu para trás, ficando a olhar fixamente para os pináculos da catedral. Ouviu o seu assassino a afastar-se e sentiu o seu próprio sangue a escorrer-lhe do corpo para as frias pedras arredondadas da calçada.

A seguir, os pináculos de Santo Estêvão transformaram-se em água e ela morreu.

Em Georgetown, Elizabeth Osbourne ouviu o telefone a tocar. Agora que Michael era o director-adjunto, os telefonemas às quatro da manhã não eram invulgares. Tinha uma reunião importante com um cliente de manhã — transferira-se para o escritório da firma em Washington quando Michael foi promovido — e precisava de dormir. Fechou os olhos e tentou não ouvir Michael a murmurar às escuras.

— Alguma coisa importante? — perguntou ela quando o ouviu a pousar o auscultador.

— A Mónica Tyler foi assassinada hoje à noite em Viena.

— Assassinada? O que é que aconteceu?

— Foi morta a tiro.

— Mas quem é que iria querer matar a Mónica Tyler?

— A Mónica tinha muitos inimigos.

— Vais entrar ao serviço?

— Não — respondeu ele. — Trato disso de manhã.

Ela fechou os olhos e tentou adormecer, mas era escusado. Havia qualquer coisa na voz de Michael que a tinha deixado perturbada. A Mónica tinha muitos inimigos.

Incluindo tu, Michael", pensou.

Antes de amanhecer, ele saiu da cama. Elizabeth levantou-se e foi até ao andar de baixo. Deu com ele na sala de estar, parado diante das portas envidraçadas, a olhar fixamente para o jardim meio iluminado.

— Michael — perguntou ela baixinho —, estás bem?

- Estou ótimo — respondeu ele, sem se virar.
- Queres falar de alguma coisa?
- Não, Elizabeth — respondeu. — Só preciso de pensar.
- Michael, se há...
- Já disse que não posso falar disso, Elizabeth. Por isso, não

insistas.

Deu meia-volta e afastou-se das portas envidraçadas, passando por ela sem falar.

Elizabeth reparou que a cara dele estava branca como a cal.

A Sociedade para o Desenvolvimento e a Cooperação Internacionais reuniu para a sua conferência anual de Verão num château à beira do lago, no cimo das montanhas de South Island, na Nova Zelândia. O local tinha sido escolhido com grande antecedência, e o lago gelado e os nevoeiros cerrados do Inverno da Nova Zelândia revelaram-se uma alegoria adequada para o terrível estado da Sociedade após a morte de Picasso. O passado do Director no MI6 tinha-o preparado para a ocasional operação falhada, mas nada nos serviços secretos se poderia comparar ao cessar de actividades global que ocorreu nas horas que se seguiram ao desmascarar de Picasso. De um dia para o outro, todas as operações terminaram. Os planos para novos empreendimentos foram discretamente arrumados. As comunicações conheceram um fim abrupto. O dinheiro deixou de circular. O Director encerrou-se na sua mansão em St. John's Wood, apenas com a companhia de Daphne, e fez aquilo que qualquer bom agente operacional faz a seguir a uma autêntica asneira da grossa — avaliou os estragos. E quando achou que estava na altura, pôs-se a coser discretamente os fragmentos dispersos da sua confraria secreta.

Supostamente, a conferência em South Island deveria ser uma espécie de festa de debutante. Mas a reabilitação da Sociedade revelava-se, na melhor das hipóteses, titubeante. Dois dos membros do Conselho Executivo não se deram sequer ao trabalho de comparecer. Um tentou enviar um substituto, uma sugestão que o Director considerou risível. Pouco depois de dar início à reunião, o Director, num raro acesso de cólera motivado pelo orgulho ferido, apresentou uma moção com vista a expulsá-los a ambos. A moção foi aprovada por uma votação de viva voz, registada por Daphne no seu bloco de estenografia com grande prontidão.

— O segundo ponto na ordem de trabalhos é o falecimento de Picasso — anunciou o Director, aclarando depois ligeiramente a garganta. — Estou certo de que a morte dela terá sido um choque terrível para todos vocês, mas pelo menos ela já não se encontra em posição de prejudicar a Sociedade.

— Felicito-o por lidar com o problema de uma forma tão profissional — disse Rodin.

— Mas não estás a perceber — respondeu o Director. — A morte dela foi mesmo um choque, já que a Sociedade não teve absolutamente nada a ver com isso.

— Mas e em relação ao Outubro? Ele ainda está vivo, não está?

— Parto do princípio de que seja esse o caso, mas não tenho a certeza. Talvez a CIA o tenha escondido. Talvez o Michael Osbourne o tenha matado e encoberto isso.

A única coisa que posso afirmar com certeza é que todas as nossas tentativas para o localizar fracassaram.

— Talvez eu possa ajudar — interrompeu Monet, o chefe de operações da Mossad israelita. — Os nossos homens já se mostraram capazes de encontrar fugitivos no passado.

Encontrar um homem como o Outubro não deve revelar-se demasiado difícil.

Mas o Director abanou a cabeça lentamente.

— Não — afirmou ele. — Mesmo que o Outubro continue vivo, duvido que alguma vez venha a ser um problema para nós no futuro. Na minha opinião, é melhor deixar cair o assunto. — Baixou os olhos e remexeu nos papéis. — O que me leva ao terceiro ponto na nossa ordem de trabalhos, a situação na antiga Jugoslávia. A Frente de Libertação do Kosovo gostaria de contar com a nossa ajuda. Meus senhores, estamos de volta ao activo.

EPÍLOGO

LISBOA BRÉLÉS, FRANÇA

Jean-Paul Delaroche tinha arrendado um pequeno apartamento num prédio cor de âmbar a ruir com vista para o porto de Lisboa. Estivera em Lisboa apenas uma vez, e só de passagem, e a mudança de ares trouxe nova vida ao seu trabalho. Com efeito, atravessava o seu período mais produtivo em muitos anos. Trabalhava aplicadamente de manhã até meio da tarde, produzindo óptimas obras a partir das igrejas, das praças e dos barcos ao longo da zona ribeirinha. O dono de uma eminente galeria lisboeta viu-o a pintar uma tarde e propôs-lhe entusiasticamente expor os seus quadros. Delaroche aceitou o cartão dele com os seus dedos esborratados de tinta e disse que iria pensar nisso.

A noite, ia caçar. Ia para a varanda e punha-se à procura de sinais de vigilância. Caminhava durante horas, tentando fazer com que eles se mostrassem. Ia andar de bicicleta para o campo e desafiava-os a seguirem-no. Colocou escutas no seu próprio apartamento para ver se alguém lá entrava quando estava fora. No último dia de Novembro, aceitou o facto de que ninguém andava a vigiá-lo.

Ao final dessa tarde, saiu do apartamento e dirigiu-se para um bom café para jantar.

Pela primeira vez em trinta anos, não levou a pistola consigo.

Em Dezembro, alugou um grande Fiat e conduziu até França. Tinha deixado Brélés, a velha aldeia piscatória na costa da Bretanha, há mais de um ano e não pusera lá os pés desde então. Chegou ao meio-dia, um dia depois de partir de Lisboa, tendo passado a noite em Biarritz.

Estacionou na aldeia e foi passear a pé. Ninguém o reconheceu. Na boulangerie, Mademoiselle Trevaunce serviu-lhe o pão sem praticamente um bonjour. Mademoiselle Plauché, da charcuterie, costumava meter-se descaradamente com ele; naquele dia, foi sem alegria que lhe cortou o presunto e a fatia de queijo de cabra, despachando-o logo de seguida.

Delaroche entrou no café onde os velhos passavam as tardes. Perguntou se algum deles tinha visto uma irlandesa pela aldeia:

cabelos pretos, ancas jeitosas, bonita.

— Está uma irlandesa a viver no velho chalé, no pontão — respondeu Didier, o dono de cara vermelha do armazém da aldeia. — Onde o louco vivia dantes: le Solitaire.

Quando Delaroche fez de conta que não percebia o que ele queria dizer com aquele último comentário, Didier limitou-se a rir e explicou a Delaroche o caminho até ao chalé. A seguir, perguntou-lhe se não queria acompanhá-los num pouco de vinho e azeitonas. Delaroche abanou simplesmente a cabeça e respondeu:

— Non, merci.

Delaroche seguiu de carro pela estrada da costa e estacionou a cerca de duzentos metros do chalé, numa área de descanso com vista para a água. Viu fumo a sair da chaminé, cortado logo de seguida pelo vento. Limitou-se a ficar ali sentado, a petiscar o pão e o queijo, a fumar, a observar o chalé e as ondas a baterem nas rochas.

A dada altura, teve um vislumbre do cabelo preto dela, a passar diante de uma janela aberta.

Pensou na última coisa que Michael Osbourne lhe tinha dito na véspera de partirem de Shelter Island. Ela merece pior, dissera ele nessa noite. Ela merece morrer.

Osbourne era um homem demasiado decente — demasiado virtuoso — para condenar Mónica à morte, mas Delaroche julgava saber aquilo que lhe ia no coração naquele momento. Era um pequeno preço a pagar para retribuir a Osbourne o facto de este lhe ter concedido a liberdade.

Na verdade, aquilo até lhe deu um certo prazer; ela era uma das pessoas mais desagradáveis que ele já tinha conhecido. E havia mais uma coisa — ela tinha visto a cara dele.

Rebecca surgiu no terraço, de braços cruzados por baixo do peito, a contemplar o Sol a pôr-se. Delaroche pensou: "Será que ela me quer ver? Ou será que quer que eu fique longe para poder esquecer todo este assunto?" O mais fácil para ele seria dar meia-volta e esquecê-la. Voltar para Lisboa e para o seu trabalho. Aceitar a proposta do dono da galeria e expor os quadros.

Ligou o motor. Bastou esse som distante para que ela se virasse de repente e enfiasse a mão debaixo da camisola. Era por andar escondida, pensou Delaroche. Anda a saltar ao mínimo barulho, sempre à procura de uma pistola. Ele conhecia muito bem essa sensação.

Rebecca olhou fixamente para o carro durante bastante tempo e, passado um bocado, os seus lábios ergueram-se em qualquer coisa parecida com um sorriso. A seguir, voltou as costas, contemplando o mar novamente e ficando à espera que ele viesse ter com ela. Delaroche meteu a primeira e começou a avançar pela estrada, em

direcção ao chalé.

AGRADECIMENTOS

Embora *A Marcha* seja uma obra de ficção, trata evidentemente de acontecimentos verídicos na Irlanda do Norte, passados e presentes. Uma vez que o conflito envolve ingleses e irlandeses, não faltam grandes textos sobre o tema onde se pode ir buscar inspiração. Com efeito, consultei dezenas de obras de não-ficção enquanto preparava este livro. As grandes obras de Martin Dillon — incluindo *The Shankill Brothers* e *The Dirty War* — foram especialmente úteis, tal como o foram clássicos como *The Troubles*, de Tim Pat Coogan, e *The Provisional IRA*, de Patrick Bishop e Eamonn Mallie. Tentar captar a história à medida que ela se desenrola pode ser uma coisa complicada, mas a Internet e o fenómeno do jornalismo on-line facilitaram-me a tarefa. Todas as manhãs, podia consultar jornais de Londres, Belfast e Dublin para saber o que estava a acontecer na Irlanda do Norte. Quero dar os meus parabéns a Martin Fletcher, do *The Times* londrino, e a toda a equipa da Irlanda do Norte da BBC pela extraordinária cobertura de um ano notável.

Entrevistei vários agentes da CIA, actuais e antigos, para este livro e o seu antecessor, *A Marca do Assassino*. Quero agradecer aos dedicados agentes do Centro de Contraterrorismo da CIA e da equipa destacada para a Irlanda do Norte. Responderam pacientemente ao máximo de perguntas possível e prestaram-me esclarecimentos preciosos sobre a forma como fazem o seu trabalho.

Ion Trewin, da editora londrina Weidenfeld & Nicholson, em Londres, desempenhou as funções de meu companheiro de viagem no Ulster e permitiu que eu me instalasse de armas e bagagens no seu escritório em Highgate. E também me deu algumas sugestões soberbas no sentido de melhorar o livro, tal como o fez a sua assistente, Rachel Leyshon.

Como sempre, um agradecimento sentido a toda a gente da agência ICM e à formidável equipa das editoras Random House e Ballantine.

E, por fim, nada disto seria possível sem a amizade, apoio e entusiasmo de três pessoas extraordinárias: a minha agente, Esther Newberg; o meu brilhante revisor, Daniel Menaker; e a minha editora, Ann Godoff. Vocês são fantásticos.

Fim

NOTAS

[1]Siglas de Ulster Volunteer Force (Força de Voluntários do Ulster), Ulster Defence Association (Associação de Defesa do Ulster) e Ulster Freedom Fighters (Combatentes para a Liberdade do Ulster). (N. do T.)

[2]Força policial da República da Irlanda. (N. do T.)

[3]Sigla de Royal Ulster Constabulary (Polícia Real do Ulster). (N. do T.)

[4]Independem Television News, fornecedor internacional de notícias e conteúdos com sede no Reino Unido. (N. do T.)

[5]Termo pejorativo para os católicos irlandeses, utilizado sobretudo na Irlanda do Norte e na Escócia. (N. do T.)

[6]Termo pejorativo para os cidadãos protestantes. (N. do T.)

[7]**Theobald Wolfe Tone (1763-1798)**, uma das figuras principais do movimento pela independência irlandesa United Irishmen, considerado o pai do republicanismo irlandês;

Eamon de Valera (1882-1975), uma das figuras políticas dominantes do século XX na Irlanda e um importante líder da luta pela independência irlandesa em relação ao Reino Unido;

Michael John ("Mick") Collins (1890-1922), líder revolucionário irlandês que foi ministro das Finanças da República Irlandesa, director dos serviços secretos do IRA e membro da delegação irlandesa que negociou o Tratado Anglo-Irlandês de 1921, tendo sido também presidente do Governo Provisório da Irlanda do Sul e comandante-chefe do Exército Nacional. (N. do T.)

[8]No original, National Organization for Women, organização feminista norte-americana (também conhecida pela sigla NOW) fundada em 1966. (N. do T.)

[9]Ou bocha: jogo que consiste em lançar bolas e situá-las o mais perto possível de uma bola mais pequena, o bolim, lançada anteriormente. (N. do T.)

[10]Acrónimo para Grand Old Party, outra designação para o Partido Republicano dos Estados Unidos. (N. do T.)

[11]Sigla de Special Air Service (Serviços Aéreos Especiais), força especial das forças armadas do Reino Unido. (N. do T.)

[12]Marcha associada em primeiro lugar ao presidente dos Estados Unidos da América. (N. do T.)

[13]No original, "A Mighty Fortress Is Our God", o mais conhecido dos hinos compostos por Martinho Lutero. (N. do T.)

[14]Bebida espirituosa grega tradicional, com sabor a anis e um aspecto leitoso quando se lhe adiciona água. (N. do T.)

[15]Abreviatura para non-official cover, termo utilizado em espionagem para os agentes ou operacionais que adoptam disfarces em organizações sem ligações ao governo para o qual trabalham. (N. do T.)

[16]Sigla de Office of Strategic Services (Agência de Serviços Estratégicos), os serviços secretos dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

[17]No original, Doubk Cross. (N. do T.)

[18]Serviços secretos do alto-comando militar alemão, activos de 1925 a 1944. (N. do T.)

[19]No original, Loyalist Volunteer Force. (N. do T.)

[20]Em francês, no original. (N. do T.)

[21]Sigla para Ulster Unionist Party (Partido Unionista do Ulster). (N. do T.)

[22]Expressão que significa "autonomia política" ou "autogoverno autónomo". (N. do T.)

[23]Rua no bairro de Westminster, no centro de Londres. (N. do T.)

[24]Sigla para Counterterrorist Center (Centro de Contraterrorismo). (N. do T.)

[25]Pancada leve dada numa bola de golfe para a introduzir no buraco. (N. do T.)

[26]Sigla para Office of Technical Services (Divisão dos Serviços Técnicos). (N. do T.)

[27]Abreviatura de Chief Of Station. (N. do T.)

[28]Em português, "brochista". (N. do T.)

[29]Canção patriótica do musical da Broadway Uttle Johnny Jones, escrita por George M. Cohan. (N. do T.)

[30]No original, "active service unit" (ou ASU), células do IRA compostas por cinco a oito membros com a missão de levar a cabo ataques armados. (N. do T.)

[31]Termo pejorativo para um cidadão de origem irlandesa. (N. do T.)

[32]Personagem do livro As Aventuras de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, caracterizada pelo seu sorriso pronunciado, que levou à expressão "sorrir como um gato de Cheshire", para descrever alguém que sorri maliciosamente. (N. do T.)

[33]Em alemão, Rote Armee Fraktion ou RAF, organização guerrilheira e terrorista alemã de extrema-esquerda, também conhecida como Baader-Meinhof, fundada em 1970, na antiga Alemanha Ocidental, e dissolvida em 1998. (N. do T.)

[34] Divisão administrativa utilizada em Paris. (N. do T.)

[35] Sigla para Special Operations Executive, uma organização secreta militar britânica em actividade durante a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

[36] canção patriótica satírica da autoria de W. S. Gilbert e Arthur Sullivan, parte integrante da ópera H.M.S. Pinalore, estreada em 1878. (N. do T.)

[37] Abreviatura para Diplomatic Security Service (Serviços de Segurança do Corpo Diplomático). (N. do T.)

[38] Acção levada a cabo com o objectivo de enganar o inimigo, de maneira a obter informações ou qualquer tipo de vantagem militar. (N. do T.)

[39] Os principais responsáveis pelo atentado à bomba em Oklahoma City, a 19 de Abril de 1995. (N. do T.)

[40] Divisão de espionagem internacional do KGB. (N. do T.)

[41] James Jesus Angleton (1917-1987), antigo chefe da Divisão de Contra-Espionagem da CIA. (N. do T.)

[42] Programa semanal televisivo de informação produzido pela estação norte-americana NBC, no ar desde 1947. (N. do T.)

[43] Programa televisivo de informação nocturna produzido pela estação norte-americana ABC, iniciado em 1979. (N. do T.)

[44] Talk-show diário apresentado por Larry King na estação televisiva norte-americana CNN, no ar desde 1985. (N. do T.)